



CIRCO DA NOITE



ERIN
MORGENSTERN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ERIN MORGENSTERN

O circo da noite

TRADUÇÃO DE CLAUDIO CARINA



Copyright © 2010 Erin Morgenstern

Tradução publicada mediante acordo com Doubleday, um selo de The Knopf Doubleday Publishing Group, uma divisão Random House, Inc.

Citação de *A tempestade*, de William Shakespeare, traduzido por Bárbara Heliodora, editora Lacerda, 1999.

TÍTULO ORIGINAL

The Night Circus

PREPARAÇÃO

Ana Kronemberger

REVISÃO

Taís Monteiro

Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN: 978-85-8057-152-3

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

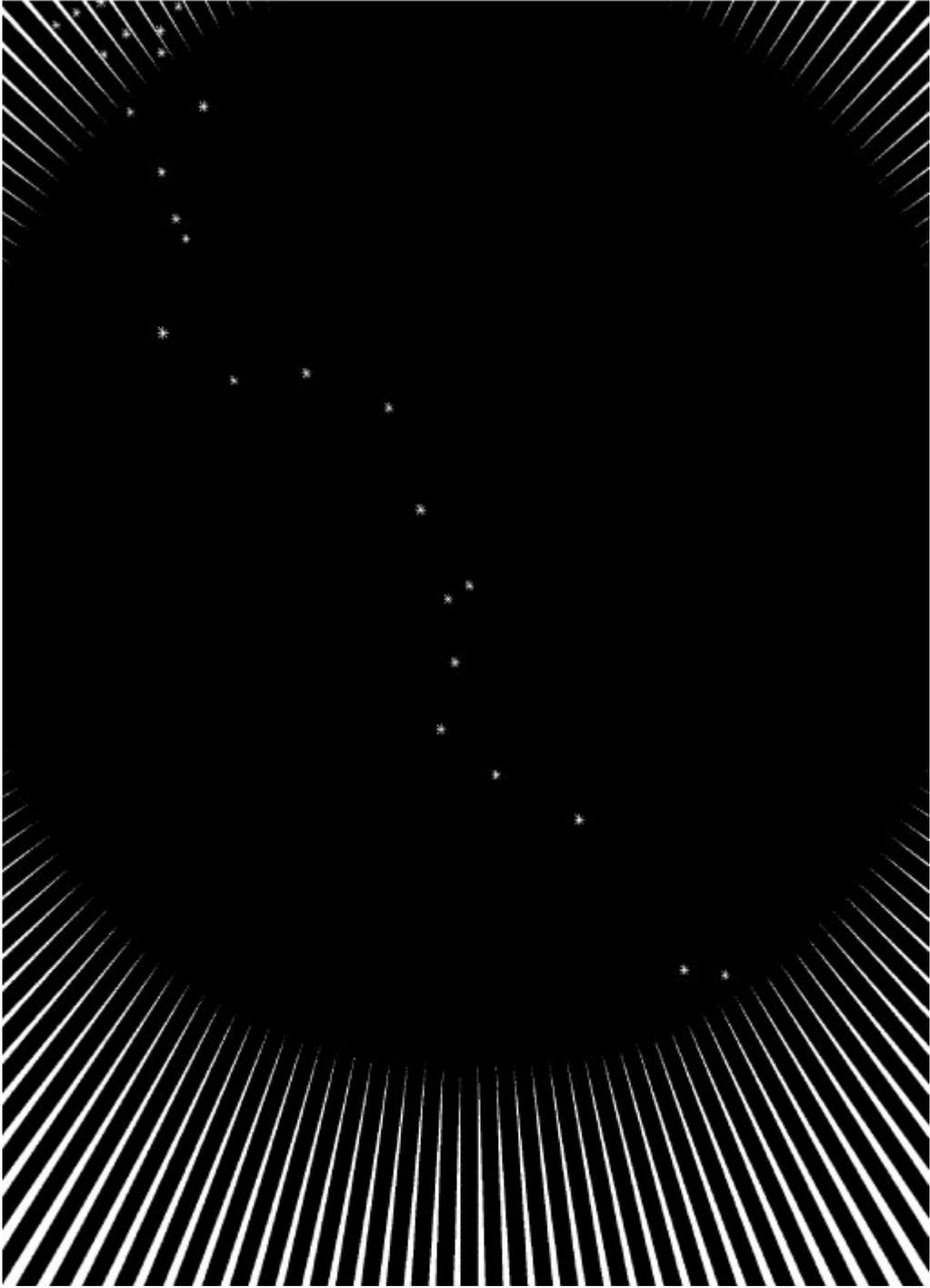
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br







EXPECTATIVA



O circo chega sem aviso.

Nenhum anúncio o precede, nenhum cartaz em postes ou outdoor, nenhuma menção ou propaganda nos jornais locais. Simplesmente está lá, quando ontem não estava.

As tendas imponentes são listradas de preto e branco, sem dourados ou carmesins. Não há cor alguma, a não ser a das árvores mais próximas e a da grama nos campos ao redor. Listras pretas e brancas no céu cinzento; incontáveis tendas de vários formatos e tamanhos, e uma elaborada cerca de ferro forjado enclausurando-as em um mundo sem cor. Até o pouco de chão que é possível ver do lado de fora é preto e branco, pintado ou coberto com pó, ou tratado com algum outro truque circense.

Mas não está aberto ao público. Ainda não.

Em poucas horas todos na cidade já ouviram falar dele. À tarde a novidade espalhou-se por diversos lugarejos vizinhos. O boca a boca é um método de divulgação mais eficaz do que palavras impressas e pontos de exclamação em cartazes ou panfletos. O aparecimento súbito de um circo misterioso é uma notícia impressionante e incomum. As pessoas ficam maravilhadas com a surpreendente dimensão das tendas mais altas. Olham curiosas para o relógio atrás dos portões, que ninguém consegue descrever muito bem.

E para o cartaz preto pintado em letras brancas pendurado nos portões, que diz:

*Abre ao cair da noite
Fecha ao amanhecer*

“Que espécie de circo é esse que só abre à noite?”, todos se perguntam. Ninguém tem uma resposta adequada, mas, com a aproximação do crepúsculo,

uma substancial multidão de espectadores reúne-se do lado de fora dos portões.

Você está entre eles, claro. Foi atraído pela curiosidade, como era de se esperar. Parado sob a luz cada vez mais difusa, o cachecol ao redor do pescoço o protege da brisa fria da noite, e ele aguarda para ver com os próprios olhos que espécie de circo abre apenas quando o sol se põe.

A bilheteria, bem visível atrás dos portões, está fechada e trancada. As tendas estão imóveis, a não ser quando ondulam levemente com o vento. A única movimentação dentro do circo é a do relógio que tiquetaqueia com o passar dos minutos, se é que aquela admirável escultura pode ser chamada de relógio.

O circo parece deserto e abandonado. Mas você acredita sentir um aroma caramelado flutuando na brisa noturna, sob o perfume fresco das folhas de outono. Uma doçura sutil nas fronteiras do frio.

O sol desaparece por completo além do horizonte, e a luminosidade muda do lusco-fusco para o crepúsculo. As pessoas ao seu redor estão ficando inquietas com a espera, um mar de pés se arrastando, murmúrios sobre desistir dessa ideia e sair em busca de algum lugar mais quente para passar a noite. Você mesmo já está pensando em ir embora quando afinal acontece.

Primeiro ouve-se um espocar. Quase imperceptível em meio ao vento e à conversa. Um chiado suave, como água na chaleira prestes a ferver para o chá. Depois vem a iluminação.

Pequenas luzes começam a tremeluzir em todas as tendas, como se o circo todo estivesse coberto por vaga-lumes muito brilhantes. A multidão à espera se cala para observar a dança das luzes. Alguém perto de você tem um sobressalto. Uma criancinha bate palmas de alegria diante daquela visão.

Quando todas as tendas estão iluminadas, cintilando sob o céu noturno, o letreiro aparece.

Estendidas no alto dos portões, escondidas nas curvas do ferro forjado, mais luzes brilhantes como vaga-lumes surgem. Estalando ao se iluminarem, algumas seguidas por chuvas de faíscas brancas brilhantes e um pouco de fumaça. As pessoas mais próximas ao portão recuam.

De início, é apenas um padrão aleatório de luzes. Mas, à medida que outras se acendem, fica claro que estão alinhadas para formar letras. Primeiro distingue-se um *C*, seguido por outras letras. Um *q*, inesperado, e diversos *es*. Quando a última lâmpada estala e se acende, a fumaça e as faíscas se dissipam,

tornando legível afinal o elaborado letreiro incandescente. Ao inclinar o corpo para a esquerda para enxergar melhor, você lê o que está escrito:

Le Cirque des Rêves

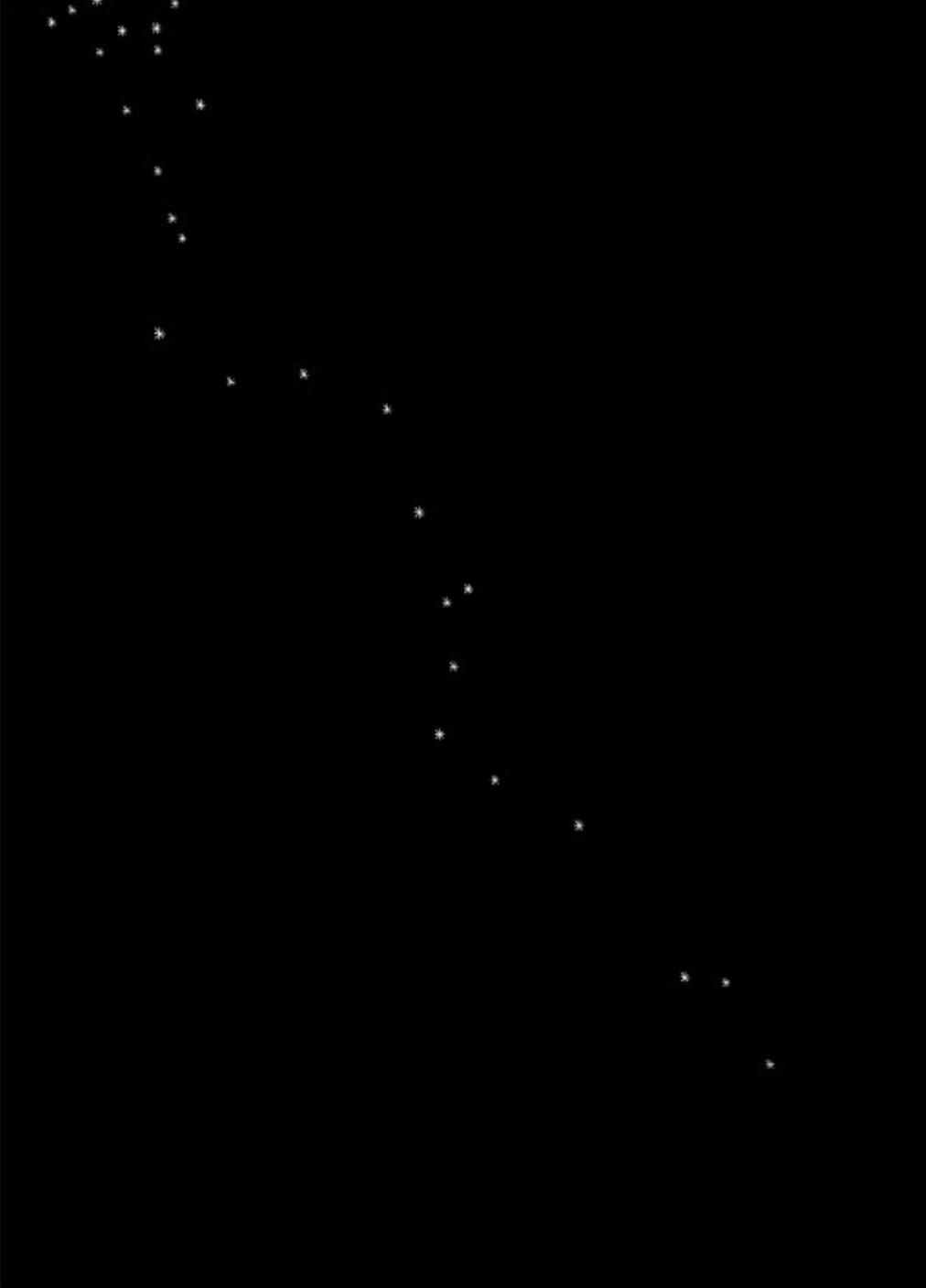
Algumas pessoas na multidão aquiescem sorrindo, outras franzem a testa e olham para os vizinhos com ar interrogativo. Uma criança perto de você puxa a manga da mãe, implorando para saber o que aquilo quer dizer.

“O Circo dos Sonhos” é a resposta. A garotinha sorri, encantada.

Os portões de ferro estremecem e se destrancam, como que por vontade própria. Abrem-se para fora, convidando a multidão a adentrar.

Agora o circo está aberto.

Agora você pode entrar.



Parte I

OS PRIMÓDIOS

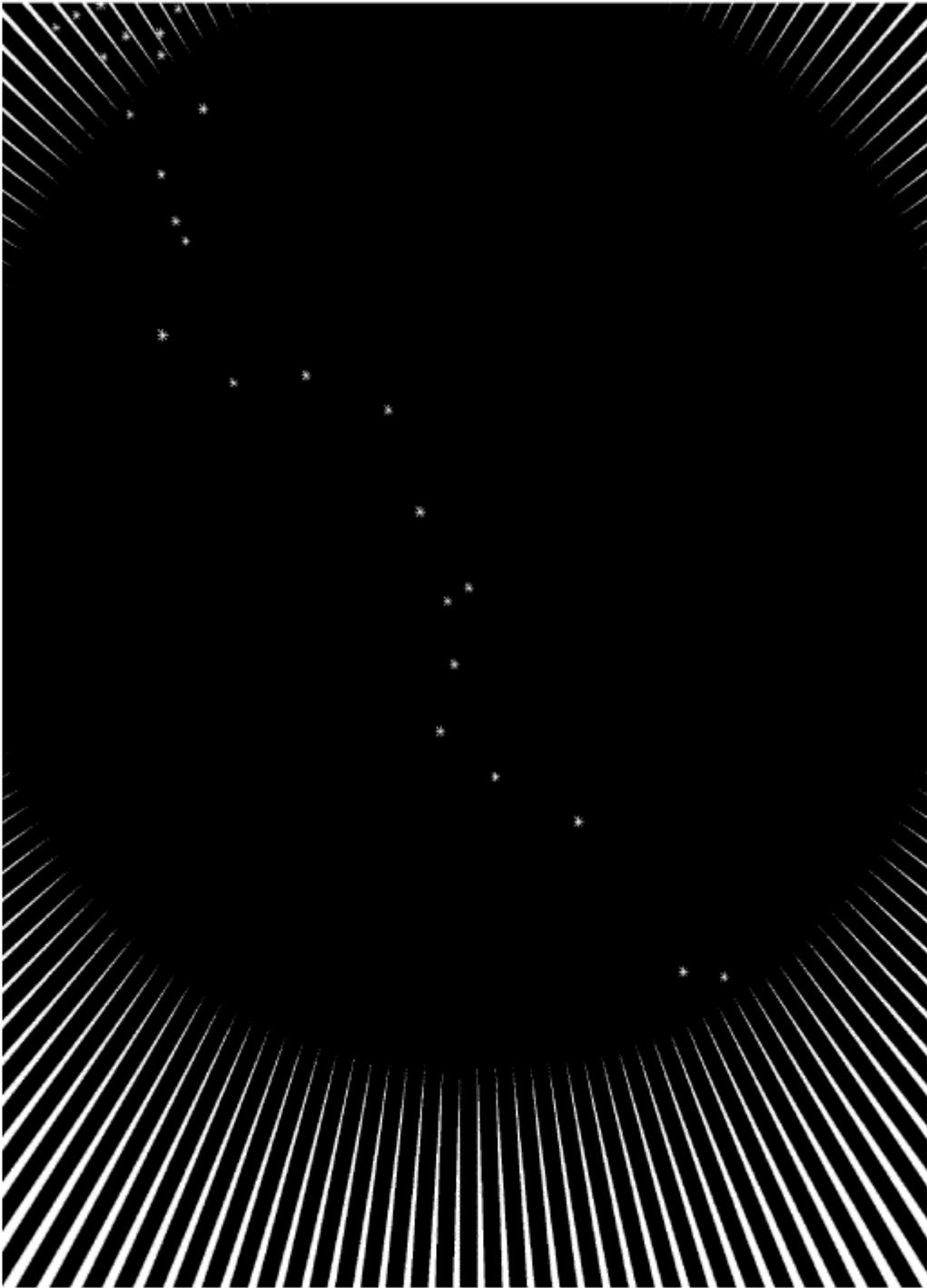


A área ocupada por Le Cirque des Rêves é formada por uma série de círculos. Talvez seja um tributo à origem da palavra “circo”, derivada do grego *kirkos*, que significa círculo, ou anel. São muitas as referências ao fenômeno do circo no sentido histórico, embora este não chegue a ser um circo tradicional. Em lugar de uma única tenda com picadeiros em seu interior, ele contém aglomerados de tendas como pirâmides, algumas grandes e outras bem pequenas. Dispostas entre caminhos circulares, encerradas em uma cerca. Circular e contínuo.

— FRIEDRICK THIESSEN, 1892

Um sonhador é alguém que só consegue encontrar seu caminho à luz da lua, e seu castigo é ver o amanhecer antes do resto do mundo.

— OSCAR WILDE, 1888



Uma entrega inesperada

NOVA YORK, FEVEREIRO DE 1873

O homem a quem chamavam de Próspero, o Mágico recebe uma boa quantidade de cartas no escritório do teatro, mas esse é o primeiro envelope endereçado a ele que contém um bilhete de suicídio, e é também o primeiro a chegar alfinetado com esmero no casaco de uma menina de 5 anos.

O advogado que a acompanha até o teatro se recusa dar qualquer explicação, apesar dos protestos do gerente, e abandona a criança o mais depressa que pode com não mais que um dar de ombros e um toque no chapéu.

O gerente do teatro não precisa ler o envelope para saber quem é a garota. Os olhos brilhantes que o observam debaixo de uma nuvem revolta de cachos castanhos são versões menores e mais indomáveis dos olhos do mágico.

Ele pega a menina pela mão, os pequenos dedos inertes entre os seus. Ela se recusa a tirar o casaco apesar do calor que faz no teatro, e apenas balança a cabeça, determinada, quando ele pergunta por quê.

O gerente a leva a seu escritório, sem saber o que mais fazer por ela. A menina senta-se em silêncio na desconfortável cadeira sob uma fileira de cartazes de produções passadas, cercada por caixas de ingressos e recibos. O gerente traz uma xícara de chá com um torrão de açúcar a mais que permanece em cima da mesa, intocada, até esfriar.

A garota não se mexe, nem sequer tamborila na cadeira. Permanece absolutamente imóvel com as mãos cruzadas no colo. Olha fixamente para o chão, fitando suas botas, que não chegam a tocar o assoalho. Uma das pontas está um pouco arranhada, mas os cadarços estão amarrados em laços perfeitos.

O envelope fechado pende do segundo botão do seu casaco até que Próspero chega.

Ela o ouve antes de a porta abrir, seus passos pesados ecoando pelo corredor, diferentes do andar comedido do gerente, que vai e volta várias vezes, silencioso como um gato.

— Tem também um... pacote para o senhor — diz o gerente ao abrir a porta, conduzindo o mágico para dentro do escritório abarrotado antes de se esgueirar para fora a fim de cuidar de outros assuntos do teatro, sem nenhuma vontade de testemunhar o resultado daquele encontro.

O mágico observa o lugar, uma pilha de cartas em uma das mãos, uma capa de veludo negro com forro de seda ofuscantemente branco cascadeando atrás dele, esperando ver uma caixa embrulhada em papel ou um caixote. Só quando a garota o encara com os olhos dele mesmo, o mágico percebe ao que se referia o gerente do teatro.

A reação imediata de Próspero, o Mágico ao encontrar sua filha é uma simples declaração:

— Ah, que merda.

A menina volta a atenção para as próprias botas.

O mágico fecha a porta, larga a pilha de cartas na mesa, ao lado da xícara de chá, e olha para a garota.

Arranca o envelope do casaco dela, deixando o alfinete pendurado imperturbável em seu botão.

Enquanto a inscrição na frente do envelope traz o seu nome artístico e o endereço do teatro, o texto na carta o saúda com seu nome de batismo, Hector Bowen.

Passa os olhos pelo conteúdo sem demonstrar o impacto emocional desejado pela autora. Faz uma pausa no único fato que considera relevante: a garota deixada agora sob sua custódia é, obviamente, sua filha, e seu nome é Celia.

— Ela deveria ter chamado você de Miranda — diz com uma risadinha o homem conhecido como Próspero, o Mágico. — Acho que não foi inteligente o bastante para pensar nisso.

A criança olha para ele outra vez. Olhos escuros semicerrados sob os cachos.

A xícara sobre a mesa começa a tremer. Ondulações perturbam a calma superfície do líquido enquanto rachaduras percorrem o esmaltado, e a xícara se esfacela em cacos de porcelana florida. O chá frio transborda pelo pires e pinga no chão, deixando trilhas pegajosas na madeira encerada.

O sorriso do mágico desaparece. Ele olha outra vez para a mesa com a testa franzida, e o chá entornado começa a voltar. Os pedaços rachados e quebrados recompõem-se em torno do líquido até que a xícara esteja completa outra vez, com delicadas espirais de fumaça subindo no ar.

A garota olha para a xícara, os olhos arregalados.

Hector Bowen segura o rosto da filha com a mão enluvada e avalia sua expressão por um momento antes de soltá-la, os dedos deixando alongadas marcas vermelhas em suas bochechas.

— Talvez você seja interessante — diz.

A menina não responde.

Ele faz diversas tentativas de mudar o nome da garota nas semanas seguintes, mas ela se recusa a atender a qualquer nome que não seja Celia.

*

VÁRIOS MESES DEPOIS, quando decide que ela está pronta, o mágico escreve uma carta. Não coloca nenhum endereço, mas a correspondência assim mesmo chega ao seu destino, do outro lado do oceano.

Uma aposta entre cavalheiros

LONDRES, OUTUBRO DE 1873

Esta noite é a última apresentação de um espetáculo muito seletivo. Faz algum tempo que Próspero, o Mágico não dá o ar de sua graça nos palcos de Londres, e as reservas são para apenas uma única semana de apresentações, sem matinês.

Embora a preços exorbitantes, os ingressos logo se esgotaram e o teatro está lotado, com muitas mulheres abanando os decotes com seus leques para afastar o calor opressivo que paira no ar apesar do frescor outonal do lado de fora.

Em algum momento da noite, todos aqueles leques de repente vão se transformar em passarinhos, até que alguns deles rodopiarão pelo teatro e serão estrepitosamente aplaudidos. Quando os pássaros regressam, caindo na forma de leques impecavelmente dobrados nos colos de suas respectivas donas, os aplausos aumentam ainda mais, embora algumas damas estejam muito atordoadas para bater palmas, virando os leques de penas e renda com admiração, não mais preocupadas com o calor.

O homem de terno cinza no camarote à esquerda do palco não aplaude. Nem a esse nem a nenhum outro truque durante toda a noite. Observa o sujeito no palco com um olhar firme e avaliador que não se desvia durante todo o espetáculo. Nem uma vez ele levanta as mãos enluvadas para bater palmas. Nem ao menos ergue as sobrancelhas diante de façanhas que evocam aplausos ou espanto, ou até um ocasional grito de surpresa, do restante da plateia arrebatada.

Quando a apresentação termina, o homem de terno cinza passa com facilidade por entre a multidão de espectadores no saguão do teatro. Esgueira-

se por uma porta cortinada que leva aos camarins sem ser notado. Contrarregras e camareiras nem chegam a olhar para ele.

Ele bate apenas uma vez à porta ao final do corredor com a ponteira de prata de sua bengala.

A porta abre-se sozinha, revelando um vestiário abarrotado coberto de espelhos, cada um refletindo um ângulo diferente de Próspero.

A casaca do mágico está jogada displicentemente no braço de uma poltrona de veludo, e o colete pende desabotoado sobre a camisa com acabamento de renda. A cartola, cuja participação tem destaque no espetáculo, repousa numa chapeleira ali perto.

O homem parecia mais jovem no palco, sua idade encoberta pelo clarão dos holofotes e pelas camadas de maquiagem. O rosto no espelho é enrugado, o cabelo mostra tons pronunciados de cinza. Mas há algo de jovial no sorriso que surge quando vislumbra o homem em pé no corredor.

— Você detestou, não é? — pergunta sem se virar, dirigindo-se ao fantasmagórico reflexo cinzento. Remove o grosso resíduo de pó do rosto com um lenço que talvez um dia tenha sido branco.

— É um prazer ver você também, Hector — diz o homem de terno cinza, fechando silenciosamente a porta atrás de si.

— Você detestou cada minuto, eu sei — continua Hector Bowen com uma risada. — Eu estava observando você, não tente negar.

Ele se vira e estende a mão, mas o homem de terno cinza não a aceita. Como resposta, Hector dá de ombros e movimenta os dedos de forma dramática em direção à parede oposta. A poltrona de veludo desliza para a frente emergindo de um canto amontoado de baús e cachecóis enquanto a casaca paira como uma sombra, pendurando-se obediente em um guarda-roupa.

— Sente-se, por favor — diz Hector. — Mas receio que não seja tão confortável quanto as lá de cima.

— Não posso dizer que aprovo tais exposições — comenta o homem de terno cinza, tirando as luvas e espanando o pó da poltrona antes de se sentar. — Fazer manipulações passam por truques e ilusões. Cobrar ingressos.

Hector joga o lenço sujo sobre uma mesa repleta de pincéis e latinhas de maquiagem.

— Ninguém naquela plateia acredita nem por um segundo que o que faço lá na frente é real — diz com um gesto vago na direção do palco. — Essa é a

beleza de tudo. Você já viu as enghocas que esses *mágicos* constroem para conseguir as façanhas mais banais? São um bando de peixes cobertos de penas tentando convencer o público de que podem voar, e eu sou apenas um pássaro entre eles. A plateia não percebe a diferença, sabe apenas que eu sou melhor nisso.

— Isso não torna o esforço menos frívolo.

— Essas pessoas fazem fila para serem enganadas — continua Hector. — Eu posso iludi-las com mais facilidade que a maioria. Parece um desperdício deixar passar uma oportunidade como essa. E o pagamento é melhor do que você poderia pensar, aliás. Quer beber alguma coisa? Tenho algumas garrafas escondidas em algum lugar por aqui, mas não tenho certeza se há copos. — Vasculha uma mesa, afastando pilhas de jornais e uma gaiola sem pássaro dentro.

— Não, obrigado — responde o homem de terno cinza, acomodando-se na poltrona e descansando as mãos no castão da bengala. — Achei sua performance curiosa, e a reação de sua plateia foi de certa forma surpreendente. Mas falta precisão.

— Eu não posso ser muito bom se quiser que eles acreditem que sou uma fraude como todos os outros — retruca Hector com uma risada. — Obrigado por ter vindo e sofrido durante o meu espetáculo. Estou até surpreso por ter aparecido. Estava começando a perder as esperanças. Reservei aquele camarote para você a semana toda.

— Eu não costumo recusar convites. Em sua carta, você dizia ter uma proposta para mim.

— Sim, realmente! — responde Hector, juntando as mãos como num aplauso. — Eu tinha esperança de que você estivesse disponível para um jogo. Faz muito tempo que nós não jogamos. Mas antes você precisa conhecer o meu novo projeto.

— Tive a impressão de que você tinha desistido de ensinar.

— Tinha mesmo, mas surgiu uma oportunidade especial a que eu não pude resistir. — Hector caminha até uma porta quase escondida por um espelho alto. — Celia, querida — chama no aposento ao lado antes de voltar a sua cadeira.

Instantes depois uma garotinha aparece na porta, bem-vestida demais para o ambiente mambembe e caótico. Toda enfeitada de laços e renda, perfeita como uma boneca recém-comprada, a não ser por alguns cachos rebeldes que

escapam das tranças. Ela hesita, parando no umbral, ao ver que o pai não está sozinho.

— Está tudo bem, querida. Entre, entre — tranquiliza Hector, chamando-a com um gesto de mão. — Este é um colega meu, não precisa ficar acanhada.

A garota dá alguns passos e executa uma reverência perfeita, a barra rendada do vestido roçando o desgastado assoalho de madeira.

— Esta é minha filha, Celia — diz Hector ao homem de terno cinza, colocando a mão na cabeça da garota. — Celia, este é Alexander.

— Prazer em conhecê-lo — diz ela. Sua voz é pouco mais audível que um sussurro, e mais grave do que se poderia esperar de uma garota daquele tamanho.

O homem de terno cinza faz um aceno educado.

— Gostaria que mostrasse a este cavalheiro o que você é capaz de fazer — diz Hector. Ele tira do colete um relógio de prata preso a uma longa corrente e o põe sobre a mesa. — Vá em frente.

Os olhos da garota arregalam-se.

— Você disse que eu não devia fazer isso na frente de ninguém — responde. — Você me fez prometer.

— Este cavalheiro não é qualquer um — replica Hector com uma risada.

— Você disse que não havia exceções — protesta Celia.

O sorriso do pai desaparece. Ele pega a filha pelos ombros e a encara com severidade.

— Este é um caso muito especial — diz. — Por favor, mostre a este homem o que você faz, como nas aulas. — Empurra a garota em direção à mesa em que está o relógio.

A garota assente com gravidade e volta a atenção para o relógio, as mãos cruzadas às costas.

Após um tempo, o relógio começa a girar lentamente, fazendo círculos na superfície da mesa, arrastando a corrente numa espiral.

Depois o relógio ergue-se da mesa, flutuando no ar e pairando como se boiasse.

Hector olha para o homem de terno cinza à procura de uma reação.

— Impressionante — comenta o homem. — Mas é bem básico.

A testa de Celia franze-se sobre seus olhos escuros e o relógio se despedaça, as peças espalhando-se pelo ar.

— Celia — intervém o pai.

A garota enrubesce ao tom áspero do pai e murmura um pedido de desculpa. As peças voltam flutuando para o relógio, encaixando-se em seus lugares até que o objeto esteja inteiro outra vez, tiquetaqueando os segundos como se nada tivesse acontecido.

— Isso foi um pouco mais impressionante — admite o homem de terno cinza. — Mas ela é geniosa.

— Ela é jovem — acrescenta Hector, acariciando a cabeça de Celia e ignorando sua cara fechada. — Não faz nem um ano que está estudando, e quando crescer será incomparável.

— Eu poderia pegar qualquer criança de rua e ensinar a mesma coisa. Incomparável é uma questão de opinião, que pode ser facilmente contestada.

— Ah! — exclama Hector. — Então você está disposto a jogar.

O homem de terno cinza hesita só um momento antes de balançar a cabeça em um gesto afirmativo.

— Se for algo um pouco mais complexo do que a última vez, sim, eu poderia estar interessado — responde. — É possível.

— É claro que será mais complexo! — enfatiza Hector. — Eu tenho um talento natural para jogar. E não vou desperdiçar *isso* em uma aposta simples.

— Talento natural é um fenômeno questionável. Inclinação, talvez, mas habilidade inata é extremamente rara.

— Ela é minha filha, é claro que tem habilidades inatas.

— Você admite que ela já teve algumas aulas — comenta o homem de terno cinza. — Como pode ter certeza?

— Celia, quando começaram suas aulas? — pergunta Hector, sem olhar para a menina.

— Em março — responde.

— De que ano, querida? — acrescenta Hector.

— Deste ano — replica Celia, como se fosse uma pergunta particularmente estúpida.

— Oito meses de aulas — esclarece Hector. — Com apenas 6 anos. Se me lembro bem, você às vezes começa com alunos ainda mais novos. Celia está bem mais adiantada do que estaria se não tivesse uma habilidade natural. Ela conseguiu levitar este relógio na primeira tentativa.

O homem de terno cinza volta a atenção para Celia.

— Você quebrou aquilo por acidente, não foi? — pergunta, indicando com o rosto o relógio sobre a mesa.

Celia franze a testa e confirma com o mais discreto dos gestos de cabeça.

— Ela tem um controle notável para alguém tão novo — comenta com Hector. — Mas esse tipo de temperamento é sempre uma variável infeliz. Pode levar a um comportamento impulsivo.

— Ou ela supera isso ou aprende a se controlar. É um pequeno detalhe.

O homem de terno cinza mantém os olhos na garota, mas se dirige a Hector ao falar. Aos ouvidos de Celia, os sons não se traduzem em palavras, e ela faz cara feia quando a resposta do pai apresenta as mesmas características confusas.

— Você apostaria sua própria filha?

— Ela não vai perder — replica Hector. — Sugiro que você encontre um aluno de quem aceite se separar, se é que já não tem algum dispensável.

— Imagino que a mãe dela não tenha uma opinião sobre o assunto.

— Sua suposição é correta.

O homem de terno cinza observa a garota por algum tempo antes de voltar a falar, e mais uma vez ela não compreende as palavras.

— Entendo a sua confiança nas aptidões dela, mas devo recomendar que ao menos considere a possibilidade de perdê-la, se a competição não a favorecer. Vou encontrar um jogador que represente um desafio para ela. Não haveria razão para eu concordar em participar se não fosse assim. A vitória dela não pode ser dada como certa.

— É um risco que estou disposto a correr — responde Hector sem nem mesmo olhar para a filha. — Se quiser tornar isso oficial aqui e agora, pode ir em frente.

O homem de terno cinza olha mais uma vez para Celia e, dessa vez, quando ele fala, ela entende as palavras.

— Muito bem — concorda com um aceno de cabeça.

— Ele fez com que eu não conseguisse entender — resmunga Celia quando o pai se vira em sua direção.

— Eu sei, querida, e não foi muito educado — diz Hector enquanto a encaminha para perto da poltrona, onde o homem a analisa com olhos quase tão claros e cinzentos quanto o seu terno.

— Você sempre foi capaz de fazer essas coisas? — pergunta ele, voltando a olhar para o relógio.

Celia assente com um gesto de cabeça.

— Minha... minha mãe dizia que eu era filha do diabo — responde em voz baixa.

O homem de terno cinza inclina-se e sussurra alguma coisa em seu ouvido, baixo demais para o pai ouvir. Um pequeno sorriso ilumina o rosto da garota.

— Estenda sua mão direita — pede ele, recostando-se na poltrona. Celia imediatamente estende a mão, palma para cima, sem saber o que esperar. Mas o homem de terno cinza não põe nada em sua mão aberta. Em vez disso, retira um anel de prata do próprio dedo mínimo. Coloca-o no anular da garota, embora seja largo demais para seus dedos finos, e mantém a outra mão em torno da cintura dela.

A garota está abrindo a boca para mencionar o fato óbvio de que o anel é grande demais, apesar de ser muito bonito, quando percebe que ele está encolhendo em sua mão.

Sua satisfação passageira com o ajuste é esmagada pela dor que se segue quando o anel continua a apertar seu dedo, o metal queimando a pele. Tenta afastar-se, mas o homem de terno cinza mantém a mão firme em torno da cintura dela.

O anel encolhe e desaparece, deixando apenas uma cicatriz avermelhada ao redor do dedo de Celia.

O homem de terno cinza solta a menina e ela dá um passo para trás, retira-se para um canto e examina a própria mão.

— Muito bem, garota — comenta o pai.

— Vou precisar de algum tempo para preparar um jogador do meu jeito — diz o homem de terno cinza.

— É claro — concorda Hector. — Você terá o tempo de que precisar. — Tira um anel de ouro da própria mão e o deposita em cima da mesa. — Para quando você encontrar o seu.

— Você não prefere fazer as honras pessoalmente?

— Eu confio em você.

O homem de terno cinza balança a cabeça e tira um lenço do paletó, pegando o anel sem tocá-lo e guardando-o no bolso.

— Espero que não esteja fazendo isso só porque meu jogador venceu o nosso último desafio.

— É claro que não — responde Hector. — Estou fazendo isso porque tenho uma jogadora que pode vencer qualquer um que você puser contra ela, e

porque os tempos mudaram bastante para tornar isso interessante. Além disso, acredito que o placar geral tende a meu favor.

O homem de terno cinza não contesta aquela afirmação, apenas observa Celia com o mesmo olhar inquisidor. Ela tenta sair de seu campo de visão, mas a sala é pequena demais.

— Imagino que você já tenha um local em mente — pergunta.

— Não exatamente — responde Hector. — Achei que seria mais divertido deixar o local em aberto. Um elemento-surpresa, se preferir. Conheço um produtor teatral aqui em Londres que poderia organizar as excentricidades. Vou dar algumas indiretas quando chegar a hora, e estou certo de que ele vai pensar em algo apropriado. Melhor manter tudo em solo neutro, embora eu acredite que você poderia gostar de começar as coisas em seu território.

— E o nome desse cavalheiro?

— Lefèvre. Chandresh Christophe Lefèvre. Dizem que é filho ilegítimo de um príncipe hindu ou algo assim. A mãe era uma bailarina biscate. O cartão dele está em algum lugar nessa bagunça. Você vai gostar dele, é um tipo bem de vanguarda. Rico, excêntrico. Um pouco obsessivo, meio imprevisível, mas acho que isso faz parte de um temperamento artístico. — A pilha de papéis sobre uma mesa próxima agita-se até um único cartão de visita vir à tona e flutuar pela sala. Hector pega o cartão e o lê antes de entregá-lo ao homem de terno cinza. — Ele organiza festas maravilhosas.

O homem de terno cinza guarda o cartão no bolso sem nem ao menos olhar.

— Nunca ouvi falar dele — comenta. — E não aprecio exposições públicas. Vou pensar a respeito.

— Bobagem, metade da diversão é a exposição pública! Provoca tantas restrições, tantos parâmetros desafiadores com que se trabalhar...

O homem de terno cinza pensa um momento antes de balançar a cabeça.

— Nós temos uma cláusula de não confidencialidade? Seria justo, dado o meu conhecimento da sua escolha do jogador.

— Vamos deixar de lado quaisquer cláusulas além das regras básicas de interferência e ver o que acontece — diz Hector. — Estou querendo ir além dos limites desta vez. Sem prazo, também. Vou até lhe dar uma vantagem.

— Muito bem. Estamos combinados. Entrarei em contato. — O homem de terno cinza levanta-se e remove um pó invisível da manga. — Foi um prazer conhecê-la, Srta. Celia.

Celia faz outra reverência perfeita, sempre o observando com olhos alertas.

O homem de terno cinza toca no chapéu ao se despedir de Próspero, esgueira-se pela porta e depois para fora do teatro, movendo-se como uma sombra pela rua movimentada.

*

NO CAMARIM, Hector Bowen ri consigo mesmo enquanto a filha examina em silêncio a cicatriz na mão. A dor desaparecera tão rapidamente quanto o anel, mas a marca crua e avermelhada permanecera.

Hector pega o relógio de bolso de prata na mesa, comparando seu horário com o que fica na parede. Dá corda devagar, observando com atenção os ponteiros moverem-se pelo mostrador.

— Celia — começa a falar sem olhar para ela —, por que precisamos dar corda em nossos relógios?

— Porque tudo precisa de energia — recita ela, obediente, os olhos ainda focados na própria mão. — Temos que empregar esforço e energia em qualquer coisa que desejemos mudar.

— Muito bem. — Ele balança o relógio com delicadeza e o guarda no bolso.

— Por que você chamou o homem de Alexander? — pergunta Celia.

— Essa é uma pergunta boba.

— Não é o nome dele.

— Ora, ora, como você poderia saber disso? — pergunta Hector à filha, erguendo seu queixo para que ela o encare e comparando os olhos escuros dela com os seus.

Celia devolve seu olhar, sem saber como explicar. Repassa em sua memória as impressões do homem de terno cinza, com seus olhos claros e feições duras, tentando entender por que o nome não combina com ele.

— Não é um nome de verdade — responde. — Não é o nome que sempre teve. É um nome que ele usa como um chapéu. E pode tirar quando quiser. Como Próspero para você.

— Você é ainda mais esperta do que eu poderia esperar — observa Hector, sem se dar o trabalho de discordar ou confirmar suas considerações sobre o nome do seu colega. Tira a cartola da chapeleira e a põe na cabeça da menina, ocultando seus olhos indagadores sob uma prisão de seda negra.

Tons de cinza

LONDRES, JANEIRO DE 1874

A construção é tão cinza quanto o asfalto abaixo e o céu acima, e parece tão instável quanto as nuvens, como se pudesse desaparecer no ar sem aviso. Pedras cinzentas a tornam idêntica às construções ao redor, a não ser por uma placa gasta pendurada perto da porta. Até a diretora no interior do prédio veste-se inteiramente de cinza.

Mesmo assim o homem de terno cinza parece deslocado.

O corte de seu terno é elegante demais. O castão da bengala é lustroso demais sob suas luvas imaculadas.

Ele diz seu nome, mas a diretora esquece quase instantaneamente, e sente-se constrangida demais para pedir que repita. Mais tarde, quando ele assina a papelada requerida, a assinatura é completamente ilegível, e aquele formulário específico é perdido poucas semanas depois de arquivado.

Ele apresenta critérios incomuns quanto ao que está procurando. A diretora está confusa, mas depois de algumas perguntas e alguns esclarecimentos traz três crianças até ele: dois garotos e uma garota. O homem pede para entrevistá-las em particular, e a diretora relutantemente concorda.

O primeiro garoto é entrevistado por apenas alguns minutos antes de ser dispensado. Quando passa pelo corredor, as outras duas crianças olham-no em busca de alguma indicação do que esperar, mas o menino apenas balança a cabeça.

A garota fica mais tempo, mas também é dispensada, a testa enrugada de perplexidade.

O outro garoto é então levado à sala para falar com o homem de terno cinza. É conduzido a uma cadeira atrás de uma mesa, enquanto o homem fica por perto.

Esse garoto não está tão irrequieto quanto o primeiro. Senta-se em silêncio e pacientemente, os olhos verde-acinzentados observando cada detalhe da sala e o homem com sutileza, atento mas sem olhar de forma direta. Seu cabelo escuro é mal cortado, como se o barbeiro estivesse distraído durante o processo, no entanto houve alguma tentativa de arrumá-lo. As roupas são gastas, porém bem-cuidadas. A calça, curta demais, pode ter sido azul algum dia, ou marrom, ou verde, mas já está muito desbotada para se ter certeza.

— Há quanto tempo você está aqui? — pergunta o homem depois de examinar em silêncio por alguns instantes a aparência surrada do garoto.

— Desde sempre — responde o garoto.

— Quantos anos você tem?

— Vou fazer 9 em maio.

— Você parece mais novo.

— Não estou mentindo.

— Eu não disse que está.

O homem de terno cinza observa o garoto por um tempo sem dizer nada.

O menino o encara.

— Você sabe ler, imagino — presume.

O garoto confirma com um gesto de cabeça.

— Eu gosto de ler — responde. — Mas aqui não há muitos livros. Eu já li todos.

— Ótimo.

Sem avisar, o homem de terno cinza atira a bengala em direção ao garoto. Ele a agarra com uma só mão, sem hesitar, embora os olhos se estreitem numa expressão confusa ao olhar para a bengala e depois outra vez para o homem.

O homem balança a cabeça para si mesmo e pega a bengala de volta, tirando um lenço claro do bolso para limpar as digitais do garoto da superfície.

— Muito bem — diz o homem. — Você vai estudar comigo. Garanto que vai ter muitos livros para ler. Vou fazer os arranjos necessários e depois vamos seguir nosso caminho.

— Eu tenho alguma escolha?

— Você prefere ficar aqui?

O garoto pensa por um instante.

— Não — responde.

— Muito bem.

— Não quer saber o meu nome? — pergunta o garoto.

— Nomes não são tão importantes como as pessoas gostam de pensar — retruca o homem de terno cinza. — São rótulos que esta instituição ou nossos falecidos pais usam, e não me interessam nem me valem de nada. Se você achar que precisa de um nome em algum momento, pode escolher um. Por enquanto isso não será necessário.

O garoto é encaminhado para fazer sua pequena mala com suas insignificantes posses. O homem de terno cinza assina papéis e responde às perguntas da diretora de uma forma que ela não consegue entender bem, mas ela não se opõe à transação.

Quando o garoto está pronto, o homem de terno cinza sai com ele da construção de pedras cinzentas para nunca mais retornar.

Aulas de magia

1875 — 1880

Celia é criada perambulando por uma série de teatros. A maioria em Nova York, mas há também longas estadias em outras cidades. Boston. Chicago. São Francisco. Excursões ocasionais a Milão, Paris ou Londres. Os lugares mesclam-se numa bruma de mofo, veludo e serragem a ponto de às vezes não lembrar em que país está, não que isso importe.

Seu pai a leva a toda parte quando ela é pequena, passeando com ela como se fosse um cãozinho de estimação que usa vestidos caros, para que colegas e amigos a adulem nos bares depois dos espetáculos.

Quando decide que ela está grande demais para ser um adorável acessório, ele começa a deixá-la em camarins ou nos hotéis.

Todas as noites teme que o pai não volte, mas ele sempre aparece cambaleante em horas impróprias, às vezes afaga sua cabeça enquanto ela finge estar dormindo, outras ignora-a por completo.

Suas aulas tornaram-se menos formais. Enquanto antes ele se sentava com ela em horas determinadas, embora irregulares, agora ela é constantemente testada, mas nunca em público.

Até mesmo tarefas simples, como amarrar o cadarço dos sapatos, ele a proíbe de fazer usando as mãos. Celia olha para os pés desejando em silêncio que os laços sejam feitos e desfeitos, e faz cara feia quando eles se emaranham em nós.

O pai não é direto quando ela faz perguntas. Ela deduziu que o homem de terno cinza, que o pai chamou de Alexander, também tem um aluno, e que haverá uma espécie de jogo.

— Como xadrez? — perguntou ela certa vez.

— Não — respondeu o pai. — Não é como xadrez.

*

O GAROTO CRESCE numa casa na cidade de Londres. Não vê ninguém, nem quando suas refeições são entregues no quarto, surgindo perto da porta em bandejas cobertas e desaparecendo da mesma maneira. Uma vez por mês, um homem que não fala é trazido para cortar seu cabelo. Uma vez por ano, o mesmo homem toma suas medidas para fazer novas roupas.

O garoto passa a maior parte do tempo lendo. E escrevendo, é claro. Copia trechos de livros, escreve palavras e símbolos que no início não entende, mas que, refeitos muitas vezes em linhas cada vez mais firmes, tornam-se intimamente conhecidos sob seus dedos manchados de tinta. Lê histórias e mitologias e romances. Aos poucos aprende outros idiomas, embora tenha dificuldade para pronunciá-los.

Ocasionalmente, vai a museus e bibliotecas fora do horário comercial, quando há poucos outros visitantes, se é que os há. O garoto adora essas saídas, tanto pelo que vê nesses lugares como pela quebra da rotina. Mas tais ocasiões são raras, e ele não tem permissão para deixar a casa desacompanhado.

O homem de terno cinza o visita todos os dias, em geral leva uma nova pilha de livros, e passa exatamente uma hora discorrendo sobre coisas que o garoto não sabe ao certo se algum dia será capaz de entender.

Apenas uma vez ele pergunta quando poderá fazer algo de verdade, e esse é o tipo de coisa que o homem de terno cinza demonstra muito raramente durante as aulas programadas de forma estrita.

— Quando você estiver pronto. — É a única resposta que recebe.

Passa-se algum tempo antes que ele seja considerado pronto.

*

OS POMBOS QUE APARECEM NO PALCO e às vezes na plateia durante as apresentações de Próspero são mantidos em gaiolas elaboradas, entregues em cada teatro junto com o restante da bagagem e dos equipamentos.

Uma porta que bate com força faz um monte de baús e caixas caírem pelo vestiário, e derruba uma gaiola cheia de pombos.

Os baús organizam-se instantaneamente, mas Hector pega a gaiola para examinar se foi danificada.

A maioria dos pombos está apenas zonzinha por causa da queda, mas um deles está com a asa visivelmente quebrada. Hector retira o pássaro com cuidado, as barras da gaiola ajustando-se enquanto ele a coloca no lugar.

— Você pode consertar? — pergunta Celia.

O pai olha para o pássaro ferido e depois para a filha, esperando que ela faça outra pergunta.

— Posso consertar? — pergunta ela depois de um instante.

— Você pode tentar — diz o pai, depositando o pássaro em suas mãos.

Celia acaricia o pombo trêmulo com cuidado, olhando fixamente para a asa quebrada.

A ave emite um som dolorido, estrangulado, muito diferente de seus arrulhos normais.

— Não consigo — diz Celia com lágrimas nos olhos, devolvendo o pássaro ao pai.

Hector pega o pombo e torce rapidamente seu pescoço, ignorando o grito de protesto da filha.

— Coisas vivas obedecem a regras diferentes — explica. — Você devia praticar com algo mais básico. — Pega a única boneca de Celia numa cadeira próxima e a joga no chão, a cabeça de porcelana se abrindo numa rachadura.

Quando Celia volta a falar com o pai no dia seguinte, a boneca perfeitamente consertada, ele apenas balança a cabeça num gesto de aprovação antes de afastá-la, voltando aos preparativos anteriores ao espetáculo.

— Você podia ter consertado o pássaro — diz Celia.

— Nesse caso você não teria aprendido nada — replica Hector. — Você precisa entender suas limitações para poder superá-las. Quer vencer, não quer?

Celia confirma com a cabeça, e olha para a boneca. Não há nenhum sinal de que foi quebrada, nem uma única rachadura no rosto distraído e sorridente.

Ela joga a boneca embaixo da cadeira e não a leva junto quando eles deixam o teatro.

*

O HOMEM DE TERNO CINZA leva o garoto para passar uma semana na França, mas não exatamente de férias. A viagem não foi comunicada, a pequena mala do garoto foi arrumada sem seu conhecimento.

O menino imagina que seja para algum tipo de aula, mas nenhuma área de estudo em particular é especificada. Depois do primeiro dia, ele se pergunta se eles estão lá só pela comida, fascinado pelo sedutor estalido dos pães recém-assados nas *boulangeries* e pela incrível variedade de queijos.

Há também visitas fora do horário comercial a museus silenciosos, nas quais o garoto tenta sem sucesso andar pelas galerias tão silenciosamente quanto seu instrutor, retesando-se a cada eco de seus passos. Apesar de ter pedido um caderno de esboços, seu instrutor insiste em que será melhor que ele capture as imagens na memória.

Certa noite, o rapaz é mandado ao teatro.

Ele imagina que seja uma peça, ou talvez um balé, mas o espetáculo é algo que ele considera incomum.

O homem no palco, um tipo barbudo e de cabelos lustrosos, cujas luvas brancas se movem como pássaros contra o fundo preto do terno, realiza truques simples e prestidigitações. Pombos desaparecem de gaiolas com fundos falsos, lenços deslizam dos bolsos para serem escondidos nos punhos.

O garoto observa o mágico e sua modesta plateia com curiosidade. Os espectadores parecem impressionados, aplaudindo com educação e certa frequência.

Quando ele questiona seu instrutor depois do espetáculo, é informado de que nada será discutido até que eles voltem a Londres no final da semana.

Na noite seguinte, o rapaz é levado a um teatro maior, e mais uma vez é deixado sozinho para a apresentação. Só o tamanho da multidão já o deixa nervoso — ele nunca esteve num espaço tão cheio de gente.

O homem nesse palco parece mais velho que o mágico da noite anterior. Está usando trajes mais bonitos. Seus movimentos são mais precisos. Os números não são apenas incomuns, mas também cativantes.

Os aplausos são mais do que apenas educados.

E esse mágico não esconde lenços nos punhos de sua camisa rendada. Os pássaros que surgem de todos os lugares não têm gaiola nenhuma. São proezas que o garoto só viu em suas aulas. Manipulações e ilusões que, como muitas vezes ele foi expressamente informado, deveriam ser mantidas em segredo.

O garoto também aplaude quando Próspero, o Mágico faz sua reverência final.

Mais uma vez, seu instrutor se recusa a responder a qualquer pergunta antes de voltarem a Londres.

De volta a casa na cidade, retornando a uma rotina que agora parece nunca ter sido interrompida, o homem de terno cinza pede pela primeira vez que o garoto fale sobre a diferença entre os dois espetáculos.

— O primeiro homem usava espelhos e dispositivos mecânicos, fazia a plateia olhar para lugares diferentes quando não queria que ela visse algo, de modo a criar uma falsa impressão. O segundo homem, o que tinha o nome do duque de *A tempestade*, fingia fazer coisas semelhantes, mas não usava truques nem espelhos. Ele fazia tudo do jeito que você faz.

— Muito bem.

— Você conhece aquele homem? — pergunta o garoto.

— Eu o conheço há muito tempo — responde o instrutor.

— Ele também ensina essas coisas, como você me ensina?

O instrutor confirma com um gesto de cabeça, mas não dá mais detalhes.

— Como as pessoas não percebem a diferença? — pergunta o rapaz.

Para ele a discrepância era nítida, embora não conseguisse articular exatamente por quê. Era algo que sentia no ar tanto quanto observava com os olhos.

— As pessoas veem o que querem ver. E, na maioria das vezes, o que dizem para elas verem.

Eles não discutem mais a questão.

Embora haja outras quase férias, ainda que raros, o garoto não é levado para ver nenhum outro mágico.

PRÓSPERO, O MÁGICO usa um canivete para fazer cortes na ponta dos dedos da filha, um a um, observando calado ela chorar até se acalmar o suficiente para conseguir curar as feridas, as gotas de sangue recuando lentamente.

A pele cicatriza: as curvas das impressões digitais juntam-se de novo, fechando-se mais uma vez com firmeza.

Os ombros de Celia caem, liberando a tensão que os prendia, um alívio palpável ao se sentir segura outra vez.

O pai concede apenas alguns instantes de descanso, antes de fazer novos cortes nos dedos recém-cicatrizados.

*

O HOMEM DE TERNO CINZA pega um lenço do bolso e o joga na mesa, onde ele aterrissa com um som abafado, algo mais pesado que a seda oculto nas dobras do tecido. Ergue o quadrado de seda, deixando que o conteúdo, um solitário anel de ouro, role pela mesa. Está levemente gasto e tem algo gravado que o garoto acredita serem palavras em latim, mas a escrita é em círculos e cheia de floreios, e ele não consegue entender.

O homem de terno cinza volta a guardar o lenço, agora vazio, em seu bolso.

— Hoje nós vamos aprender sobre vínculos — diz.

Quando chega o momento da aula em que há uma demonstração prática, ele instrui o garoto a colocar o anel. Ele nunca toca no rapaz, não importam as circunstâncias.

O jovem tenta em vão retirar o anel do dedo enquanto ele se dissolve em sua pele.

— Vínculos são permanentes, meu rapaz — diz o homem de terno cinza.

— A que estou ligado? — pergunta o garoto, olhando espantado a cicatriz no lugar onde o anel estava instantes atrás.

— A uma obrigação que você já tinha, e a uma pessoa que você só vai conhecer daqui a algum tempo. Os detalhes não são importantes neste estágio. Isso é apenas um pormenor técnico necessário.

O garoto apenas assente e não faz mais perguntas, mas, naquela noite, quando fica sozinho de novo e não consegue dormir, passa horas observando a própria mão à luz da lua, perguntando-se a quem ele poderia estar ligado.

*

A MILHARES DE QUILÔMETROS, em um teatro lotado que ribomba devido aos aplausos ao homem no palco, escondida nas sombras projetadas pelo cenário fora de uso nos bastidores, Celia Bowen encolhe-se em posição fetal e chora.

Le Bateleur

LONDRES, MAIO—JUNHO DE 1884

Pouco antes de o rapaz completar 19 anos, o homem de terno cinza o retira da casa da cidade sem antecipar nada, acomodando-o num apartamento pequeno com vista para o British Museum.

No início ele supõe que seja uma mudança temporária. Ultimamente tem havido viagens de semanas ou até meses à França, à Alemanha e à Grécia, com muito estudo e poucos passeios turísticos. Mas não são como aquelas quase férias passadas em hotéis luxuosos.

É um apartamento modesto com uma mobília básica, tão parecido com suas antigas acomodações que ele acha difícil sentir algo parecido com saudades, a não ser pela biblioteca, embora continue tendo uma quantidade de livros impressionante.

Há um guarda-roupa repleto de paletós pretos bem-cortados, porém comuns. Camisas brancas novas em folha. Um monte de chapéus-coco feitos sob medida.

Ele pergunta se tudo aquilo só será usado quando seu *desafio* começar. O homem de terno cinza não diz nada, embora a mudança nitidamente marque o fim das aulas formais.

Ele, porém, continua seus estudos de forma independente. Mantém os cadernos cheios de símbolos e glifos, estudando suas antigas anotações e encontrando novos elementos a serem considerados. Leva volumes menores consigo o tempo todo, e transcreve o conteúdo para os maiores quando acabam.

Começa cada caderno da mesma maneira, com o detalhado desenho de uma árvore feita em tinta preta no verso da capa. De lá os galhos negros se espalham pelas páginas seguintes, formando linhas que se transformam em

letras e símbolos, as páginas quase todas recobertas de tinta. Todos os sinais, runas, palavras e glifos, misturam-se e se originam na árvore inicial.

Existe uma floresta dessas árvores meticulosamente arquivada em suas estantes.

Ele pratica o que aprendeu, embora seja difícil julgar a eficácia de suas ilusões em si mesmo. Passa boa parte do tempo observando reflexos em espelhos.

Sem compromissos agendados e não mais trancafiado num quarto, ele faz longas caminhadas pela cidade. A quantidade de gente é enervante, mas a alegria de poder sair do apartamento sempre que tem vontade compensa seu temor de trombar acidentalmente com passantes ao tentar atravessar uma rua.

O rapaz frequenta parques e cafés, observando pessoas que quase não o percebem quando ele se mistura à multidão de jovens em ternos e chapéus-coco.

Certa tarde, volta a sua antiga casa, pensando que talvez não fosse uma intromissão convidar seu instrutor para algo tão simples quanto um chá, mas a residência está abandonada, as janelas cobertas por tábuas.

Na volta a seu apartamento, ele põe a mão no bolso e percebe que está sem seu caderno.

Pragueja em voz alta, chamando a atenção de uma mulher que abre caminho quando ele para de repente na rua movimentada.

Refaz mentalmente seus passos, sentindo-se cada vez mais ansioso.

Uma chuva fina começa a cair, não muito mais que um chuvisco, mas vários guarda-chuvas se abrem na multidão. Ele abaixa a aba do chapéu para proteger melhor os olhos enquanto examina o asfalto molhado em busca de algum sinal do caderno.

Para em uma esquina sob o toldo de uma cafeteria e observa o cintilar das lâmpadas ao longo da rua, cogitando se deve esperar até a multidão diminuir ou a chuva parar. Depois percebe uma garota parada a alguns passos, também abrigada sob o toldo, e ela está folheando as páginas de um caderno que ele tem quase certeza de que é o seu.

Ela deve ter uns 18 anos, talvez um pouco menos. Os olhos são claros e o cabelo é de uma cor indeterminada que parece não se decidir entre o louro e o castanho. Usa um vestido que estaria muito na moda dois anos antes e está molhada de chuva.

O rapaz se aproxima, mas ela não percebe, totalmente absorta diante do caderno. Chegou a tirar uma das luvas para manusear melhor as delicadas páginas. Agora ele percebe que sim, é de fato seu diário, aberto numa página em que há uma carta colada, que mostra criaturas aladas escalando uma roda raiada. Sua caligrafia recobre o cartão e o papel ao redor, incorporando tudo num texto denso.

Fica observando a expressão dela ao virar as páginas, uma mistura de confusão e curiosidade.

— Acho que você está com meu caderno — diz depois de um momento.

A garota tem um sobressalto e quase solta o objeto, mas consegue segurá-lo, embora no processo sua luva caia na calçada. Ele abaixa-se para pegá-la, e, quando se ergue para devolvê-la, a garota parece surpresa ao ver que ele está sorrindo.

— Desculpe-me — diz ela, pegando a luva e logo devolvendo o caderno. — Você o deixou cair no parque e eu estava tentando devolvê-lo, mas perdi você de vista e... peço desculpas. — E para de falar, aturdida.

— Está tudo bem — diz ele, aliviado por ter recuperado o caderno. — Eu estava com medo de tê-lo perdido para sempre, o que teria sido um azar. Devolhe minha mais profunda gratidão, Srta...?

— Martin — completa ela, e soa como uma mentira. — Isobel Martin. — Segue-se um olhar inquisidor, à espera do nome dele.

— Marco — diz ele —, Marco Alisdair. — O nome tem um gosto estranho em sua língua, pois as oportunidades de falar aquilo em voz alta eram poucas. Ele já escrevera essa variante de seu nome real combinada com uma forma do pseudônimo de seu instrutor tantas vezes que o nome já parecia seu, mas o acréscimo de um som ao símbolo é um processo inteiramente diferente.

A facilidade com que Isobel o aceita faz o nome parecer mais real.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Alisdair — diz ela.

Ele deveria agradecer, pegar o caderno e ir embora, era o mais sensato a fazer. Mas não se sente exatamente disposto a voltar a seu apartamento vazio.

— Será que eu poderia oferecer-lhe uma bebida como prova de minha gratidão, Srta. Martin? — sugere, depois de guardar o caderno no bolso.

Isobel hesita, talvez por saber que não se devem aceitar convites para tomar uma bebida feitos por homens desconhecidos em esquinas de ruas escuras, mas concorda, para surpresa dele.

— Eu adoraria, obrigada — diz Isobel.

— Muito bem — continua Marco. — Mas existem cafeterias melhores do que essa aqui — faz um gesto indicando a vitrine próxima — não muito longe, caso não se incomode em fazer uma caminhada na chuva. Receio não ter um guarda-chuva.

— Não, não me incomodo — responde Isobel.

Marco oferece o braço, que ela aceita, e os dois saem andando pela rua sob a chuva fina.

Os dois caminham um ou dois quarteirões antes de entrarem numa viela estreita, e Marco sente a tensão da moça na escuridão, mas ela relaxa quando ele para em frente a uma porta bem-iluminada ao lado de um vitral. Abre a porta para ela e os dois entram numa pequena cafeteria, um lugar que se tornou logo um dos seus favoritos nos últimos meses, um dos poucos em Londres em que ele se sente realmente à vontade.

Velas tremulam em recipientes de vidro em todas as superfícies disponíveis, e as paredes são pintadas de um vermelho vivo. Apenas uns poucos frequentadores distribuem-se pelo espaço íntimo e há vários lugares vazios. Eles sentam-se a uma pequena mesa perto da janela. Marco acena para a mulher atrás do balcão, que traz dois cálices de bordô e deixa a garrafa na mesa, ao lado de um pequeno vaso com uma rosa amarela.

Enquanto a chuva bate com delicadeza nas janelas, os dois conversam educadamente sobre coisas sem importância. Marco dá poucas informações sobre si mesmo, e Isobel age da mesma maneira.

Quando ele pergunta se está com fome, ela dá uma resposta vaga porém educada que revela que está faminta. Ele chama outra vez a atenção da mulher atrás do balcão, que volta alguns minutos depois com um prato de queijo e frutas e uma baguete fatiada.

— Como descobriu este lugar? — pergunta Isobel.

— Tentativa e erro — responde Marco. — E muitos cálices de vinhos horríveis.

Ela ri.

— Sinto muito — comenta. — Mas ao menos acabou dando certo. É adorável. Parece um oásis.

— Um oásis com um vinho muito bom — concorda Marco, inclinando a taça na direção dela.

— Este lugar me lembra a França — comenta Isobel.

— Você é francesa?

— Não — responde ela —, mas morei lá por um tempo.

— Eu também — intervém Marco. — Mas já faz algum tempo. E você está certa, este lugar é muito francês, acho que faz parte do encanto. Existem muitos lugares aqui que não se esmeram em ter esse encanto.

— Você é encantador — observa Isobel, e logo fica corada, como se preferisse que as palavras voltassem a sua boca, se fosse possível.

— Obrigado — replica Marco, sem saber o que mais poderia dizer.

— Desculpe — diz ela, nitidamente incomodada. — Eu não me referia... — Sua voz começa a falhar, mas, talvez encorajada por uma taça e meia de vinho, a garota vai em frente. — Há encantamentos em seu caderno. — Olha para ele esperando uma reação, mas Marco não diz nada e ela olha para outro lado. — Encantamentos — continua, para preencher o silêncio. — Talismãs, símbolos... Não sei o que significam, mas são encantamentos, não são?

Nervosa, ela toma um gole de vinho antes de se atrever a olhar para ele de novo.

Marco escolhe as palavras com todo o cuidado, atento ao rumo que a conversa está tomando.

— E o que uma jovem dama que já morou na França sabe sobre encantamentos e talismãs? — pergunta.

— Só algumas coisas que li em livros — responde Isobel. — Mas não lembro o que significam. Conheço apenas os símbolos astrológicos e alguns alquímicos, e nem os conheço muito bem, aliás. — Faz uma pausa, como se não conseguisse decidir se gostaria ou não de entrar em detalhes, mas depois acrescenta: — *La Roue de Fortune*, a Roda da Fortuna. A carta em seu caderno. Conheço essa carta. Também tenho um baralho.

Se há algum tempo Marco havia decidido que a jovem era mais do que um pouco intrigante e razoavelmente bonita, essa revelação significava algo mais. Ele se inclina sobre a mesa, olhando-a com um interesse maior do que instantes atrás.

— Está dizendo que lê o tarô, Srta. Martin? — pergunta.

Isobel assente com um aceno de cabeça.

— Leio, ou ao menos tento — responde ela. — Mas só para mim mesma, o que suponho que não seja ler de verdade. É... é apenas um hábito que adquiri há alguns anos.

— E você está com o seu baralho aí? — pergunta Marco.

Isobel assente mais uma vez.

— Eu gostaria muito de ver, se não se incomodar — acrescenta, quando ela não faz menção de pegar as cartas. Isobel olha ao redor da cafeteria, para os outros frequentadores. Marco faz um gesto de menosprezo. — Não se preocupe com eles — diz. — É preciso muito mais que um baralho para assustar essa gente. Mas, se você não quiser, eu compreendo.

— Não, não, eu não me incomodo — diz Isobel, pegando a bolsa e tirando com todo o cuidado as cartas embrulhadas em um pedaço de seda negra. Desenrola as cartas do tecido e as deposita em cima da mesa.

— Posso? — pergunta Marco ao estender o braço para pegá-las.

— Fique à vontade — responde Isobel, surpresa.

— Algumas pessoas não gostam que outros toquem em suas cartas — explica Marco, lembrando-se de detalhes de suas aulas de adivinhação ao erguer as cartas com delicadeza. — Eu não quero parecer insolente. — Ele vira a carta de cima, *Le Bateleur*. O Mago. Marco não evita um sorriso antes de repor a carta na pilha.

— Você lê? — pergunta Isobel.

— Ah, não — responde ele. — Eu conheço as cartas, mas elas não falam comigo, ao menos não o suficiente para que sejam lidas adequadamente. — Ergue o olhar das cartas para Isobel, ainda sem saber o que fazer a respeito dela. — Mas elas falam com você, não falam?

— Nunca pensei nisso dessa forma, mas suponho que sim — responde ela. Depois fica em silêncio, observando-o examinar o baralho. Marco manuseia as cartas com o mesmo cuidado que ela teve com o seu diário, segurando-as pelas bordas com delicadeza. Depois de olhar todas elas, ele as põe de novo na mesa.

— É um baralho muito antigo — comenta. — Mais velho que você, eu arriscaria dizer. Posso perguntar como o conseguiu?

— Eu o encontrei dentro de uma caixa de joias numa loja de antiguidades em Paris, anos atrás — responde Isobel. — A mulher nem quis me vender, falou para eu simplesmente levar o baralho, tirá-lo da loja. Cartas do diabo, como ela disse. *Cartes du Diable*.

— As pessoas são ingênuas com relação a essas coisas — reconhece Marco, uma frase repetida com frequência pelo seu instrutor, tanto como advertência quanto como alerta. — E preferem defini-las como malignas a tentar compreendê-las. Uma verdade lamentável, mas mesmo assim é a verdade.

— Para que serve seu caderno? — pergunta Isobel. — Não quero me intrometer, mas achei interessante. Espero que me perdoe por ter dado uma

olhada.

— Bem, agora estamos quites, já que você me deixou olhar as suas cartas — diz ele. — Mas receio que seja uma questão complexa, não é das coisas mais fáceis de explicar, ou de acreditar.

— Eu consigo acreditar em um monte de coisas — afirma Isobel.

Marco não diz nada, mas a observa com a mesma intensidade com que examinou as cartas. Isobel o encara e não desvia o olhar.

É tentador demais. Encontrar alguém que poderia começar a entender o mundo em que ele viveu quase a vida toda. Ele sabe que deveria ir embora, mas não consegue.

— Eu poderia mostrar a você, se quiser — diz depois de um momento.

— Eu gostaria muito — concorda Isobel.

Os dois terminam o vinho e Marco acerta a conta com a mulher de trás do balcão. Ajeita o chapéu-coco na cabeça e toma o braço de Isobel ao deixar o ambiente cálido da cafeteria para sair outra vez na chuva.

Marco para de repente no meio do quarteirão seguinte, em frente ao portão de uma grande área gradeada. Afastado da rua, um abrigo formado por muros de pedra cinza.

— Aqui está bom — diz.

Conduz Isobel da calçada até o espaço entre o muro e o portão, posiciona-a de forma que ela apoie as costas na pedra úmida e fria e fica bem a sua frente, tão perto que é possível ver as gotas de chuva na aba do chapéu-coco.

— Está bom para quê? — pergunta ela, com certa apreensão na voz.

A chuva continua caindo ao redor e não há lugar para onde ir. Marco ergue uma das mãos enluvadas para acalmá-la, concentrando-se na chuva e na parede atrás da cabeça dela.

Ele nunca tentou essa façanha específica com ninguém, e não tem certeza de que vai conseguir.

— Confia em mim, Srta. Martin? — pergunta, observando-a com o mesmo olhar intenso da cafeteria, só que agora com os olhos a centímetros dos dela.

— Confio — responde ela, sem hesitar.

— Ótimo — diz Marco, e com um movimento rápido ergue a mão e a posiciona sobre os olhos de Isobel.

*

ASSUSTADA, ISOBEL FICA IMÓVEL. Sua visão é completamente obscurecida, ela não consegue ver nada, sente apenas o couro úmido da luva de Marco na própria pele. Estremece, e não sabe ao certo se é por causa do frio ou da chuva. Uma voz perto de sua orelha sussurra palavras que ela se esforça para entender, mas não é capaz. Depois não consegue mais ouvir nem a chuva, e a parede de pedra torna-se áspera, quando instantes atrás era lisa. De alguma forma a escuridão ganha certo brilho, e Marco tira a mão dos seus olhos.

Piscando para se adaptar à claridade, logo Isobel vê Marco a sua frente, mas algo está diferente. Não há gotas de chuva na aba do seu chapéu. Não há gotas de chuva em parte alguma; raios de sol lançam um brilho suave ao redor dele. Mas não é isso que faz Isobel perder o fôlego.

O que a faz ofegar é o fato de estarem numa floresta, suas costas apoiadas no tronco de uma árvore enorme e antiga. As árvores são negras e sem folhas, os galhos avançam pelo céu azul acima deles. O chão está coberto por uma neve fina que cintila e brilha sob a luz do sol. É um perfeito dia de inverno e não há uma construção à vista em quilômetros, só uma extensão de neve e madeira. Um pássaro canta numa árvore próxima, outro responde a distância.

Isobel está perplexa. Tudo é real. Ela sente o sol na pele e a casca da árvore sob os dedos. O frio da neve é palpável, embora ela perceba que seu vestido não está mais molhado. Até o ar que chega aos seus pulmões é um inconfundível ar fresco do campo, sem nada do *fog* londrino. Não pode ser, mas é real.

— Isso é impossível — diz, voltando a olhar para Marco. Ele sorri, o brilho de seus olhos verdes e deslumbrantes sob o sol invernal.

— Nada é impossível — observa ele.

Isobel ri, a risada aguda e deliciosa de uma criança.

Milhões de perguntas zumbem em sua cabeça e ela não consegue formular nenhuma de forma adequada. Então a nítida imagem de uma carta surge em sua mente, *Le Bateleur*.

— Você é um mago — diz.

— Acho que ninguém nunca me chamou disso antes — reflete Marco.

Isobel ri mais uma vez, e continua rindo quando ele chega mais perto e a beija.

O casal de pássaros esvoaça acima dos dois quando uma brisa passa pelos galhos das árvores ao redor.

Para os transeuntes na rua escura de Londres, eles não parecem nada fora do comum, apenas dois jovens namorados se beijando na chuva.

Falsos pretextos

JUNHO — NOVEMBRO DE 1884

Próspero, o Mágico não apresenta nenhuma razão formal para seu afastamento dos palcos. Suas turnês vinham sendo tão esporádicas nos últimos anos que a ausência de apresentações passa quase despercebida.

Mas Hector Bowen ainda faz turnês, pode-se dizer, ainda que Próspero, o Mágico não as faça.

Ele viaja de cidade em cidade, oferecendo sua filha de 16 anos como médium espiritual.

— Eu odeio isso, papai — Celia protesta com frequência.

— Se você conseguir pensar em algum jeito melhor de passar o tempo até o começo do seu desafio, e não se atreva a me dizer que quer ficar lendo, pode ir em frente, desde que renda tanto dinheiro quanto isso. Além do mais, se apresentar para uma plateia é um bom exercício para você.

— Essas pessoas são insuportáveis — diz Celia, embora não seja bem o que quer dizer. As pessoas a fazem se sentir desconfortável. A maneira como olham para ela, as expressões suplicantes e os rostos marcados por lágrimas. Elas a veem como uma coisa, uma ponte para seus entes queridos perdidos aos quais tanto se apegavam.

Falam dela como se nem estivesse na sala, como se fosse tão sem substância quanto seus espíritos queridos. Precisa se esforçar para não se afastar quando eles inevitavelmente a abraçam, agradecidos, em meio aos soluços.

— Essas pessoas não significam nada — diz o pai. — Nem conseguem imaginar o que acham que veem ou ouvem, e é mais fácil para elas acreditar que estão recebendo transmissões miraculosas do além. Por que não tirar vantagem disso, principalmente quando estão tão desejosas de gastar dinheiro com algo tão simples?

Celia insiste em que nenhum dinheiro vale uma experiência tão excruciante, mas Hector é persistente, e por isso eles continuam viajando, levitando mesas e produzindo fantasmas que batem em todos os tipos de paredes cobertas por papéis de parede.

Ela continua perplexa com a forma como seus clientes anseiam por uma comunicação, uma garantia. Celia jamais pensou em entrar em contato com sua falecida mãe, duvida até que a mãe quisesse falar com ela se pudesse, especialmente por meio de métodos tão complicados.

Tudo isso é mentira, ela quer dizer a eles. Os mortos não estão pairando por aqui, batendo educadamente em xícaras de chá ou tampos de mesa e sussurrando através de cortinas esvoaçantes.

Às vezes ela quebra alguns objetos de valor e joga a culpa nos espíritos que não encontraram descanso.

O pai escolhe diferentes nomes para ela à medida que mudam de lugar, mas costuma usar Miranda, talvez por saber quanto isso a irrita.

Após meses nessa rotina ela está cansada das viagens e da tensão e do fato de seu pai mal permitir que ela coma, alegando que parecer uma criança abandonada a torna mais convincente, mais próxima do outro lado.

Só depois de ela desmaiar de verdade durante uma sessão em vez de executar o perfeitamente coreografado êxtase dramático, ele concede um breve descanso na casa em Nova York.

Durante um chá da tarde, entre olhares para a quantidade de geleia e creme de leite que ela espalhava sobre os bolinhos, ele menciona que acertou um trabalho para ela no fim de semana, atendendo a uma chorosa viúva do outro lado da cidade, que concordou em pagar o dobro do preço normal.

— Eu disse que você poderia descansar — diz o pai quando Celia se recusa, sem sequer olhar para a pilha de papéis que ele espalhou na mesa de jantar. — Você teve três dias, isso deveria ser suficiente. Você está ótima. Um dia vai ser ainda mais bonita que sua mãe.

— Fico surpresa por se lembrar como era minha mãe — comenta Celia.

— Você *o quê?* — pergunta Hector, encarando-a e sustentando o olhar quando ela apenas franze a testa em resposta. — Posso ter passado só algumas semanas na companhia dela, mas me lembro de sua mãe com mais clareza do que você, que esteve com ela durante cinco anos. Tempo é algo peculiar. Você vai acabar aprendendo isso.

Volta a atenção para os papéis.

— E esse desafio para o qual você está supostamente me treinando? — pergunta Celia. — Ou isso é só outra maneira de ganhar dinheiro?

— Celia, querida — diz Hector —, você tem grandes realizações a sua frente, mas não temos controle sobre quando elas vão começar. Não cabe a nós o primeiro movimento. Simplesmente seremos avisados quando chegar a hora de colocar você no tabuleiro, por assim dizer.

— Então por que importa o que eu vou fazer enquanto isso?

— Você precisa praticar.

Celia inclina a cabeça, olhando para ele enquanto descansa as mãos sobre a mesa. Todos os papéis se dobram em formas elaboradas: pirâmides e hélices, pássaros de papel com asas farfalhantes.

O pai ergue o olhar, irritado. Levanta um peso de papel feito de vidro e bate na mão dela com força bastante para quebrar o seu pulso com um estalido seco.

Os papéis se desdobram e voltam para a superfície da mesa.

— Você precisa praticar — repete. — Ainda não tem controle total.

Celia sai da sala sem dar uma palavra, segurando o pulso e contendo as lágrimas.

— E, pelo amor de Deus, pare de *chorar* — grita o pai atrás dela.

Celia demora quase uma hora para ajustar e reunir os pedaços de ossos.

*

ISOBEL SENTA-SE NUMA POLTRONA raramente ocupada no canto do apartamento de Marco com um arco-íris de fitas de seda ao redor dos dedos que tenta em vão que se transforme em uma única trança elaborada.

— Isso parece tão bobo — comenta, franzindo a testa diante das fitas emaranhadas.

— É um encantamento simples — diz Marco da sua mesa, cercado de livros abertos. — Uma fita para cada elemento, ligada por nós e intentos. É como suas cartas, só que influenciando o objeto em vez de apenas adivinhar seu significado. Mas não funciona se você não acreditar que pode fazer, você sabe disso.

— Talvez eu não esteja no estado de espírito certo para acreditar — diz Isobel, desatando os nós e deixando as fitas de lado, que logo cascateiam pelo braço da poltrona. — Vou tentar de novo amanhã.

— Então me ajude aqui — diz Marco, entre os livros. — Pense em alguma coisa. Um objeto. Um objeto importante que eu não possa de jeito nenhum saber qual é.

Isobel suspira e fecha os olhos, obediente, concentrando-se.

— É um anel — diz Marco depois de uns instantes, capturando a imagem da mente dela com facilidade, como se ela lhe tivesse feito um desenho. — Um anel de ouro com uma safira entre dois diamantes.

Isobel arregala os olhos.

— Como você sabia?

— É um anel de noivado? — pergunta com um sorriso.

Ela leva as mãos à boca antes de confirmar.

— Você vendeu esse anel — continua Marco, captando fragmentos de lembranças relacionadas ao anel. — Em Barcelona. Você fugiu de um casamento arranjado, é por isso que está em Londres. Por que não me contou?

— Não é exatamente um bom tema para uma conversa — explica Isobel. — E você quase nunca me diz nada sobre a sua vida, poderia inclusive também ter fugido de um casamento arranjado.

Os dois se encaram por alguns instantes, enquanto Marco procura uma resposta adequada, mas então Isobel ri.

— Provavelmente ele procurou pelo anel mais tempo do que procurou por mim — diz ela, olhando para a mão vazia. — Era lindo, eu não queria me desfazer dele, mas estava sem dinheiro e não tinha outra coisa para vender.

Marco ia dizer que sabia que ela recebera um bom dinheiro pelo anel quando os dois ouvem batidas na porta do apartamento.

— Será o proprietário? — sussurra Isobel, mas Marco põe um dedo nos lábios e balança a cabeça.

Só uma pessoa bate àquela porta sem ser anunciada.

Marco leva Isobel até o quarto adjacente antes de atender.

O homem de terno cinza não entra no apartamento. Ele nunca entrou naquele espaço desde que orquestrou a transição, jogando seu aluno no mundo exterior.

— Você vai se candidatar a uma vaga para trabalhar com este homem — diz sem nenhuma saudação, tirando um esmaecido cartão de visitas do bolso.

— Provavelmente vai precisar de um nome.

— Eu tenho um nome — responde Marco.

O homem de terno cinza não pergunta qual seria esse nome.

— Sua entrevista está marcada para amanhã à tarde — continua. — Já cuidei de muitos negócios do Monsieur Lefèvre nos últimos tempos e recomendei você, mas faça o que for preciso para garantir esse cargo.

— Isso é o começo do desafio? — pergunta Marco.

— É um movimento inicial, para nos colocar em posição vantajosa.

— Então quando começa o desafio? — pergunta Marco, embora já tenha feito essa pergunta dezenas de vezes antes e nunca tenha recebido uma resposta objetiva.

— Isso vai ficar claro com o tempo — responde o homem de terno cinza.

— Quando começar, seria sensato concentrar sua atenção na competição — indica com o olhar a porta fechada do quarto —, e evitar distrações.

Vira-se e sai pelo corredor, deixando Marco em pé na porta, lendo e relendo o nome e o endereço no cartão meio apagado.

*

ÀS VEZES HECTOR BOWEN cede à insistência da filha e permanece em Nova York, mas só faz isso porque também tem seus motivos.

Ainda que faça comentários ocasionais de que Celia deveria praticar mais, Hector a ignora quase todo o tempo, passando os dias sozinho em seu escritório no andar de cima.

Celia está bastante contente com esse arranjo e passa a maior parte do tempo lendo. Sai sem ser notada para ir a livrarias, e fica surpresa que o pai não pergunte de onde vieram aquelas pilhas de livros novos.

Pratica bastante, quebrando várias coisas pela casa para consertá-las depois. Faz livros voarem pelo quarto como pássaros, calculando que distância conseguem percorrer antes de ajustar sua técnica.

Celia se especializa em manipular tecidos, modificando seus vestidos com a mesma perícia de um mestre alfaiate, de modo a acomodar o peso que ganhou, sentindo o corpo como seu outra vez.

Precisa lembrar ao pai de sair para fazer as refeições, mas ultimamente ele recusa com frequência, e quase nunca sai da sala.

Hoje nem respondeu a suas insistentes batidas. Irritada, sabendo que o encantamento das fechaduras só permite que sejam abertas com as chaves certas, Celia chuta a porta e, para sua surpresa, ela se abre.

O pai está próximo à janela, olhando fixamente o próprio braço estendido à frente, a luz do sol se infiltrando pelo vidro jateado e caindo sobre a manga.

A mão dele desaparece completamente e volta a aparecer. Ele estende os dedos e franze a testa ao ouvir o estalido das juntas.

— O que está fazendo, papai? — pergunta Celia, a curiosidade vencendo a irritação. Não é nada que ela já o tenha visto fazer antes, nem no palco nem nas aulas particulares.

— Não é da sua conta — responde o pai, cobrindo a mão com o punho da camisa rendada.

A porta se fecha na cara dela.

Tiro ao alvo

LONDRES, DEZEMBRO DE 1884

O alvo está precariamente pendurado numa parede do quarto, entre estantes altas e pinturas a óleo com molduras vistosas. Está quase camuflado nas sombras, apesar de seu estampado gritante, mas a faca o atinge toda vez que é arremessada, bem perto da mosca, meio recoberta por um recorte de jornal espetado no centro.

É uma resenha teatral, um artigo cuidadosamente recortado do *Times* de Londres. Uma resenha favorável; alguns poderiam defini-la como entusiasmada. Mesmo assim, foi colocada naquela posição de execução, e uma faca de cabo de prata é atirada nela. A faca atravessa o papel e afunda na cortiça do alvo. E só é retirada para que o processo se repita.

A faca é arremessada com muita elegância, pelo cabo, de forma a girar e girar perfeitamente até a ponta da lâmina encontrar o alvo, por Chandresh Christophe Lefèvre, cujo nome está impresso na última linha do mencionado recorte de jornal.

A frase que contém seu nome foi o que irritou Monsieur Lefèvre a ponto de usá-la como alvo. Uma única frase, que diz o seguinte: “M. Chandresh Christophe Lefèvre continua a romper os limites do teatro moderno, deslumbrando seu público com um espetáculo quase transcendental.”

A maioria dos produtores teatrais gostaria de ser elogiado dessa forma. Recortaria o artigo para um livro de resenhas, guardando-o como referência e recomendação.

Mas não esse produtor teatral específico. Não. O produtor Chandresh Christophe Lefèvre concentra-se na penúltima palavra. Quase. *Quase*.

A faca voa mais uma vez pelo aposento, sobre móveis de veludo e madeira finamente trabalhada, passando perigosamente perto de uma garrafa de cristal

com conhaque. Dá rápidos giros, cabo sobre lâmina, e novamente se crava no alvo. Dessa vez acerta no papel quase esfarrapado entre as palavras “público” e “espetáculo”, destruindo totalmente o trecho “com um”.

Chandresh segue a faca, retira a lâmina do alvo com cuidado, mas faz um pouco de força. Atravessa o aposento mais uma vez, a faca em uma das mãos, uma taça de conhaque na outra, e dá meia-volta, arremessando rápido, mirando naquela horrível palavra. Quase.

Com certeza ele está fazendo alguma coisa errada. Se suas produções são apenas quase transcendentais, quando a possibilidade de verdadeira transcendência existe um pouco além, esperando para ser atingida, deve haver algo mais que precisa ser feito.

Ele vem pensando nisso desde que a resenha foi posta em sua mesa, cuidadosamente recortada e rotulada por seu assistente. Outras cópias foram arquivadas para a posteridade, pois as de sua mesa costumam enfrentar destinos horríveis enquanto Chandresh agoniza com cada palavra.

Chandresh adora reações. Reações genuínas, não simples aplausos educados. Costuma valorizar mais as reações do que o próprio espetáculo. Afinal, um espetáculo sem plateia não é nada. É na reação do público que vive o poder das apresentações.

Ele cresceu no teatro, sentado em camarotes no balé. Como era uma criança inquieta, logo se cansou das danças sempre parecidas e preferiu observar a plateia. Para ver quando sorriam ou se sobressaltavam, quando as mulheres suspiravam e quando os homens começavam a cochilar.

Por isso não surpreende muito que agora, tantos anos depois, ele continue mais interessado no público do que na própria apresentação. Embora a apresentação precise ser espetacular para provocar as melhores reações.

E como não é capaz de observar as expressões de todos os espectadores em todas as apresentações de todos os espetáculos (espetáculos que variam de dramas pungentes a dançarinas exóticas, e alguns que criativamente combinam as duas coisas), ele precisa confiar nas resenhas.

Mas havia algum tempo não lia uma resenha que o tivesse deixado tão envergonhado. E certamente havia anos nenhuma o tinha feito chegar ao arremesso de facas.

Agora a lâmina acerta a palavra “palco”.

Chandresh vai retirá-la, bebericando o conhaque no caminho. Por um momento, observa o artigo quase destruído com curiosidade, examinando as

palavras quase ilegíveis. Em seguida grita por Marco.



ESCURIDÃO E ESTRELAS



Com seu ingresso na mão, você segue uma fila contínua de espectadores até o circo, observando o movimento rítmico do relógio preto e branco enquanto aguarda.

Além da bilheteria, o único caminho à frente é através de uma pesada cortina listrada. Uma a uma as pessoas passam por ela, desaparecendo de vista.

Quando chega a sua vez, você afasta a cortina e dá um passo adiante, só para ser engolido pela escuridão quando a cortina se fecha outra vez.

Seus olhos demoram alguns instantes para se adaptar, e então minúsculos pontos de luz começam a aparecer como estrelas, forrando a parede escura a sua frente.

Embora alguns instantes atrás você estivesse tão próximo de seus colegas visitantes do circo que poderia tocá-los, agora está sozinho ao tatear o caminho ao longo de um túnel que parece um labirinto.

O túnel se retorce e faz curvas, as minúsculas luzes são a única iluminação. Não há como saber quanto você andou ou em que direção está se locomovendo.

Enfim você encontra outra cortina. O tecido parece suave como veludo em suas mãos e se abre com facilidade a seu toque.

A luz do outro lado é ofuscante.

Verdade ou consequência

CONCORD, MASSACHUSETTS, SETEMBRO DE 1897

Eles estão sentados num grande carvalho sob o sol da tarde, todos os cinco. A irmã, Caroline, no galho mais alto, porque ela sempre sobe no mais alto. A melhor amiga, Millie, se empoleira logo abaixo. Atirando bolotas nos esquilos, os irmãos Mackenzie estão um pouco mais abaixo, mas não o suficiente para que o lugar não seja considerado alto. Ele está sempre nos galhos mais baixos. Não por medo de altura, mas por uma questão de hierarquia, pois só agora deixaram que fizesse parte do grupo. Ser o irmão mais novo de Caroline é ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição. Às vezes a turma deixa Bailey ficar entre eles, mas sempre em seu devido lugar.

— Verdade ou consequência — anuncia Caroline dos galhos mais altos. Ela não obtém resposta, por isso joga uma bolota direto na cabeça do irmão. — Verdade. Ou. Consequência. Bailey — repete.

Bailey coça a cabeça por cima do chapéu. Talvez a bolota influencie sua escolha. “Verdade” seria uma resposta resignada, uma sujeição à abusiva versão do jogo de Caroline, que inclui lançamento de projéteis. “Consequência” é um pouco mais desafiador. Mesmo que esteja fazendo a vontade dela, ao menos ele não é um covarde.

Parece a coisa certa a dizer, e ele se sente muito orgulhoso de si mesmo quando Caroline leva algum tempo para reagir. Ela está num galho uns cinco metros acima dele, balançando as pernas, observando a paisagem enquanto formula a tarefa. Os irmãos Mackenzie continuam a atormentar os esquilos. Então Caroline sorri e pigarreia antes de fazer sua proclamação.

— O que Bailey tem que fazer — começa a dizer, relacionando a brincadeira diretamente a ele. Bailey já começa a se sentir desconfortável antes

mesmo de ela dizer no que consiste a tarefa. Ela faz uma pausa dramática antes de declarar: — Bailey tem que entrar no Circo Noturno.

Millie engasga. Os irmãos Mackenzie param de atirar bolotas e olham para ela, os esquilos relegados imediatamente ao esquecimento. Um grande sorriso se abre no rosto de Caroline quando ela olha para Bailey.

— E trazer alguma coisa de lá como prova — acrescenta, incapaz de disfarçar os vestígios de triunfo em sua voz.

O que ela quer é impossível, todos sabem disso.

Bailey olha para além da paisagem, para onde as tendas do circo se erguem como montanhas no meio do vale. É tão tranquilo durante o dia, sem luzes e sem música e sem multidões. Apenas um monte de tendas listradas, parecendo mais amarelas e cinzentas do que pretas e brancas sob o sol da tarde. Parecem estranhas, talvez um pouco misteriosas, mas não extraordinárias. Não no meio do dia. E não tão assustadoras, considera Bailey.

— Eu vou. — Bailey pula de seu galho baixo e começa a andar pelo campo, sem esperar pelos comentários, sem querer que Caroline volte atrás. Tem certeza de que ela esperava que ele dissesse não. Uma bolota passa zumbindo perto de sua orelha, mas nada além disso.

E, por motivos que não consegue expressar, Bailey anda em direção ao circo com uma determinação considerável.

É como a primeira vez que ele viu aquilo, quando ainda não tinha 6 anos.

Daquela vez, o circo materializou-se naquele mesmo lugar, e agora parece nunca ter saído dali. Como se tivesse apenas permanecido invisível durante o período de cinco anos em que o espaço esteve vazio.

Quando ainda não tinha nem 6 anos, ele não pôde entrar no circo. Seus pais o consideravam novo demais, por isso só pôde olhar de longe, fascinado, para as tendas e as luzes.

Tinha esperança de que ficasse tempo suficiente para que ele chegasse à idade apropriada, mas o circo desapareceu sem aviso duas semanas depois, deixando o jovem Bailey muito triste.

Mas agora tinha voltado.

Chegara havia apenas alguns dias e ainda era uma novidade. Se estivesse lá há mais tempo, é provável que Caroline tivesse escolhido uma tarefa diferente, mas o circo é o grande assunto da cidade, e Caroline gosta de manter os desafios *en vogue*.

A noite anterior fora a primeira vez que Bailey tinha ido ao circo.

Foi algo que ele jamais tinha visto. As luzes, as roupas, tudo era tão diferente. Como se ele tivesse fugido de sua vida cotidiana e entrado num outro mundo.

Bailey achava que seria uma apresentação. Algo para sentar numa cadeira e assistir.

Logo percebeu como estava enganado.

Era algo a ser explorado.

Investigou o melhor que pôde, embora se sentisse despreparado. Não sabia quais tendas escolher entre as dezenas de opções, todas com insinuantes cartazes dando pistas de seu conteúdo. E cada curva que fazia nos sinuosos caminhos o levava a mais tendas, mais cartazes, mais mistérios.

Encontrou uma tenda cheia de acrobatas e ficou lá enquanto eles giravam e rodopiavam, até o pescoço começar a doer de tanto olhar para cima. Perambulou por uma tenda cheia de espelhos e viu centenas de milhares de Bailey com os olhos arregalados encarando-o, todos de bonés cinza.

Até a comida era incrível. Maçãs mergulhadas em caramelo tão escuras que pareciam quase enegrecidas, mas que se mantinham leves, crocantes e doces. Morcegos de chocolate com asas impossivelmente delicadas. A sidra mais deliciosa que Bailey já experimentara.

Tudo era mágico. E parecia não acabar nunca. Nenhum dos caminhos terminava; eles faziam curvas que davam em outros caminhos ou retornavam ao pátio.

Depois, ele não conseguia mais descrever aquilo tudo. Só pôde balançar a cabeça afirmativamente quando a mãe perguntou se ele tinha se divertido.

Eles não ficaram tanto quanto ele gostaria. Bailey passaria a noite inteira lá se os pais tivessem deixado; ainda havia tantas tendas a explorar... Mas foi levado para casa e posto na cama depois de algumas horas, consolado com promessas de que voltaria no fim de semana seguinte, embora se lembrasse com aflição da rapidez com que o circo havia desaparecido antes. No momento mesmo em que estava indo embora, Bailey estava morrendo de vontade de voltar.

Perguntou-se se tinha aceitado o desafio, em parte, para voltar ao circo mais cedo.

Leva quase dez minutos para Bailey percorrer a distância pelo campo, e, quanto mais perto do circo ele chega, maiores e mais intimidadoras parecem as tendas, e mais a sua convicção diminui.

Quando chega aos portões, já está pensando se poderia usar algo como prova sem precisar entrar na área cercada.

Os portões têm facilmente três vezes a sua altura e as letras no alto anunciando LE CIRQUE DES RÊVES quase não podem ser vistas à luz do dia, cada uma delas do tamanho de uma abóbora grande. Os volteios de ferro ao redor das letras lembram vinhas de abóbora. A fechadura que tranca os portões tem uma aparência esquisita, na qual se lê o aviso:

*Abre ao cair da noite
Fecha ao amanhecer*

em letras floreadas, e, sob esse aviso, em pequenas letras normais:

Invasores serão dessangrados

Bailey não sabe o significado de “dessangrados”, mas não gosta muito do som da palavra. O circo parece estranho à luz do dia, silencioso demais. Não há música, não há ruídos. Só o canto dos pássaros e o farfalhar das folhas nas árvores ao redor. Parece até que não há ninguém lá dentro, como se o lugar estivesse deserto. Tem o mesmo cheiro da noite anterior, porém mais suave, de caramelo e pipoca e fumaça das fogueiras.

Bailey olha para a ravina atrás dele. Os outros ainda estão na árvore, ainda que pareçam minúsculos àquela distância. Sem dúvida o estão observando, por isso ele resolve dar a volta até o outro lado da cerca. Já não está tão certo se quer fazer isso e, se e quando fizer, não quer ser observado.

A maior parte da cerca além dos portões é colada às laterais das tendas, por isso não existe de fato um lugar por onde entrar. Bailey continua andando.

Poucos minutos depois de perder o grande carvalho de vista, ele encontra uma parte da cerca que não chega a encostar na lateral de uma tenda, mas margeia uma pequena passagem, como uma viela entre elas, seguindo ao lado de uma tenda e desaparecendo depois de uma curva. Parece um bom lugar por onde tentar entrar.

Bailey percebe que quer realmente entrar. Não só por causa do jogo, mas por estar curioso. Terrível, irremediavelmente curioso. Mesmo assim, apesar de

querer provar para Caroline e sua turma que consegue, e além da curiosidade, há essa necessidade de voltar puxando-o.

As barras de ferro são grossas e lisas, e, mesmo sem tentar, Bailey sabe que não conseguirá subir por elas. Além de não existir apoio para os pés nos primeiros metros, o topo da cerca projeta-se em volteios que parecem lanças. Não chegam a ser intimidadores mas não parecem nada amistosos.

Todavia, a cerca não parece ter sido construída com o propósito expresso de impedir a passagem de um garoto de 10 anos, pois, apesar de sólidas, as barras ficam a quase um metro umas das outras. E Bailey, por ser pequeno, pode se espremer e passar entre elas com certa facilidade.

Ele hesita, só por um momento, mas sabe que vai se odiar se nem ao menos tentar, não importa o que possa acontecer depois.

Bailey achou que se sentiria diferente, como acontecera à noite, mas passa pela cerca, chega à passagem entre as tendas e se sente exatamente como se estivesse do lado de fora. Se continua existindo uma magia ali durante o dia, ele não consegue sentir.

E tudo parece abandonado demais, sem qualquer sinal de artistas ou trabalhadores.

É tudo muito silencioso: ele não ouve nem o canto dos pássaros. As folhas que farfalhavam ao redor de seus pés, do lado de fora, não o seguiram do lado de dentro da cerca, embora a brisa pudesse transportá-las facilmente pelos espaços entre as grades.

Bailey fica pensando que caminho deve tomar, e o que poderá usar como prova de que cumpriu a tarefa. Parece não haver nada para levar além do chão batido e das listras regulares das tendas. As tendas parecem surpreendentemente velhas e desgastadas sob a luz, e ele se pergunta há quanto tempo o circo está viajando, e para onde vai quando deixar a cidade. Imagina que exista um trem, embora não haja nenhum na estação mais próxima, e até onde pode dizer ninguém nunca viu esse tal trem chegar ou partir.

Bailey vira à direita no final da passagem e se vê entre uma fileira de tendas, todas com portas e placas anunciando seu conteúdo. VOOS DE FANTASIA, diz uma; ENIGMAS ETÉREOS, diz outra. O menino prende a respiração quando passa por uma que diz FERAS TEMÍVEIS & CRIATURAS ESTRANHAS, mas não ouve nenhum som vindo de dentro. Não encontra nada para levar dali, uma vez que não quer roubar uma placa, e as únicas coisas à vista são restos de papel picado e uma ocasional pipoca esmagada.

O sol da tarde projeta longas sombras das tendas, que se estendem no solo ressecado. O piso foi pintado ou pulverizado de branco em algumas áreas, de preto em outras. Bailey pode ver a terra marrom exposta pelos muitos pés que andaram por ali. Fica imaginando se eles pintam aquilo todas as noites enquanto vira outra esquina e, por estar olhando para o chão, quase tromba com a garota.

Ela está parada no meio do caminho, como se estivesse esperando por ele. Aparenta ter sua idade e está vestindo o que só pode ser chamado de fantasia, pois com certeza não é uma roupa comum. Botas brancas cheias de botões, meias três-quartos brancas e um vestido branco feito de todos os tecidos imagináveis, com retalhos de renda e seda e algodão, tudo reunido em um só, com uma jaqueta militar curta por cima e luvas brancas. Cada centímetro abaixo do pescoço está coberto de branco, o que torna seu cabelo vermelho ainda mais chocante.

— Você não devia estar aqui — diz a garota ruiva em voz baixa. Não parece zangada nem surpresa.

Bailey pisca algumas vezes antes de conseguir responder.

— Eu... hã... eu sei — balbucia, e tem a impressão de que é a coisa mais estúpida a dizer, mas a garota continua olhando para ele. — Desculpe...? — acrescenta, o que o faz soar ainda mais estúpido.

— Talvez fosse melhor você ir embora antes que alguém mais o veja — diz a menina, olhando por cima do ombro, mas Bailey não consegue entender o que ela está procurando. — Por onde você entrou?

— Ali por trás... hã... — Bailey dá meia-volta, mas não sabe dizer de que lado veio: o caminho faz um contorno em si mesmo e ele não consegue identificar nenhum sinal para saber por onde passou. — Não tenho certeza — responde.

— Tudo bem, venha comigo. — A garota segura a mão dele com sua mão enluvada e o leva por uma das passagens. Não diz mais nada enquanto caminham por entre as tendas, embora o faça parar quando chegam a uma curva, onde os dois não se mexem por quase um minuto. Quando ele abre a boca para perguntar o que estão esperando, ela simplesmente leva um dedo aos lábios para silenciá-lo, e alguns segundos depois continua andando.

— Você consegue passar pela cerca? — pergunta a garota, e Bailey confirma com um gesto de cabeça. Ela faz uma curva brusca atrás de uma das

tendas, entra numa passagem que Bailey nem tinha notado e lá está a cerca outra vez, e a ravina do lado de fora.

— Saia por aqui — recomenda a garota. — Vai ficar tudo bem.

Ajuda Bailey a espremer-se entre as barras, que estão mais próximas umas das outras nessa parte da cerca. Quando já está do outro lado, ele se vira para a garota.

— Obrigado. — E não consegue pensar em mais nada para dizer.

— De nada — responde a garota. — Mas você devia ter mais cuidado. Não pode entrar aqui durante o dia, isso é invasão.

— Eu sei, desculpe. O que significa dessangrado?

A garota sorri.

— Significa tirar todo o seu sangue — responde. — Mas na verdade eles não fazem isso, acho que não.

A garota se vira e começa a voltar pela passagem.

— Espere — exclama Bailey, mesmo sem saber por que está pedindo para ela esperar.

A garota volta até a cerca. Não diz nada, fica esperando para ouvir o que ele tem a dizer.

— Eu... eu precisaria levar alguma coisa daqui — começa a falar, e se arrepende de imediato.

A garota franze o cenho ao observá-lo através das grades.

— Levar alguma coisa daqui? — repete.

— É — confirma Bailey, arrastando os pés e olhando para as botas brancas da garota do outro lado da cerca. — Para uma brincadeira de verdade ou consequência — acrescenta, esperando que ela entenda.

A garota sorri. Morde o lábio durante um segundo, pensativa, depois tira uma de suas luvas brancas e entrega a ele através das grades. Bailey hesita.

— Tudo bem, pode levar — diz a garota. — Eu tenho uma caixa cheia delas.

Bailey pega a luva branca e guarda no bolso.

— Obrigado — diz outra vez.

— De nada, Bailey — responde a garota, e dessa vez ele não diz nada quando ela se vira e desaparece na esquina de uma tenda listrada.

Bailey fica parado um longo tempo antes de começar a voltar pelo campo. Não há mais ninguém no carvalho quando ele chega lá, só um monte de bolotas no chão, e o sol está começando a se pôr.

Ele está na metade do caminho para casa quando se dá conta de que em nenhum momento disse seu nome para a garota.

Associados e conspiradores

LONDRES, FEVEREIRO DE 1885

Os Jantares da Meia-Noite são uma tradição na *maison* Lefèvre. Foram planejados por Chandresh primeiro como um capricho, resultado de uma mistura de insônia crônica com o horário de funcionamento do teatro, além de uma aversão inata às etiquetas dos jantares comuns. Há lugares em que se pode fazer uma refeição fora de hora, mas nenhum deles é do gosto de Chandresh.

Então ele começou a organizar sofisticados jantares com muitos pratos, sendo o primeiro servido sempre à meia-noite. Exatamente à meia-noite, no instante em que o maior e mais antigo dos relógios começa a badalar no vestíbulo, o primeiro prato é posto na mesa. Chandresh acha que isso dá um ar cerimonial. Os primeiros Jantares da Meia-Noite eram pequenas reuniões íntimas entre amigos e colegas de trabalho. Com o tempo se tornaram mais frequentes e mais extravagantes, e acabaram se transformando em algo com um quê de clandestino. Um convite para um Jantar da Meia-Noite é algo muito cobiçado em certos círculos.

São seletivos, esses jantares. Em algumas ocasiões chegam a contar com até trinta convidados, mas às vezes são apenas para cinco pessoas. O normal é que tenham a presença de doze a quinze comensais. A comida é excelente, independentemente do número de presentes.

Chandresh nunca fornece os cardápios desses eventos. Outros jantares semelhantes, se é que existem jantares que possam ser considerados semelhantes, podem ter menus caligrafados em papel encorpado, com descrições detalhadas de cada prato, ou talvez apenas relacionando um título ou um nome intrigante.

Mas os Jantares da Meia-Noite têm um ar de mistério noturno, e Chandresh acredita que não fornecer um menu, nenhum mapa da rota culinária, valoriza

essa experiência. Pratos após pratos são trazidos à mesa, alguns fáceis de identificar como codornas, coelho ou carneiro, servidos em folhas de bananeira ou assados com maçãs ou acompanhados de cerejas marinadas em conhaque. Outros são mais enigmáticos, dissimulados em molhos doces ou sopas picantes; carnes não identificáveis ocultas em tortas e coberturas.

Se um comensal perguntar sobre a natureza de um prato específico, questionar a origem de uma porção ou de um tempero, de um sabor que não conseguir reconhecer (pois nem mesmo os paladares mais refinados podem sempre identificar todos os gostos e sabores), ele não obterá uma resposta satisfatória.

Chandresh responderá que “as receitas pertencem aos chefs e não serei eu a quebrar essa privacidade”. O convidado curioso voltará então para o misterioso prato à sua frente, talvez comentando que, sejam quais forem os segredos, a iguaria é bastante impressionante, e continuará a se indagar onde aquele gosto peculiar pode ter se originado enquanto saboreia cada porção com a mais profunda reverência.

As conversas durante esses jantares são reservadas principalmente para o intervalo entre os pratos.

Na verdade, Chandresh prefere não conhecer todos os ingredientes, não entender todas as técnicas. Afirmar que essa ignorância dá vida aos pratos, faz com que cada um deles seja maior que a soma de suas partes.

(“Ah” comentou um dos convidados quando o assunto foi levantado. “Você prefere não ver as engrenagens do relógio para saber melhor que horas são.”)

As sobremesas são sempre surpreendentes. Doces delirantes confeccionados com chocolate e manteiga caramelizada, frutas vermelhas transbordando de cremes e licores. Bolos em camadas de alturas impossíveis; tortas mais leves que o ar. Figos gotejando mel, açúcar formando flores e ondas. É comum os convidados comentarem que tudo é bonito demais, impressionante demais para ser comida, mas sempre acabam dando um jeito.

Chandresh jamais revela a identidade de seus cozinheiros. Há rumores de que ele reuniu gênios culinários ao redor do mundo, raptados e aprisionados em suas cozinhas, onde são forçados por meios questionáveis a atender a todos os seus caprichos. Outros insinuam que a comida não é preparada no local, mas importada dos melhores restaurantes de Londres, que recebem um dinheiro extra para ficarem abertos até tarde. Mas esses boatos em geral resultam em

discussões sobre métodos usados para manter aquecidos os pratos quentes e frios os pratos frios, e nunca chegam a conclusões satisfatórias e tendem a deixar os debatedores ainda mais famintos.

Independentemente de sua origem, a comida é sempre deliciosa. A decoração da sala de jantar (ou salas, dependendo do tamanho do evento) é tão extraordinária quanto o restante da casa, em suntuosos vermelhos e dourados com arte e artefatos do mundo inteiro dispostos em todas as superfícies disponíveis. Tudo é iluminado por lustres cintilantes e velas em profusão, de forma que a luz não é brilhante, mas profunda, calorosa e borbulhante.

Costuma haver ainda algum tipo de entretenimento: dançarinas, mágicos, músicos exóticos. As reuniões mais íntimas normalmente são acompanhadas pela pianista pessoal de Chandresh, uma linda jovem que toca sem parar a noite inteira e nunca troca uma palavra com ninguém.

São jantares como qualquer outro, embora o ambiente e o adiantado da hora os transformem em outra coisa, algo incomum e curioso. Chandresh tem uma propensão inerente ao incomum e ao curioso: ele entende o poder de se criar uma atmosfera.

Nessa noite em particular, o Jantar da Meia-Noite é relativamente íntimo, com apenas cinco convidados. E o jantar dessa noite não é apenas uma reunião social.

A primeira a chegar (depois da pianista, já tocando) é Mme. Ana Padva, uma primeira bailarina romena aposentada que foi muito amiga da mãe de Chandresh. Ele a chamava de Tante Padva, tia Padva, quando criança, e continua a fazer isso até hoje. É uma mulher imponente. Mantém visível na idade avançada a graça de uma bailarina, além de uma impecável noção de estilo. Sua noção de estilo é a principal razão para ter sido convidada essa noite. É uma esteta devota com um olho para a moda ao mesmo tempo único e cobiçado, e que lhe proporciona uma considerável renda desde sua aposentadoria do balé.

A mulher é uma maga com os tecidos, diz o jornal. Uma operadora de milagres. Mme. Padva descarta esses comentários, embora brinque dizendo que, com seda suficiente e um espartilho de força industrial, poderia fazer com que até mesmo Chandresh se passasse pela mais bem-vestida das damas.

Nessa noite, Mme. Padva está usando um vestido de seda negro, com intrincados estampados de flores de cerejeira bordados à mão, algo como um quimono reencarnado na forma de vestido. O cabelo prateado está preso no

alto da cabeça e é mantido no lugar com uma pequena gaiola negra em forma de joia. Uma gargantilha de rubis escarlate perfeitos envolve o seu pescoço, passando uma leve impressão de que ele foi cortado. O efeito geral é ligeiramente mórbido e incrivelmente elegante.

Sr. Ethan W. Barris é engenheiro e arquiteto de algum renome, e o segundo convidado a chegar. Parece se perguntar se não teria entrado no lugar errado, e estaria mais à vontade em sua própria casa, num escritório ou num banco, com seus gestos tímidos e óculos de armação prateada, os cabelos penteados de forma a disfarçar o fato de estarem rareando. Encontrou-se com Chandresh apenas uma vez, em um simpósio sobre arquitetura grega antiga. O convite para o jantar foi uma surpresa: Sr. Barris não é o tipo de homem que recebe convites para eventos sociais exóticos tarde da noite, ou, aliás, para quaisquer outros eventos sociais, mas considerou indelicado recusar. Além do mais, havia muito ele desejava dar uma espiada na casa de Lefèvre, que é como uma lenda entre seus colegas que trabalham em projetos de interiores.

Instantes depois de sua chegada, ele se vê com uma taça de espumante na mão, trocando gentilezas com uma ex-primeira bailarina. Nesse momento ele decide que até gosta de eventos sociais exóticos tarde da noite, e que deveria se esforçar para frequentá-los mais.

As irmãs Burgess chegam juntas. Tara e Lainie fazem um pouco de tudo. Às vezes são dançarinas, às vezes atrizes. As duas já foram bibliotecárias, mas esse é um tópico que elas só discutem se estiverem muito embriagadas. Recentemente, têm trabalhado em consultoria. Sobre qualquer assunto. Oferecem assessoria em temas que variam de relacionamentos a finanças, de viagens a calçados. O segredo (que elas também só discutem se adequadamente embriagadas) é uma capacidade de observação muito desenvolvida. As duas parecem ver cada detalhe, notar as nuances mais sutis. Se Tara chegar a perder alguma coisa, Lainie corrige o seu descuido (e vice-versa).

Elas descobriram que gostam de resolver problemas alheios oferecendo sugestões, não fazendo todo o trabalho por si mesmas. É mais gratificante, dizem.

São parecidas: ambas têm os mesmos cabelos castanhos ondulados e olhos grandes e brilhantes cor de avelã, que fazem com que pareçam mais jovens do que na verdade são, embora nenhuma das duas admita a idade ou revele qual é a mais velha. Usam vestidos da moda que não combinam entre si, mas se harmonizam, um complementando o outro.

Mme. Padva cumprimenta-as com o desinteresse ensaiado que reserva para coisas jovens e belas, mas se entusiasma quando elas elogiam seu cabelo, suas joias e seu vestido. Por alguma razão, Sr. Barris sente-se encantado com as duas, embora atribua isso ao vinho. Tem certa dificuldade para entender o forte sotaque escocês das irmãs, se é que elas são escocesas. Ele não tem certeza.

O último convidado chega pouco antes de o jantar ser servido, quando os demais já estão acomodados com suas taças cheias de vinho. É um homem alto, de idade indefinida e feições indistintas. Usa uma casaca cinza impecável, e entrega a cartola e a bengala na porta juntamente com um cartão com o nome “Sr. A. H...”. Cumprimenta educadamente os outros convidados com um aceno de cabeça e se senta, mas não diz nada.

Chandresh junta-se aos comensais nesse momento, seguido de perto por seu assistente, Marco, um jovem atraente com impressionantes olhos verdes que logo desperta a atenção das irmãs Burgess.

— Eu convidei todos por uma razão — diz Chandresh —, e estou certo de que vocês já supuseram qual seja. Porém, é uma questão de negócios, e acho melhor discuti-la com o estômago cheio, portanto vamos deixar o discurso oficial para depois da sobremesa. — Acena discretamente para um dos garçons e, no momento em que o relógio no vestíbulo começa a badalar, num tom grave e pesado que reverbera doze vezes pela casa toda, o primeiro prato é servido.

A conversa é tão agradável e fluente quanto o vinho servido enquanto os pratos se sucedem. As damas são mais falantes que os homens. Aliás, o homem de terno cinza mal fala uma palavra. E, embora poucos entre eles já se conhecessem, quando os *plats principaux* são retirados, alguém que observasse teria pensado que são velhos conhecidos.

Quando termina a sobremesa, poucos minutos antes das duas da manhã, Chandresh se levanta e pigarreja.

— Peço-lhes a gentileza de virem comigo ao cômodo onde tomaremos café e conhaque e poderemos tratar de negócios — anuncia.

Faz um sinal para Marco, que se retira em silêncio e os reencontra no cômodo do andar superior com diversos cadernos e rolos de papel nas mãos. Café e conhaque são servidos, e os convidados se distribuem por diversos sofás e poltronas ao redor da crepitante lareira. Depois de acender um charuto, Chandresh começa seu discurso, pontuando-o com baforadas propositais de fumaça.

— Sua presença foi requerida esta noite porque estou dando início a um projeto, um empreendimento, pode-se dizer. Acredito que seja um empreendimento que despertará o interesse de todos vocês, e que cada um poderá, de formas específicas, ajudar no planejamento. O auxílio de vocês, que é inteiramente voluntário, será muito apreciado e bem recompensado.

— Deixe de rodeios e diga logo qual é o seu novo jogo, Chandresh querido — interrompe Mme. Padva girando seu conhaque. — Alguns aqui já não têm mais tempo a perder.

Uma das irmãs Burgess contém uma risadinha.

— Claro, Tante Padva. — Chandresh faz uma reverência em sua direção. — Meu novo jogo, como você definiu de forma apropriada, é um circo.

— Um circo? — exclama Lainie Burgess com um sorriso. — Que maravilha!

— Como um parque de diversões? — pergunta Sr. Barris, parecendo um pouco confuso.

— Mais do que um parque de diversões — responde Chandresh. — Mais do que um circo, na verdade, um circo nunca dantes visto. Não uma única grande tenda, mas uma miríade de tendas, cada uma com seu espetáculo específico. Nada de elefantes ou palhaços. Não, algo mais refinado que isso. Nada de lugares-comuns. Será um circo diferente, uma experiência realmente única, um banquete para os sentidos. Teatralidade sem teatro, um entretenimento de imersão. Vamos demolir as presunções e as noções preconcebidas do que seja um circo e fazer algo totalmente diferente, algo novo. — Faz um sinal para Marco, que abre os rolos de papel sobre a mesa, mantendo as bordas seguras com uma coleção de pesos de papel e outras esquisitices (um crânio de macaco, uma borboleta presa em um vidro).

As plantas consistem basicamente de esboços rodeados por anotações. Mostram apenas fragmentos de ideias: um círculo de tendas, um pátio central. Relações de possíveis atrações ou encenações estão rabiscadas nas margens, algumas anotações riscadas, outras circuladas. Adivinhos. Acrobatas. Mágicos. Contorcionistas. Dançarinas. Malabaristas.

As irmãs Burgess e Sr. Barris debruçam-se sobre os esboços, lendo as anotações, enquanto Chandresh continua a exposição. Mme. Padva sorri, mas permanece sentada, bebericando seu conhaque. Sr. A. H... não se move, a expressão inescrutável e inalterada.

— Ainda está nos estágios conceituais, e é por isso que vocês estão aqui, para darmos início e desenvolvermos a ideia. É preciso estilo, ousadia. Inventividade em sua engenharia e estrutura. Deve ser capaz de fascinar, e manter, talvez, um toque de mistério. Acredito que vocês sejam o grupo adequado para esse empreendimento. Se alguém discordar, sinta-se livre para sair, mas peço respeitosamente que não comente sobre isso com ninguém. Prefiro que essas plantas não sejam reveladas, ao menos por ora. Afinal, ainda estão num estágio muito delicado. — Ele dá uma longa tragada no charuto, soltando a fumaça devagar antes de concluir. — Se fizermos as coisas da maneira apropriada, sem dúvida o projeto ganhará vida própria.

Faz-se silêncio quando ele termina. Só o estalido das chamas ecoa na sala por algum tempo, enquanto os convidados se entreolham, cada qual esperando que outro responda.

— Você me empresta um lápis? — pergunta Sr. Barris. Marco passa um lápis para ele, e Sr. Barris começa a desenhar, fazendo um esboço rudimentar do projeto de um circo e desenvolvendo um desenho complexo.

Os convidados de Chandresh ficam até pouco antes do amanhecer, e, afinal, ao se retirarem, existem três vezes mais diagramas e plantas e anotações do que havia quando chegaram, espalhados e pendurados pelo cômodo como mapas de um tesouro desconhecido.

Condolências

NOVA YORK, MARÇO DE 1885

O anúncio no jornal afirma que Hector Bowen, mais conhecido como Próspero, o Mágico, artista de palco e mágico de grande renome, morreu de ataque cardíaco em sua casa no dia 15 de março.

Discorre sobre seu trabalho e seu legado por alguns parágrafos. A idade está errada, um detalhe que poucos leitores percebem. Uma discreta observação no final do obituário menciona que ele deixou uma filha de 17 anos, Srta. Celia Bowen. Esse número está mais exato. Há também uma nota informando que, embora o funeral seja privado, condolências podem ser enviadas para o endereço de um dos teatros locais.

As cartas e os cartões são reunidos, guardados em sacos e levados por mensageiros para a residência particular dos Bowen, uma casa na cidade que já está transbordando arranjos florais sóbrios, de acordo com a circunstância. O aroma dos lírios é enjoativo, e, quando Celia não consegue mais suportar, transforma todas as flores em rosas.

Celia deixa as condolências empilhadas na mesa da sala de jantar até começarem a invadir o saguão. Não está disposta a lidar com aquilo, mas não consegue simplesmente jogar tudo fora sem ler.

Quando não consegue mais evitar o assunto, prepara um bule de chá e começa a fuçar a montanha de papéis. Abre as correspondências uma a uma e as separa em pilhas.

Os carimbos postais indicam que elas vêm de todas as partes do mundo. Algumas cartas são longas e sinceras, plenas de uma genuína tristeza. Outras são votos vazios e elogios indiferentes aos talentos de seu pai. Muitas comentam que os remetentes não sabiam que o grande Próspero tinha uma filha. Outras se lembram dela com carinho, descrevendo uma linda garotinha

que a própria Celia não se lembra de ter sido. Umhas poucas incluem assustadoras propostas de casamento.

Essas, especificamente, Celia transforma em bolas de papel, depois as mantém na palma da mão e se concentra até que entrem em combustão, restando apenas cinzas que ela espana até virarem nada.

— Eu já *son* casada — fala para o ar, girando o anel da mão direita que cobre uma antiga e visível cicatriz.

Entre as cartas e os cartões, há um envelope cinza.

Celia o retira da pilha e corta-o com um abridor de cartas de prata, pronta para jogá-lo fora como fez com os outros.

Contudo, esse envelope, diferentemente dos demais, é endereçado ao seu pai, embora a data do selo seja posterior à sua morte. O cartão em seu interior não é uma nota de pêsames nem uma condolência por sua perda.

Não contém nenhuma saudação. Nem assinatura. As palavras escritas à mão dizem:

Sua vez.

e nada mais.

Celia vira o cartão, mas não há nada no verso. Nem mesmo a marca de uma papelaria macula sua superfície. Não existe um endereço de remetente no envelope.

Ela lê diversas vezes as duas palavras escritas no papel cinza.

Não consegue definir se o sentimento que sobe pela sua espinha é de entusiasmo ou temor.

Abandonando as condolências restantes, Celia pega o cartão e sai da sala, subindo a escada de caracol que leva ao escritório no andar superior. Tira um molho de chaves do bolso e, com impaciência, abre três fechaduras para acessar o quarto que está banhado pela luz brilhante da tarde.

— O que isso quer dizer? — pergunta Celia, segurando o cartão à sua frente ao entrar.

A figura pairando perto da janela se vira. Onde bate a luz do sol, ela é quase invisível. Parte de um ombro parece estar faltando, o alto da cabeça desaparece numa nuvem de poeira flutuando ao sol. O restante é transparente, como um reflexo num vidro.

O que resta de Hector Bowen lê o bilhete e ri com gosto.

A tatuagem da contorcionista

LONDRES, SETEMBRO DE 1885

Mais ou menos uma vez por mês, sem regularidade exata, realizam-se Jantares da Meia-Noite, aos quais os convidados agora se referem mais comumente como Jantares do Circo. São uma amálgama de evento social e reunião de negócios.

Mme. Padva está sempre presente, assim como uma ou as duas irmãs Burgess. Sr. Barris comparece sempre que sua agenda permite, pois ele viaja bastante e não tem a disponibilidade de que gostaria.

Sr. A. H... raramente aparece. Tara comenta que tem a impressão de que as reuniões mais produtivas, depois do jantar, ocorrem quando ele está lá, embora apresente apenas sugestões ocasionais a respeito de como o circo deveria funcionar.

Nessa noite específica, somente as damas estão presentes.

— Onde está o nosso Sr. Barris esta noite? — indaga Mme. Padva quando as irmãs Burgess chegam sozinhas, uma vez que ele normalmente as acompanha.

— Está na Alemanha — respondem Lainie e Tara em uníssono, fazendo Chandresh rir ao lhes servir as taças de vinho.

— Está atrás de um relojoeiro — continua Lainie, sozinha. — Algo a respeito de uma encomenda para o circo. Ele estava bastante entusiasmado antes de partir.

O jantar dessa noite não tem nenhum divertimento programado, nem mesmo o costumeiro acompanhamento de piano, e mesmo assim o entretenimento entra pela porta sem ser anunciado.

Ela se apresenta como Tsukiko, mas não esclarece se esse é o seu nome ou sobrenome.

É pequena, mas não minúscula. Os cabelos longos e negros estão arrumados em elaboradas tranças no alto da cabeça. Veste um casaco escuro grande demais para ela, mas sua postura é tal que parece se alongar como uma capa e o efeito é bastante elegante.

Marco a deixa no vestíbulo, esperando pacientemente debaixo da imponente estátua de ouro de uma cabeça de elefante, enquanto tenta explicar a situação a Chandresh, o que, claro, resulta em todos os convidados se reunirem no corredor para averiguar a razão do alarde.

— O que a traz aqui a esta hora? — pergunta Chandresh, perplexo. Coisas mais estranhas que um entretenimento inesperado já aconteceram na *maison* Lefèvre, e a pianista às vezes realmente manda uma substituta quando não está disponível para um dos jantares.

— Eu sempre fui notívaga. — É a única resposta de Tsukiko, que não dá mais detalhes sobre qual reviravolta do destino a levou àquele lugar àquela hora, mas o sorriso que acompanha seu comportamento enigmático é caloroso e contagiante. As irmãs Burgess imploram para que Chandresh a deixe ficar.

— Nós estávamos nos sentando para jantar — diz Chandresh com um muxoxo —, mas seja bem-vinda, junte-se a nós na sala de jantar para... seja o que for que deseja fazer.

Tsukiko faz uma mesura, e o sorriso aparece outra vez.

Enquanto as demais convidadas entram na sala de jantar, Marco pega o casaco dela, hesitando ao ver o que ela veste por baixo.

Tsukiko está usando um minúsculo vestido transparente que seria considerado escandaloso em outro ambiente, mas aquele grupo não se escandaliza com tanta facilidade. Parece mais uma faixa de seda preta mantida no lugar por um corpete bem apertado do que de fato um vestido.

E não é exatamente o pequeno tamanho da roupa que chama a atenção de Marco, mas a tatuagem que ondula sinuosa por sua pele.

À primeira vista é difícil dizer o que seja; respingos de marcas pretas que circundam seus ombros e pescoço, terminando pouco acima do decote na frente e desaparecendo atrás dos laços do corpete preto. É impossível dizer até onde vai aquela tatuagem.

Com um exame mais detalhado, pode-se perceber que o turbilhão da tatuagem é mais do que simples marcas pretas. É uma cascata fluente de símbolos alquímicos e astrológicos, sinais antigos representando planetas e os elementos, registrados com tinta negra na pele clara. Mercúrio. Chumbo.

Antimônio. Uma lua crescente aparece na nuca; um hieróglifo egípcio perto da clavícula. Há ainda outros símbolos: runas nórdicas, caracteres chineses. São incontáveis tatuagens, mas todas se mesclam e fluem num gracioso desenho que a adorna como uma joia incomum e elegante.

Tsukiko percebe o olhar de Marco, e, apesar de ele não ter perguntado a respeito, ela diz em voz baixa:

— É parte do que fui, do que sou e do que serei.

Depois sorri e caminha até a sala de jantar, deixando Marco sozinho no vestíbulo no momento em que o relógio começa a soar as badaladas da meia-noite e o primeiro prato é servido.

Deixa os sapatos na entrada e vai descalça até uma área perto do piano, que recebe a melhor luz dos lustres e dos candelabros.

De início fica apenas parada, calma e relaxada, enquanto os comensais a observam com curiosidade, e logo fica claro qual é o seu estilo de entretenimento.

Tsukiko é contorcionista.

Tradicionalmente, contorcionistas se retorcem para a frente ou para trás, dependendo da flexibilidade de sua coluna, e seus truques e apresentações são baseados nessa diferença. Tsukiko, porém, é uma das raras contorcionistas cuja flexibilidade é a mesma nas duas direções.

Ela se movimenta com a graça de uma bailarina formada, um detalhe que Mme. Padva percebe e menciona num sussurro para as irmãs Burgess antes mesmo do início das proezas mais impressionantes.

— Você conseguia fazer isso quando era bailarina? — pergunta Tara, quando Tsukiko ergue a perna até uma altura impossível acima da cabeça.

— Minha agenda social seria muito mais concorrida se conseguisse — responde Mme. Padva balançando a cabeça.

Tsukiko é uma artista habilidosa. Acrescenta floreios perfeitos, mantém posições e faz pausas por intervalos de tempo ideais. Embora retorça o corpo em posições inimagináveis, que parecem dolorosas, seu sorriso angelical não se altera.

A modesta plateia esquece a conversa e o jantar enquanto observa a apresentação.

Mais tarde, Lainie comentará com a irmã que tinha certeza de estar ouvindo música, embora não houvesse som algum além do farfalhar da seda sobre a pele e do crepitar da lareira.

— É sobre isso que eu tenho falado — diz Chandresh, batendo com o punho na mesa, rompendo de repente aquele silêncio encantado. Tara quase derruba o garfo que estava segurando, distraída, alcançando-o antes que batesse em seu prato, já pela metade, de ostras escaldadas em vermute. Tsukiko, no entanto, continua seus graciosos movimentos, imperturbável; apenas seu sorriso intensifica-se de forma evidente.

— Isso? — pergunta Mme. Padva.

— Isso! — repete Chandresh, apontando para Tsukiko. — Tem exatamente o sabor que se espera do circo. Incomum porém lindo. Provocativo, mas ainda assim elegante. Foi o destino que a trouxe aqui esta noite. É dela que precisamos, não vou aceitar nada menos que isso. Marco, traga uma cadeira para essa dama.

Um lugar é posto à mesa para Tsukiko. Ela sorri confusa quando se senta com os outros.

A conversa que se segue envolve mais uma coerção criativa do que uma verdadeira proposta de trabalho, e o assunto se desvia várias vezes para balé, moda contemporânea e mitologia japonesa.

Após cinco pratos e uma boa quantidade de vinho, Tsukiko se deixa persuadir e aceita o convite para se apresentar em um circo ainda não existente.

— Muito bem — diz Chandresh. — Temos nossa contorcionista. Já é um começo.

— Não deveria haver mais do que um? — pergunta Lainie. — Uma tenda inteira, como a dos acrobatas?

— Tolice — replica Chandresh. — É melhor ter um único diamante perfeito do que um saco de pedras irregulares. Vamos fazer uma vitrine e colocá-la no pátio ou coisa assim.

A questão é considerada resolvida, ao menos naquele momento, e durante a sobremesa e os drinques após o jantar o único assunto discutido é o circo propriamente dito.

AO SE DESPEDIR, Tsukiko deixa um cartão com Marco com informações de onde pode ser encontrada, e logo se torna uma figura constante nos Jantares do Circo, em geral se apresentando antes ou depois da refeição, para não distrair os convidados durante o jantar.

Continua sendo a favorita de Chandresh, um critério de referência sempre lembrado do que o circo deveria ser.

Horologia

MUNIQUE, 1885

Herr Friedrich Thiessen recebe uma visita inesperada em sua oficina de Munique: um inglês chamado Sr. Ethan Barris. Sr. Barris confessa que há algum tempo tenta encontrá-lo, desde que se encantou com diversos relógios cucos assinados por ele, e que foi um lojista local que lhe forneceu o endereço.

Sr. Barris indaga se Herr Thiessen estaria interessado em construir uma peça especial sob encomenda. Herr Thiessen está trabalhando em pedidos de vários clientes e diz isso ao Sr. Barris, apontando para uma prateleira onde se podem ver diversos relógios cucos tradicionais, dos mais simples aos mais ornamentados.

— Não estou certo de que vai compreender, Herr Thiessen — diz Sr. Barris. — Essa vai ser uma peça de exposição, uma curiosidade. Seus relógios são impressionantes, mas o que estou pedindo é algo verdadeiramente fora de série, *das Meisterwerk*. E dinheiro não é problema.

Intrigado, Herr Thiessen pede detalhes e especificações. Consegue muito pouco. Algumas restrições ao tamanho (mas ainda assim é bastante grande) e a orientação de que deve ser pintado apenas de preto e branco e tons de cinza. Afora a construção e a ornamentação serão por conta dele. Licença poética, diz Sr. Barris. “Onírico” é a única palavra descritiva que ele usa em especial.

Herr Thiessen concorda, e, quando os dois trocam um aperto de mão, Sr. Barris diz que entrará em contato, e poucos dias depois o relojoeiro recebe um envelope com uma quantia excessiva de dinheiro, a data para conclusão do trabalho, dentro de alguns meses, e um endereço em Londres para onde o relógio completo deverá ser enviado.

A maior parte desses meses foi usada por Herr Thiessen para concluir o relógio. Ele quase não trabalha em outros projetos, embora a quantia de

dinheiro torne essa situação confortável. Semanas são passadas no projeto e na mecânica. Ele contrata um assistente para finalizar a parte básica da marcenaria, mas cuida de todos os detalhes pessoalmente. Herr Thiessen adora detalhes, e adora um desafio. Equilibra o projeto todo naquela palavra específica usada pelo Sr. Barris. *Onírico*.

O relógio acabado é deslumbrante. À primeira vista é um simples relógio, preto, bem grande, com o mostrador branco e um pêndulo de prata. Muito bem-feito, claro, com intrincados entalhes nas laterais e uma fachada pintada à perfeição, mas apenas um relógio.

Porém, só até se dar corda. Antes de começar a tiquetaquear, o pêndulo oscila de forma constante e estável. Depois, se transforma em outra coisa.

As mudanças são lentas. Primeiro, a cor do mostrador muda, passando de branco a cinza, depois nuvens flutuam através dele e, quando chegam ao lado oposto, desaparecem.

Enquanto isso, partes do corpo do relógio se expandem e se contraem, como peças de um quebra-cabeça. Como se o relógio estivesse se desfazendo, lenta e graciosamente.

Todo esse processo leva horas.

O mostrador assume um cinza mais escuro, depois se torna preto, e há estrelas cintilantes onde antes estavam os números. O corpo do relógio, que metodicamente se virou do avesso e se expandiu, agora exhibe matizes sutis de branco e cinza. E não são apenas peças, são figuras e objetos, flores e planetas perfeitamente entalhados e minúsculos livros com verdadeiras páginas que são folheadas. Um dragão prateado enrodilha-se em torno de parte do mecanismo agora visível, uma pequena princesa anda aflita numa torre entalhada, esperando seu príncipe ausente. Bules servem chá em xícaras e minúsculas espirais de fumaça emanam enquanto os segundos tiquetaqueiam. Presentes embrulhados se abrem. Pequenos gatos perseguem cãezinhos. Joga-se uma partida completa de xadrez.

No centro, onde, num relógio mais tradicional, estaria o cuco, fica o malabarista. Vestido como arlequim com uma máscara cinza, ele equilibra no ar bolas brilhantes de prata que correspondem a cada hora. Ao badalo de uma nova hora, outra bola se junta às demais, até que, à meia-noite, ele joga as doze bolas num padrão complexo.

Depois da meia-noite o relógio começa outra vez a se dobrar sobre si mesmo. O mostrador se ilumina e as nuvens retornam. O número de bolas do

malabarista diminuiu até o próprio malabarista desaparecer.

Ao meio-dia, é um relógio novamente, não mais um sonho.

Poucas semanas após a encomenda ter sido enviada, Herr Thiessen recebe uma carta do Sr. Barris oferecendo seus sinceros agradecimentos e elogiando a inventividade da peça. “É uma perfeição”, escreve. A carta é acompanhada por mais uma exorbitante quantia de dinheiro, suficiente para Herr Thiessen se aposentar com conforto, se quiser. Ele não quer, e continua construindo relógios em sua oficina de Munique.

E não pensa mais naquilo, sentindo apenas uma curiosidade fugaz sobre como o relógio deve estar funcionando, onde poderia estar (embora suponha, incorretamente, que esteja em Londres), em especial quando está trabalhando em algum outro maquinário que o faça se lembrar do relógio *Wunschtraum*, a maneira como se referia a ele durante as partes mais difíceis de sua construção, quando de fato duvidava se era um sonho que poderia ser realizado.

Depois daquela única carta, ele não tem mais notícias do Sr. Barris.

O teste

LONDRES, ABRIL DE 1886

Há uma reunião sem precedentes de ilusionistas no saguão do teatro. Um bando de ternos imaculados e lenços de seda estrategicamente posicionados. Alguns têm baús e capas, outros levam gaiolas ou bengalas com castões de prata. Eles não falam uns com os outros enquanto esperam ser chamados, um de cada vez, não por um nome (de batismo ou de palco), mas por um número impresso num pequeno pedaço de papel que receberam ao chegar. Em vez de bater papo ou fofocar ou partilhar truques do ofício, eles ocupam suas cadeiras e lançam olhares desconfiados para a garota.

Alguns a tomaram por uma assistente quando entraram no recinto, mas ela está esperando na cadeira com seu próprio número no pedaço de papel (23).

Não tem nenhum baú, não usa capa, não carrega gaiolas nem bengala. Usa um vestido verde-escuro e uma jaqueta preta de mangas bufantes por cima. Uma parte de seus cabelos castanhos está presa no alto da cabeça sob um minúsculo chapéu comum adornado com uma pena. Sua expressão mantém um ar juvenil no comprimento dos cílios e no leve trejeito dos lábios, apesar de não ter mais idade para ser chamada de garota. Mas é difícil calcular quantos anos ela tem, e ninguém ousa perguntar. Mesmo assim, os outros a veem como uma menina, e é como se referem a ela ao discutirem a questão depois. Ela não toma conhecimento de nenhum dos presentes, apesar dos olhares pouco dissimulados e de alguns a encararem abertamente.

Um a um, os números são chamados por um homem com uma lista e um caderno, que os acompanha por uma porta dourada na lateral do saguão. Um a um, os que foram chamados voltam ao saguão e deixam o teatro. Alguns ficam poucos minutos, enquanto outros permanecem por um bom tempo. Os que têm os números mais altos se agitam impacientes em seus assentos enquanto

esperam o homem com o caderno reaparecer e educadamente chamar o número de seus respectivos pedaços de papel.

O último ilusionista a entrar pela porta dourada (um sujeito robusto de cartola com uma capa chamativa) volta ao saguão em pouco tempo, visivelmente agitado, saindo pela porta dos fundos e ganhando a rua, deixando as portas do teatro baterem às suas costas. O som ainda está ecoando pelo saguão quando o homem com o caderno reaparece, faz um aceno indiferente e pigarreia.

— Número 23 — diz Marco, verificando em sua lista.

Todos os olhos no saguão voltam-se para a garota, que se levanta da cadeira e dá um passo à frente.

Marco a observa se aproximar, de início confuso, mas a confusão logo é substituída por algo bem diferente.

Já havia percebido, do outro lado do salão, que ela era adorável. Mas quando ela se aproxima e o olha nos olhos, suas adoráveis características — o formato do rosto, o contraste entre o cabelo e a pele — transformam-se em algo mais.

Ela é radiante. Por um momento, enquanto os dois se olham, Marco não consegue se lembrar do que está fazendo, ou por que ela está lhe entregando um pedaço de papel com o número 23 escrito com sua própria caligrafia.

— Por aqui, por favor — consegue dizer ao pegar o papel e abrir a porta para ela. Ela faz um pequeno aceno de cabeça em retribuição, e o saguão se enche de sussurros antes de a porta se fechar totalmente atrás deles.

*

O TEATRO É GRANDE E BEM DECORADO, com fileiras e mais fileiras de poltronas macias de veludo vermelho. Orquestra, mezanino e balcão espalham-se a partir do palco vazio numa cascata carmesim. O lugar está vazio, com exceção de duas pessoas sentadas mais ou menos a dez fileiras do palco. Chandresh Christophe Lefèvre está com os pés apoiados no assento da frente. Mme. Ana Padva está à sua direita, tirando um relógio da bolsa enquanto disfarça um bocejo.

Marco surge da ala do palco, com a garota de vestido verde o seguindo de perto. Faz um gesto para que se aproxime do centro do palco, incapaz de tirar os olhos dela enquanto a anuncia ao teatro quase vazio.

— Número 23 — diz, antes de descer um pequeno lance de escada perto do proscênio e pairar em frente à primeira fileira, caneta sobre o caderno aberto.

Mme. Padva ergue o olhar e sorri, guardando o relógio na bolsa.

— E o que é isso? — questiona Chandresh, sem dirigir a pergunta a ninguém em particular. A garota não responde.

— Essa é o número 23 — repete Marco, verificando suas anotações para se certificar de que o número está correto.

— Estamos fazendo um teste para ilusionistas, minha garota — diz Chandresh, em tom bem alto, a voz ecoando pelo espaço cavernoso. — Mágicos, prestidigitadores *et cetera*. Ainda não estamos precisando de assistentes bonitas.

— Eu sou uma ilusionista, senhor — explica a garota. A voz dela é calma e grave. — Estou aqui para fazer o teste.

— Entendi — replica Chandresh, franzindo a testa ao examinar com vagar a garota, da cabeça aos pés. Ela permanece perfeitamente imóvel no centro do palco, paciente, como se já esperasse essa reação.

— Há algum problema nisso? — pergunta Mme. Padva.

— Não sei bem se é apropriado — responde Chandresh, observando a jovem, pensativo.

— Depois do discurso categórico sobre a contorcionista?

Chandresh faz uma pausa, ainda observando a garota que, embora tenha algo de elegante, não parece particularmente incomum.

— Essa é uma questão diferente. — É tudo o que consegue dizer diante daquela argumentação.

— Ora, Chandresh — diz Mme. Padva. — Nós devemos ao menos deixar que ela mostre suas habilidades antes de argumentar sobre quão adequado é um ilusionista do sexo feminino.

— Mas ela tem muito mais mangas para esconder coisas — protesta ele.

Como resposta, a garota desabotoa a jaqueta de mangas bufantes e a joga bruscamente no palco aos seus pés. O vestido verde não tem manga nem alças, deixando seus ombros e braços completamente expostos, a não ser por uma longa corrente de prata com o que parece ser um medalhão do mesmo material

ao redor do pescoço. Ela também tira as luvas e as joga sobre a jaqueta amarrotada no chão. Mme. Padva lança um olhar significativo a Chandresh, que o recebe com um suspiro.

— Muito bem — diz Chandresh. — Vamos em frente. — Faz um gesto sutil para Marco.

— Sim, senhor — diz Marco, virando-se para se dirigir à garota. — Temos algumas perguntas preliminares antes da demonstração. Seu nome, senhorita?

— Celia Bowen.

Marco anota em seu caderno.

— E o seu nome de palco?

— Eu não tenho um nome de palco — responde Celia. Marco também registra isso.

— Onde você já se apresentou profissionalmente?

— Nunca me apresentei profissionalmente.

Nesse momento, Chandresh faz um movimento para interromper o teste, mas Mme. Padva o detém.

— Com quem você estudou? — pergunta Marco.

— Com o meu pai, Hector Bowen — responde Celia. Faz uma pausa antes de acrescentar: — Embora ele seja mais conhecido como Próspero, o Mágico.

Marco deixa cair a caneta.

— Próspero, o Mágico? — Chandresh tira os pés da cadeira da frente e se inclina, olhando para Celia como se ela fosse uma pessoa totalmente diferente. — Seu pai é Próspero, o Mágico?

— Era — esclarece Celia. — Ele... faleceu no ano passado.

— Sinto muito por sua perda, querida — intervém Mme. Padva. — Mas, por favor, quem é Próspero, o Mágico?

— É o maior ilusionista da sua geração — responde Chandresh. — Eu costumava contratá-lo sempre que conseguia, anos atrás. Absolutamente brilhante, hipnotizava completamente qualquer plateia. Nunca vi ninguém como ele, nunca.

— Ele ficaria contente ao ouvir isso, senhor — observa Celia, com uma breve passada de olhos nas cortinas escuras ao lado do palco.

— Eu já disse isso a ele, embora faça muito tempo desde a última vez que nos encontramos. Há alguns anos me embebedei com ele num bar e ele começou a falar em expandir as fronteiras do que o teatro pode ser, em inventar alguma coisa mais extraordinária. Teria adorado este nosso

empreendimento. Que pena. — Chandresh suspira, balançando a cabeça. — Bem, então vamos começar — diz, recostando-se na cadeira e observando Celia com considerável interesse.

Marco, caneta na mão outra vez, volta à sua lista de perguntas.

— V-você é capaz de se apresentar fora de um palco?

— Sim — responde Celia.

— Suas ilusões podem ser vistas de todos os ângulos?

Celia sorri.

— Estão procurando alguém que possa se apresentar no meio de uma multidão? — pergunta a Chandresh.

Ele assente com um aceno de cabeça.

— Entendi — continua.

Depois, com tanta rapidez que parece nem se mover, ela pega a jaqueta no palco e a atira sobre a cadeira, na qual, em vez de cair, gira, dobrando-se sobre si mesma. Num piscar de olhos, as dobras de seda viram penas negras e brilhantes, grandes asas batendo, e é impossível situar o momento em que se transformam em um corvo e deixam de ser um tecido. O corvo sobrevoa as cadeiras de veludo vermelho em direção ao balcão do teatro, onde voa em círculos curiosos.

— Impressionante — aprecia Mme. Padva.

— A não ser que estivesse escondido naquelas mangas gigantescas — resmungava Chandresh. No palco, Celia chega mais perto de Marco.

— Posso pegar por um momento? — pergunta, apontando para o caderno. Marco hesita antes de entregá-lo. — Obrigada — diz ela, voltando ao centro do palco.

Mal passa os olhos pela relação de perguntas escritas numa caligrafia precisa antes de lançar o caderno ao ar, onde ele gira e o borrão de papéis agitados se transforma num pombo branco batendo as asas e sobrevoando o teatro num grande círculo. Pousado em seu poleiro no balcão, o corvo grasna em sua direção.

— Ha! — exclama Chandresh, tanto pelo pombo quanto pela expressão de Marco.

O pombo voa de volta para Celia, pousando delicadamente em sua mão estendida. Ela acaricia suas asas antes de lançá-lo de novo ao ar. A ave eleva-se alguns centímetros acima de sua cabeça antes que as asas se transformem

novamente em papel e caíam. Celia pega o caderno e o devolve a Marco, que está um pouco mais pálido.

— Obrigada — diz ela com um sorriso. Marco aquiesce distraidamente, sem encará-la, retirando-se para um canto.

— Maravilhoso, simplesmente maravilhoso! — elogia Chandresh. — Isso poderia funcionar. Isso realmente poderia funcionar. — Levanta-se da cadeira, vai até o corredor entre os assentos e fica caminhando pensativo em frente ao fosso da orquestra, perto dos holofotes.

— Existe a questão de como ela vai se vestir — comenta Mme. Padva de sua poltrona. — Eu só tinha pensado em trajes formais. Mas um vestido semelhante a esse também pode cair bem, suponho.

— De que espécie de vestido você precisa? — pergunta Celia.

— Nós temos um esquema de cores a seguir, querida — responde Mme. Padva. — Ou melhor, de ausência de cores. Nada que não seja preto e branco. Embora em você um vestido todo preto possa parecer um tanto fúnebre.

— Entendi — concorda Celia.

Mme. Padva levanta-se e vai até Chandresh, que está andando de um lado para outro. Cochicha algo em seu ouvido e ele se vira para ela, tirando os olhos de Celia por um momento.

Ninguém está olhando para a garota a não ser Marco, e ela permanece imóvel no palco, esperando pacientemente. Então, de modo bem lento, seu vestido começa a se transformar.

Começando pela gola, escorrendo como uma tinta, a seda verde vai assumindo um tom de preto sombrio.

Marco deixa escapar uma interjeição de surpresa. Atraídos pelo som, Chandresh e Mme. Padva viram-se a tempo de testemunhar o rastejante preto se esmaecer num branco como a neve na barra da saia, até que quaisquer evidências de o vestido algum dia ter sido verde desaparecem.

— Bem, isso torna o meu trabalho mais fácil — comenta Mme. Padva, sem conseguir esconder o ar deliciado no olhar. — Embora ainda ache que seu cabelo seja um pouco claro.

Celia balança a cabeça e seus cachos castanhos se aprofundam numa tonalidade quase negra, tão pretos e brilhantes como as asas de seu corvo.

— Maravilhoso — murmura Chandresh, praticamente para si mesmo.

Celia apenas sorri.

Chandresh salta para o palco, subindo o pequeno lance de escada com apenas dois passos. Examina o vestido de Celia de todos os ângulos.

— Posso? — pergunta, antes de tocar o tecido do vestido com delicadeza. Celia afirma com um aceno de cabeça. A seda é inegavelmente preta e branca, com a transição entre as cores em um tom pálido de cinza, as fibras diferenciadas visíveis na trama.

— Se não se incomoda com minha intromissão, o que aconteceu com o seu pai? — pergunta Chandresh, ainda atento ao vestido.

— Não me incomodo — responde Celia. — Um de seus truques não saiu bem como planejado.

— Que coisa lamentável — diz Chandresh, recuando. — Srta. Bowen, será que estaria interessada em uma proposta de trabalho bem diferente?

Estala os dedos e Marco se aproxima com seu caderno, para hesitante a alguns passos de Celia, o olhar indo do vestido para o cabelo dela, demorando-se um bom tempo entre um e o outro.

Antes que ela consiga responder, um pio ecoa pelo teatro vindo do corvo ainda empoleirado no balcão, observando a cena diante dele com curiosidade.

— Só um momento — responde Celia. Ergue a mão num gesto delicado em direção ao corvo. Em resposta, o pássaro dá outro pio e abre suas grandes asas, alça voo e vai em direção ao palco, ganhando velocidade ao se aproximar. Mergulha rumo a Celia, sem reduzir o ímpeto, aproximando-se do palco a toda velocidade. Chandresh dá um salto para trás e quase cai sobre Marco quando o corvo se desmancha num turbilhão de penas em cima de Celia.

E desaparece. Não resta uma única pena, e Celia está de novo vestindo a jaqueta preta de mangas bufantes, já abotoada sobre o vestido preto e branco.

Em frente ao fosso da orquestra, Mme. Padva aplaude.

Celia faz uma reverência e aproveita a oportunidade para recolher as luvas do chão.

— Ela é perfeita — comenta Chandresh, tirando um charuto do bolso. — Absolutamente perfeita.

— Sim, senhor — concorda Marco atrás dele, o caderno tremendo um pouco em sua mão.

OS ILUSIONISTAS QUE ESPERAM NO SAGUÃO resmungam ao ouvirem palavras de gratidão por terem vindo e serem delicadamente dispensados.

Estratagemas

LONDRES, ABRIL DE 1886

— **E**la é boa demais para ficar no meio de todo mundo — diz Chandresh. — Precisa de uma tenda só para ela. Vamos dispor as cadeiras num círculo ou algo assim, manter a plateia bem no meio da ação.

— Sim, senhor — concorda Marco, folheando seu caderno, percorrendo as páginas que poucos minutos atrás eram asas de um pombo.

— O que está acontecendo com você? — pergunta Chandresh. — Está branco como uma folha de papel. — Os dois estão sozinhos no palco e a voz dele ecoa pelo teatro vazio, uma vez que Mme. Padva levou Srta. Bowen para fora, bombardeando-a com perguntas sobre vestidos e penteados.

— Está tudo bem, senhor — responde Marco.

— Você parece péssimo — comenta Chandresh, baforando o charuto. — Vá para casa.

Marco olha para ele com uma expressão de surpresa.

— Senhor, eu preciso cuidar de toda a papelada — protesta.

— Faça isso amanhã, há muito tempo para essas coisas. Tante Padva e eu vamos levar Srta. Bowen lá em casa para tomarmos um chá. Podemos cuidar dos detalhes e da papelada depois. Descanse um pouco, tome uma bebida ou faça o que costuma fazer. — Chandresh faz um gesto de dispensa distraído, a fumaça do charuto volteando em ondas no ar.

— Se insiste, senhor.

— Sim, insisto! E livre-se desses outros sujeitos no saguão. Não precisamos mais ver um bando de gente de terno e capa quando já encontramos alguém muito mais interessante. É bem atraente também, devo dizer, para aqueles cujo gosto vai nessa direção.

— É verdade, senhor — concorda Marco, com um rubor revelando-se no rosto pálido. — Até amanhã, então. — Inclina a cabeça quase numa reverência antes de girar nos calcanhares com elegância e partir em direção ao saguão.

— Marco, nunca pensei que você fosse do tipo que se assusta com facilidade — observa Chandresh às suas costas, mas ele não contesta.

Marco dispensa educadamente os ilusionistas no saguão, explica que a vaga foi preenchida e agradece por terem vindo. Nenhum deles percebe que suas mãos estão trêmulas, ou que ele está apertando tanto a caneta que as juntas estão esbranquiçadas. Tampouco notam quando ele quebra a caneta e a tinta negra se espalha pelo seu pulso.

Quando os ilusionistas vão embora, Marco junta suas coisas e limpa a mão suja de tinta no casaco escuro. Põe o chapéu-coco antes de sair do teatro.

A cada passo, ele fica visivelmente mais perturbado. As pessoas afastam-se do seu trajeto na calçada movimentada.

Quando chega ao apartamento, Marco joga a sacola no chão, encostando-se na porta com um suspiro profundo.

— O que aconteceu? — pergunta Isobel, sentada numa cadeira ao lado da lareira apagada. Esconde no bolso o chumaço de cabelo que esteve trançando e franze a testa, pois sabe que vai ter que trançar tudo de novo por ter perdido a concentração. São as partes que ainda acha mais difíceis, o foco e a concentração.

Por ora, ela desiste e observa Marco atravessar a sala até a estante que recobre a parede.

— Já sei quem é a minha oponente — diz Marco, derrubando pilhas de livros das prateleiras e espalhando-os ao acaso pelas mesas, deixando vários amontoados no chão. Os que continuam nas prateleiras desabam, alguns volumes caem, mas Marco não parece notar.

— É aquela japonesa que deixou você tão curioso? — pergunta Isobel, enquanto observa o impecável sistema de arquivamento de Marco se desvirtuar num caos. O apartamento é sempre mantido na mais perfeita ordem, e ela se inquieta com aquela súbita reviravolta.

— Não — responde Marco folheando algumas páginas. — É a filha de Próspero.

Isobel pega um vaso de violetas que foi derrubado junto com os livros e o coloca no lugar na estante.

— Próspero? — pergunta. — O mágico? Aquele que você viu em Paris?

Marco confirma com um gesto de cabeça.

— Eu não sabia que ele tinha uma filha — comenta.

— Eu também desconhecia esse fato — diz Marco, descartando um dos livros e pegando outro. — Chandresh acabou de contratá-la para ser a ilusionista do circo.

— Sério? — pergunta Isobel. Marco não responde. — Então ela vai fazer o que você diz que ele fazia, mágica de verdade disfarçada de ilusões de palco? Ela fez isso no teste?

— Fez — responde Marco, sem tirar os olhos dos livros.

— Ela deve ser muito boa.

— Boa demais — admite Marco, tirando outra prateleira de livros do lugar e transportando-a para a mesa, e a violeta torna-se mais uma vez uma vítima inocente. — Isso pode ser extremamente problemático — diz quase para si mesmo. Uma pilha de cadernos escorrega da mesa e cai no chão, as páginas agitadas esvoaçando e fazendo um ruído como o bater de asas de pássaros.

Isobel resgata a violeta outra vez, colocando-a do outro lado da sala.

— Ela sabe quem você é? — pergunta.

— Acredito que não.

— Isso quer dizer que o circo é parte do desafio? — indaga Isobel.

Marco para de folhear os livros e olha para ela.

— Deve ser — responde, antes de voltar ao que estava fazendo. — Provavelmente foi essa a razão de eu ter sido encaminhado a Chandresh: para já estar envolvido. O circo é o local.

— E isso é bom? — pergunta Isobel, mas Marco não responde, perdido no fluxo de papel e tinta outra vez.

Com uma das mãos, ele apalpa o tecido da outra manga. A mancha de tinta preta no punho branco.

— Ela mudou o tecido — murmura para si mesmo. — Como ela conseguiu mudar o tecido?

Isobel transfere uma pilha de livros jogada no chão para a escrivaninha em que está o seu baralho de Marselha. Olha para Marco, agora profundamente absorto em um volume específico. Em silêncio, distribui as cartas numa longa fileira na mesa.

Mantendo os olhos em Marco, ela tira uma única carta. Deposita-a na mesa e olha para saber o que ela tem a dizer.

Um homem entre duas mulheres, um querubim com um arco e flecha pairando sobre suas cabeças. *L'Amoureux*. Os Amantes.

— Ela é bonita? — pergunta Isobel.

Marco não responde.

Isobel vira outra carta da fileira e a põe sobre a primeira. *La Maison Dieu*.

Franze a testa diante da imagem da torre desabando e do corpo que cai. Devolve as duas cartas para o baralho, organizando-as de novo numa pilha.

— Ela é mais forte que você? — pergunta.

Mais uma vez Marco não responde e continua folheando um caderno.

Durante anos ele se sentiu razoavelmente bem preparado. Praticar com Isobel se mostrou algo vantajoso, possibilitando que aperfeiçoasse aspectos de suas ilusões ao ponto em que, mesmo com toda a intimidade entre os dois, nem sempre ela conseguia discernir o que é real.

Porém, ao conhecer sua oponente, seus sentimentos em relação ao desafio de repente mudaram, substituídos por nervosismo e confusão.

Ele só esperava saber o que fazer quando chegasse o momento.

E nutria certa esperança de que esse momento nunca chegasse, que a promessa do jogo fosse algo para motivar seus estudos e nada mais.

— Então a competição vai começar quando o circo abrir? — pergunta Isobel.

Ele quase tinha esquecido que ela estava lá.

— Suponho que isso seja o lógico — responde Marco. — Só não entendo como vamos competir se o circo vai viajar e eu preciso permanecer em Londres. Vou ter que fazer tudo a distância.

— Eu poderia ir — diz Isobel.

— O quê? — pergunta Marco, olhando para ela outra vez.

— Você disse que o circo ainda está precisando de uma cartomante, não foi? Eu poderia ler cartas. Nunca li para ninguém, a não ser para mim mesma, mas estou cada vez melhor. Poderia escrever a você quando o circo estivesse longe. E teria um lugar para ir, já que você não poderá ficar comigo enquanto estiver jogando.

— Não sei se é uma boa ideia — comenta Marco, embora não conseguisse explicar por quê.

Ele nunca considerou a possibilidade de envolver Isobel em sua vida fora dos limites daquele apartamento. Ele a tem mantido longe de Chandresh e do

circo, tanto para ter algo só seu como por parecer o certo, ainda mais depois do vago conselho de seu instrutor a respeito dela.

— Por favor — insiste Isobel. — É uma forma de eu ajudar você.

Marco hesita e olha para os seus livros. Ele continua preocupado com a imagem da garota do teatro.

— Eu posso ajudar você a estar mais perto do circo — continua Isobel —, e ainda terei algo para fazer enquanto durar o seu desafio. Quando tudo acabar, posso voltar a Londres.

— Eu nem sei como o desafio vai funcionar — diz Marco.

— Mas você tem certeza de que eu não vou poder ficar aqui enquanto isso? — pergunta ela.

Marco suspira. Eles já discutiram isso antes, não em detalhes, mas o suficiente para estabelecer que quando o jogo começasse ela teria que ir embora.

— Eu já estou ocupado trabalhando para Chandresh, e vou precisar me concentrar na competição sem... distrações — ele explica, usando a palavra antes escolhida por seu instrutor, uma ordem disfarçada de sugestão. Não sabe ao certo qual opção o aborrece mais: envolver Isobel no jogo ou renunciar à única relação em sua vida que não lhe foi imposta.

— Dessa forma eu não seria uma distração, estaria ajudando — insiste Isobel. — E, se você não pode ser ajudado, ora, eu só estaria escrevendo umas cartas. O que há de errado nisso? Para mim parece a solução perfeita.

— Eu poderia arranjar um encontro entre você e Chandresh — sugere Marco.

— Você poderia... convencê-lo a me contratar, não poderia? — pergunta Isobel. — Caso ele precise ser convencido.

Marco confirma com um gesto de cabeça, ainda incerto quanto à ideia, mas quase desesperado por algum tipo de estratégia. Uma tática a ser usada para lidar com aquela oponente recém-revelada.

Repassa o nome dela na cabeça, muitas vezes.

— Qual é o nome da filha de Próspero? — pergunta Isobel, como se soubesse no que ele está pensando.

— Bowen — responde Marco. — O nome dela é Celia Bowen.

— É um nome bonito — comenta Isobel. — Há alguma coisa errada com a sua mão?

Marco olha para baixo, surpreende-se ao perceber que segura a mão direita com a esquerda, inconscientemente esfregando o espaço vazio onde no passado um anel foi queimado em sua pele.

— Não — retruca, apanhando um caderno para ocupar as mãos. — Não é nada.

Isobel parece satisfeita com a resposta, ergue uma pilha de livros do chão e a organiza na escrivaninha.

Marco sente-se aliviado por ela não ter a capacidade de extrair a lembrança do anel de sua mente.



FOGO E LUZ



Você entra em um pátio aberto iluminado, cercado por tendas listradas.

Caminhos sinuosos ao longo do perímetro levam para fora do pátio, convertendo-se em mistérios invisíveis pontilhados de luzes cintilantes.

Os vendedores transitam pela multidão ao seu redor, vendendo lanches e curiosidades, criações com sabor de baunilha e mel, chocolate e canela.

Uma contorcionista num traje preto com brilhos se retorce sobre uma plataforma ali perto, dobrando o corpo em posturas impossíveis.

Um malabarista lança bem alto globos pretos, brancos e prateados, que parecem pairar antes de cair nas mãos dele, e os espectadores atentos aplaudem.

Tudo banhado por uma luz incandescente.

A luz emana de uma grande fogueira no centro do pátio.

Quando você se aproxima, pode ver que a fogueira está num grande caldeirão de ferro preto, equilibrado em vários pés em forma de garras. Onde a borda do caldeirão deveria estar, há longas faixas de ferro retorcido, como se tivesse sido derretido e esticado como caramelo. O ferro retorcido continua subindo até fazer uma curva sobre si mesmo, tecendo-se com outras curvas, dando um efeito de gaiola. As chamas são visíveis nos intervalos entre os retorcidos e um pouco acima. São obscurecidas apenas no fundo, de forma que é impossível saber o que estão queimando: madeira, carvão ou algo totalmente diferente.

As chamas não são amarelas ou cor de laranja, são brancas como a neve quando dança.

Coisas escondidas

CONCORD, MASSACHUSETTS, OUTUBRO DE 1902

As discussões sobre o futuro de Bailey começam cedo e acontecem com frequência, embora a essa altura resumam-se a frases repetitivas e a silêncios tensos.

Bailey culpa Caroline por ter começado aquilo, ainda que tenha sido sua avó materna a levantar o assunto. Ele gosta muito mais da avó do que da irmã, por isso prefere culpar só Caroline. Se ela não tivesse cedido, ele não teria que lutar tanto.

Um dos pedidos de sua avó, disfarçado de sugestão, que parecia bastante inócuo, era o de que Caroline estudasse no Radcliffe College.

Caroline pareceu intrigada com a ideia durante o chá, na tranquilidade acolchoada de paredes empapeladas de flores do escritório da avó na casa em Cambridge.

Mas qualquer decisão que ela pudesse ter tomado sobre o assunto desapareceu assim que eles voltaram a Concord e ouviram a determinação do pai.

— De jeito nenhum.

Caroline aceitou com um leve muxoxo, decidindo que talvez aquilo tudo fosse complicado demais e que, de qualquer maneira, não gostava muito da cidade. Além do mais, Millie estava noiva e havia um casamento para planejar, um assunto que Caroline achava muito mais interessante que sua própria educação.

E assim foi.

Depois chegou a resposta da avó em Cambridge, decretando que aquilo seria aceitável, mas que Bailey iria estudar em Harvard, claro.

Não era um pedido disfarçado de outra coisa. Era uma exigência em estado puro. Protestos com base nos custos implicados foram esmagados antes que pudessem ser sugeridos, pela clara afirmação de que a educação de Bailey estaria garantida.

As discussões começaram antes mesmo de perguntarem a opinião de Bailey.

— Eu gostaria de ir — pronunciou-se, quando houve uma pausa longa o suficiente para encaixar suas palavras.

— Você vai cuidar da fazenda — foi a resposta do pai.

A coisa mais sensata a fazer seria deixar o assunto esfriar e levantar a questão em outra oportunidade, até porque Bailey nem havia completado 16 anos e ainda demoraria até que tivesse de optar entre uma coisa ou outra.

Em vez disso, e não sabe exatamente por quê, ele mantém o assunto vivo, trazendo-o à tona sempre que possível. Sugere que poderia ir e voltar sempre, que quatro anos não são um tempo tão longo assim.

Tais declarações a princípio são respondidas com sermões, mas estes logo se transformam em ordens enunciadas aos gritos e portas fechadas com estrondo. A mãe fica fora das discussões sempre que pode, mas quando pressionada ela toma o partido do marido, mas ao mesmo tempo afirma em voz baixa que na verdade a decisão deveria ser de Bailey.

Bailey nem sabe ao certo se quer estudar em Harvard. Assim como Caroline, ele também não gosta da cidade, mas parece ser a opção que contém mais mistério, mais possibilidades.

Enquanto a fazenda oferece apenas ovelhas e maçãs e previsibilidades.

Bailey consegue ver claramente como vai ser. Todos os dias. Todas as estações. Quando as maçãs vão cair, quando as ovelhas vão precisar de tosa e quando chegará o degelo.

Sempre a mesma coisa, ano após ano.

Menciona algo sobre essa infinita repetição com a mãe, esperando que possa se transformar numa conversa mais equilibrada sobre ele poder ou não sair de casa, mas ela só diz que acha a natureza cíclica da fazenda reconfortante e pergunta se ele já terminou suas tarefas.

Os convites para os chás em Cambridge agora só chegam em nome de Bailey, deixando sua irmã de fora por completo. Caroline resmungava alguma coisa sobre não ter mesmo tempo para essas coisas e Bailey comparece sozinho, agradecido por fazer a viagem sem a constante falação de Caroline.

— Eu particularmente não me importo se você vai ou não para Harvard — diz a avó uma tarde, embora Bailey não tenha mencionado o assunto. Em geral ele tenta evitar o tema, pensando que sabe muito bem qual é a opinião dela.

Ele coloca mais uma colher de açúcar no chá e espera que a avó elabore seu pensamento.

— Acredito que lhe traria mais oportunidades — prossegue ela. — E isso é algo que eu gostaria que você tivesse, mesmo que seus pais não se entusiassem muito com a ideia. Sabe por que dei permissão para que minha filha se casasse com o seu pai?

— Não — responde Bailey.

É um assunto que nunca foi discutido na sua presença, embora uma vez Caroline tenha dito a ele em segredo que ouvira falar de um escândalo. Mesmo depois de vinte anos, o pai nunca pusera os pés na casa da avó, nem ela jamais fora a Concord.

— Porque ela teria fugido com ele de qualquer forma — continua a avó. — Era o que ela queria. Não teria sido a minha escolha para ela, mas uma criança não pode ter as escolhas ditadas por outros. Eu já ouvi você lendo em voz alta para os meus gatos. Quando tinha 5 anos, você transformou um tanque num navio pirata e lançou um ataque contra as hortênsias no meu jardim. Não tente me convencer de que escolheria a fazenda.

— Eu tenho responsabilidades — diz Bailey, repetindo uma palavra que começou a odiar.

Sua avó emite um som que pode ser uma risada ou uma tosse, ou uma combinação das duas coisas.

— Vá atrás dos seus sonhos, Bailey — recomenda. — Estejam eles em Harvard ou em qualquer outro lugar. Não importa o que seu pai disser, ou quão alto disser. Ele se esquece de que também já foi o sonho de alguém.

Bailey balança a cabeça, e a avó recosta-se na cadeira e se queixa dos vizinhos por algum tempo, sem mencionar mais o pai ou os sonhos dele. Mas antes que ele vá embora ela acrescenta:

— Não se esqueça do que eu disse.

— Não vou esquecer — assegura ele.

Mas não diz a ela que só tem um sonho, e que é tão improvável quanto uma carreira em pirataria de jardim.

Bailey continua valente nos debates com o pai em intervalos regulares.

— Então minha opinião não vale nada? — pergunta certa noite, antes de a conversa evoluir para uma porta fechada com estrondo.

— Não, não vale — responde o pai.

— Talvez seja melhor desistir disso — diz a mãe em voz baixa quando o pai sai da sala.

Bailey começa a passar muito tempo fora de casa.

A escola não toma tantas horas quanto ele gostaria. De início ele passa a trabalhar mais, na periferia dos pomares, escolhendo os pontos mais distantes dos locais onde seu pai está.

Em seguida apela para grandes caminhadas, passando por ravinas, bosques e cemitérios.

Perambula por entre túmulos de filósofos e poetas, autores cujos livros ele conhece da biblioteca de sua avó. E existem outras incontáveis lápides, com nomes inscritos que ele não reconhece, e outras ainda que foram erodidas pelo tempo e se tornaram ilegíveis, seus donos há muito esquecidos.

Bailey caminha sem um destino específico em mente, mas o lugar onde mais costuma parar é o mesmo carvalho que costumava frequentar com Caroline e seus amigos.

A árvore agora está mais acessível, pois ele está mais alto, e Bailey sobe aos galhos superiores com facilidade. É sombreado o bastante para se sentir isolado, mas suficientemente iluminado para levar algum livro, e isso logo passa a fazer parte da sua rotina.

Bailey lê histórias e mitologia e contos de fadas, perguntando-se por que só as garotas são tiradas de suas vidas mundanas em fazendas por cavaleiros, príncipes ou lobos. Considera injusto não ter a mesma oportunidade fantasiosa. E não está em posição de fazer nenhum resgate por conta própria.

Nas horas que passa vigiando as ovelhas vagarem sem destino pelos pastos, chega a desejar que alguém viesse para levá-lo embora, mas fazer pedidos a ovelhas parece funcionar tanto quanto fazer pedidos a estrelas.

Bailey diz a si mesmo que não é uma vida ruim. Não há nada de errado em ser um fazendeiro.

Ainda assim, o descontentamento persiste. Até o solo sob seus pés parece insatisfeito com suas botas.

Então ele continua fugindo para sua árvore.

Para se apossar da árvore, chega a levar a velha caixa de madeira em que guarda seus bens mais valiosos, que estava num esconderijo embaixo de uma

tábua solta no assoalho sob a cama, para um buraco no carvalho, um entalhe substancial que não é bem um buraco, mas é seguro o bastante para servir a seus propósitos.

A caixa é pequena, com a fechadura e as dobradiças de latão escovado. Está embrulhada num tecido de juta que serve bem para protegê-la das intempéries e está bem encaixada, de forma que não pode ser deslocada nem mesmo pelos mais engenhosos esquilos.

Seu conteúdo inclui uma ponta de flecha lascada que ele encontrou no campo quando tinha 5 anos. Uma pedra com um furo bem no meio, que supostamente dá sorte. Uma pena preta. Uma pedra brilhante que sua mãe diz ser uma espécie de quartzo. Uma moeda que foi sua primeira mesada, jamais gasta. A coleira de couro do cão da família, que morreu quando Bailey tinha 9 anos. Uma única luva branca solitária que já ficou cinzenta devido a uma combinação de fatores: o tempo e o fato de ter sido guardada numa caixa cheia de pedras.

E diversas páginas dobradas e amarelecidas, escritas à mão.

Depois que o circo foi embora, ele escreveu todos os detalhes de que conseguiu se lembrar para que não se perdessem em sua memória. As pipocas cobertas de chocolate. A tenda cheia de gente em plataformas circulares elevadas realizando truques com fogo branco e brilhante. O relógio mágico que se transformava e ficava do outro lado da bilheteria, fazendo muito mais que apenas informar as horas.

Embora tenha catalogado todos os itens do circo numa escrita trêmula, ele não conseguiu registrar o encontro com a garota ruiva. Nunca falou nada sobre isso com ninguém. Procurou por ela durante suas duas visitas posteriores ao circo, no horário noturno adequado, mas não conseguiu encontrá-la.

Depois o circo foi embora, desaparecendo tão de repente quanto tinha aparecido, como um sonho passageiro.

E nunca mais voltou.

A única prova que ele tem agora de que a garota existiu de verdade, e que não foi uma criação de sua imaginação, é a luva.

Porém, ele não abre mais a caixa. Ela fica firmemente fechada na árvore.

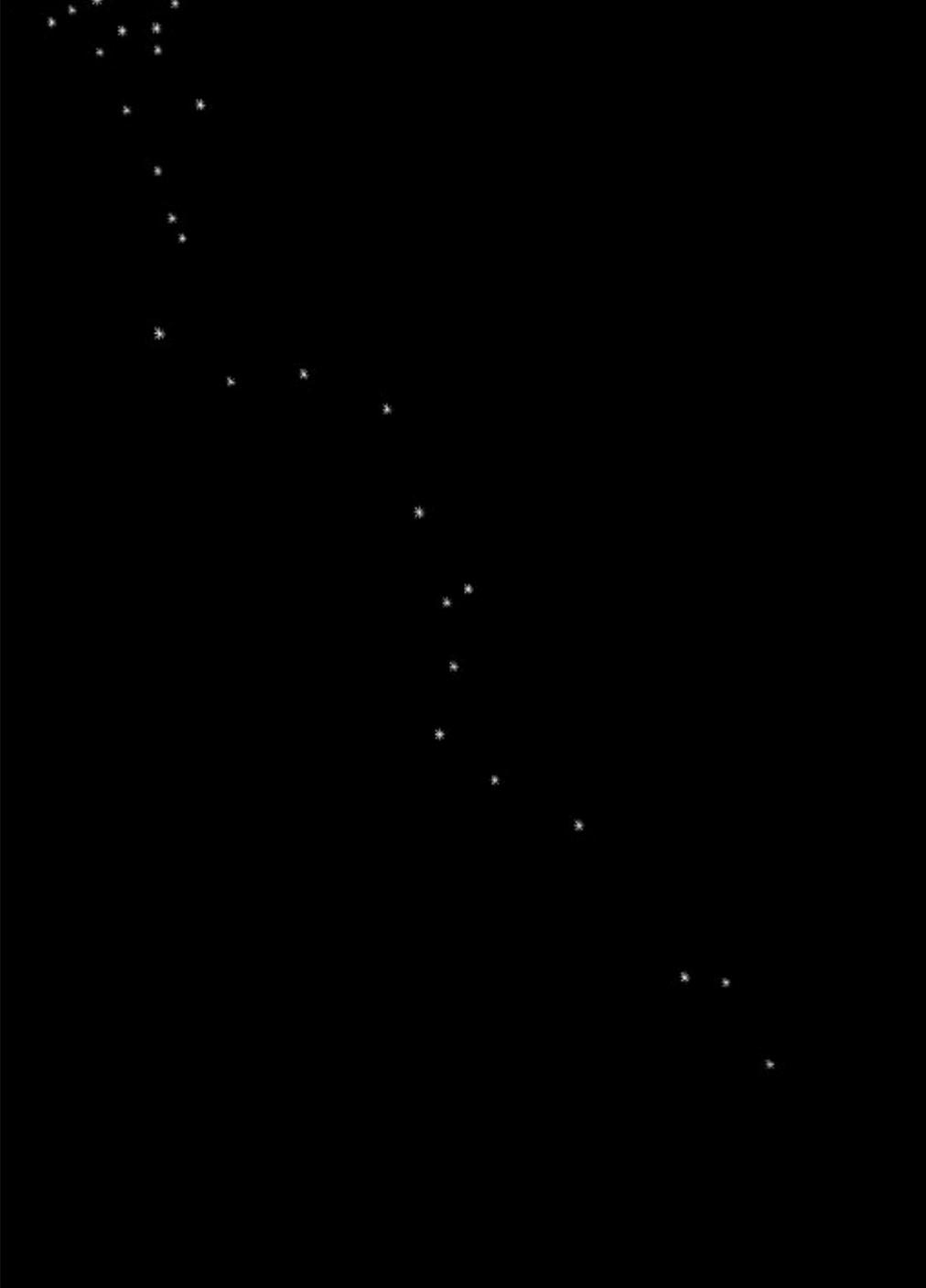
Bailey pensa que talvez devesse jogá-la fora, mas não consegue convencer-se a fazer isso.

Talvez ele a abandone na árvore e deixe que a cortiça a cubra, mantendo-a presa ali para sempre.

*

É UMA MANHÃ CINZENTA DE SÁBADO e Bailey acorda antes do restante da família, o que não é incomum. Realiza suas tarefas o mais rapidamente possível, põe uma maçã na sacola junto com seu livro e parte para a árvore. Na metade do caminho pensa que talvez devesse ter posto o cachecol, mas o dia tende a ficar mais quente com o passar das horas. Concentrando-se nesse fato reconfortante, Bailey sobe pelos galhos a que fora relegado anos atrás, e ultrapassa aqueles reclamados pela irmã e os amigos. Esse é o galho da Millie, pensa assim que seu pé o toca. Tem um sentimento de satisfação quando chega ao galho de Caroline, mesmo depois de tanto tempo. Rodeado por folhas que farfalham na brisa, Bailey se acomoda no seu local favorito, as botas descansando perto de sua quase esquecida caixa de tesouros.

Quando afinal procura o seu livro, Bailey fica tão chocada com a visão das tendas listradas de preto e branco no campo que quase cai da árvore.



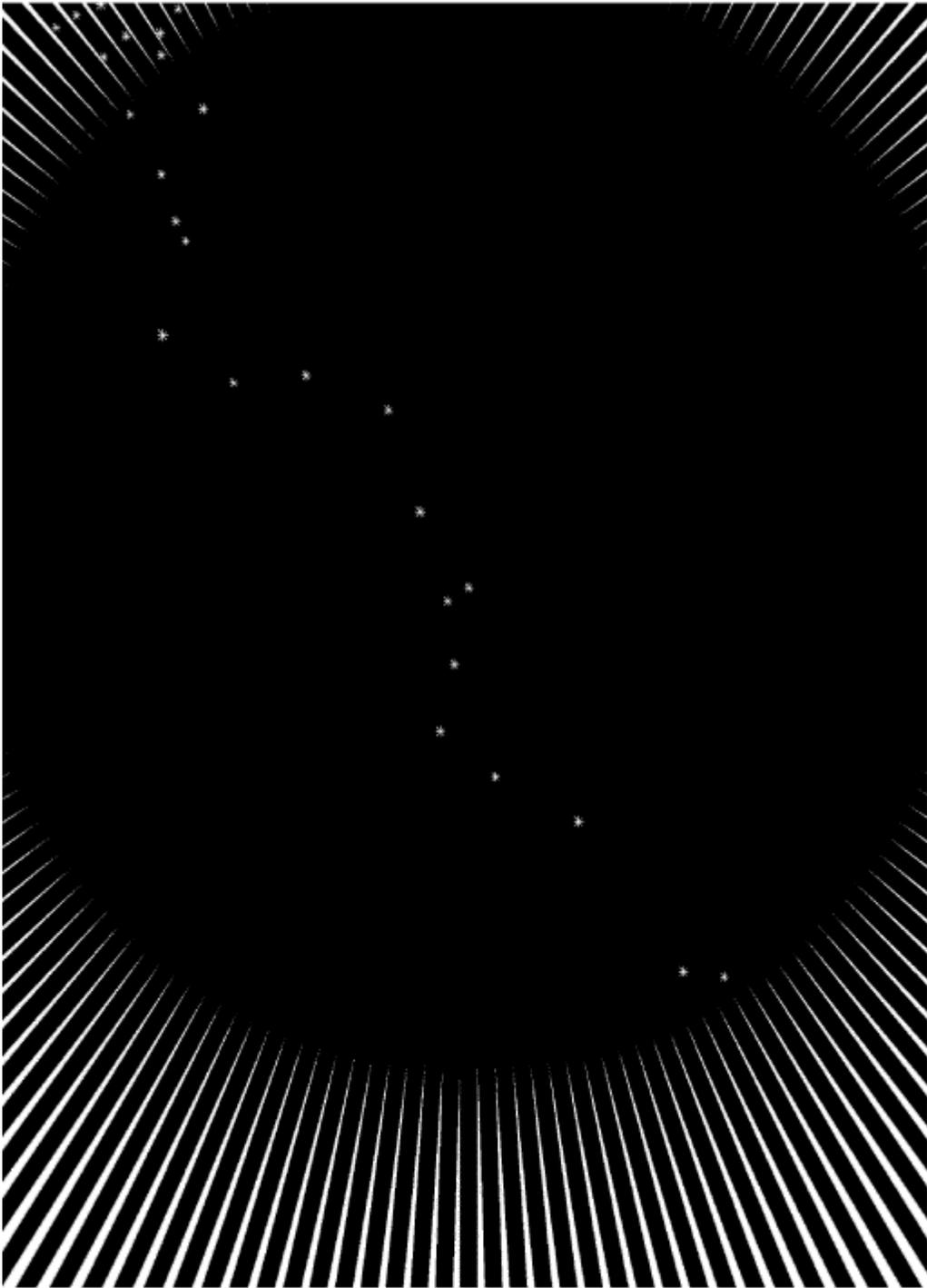
Parte II

ILUMINAÇÃO



Há tantas coisas que brilham no circo, de labaredas a lanternas e estrelas. Já ouvi tanto a expressão “jogo de luz” aplicada ao que é visto no Le Cirque des Rêves que às vezes desconfio que o circo inteiro é em si uma complexa ilusão de luzes.

— FRIEDRICK THIESSEN, 1894



Noite de estreia I: Princípio

LONDRES, 13 E 14 DE OUTUBRO DE 1886

O dia de estreia, ou melhor, a noite de estreia, é espetacular. Todos os detalhes estão planejados, uma multidão se aglomera fora dos portões bem antes de o sol se pôr. Quando finalmente é permitida a entrada, as pessoas fazem isso de olhos arregalados, e, à medida que andam de tenda em tenda, os olhos arregalam-se ainda mais.

Cada elemento do circo se mescla numa conjunção maravilhosa. Números ensaiados em países ou continentes separados agora são realizados em tendas adjacentes, as partes se misturando perfeitamente no todo. Cada traje, cada gesto, cada placa em cada tenda é mais perfeito do que o anterior.

A atmosfera está ideal, clara, nítida e fresca, permeada por aromas e sons que atraem e encantam um visitante após outro.

À meia-noite, a fogueira é acesa com cerimônia, tendo passado a primeira parte da noite vazia, parecendo uma simples escultura de ferro retorcido. Doze dos artistas do fogo entram em silêncio no pátio com pequenas plataformas que eles montam ao longo do perímetro como números de um relógio. Exatamente um minuto antes do bater da hora, cada um sobe em sua respectiva plataforma e tira das costas arcos e flechas negros e cintilantes. Trinta segundos antes da meia-noite, eles acendem a ponta das flechas com pequenas chamas amarelas dançantes. Na multidão, os que ainda não os haviam notado agora olham com admiração. Dez segundos antes da hora, eles erguem os arcos e miram as flechas de fogo no poço de ferro retorcido que está à espera. Quando o relógio começa a badalar perto dos portões, o primeiro deixa sua flecha voar, passando por cima do público e acertando o alvo numa chuva de faíscas.

A fogueira se acende numa erupção de chamas amarelas.

Ao som da segunda badalada, o segundo arqueiro atira sua flecha para as chamas amarelas, que assumem a cor de um límpido céu azul.

Uma terceira badalada e uma terceira flecha, e as chamas são de um rosa quente e brilhante.

Chamas da cor de uma abóbora madura se seguem à quarta flecha.

Na quinta, as chamas são de um vermelho escarlata.

Uma sexta provoca um tom de carmesim faiscante.

Sete, e o fogo é envolvido por uma cor como a de um vinho incandescente.

Oito, e as chamas são de um violeta tremulante.

Nove, e o violeta se transforma em índigo.

Uma décima badalada, uma décima flecha, e a fogueira assume um azul-escuro profundo.

Na penúltima badalada, as labaredas dançantes mudam do azul para o negro, e naquele instante é difícil distinguir o fogo de seu caldeirão.

E, na badalada final, as labaredas escuras são substituídas por um branco ofuscante, uma chuva de faíscas caindo como flocos de neve ao redor. Enormes anéis de fumaça branca e espessa sobem para o céu noturno.

A reação do público é barulhenta. Os espectadores que já estavam pensando em ir embora resolvem ficar um pouco mais e comentam com entusiasmo sobre o acendimento da fogueira. Os que não conseguiram presenciar o acontecimento mal acreditam nas histórias contadas minutos ou horas depois.

Pessoas vão de tenda em tenda, vagando por caminhos sinuosos que se cruzam, parecendo jamais terminar. Algumas entram em todas as tendas pelas quais passam, enquanto outras são mais seletivas, escolhendo aquelas em que devem entrar depois de ler as placas com toda a atenção. Algumas consideram uma tenda específica tão fascinante que não conseguem sair, preferindo ficar ali durante toda a permanência. Visitantes fazem sugestões aos outros conforme vão se encontrando, indicando as tendas mais notáveis que já visitaram. Os conselhos são sempre aceitos com prazer, embora em geral quem os ouviu seja distraído por outras tendas que surgem antes das recomendadas.

É difícil convencer os visitantes a partirem ao surgirem as primeiras luzes da aurora, e eles só se conformam com garantias de que podem voltar quando o sol se puser.

Em resumo, a noite de estreia é um sucesso inegável.

Há apenas um pequeno percalço, uma ocorrência inesperada. Não é notada por nenhum dos visitantes, e muitos dos artistas não percebem nada até bem depois do ocorrido.

Pouco antes do pôr do sol, enquanto estão sendo feitos os retoques finais (ajustes de roupas, caramelo derretido), a esposa do domador de leões de repente entra em trabalho de parto. Ela é, quando não se encontra em estado delicado, assistente do marido. O número foi sutilmente modificado por causa da sua ausência, mas os próprios felinos parecem agitados.

Ela está grávida de gêmeos, que só eram esperados para dali a mais algumas semanas. As pessoas brincam, dizendo que talvez eles não quisessem perder a noite de estreia.

Um médico é trazido ao circo antes da abertura ao público e acompanhado discretamente até os bastidores para o parto (um procedimento mais fácil do que transportá-la para um hospital).

Seis minutos antes da meia-noite, nasce Winston Aidan Murray.

Sete minutos depois da meia-noite, sua irmã, Penelope Aislin Murray, é dada à luz.

Quando a notícia é comunicada a Chandresh Christophe Lefèvre, ele fica um pouco desapontado pelo fato de os gêmeos não serem idênticos. Já havia pensado em vários papéis no circo para quando os gêmeos idênticos tivessem idade. Gêmeos fraternos, por outro lado, não dispõem do apelo teatral que ele esperava, mas mesmo assim pede que Marco providencie a entrega de dois enormes buquês de rosas vermelhas.

São duas coisinhas minúsculas com uma surpreendente quantidade de cabelos ruivos brilhantes. Quase não choram, mostrando-se despertos e alertas, dois pares de olhos grandes e azuis. São agasalhados em sobras de retalhos de seda e cetim, branco para ela e preto para ele.

Um fluxo constante de artistas do circo vai visitá-los entre os números, revezando-se para segurá-los no colo e inevitavelmente comentando o tempo de sua chegada. Eles vão se adaptar bem, todos dizem, a não ser pelos cabelos. Alguns sugerem chapéus até terem idade suficiente para tingir o cabelo. Alguém mais observa que seria caricatural usar tintura naquela cor, um vermelho chocante bem mais brilhante que o castanho avermelhado da mãe.

— É uma cor auspiciosa — comenta Tsukiko, mas se recusa a explicar os detalhes do que quis dizer. Beija os dois gêmeos na testa e depois faz um móbile com dobraduras de pássaros de papel para pendurar sobre o berço.

Perto do amanhecer, quando o circo está esvaziando, os bebês são levados para uma caminhada ao redor das tendas e pelo pátio. O propósito explícito é fazer com que adormeçam, mas eles continuam acordados, observando as luzes e os trajes e as listras das tendas ao redor, estranhamente atentos para quem tem apenas poucas horas de idade.

Só depois do nascer do sol eles enfim fecham os olhos, lado a lado no berço de ferro forjado forrado com cobertores listrados que já os esperava, apesar do nascimento precoce. O berço chegou de presente algumas semanas antes, embora sem nenhum bilhete ou cartão. Os Murray imaginaram que fosse de Chandresh, mas quando lhe agradeceram ele afirmou que não fazia ideia do que estavam falando.

Os gêmeos gostaram bastante, independentemente de sua origem misteriosa.

Ninguém se lembra depois de quem os apelidou de Poppet e Widget. Assim como com o berço, ninguém leva crédito por aquilo.

Mas os apelidos pegam, como costuma acontecer.

Noite de estreia II: Faíscas

LONDRES, 13 E 14 DE OUTUBRO DE 1886

Marco passa as primeiras horas da noite de estreia lançando olhares furtivos para o relógio, esperando impaciente que os ponteiros cheguem à meia-noite.

O inesperado nascimento dos gêmeos Murray complicou seu cronograma, mas, se o acendimento da fogueira acontecer como planejado, já será o suficiente.

É a melhor solução que ele consegue encontrar, sabendo que em poucas semanas o circo estará a centenas de quilômetros de distância, deixando-o sozinho em Londres.

E, embora Isobel possa se comprovar uma boa ajuda, ele precisa de uma ligação mais forte.

Desde que descobriu o local para o desafio, ele tem aos poucos assumido mais responsabilidades no circo. Fazendo tudo o que Chandresh pede e até mais, a ponto de ter bastante autonomia em tudo, desde a aprovação do projeto dos portões até os pedidos de lonas para as tendas.

O alcance dessa ligação o preocupa. Ele nunca tentou nada nessa escala, mas parece não haver uma boa razão para não começar o jogo da forma mais forte possível.

A fogueira lhe fornecerá uma ligação com o circo, mesmo que ele não saiba exatamente quão bem vá funcionar. E, com tanta gente envolvida, parece razoável acrescentar um elemento de segurança ao local.

Foram meses de preparação.

Chandresh estava mais que disposto a deixá-lo organizar o acendimento, considerando-o inestimável para o planejamento do circo com apenas uma suave imposição. Com um simples aceno, os detalhes passaram todos para ele.

Mais importante, Chandresh concordou que aquilo ficasse em segredo. O próprio acendimento assumiu o aspecto de um Jantar da Meia-Noite, em que não se permitiram perguntas quanto aos ingredientes ou ao menu.

Não havia respostas sobre o que havia na ponta das flechas para criar um efeito tão impressionante. Como as labaredas mudavam de uma tonalidade vibrante para outra.

Os que fizeram perguntas durante as preparações e os ensaios ouviram que a revelação dos métodos arruinaria o efeito.

Embora, é claro, Marco não tenha conseguido ensaiar a parte mais importante.

É fácil para ele fugir de Chandresh no pátio lotado pouco antes da meia-noite.

Percorre o caminho em direção ao ferro retorcido, aproximando-se o máximo possível do caldeirão vazio. Tira um grande caderno com capa de couro do casaco, uma cópia perfeita do que está guardado em segurança no seu escritório. Ninguém na agitada multidão percebe quando ele o joga no fundo do caldeirão. O objeto aterrissa com um baque abafado pelo ruído ambiente.

A capa se abre, expondo a elaborada árvore feita em tinta para o céu noturno pontilhado de estrelas.

Marco fica perto da beira do metal retorcido enquanto os arqueiros ocupam os seus lugares.

Sua atenção permanece concentrada nas labaredas, a despeito das pressões dos visitantes ao seu redor e do alastramento do fogo num arco-íris de várias tonalidades.

Quando a última flecha acerta o alvo, Marco fecha os olhos. O brilho das labaredas brancas se avermelha ao atravessar suas pálpebras.

*

CELIA ESPERAVA SE SENTIR como uma imitação barata do pai em suas primeiras apresentações, mas para seu alívio a experiência é muito diferente daquela a que assistiu tantas vezes em diversos teatros.

O espaço é pequeno e intimista. A plateia é modesta o bastante para que se distingam as pessoas individualmente, em vez de vê-las misturadas à multidão anônima.

Descobre que é capaz de tornar cada apresentação única, deixando a reação do público guiar sua escolha do que fazer em seguida.

Apesar de gostar do que faz mais do que imaginava, sente-se grata pelos intervalos entre as performances. Com a aproximação da meia-noite, ela resolve ver se consegue encontrar um lugar para assistir discretamente ao acendimento da fogueira.

Mas, ao caminhar pela área, que já é chamada de bastidor apesar da falta de um palco, Celia logo se envolve no caos semiorganizado do súbito nascimento dos gêmeos Murray.

Diversos artistas e integrantes da produção estão reunidos, esperando ansiosos. O médico que trouxeram parece considerar toda a situação estranha. A contorcionista vem e vai. Aidan Murray anda de um lado para outro como um de seus felinos.

Celia se esforça para ser o mais prestativa possível, o que consiste basicamente em ir buscar xícaras de chá e encontrar maneiras novas e criativas de assegurar às pessoas que tudo vai dar certo.

Aquilo faz com que se lembre tanto de quando consolava seus antigos clientes espiritualistas que fica surpresa quando a agradecem chamando-a pelo nome.

O choro suave minutos antes da meia-noite surge como um alívio, comemorado com suspiros e vivas.

E logo depois algo acontece.

Celia sente antes de ouvir os aplausos ecoando do pátio, uma mudança que de repente se alastra pelo circo como uma onda.

Passa pelo seu corpo, provocando um incontrolável arrepio na espinha, quase a tirando do chão.

— Você está bem? — pergunta uma voz atrás dela, e Celia se vira para ver a mão tépida de Tsukiko segurando seu braço para acalmá-la. Um brilho muito conhecido, que Celia está começando a considerar familiar, lampeja nos olhos sorridentes da contorcionista.

— Estou bem, obrigada — responde, lutando para recuperar o fôlego.

— Você é uma pessoa sensível — diz Tsukiko. — É normal que pessoas sensíveis sejam afetadas por esses acontecimentos.

Outro choro ecoa da câmara adjacente, juntando-se ao primeiro num coro delicado.

— Eles planejaram admiravelmente a chegada — comenta Tsukiko, voltando a atenção para os gêmeos recém-nascidos.

Celia só consegue balançar a cabeça num gesto afirmativo.

— Foi uma pena você ter perdido o acendimento da fogueira — continua Tsukiko. — Também foi admirável.

Enquanto o choro dos gêmeos Murray arrefece, Celia tenta afastar a sensação de formigamento que persiste em sua pele.

Ainda não sabe ao certo quem é o seu oponente, mas, seja qual for o movimento que acabou de ser realizado, a deixou abalada.

Sente o circo inteiro irradiando ao seu redor, como se uma rede tivesse sido lançada sobre ele, prendendo tudo dentro da grade de ferro, todo o circo adejando como uma borboleta.

Celia se pergunta como deve ser sua retaliação.

Noite de estreia III: Fumaça e espelhos

LONDRES, 13 E 14 DE OUTUBRO DE 1886

Chandresh Christophe Lefèvre não entra em nenhuma tenda na noite de estreia. Prefere perambular pelos caminhos e em meio ao público, circulando pelo pátio com Marco nos seus calcanhares, que faz anotações sempre que Chandresh encontra algo que precisa ser comentado.

Chandresh observa a multidão, tentando entender como as pessoas decidem em que tenda entrar. Identifica sinalizações que precisam ser ajustadas ou elevadas para serem lidas com mais facilidade, entradas que não estão muito visíveis e outras com destaque excessivo, chamando pouca atenção ou atenção de mais do público.

Mas são pequenos detalhes, na verdade, uma lubrificação extra por conta de um ruído inaudível. Não poderia estar melhor. As pessoas estão maravilhadas. A fila da bilheteria serpenteia do lado de fora da cerca. O circo todo cintila de animação.

Poucos minutos antes da meia-noite, Chandresh se posiciona na orla do pátio para ver o acendimento. Escolhe um ponto de onde pode ver a fogueira e boa parte da multidão.

— Está tudo pronto, certo? — pergunta.

Ninguém responde.

Olha para a esquerda e para a direita, vendo apenas entusiasmados transeuntes ao redor.

— Marco? — chama, mas Marco sumiu.

Uma das irmãs Burgess avista Chandresh e se aproxima, andando com cuidado pelo pátio congestionado.

— Olá, Chandresh — saúda quando chega até ele. — Algum problema?

— Acho que perdi Marco de vista — responde. — Estranho. Mas não é nada com que se preocupar, Lainie querida.

— Tara — corrige ela.

— Vocês são tão parecidas... — justifica-se Chandresh, baforando o charuto. — É muito confuso. Vocês deviam estar sempre juntas para evitar essas gafes.

— Ora, Chandresh, nós nem somos gêmeas.

— Qual das duas é a mais velha, então?

— Isso é segredo — responde Tara, sorrindo. — Já posso declarar que a noite foi um sucesso?

— Até agora está satisfatória, mas ainda é relativamente cedo, querida. Como está Sra. Murray?

— Está indo bem, acho, mas já faz mais ou menos uma hora que não tenho notícias. Vai ser um nascimento memorável para os gêmeos, imagino.

— Eles podem ser úteis se forem indistinguíveis como você e a sua irmã. Poderíamos vesti-los com roupas que combinassem.

Tara ri.

— Você deveria esperar ao menos até eles começarem a andar.

Ao redor do caldeirão apagado onde será a fogueira, doze arqueiros estão tomando posição. Tara e Chandresh interrompem a conversa para olhar. Tara presta atenção nos arqueiros enquanto Chandresh observa o público, que agora já percebeu a movimentação. O que era multidão se transforma em plateia, como se todos estivessem coreografados com os arqueiros. Tudo está acontecendo exatamente como planejado.

Os arqueiros disparam as flechas, uma a uma, enviando suas chamas através de um arco-íris de fogo. O circo inteiro mergulha em cores com as badaladas do relógio, doze toques profundos reverberando pelo lugar.

Na décima segunda toada, a fogueira resplandece, branca e quente. Tudo no pátio estremece por um instante, lenços tremulam apesar da ausência de qualquer brisa, o tecido das tendas se agita.

O público rompe em aplausos. Tara também bate palmas, mas ao seu lado Chandresh tropeça, derrubando o charuto no chão.

— Chandresh, está tudo bem?

— Estou me sentindo muito tonto — responde.

Tara o pega pelo braço para ajudá-lo, puxando-o para perto da tenda mais próxima, fora do caminho da multidão que começa a se movimentar outra vez,

espalhando-se por todas as direções.

— Você sentiu aquilo? — pergunta Chandresh. Suas pernas estão trêmulas e Tara luta para apoiá-lo em meio aos esbarrões dos passantes.

— Senti o quê? — pergunta ela, mas Chandresh não responde, ainda nitidamente abalado. — Por que ninguém pensou em colocar bancos no pátio? — murmura Tara consigo mesma.

— Algum problema, Srta. Burgess? — indaga uma voz atrás dela. Tara vira-se para encontrar Marco ao seu lado, com o caderno na mão e parecendo bem preocupado.

— Ah, Marco, você está aí — diz Tara. — Há algo errado com Chandresh.

Eles estão começando a atrair olhares da multidão. Marco pega Chandresh pelo braço e o conduz até um canto mais sossegado, ficando de costas para o pátio, de forma a ter um mínimo de privacidade.

— Faz tempo que ele está assim? — pergunta Marco enquanto ampara Chandresh.

— Não, aconteceu de repente — responde ela. — Estou preocupada com que possa desmaiar.

— Não deve ser nada — observa Marco. — O calor, talvez. Eu cuido disso, Srta. Burgess. Não precisa se preocupar.

Tara franze a testa, relutante em se afastar.

— Não é nada — insiste Marco.

Chandresh olha para o chão como se tivesse perdido algo, aparentemente sem registrar nada da conversa.

— Se você insiste — concede Tara.

— Ele está em boas mãos, Srta. Burgess — garante Marco, e se vira antes que ela possa dizer mais alguma coisa, guiando Chandresh para longe da multidão.

— Aí está você — diz Lainie, aparecendo bem atrás da irmã. — Eu a procurei por toda parte. Você viu a fogueira? Não foi espetacular?

— Foi mesmo — concorda Tara, ainda observando a multidão.

— O que está havendo? — questiona Lainie. — Aconteceu alguma coisa?

— O que você sabe sobre o assistente de Chandresh? — pergunta Tara, em vez de responder.

— Marco? Não muito — diz Lainie. — Ele já trabalha para Chandresh há alguns anos, principalmente na contabilidade. Antes era estudante de alguma

coisa, acho. Não sei bem o que ele estudava. Nem onde, aliás. Ele não é de falar muito. Por que a pergunta? Está à procura de outro homem bonito e perigoso?

Tara ri, apesar da aflição.

— Não, nada disso. Só curiosidade. — Pega no braço da irmã. — Vamos em busca de outros mistérios a serem explorados no momento.

De braços dados, as duas desviam das pessoas em meio à multidão, circundando a fogueira brilhante que muitos visitantes ainda contemplam, hipnotizados pela dança das labaredas.


**O ENFORCADO**


Nessa tenda, suspensa bem acima de você, há pessoas. Acrobatas, trapezistas, equilibristas. Iluminados por dezenas de lâmpadas redondas brilhantes penduradas no ponto mais alto como planetas e estrelas.

Não há redes de proteção.

Você assiste às apresentações de seu precário ponto de vista, exatamente embaixo dos artistas, e não há nada entre vocês.

Garotas em trajes de plumas giram em várias alturas, suspensas por fitas que podem ser manipuladas. Marionetes controlando seus próprios cordéis.

Cadeiras normais, com assento e encosto, funcionam como trapézios.

Esferas que parecem gaiolas sobem e descem enquanto um ou mais acrobatas aéreos saem lá de dentro, ficando em cima delas ou pendurando-se nas barras embaixo.

No centro da tenda um homem de smoking está suspenso por uma perna, amarrado a uma corda prateada, mãos cruzadas atrás da cabeça.

Ele começa a se mover, bem devagar. Abre os braços, primeiro um, depois o outro, até penderem abaixo da cabeça.

Começa a girar. Cada vez mais rápido, até se transformar num borrão na ponta de uma corda.

De repente, ele para e cai.

O público corre para sair de baixo dele, abrindo um espaço no chão duro.

Você não tem coragem de ver. Não consegue desviar os olhos.

Então ele para no nível do olhar da plateia. Suspenso pela corda prateada que agora parece infinitamente longa. A cartola imperturbável na cabeça, braços na lateral do corpo.

Quando o público recupera a compostura, ele ergue uma das mãos enluvadas e tira a cartola.

Dobrando a cintura, faz uma dramática reverência invertida.

Onirologia

CONCORD, MASSACHUSETTS, OUTUBRO DE 1902

Bailey passa o dia inteiro querendo que o sol se ponha, mas o astro o desafia e continua seu ritmo normal pelo céu, um ritmo no qual Bailey nunca havia pensado, mas que hoje considera terrivelmente lento. Quase deseja que fosse um dia de aula, assim teria algo que ajudasse o tempo a passar. Fica pensando se deveria tirar uma soneca, mas está muito agitado com o súbito aparecimento do circo para conseguir dormir.

O jantar transcorre da mesma maneira que tem sido há alguns meses, períodos de silêncio rompidos pelas tentativas de sua mãe de começar uma conversa educada e pelos ocasionais suspiros de Caroline.

A mãe menciona o circo, ou mais especificamente a afluência de pessoas que vai provocar.

Bailey espera que se faça silêncio outra vez, mas Caroline se vira para ele.

— Nós não o desafiamos a entrar escondido no circo da última vez em que ele esteve aqui, Bailey? — O tom de voz é leve e curioso, como se ela realmente não lembrasse se aquilo tinha acontecido.

— Como, durante o dia? — pergunta a mãe.

Caroline assente distraidamente com um meneio de cabeça.

— Sim — responde Bailey em voz baixa, desejando o retorno do desconfortável silêncio.

— Bailey! — exclama a mãe, conseguindo transformar o nome dele numa mistura de repreensão e desapontamento. Bailey não sabe ao certo como aquilo pode ser culpa dele, pois foi provocado, mas Caroline reage antes que ele possa protestar.

— Não, ele não fez isso — afirma, como se agora se lembrasse claramente do incidente.

Bailey apenas dá de ombros.

— Bem, espero que não — diz a mãe.

Faz-se silêncio de novo e ele olha pela janela, pensando no que significa o cair da noite. Acha que talvez fosse melhor chegar aos portões ao menor sinal do crepúsculo e esperar, se necessário. Seus pés coçam embaixo da mesa e ele se pergunta quando conseguirá escapar.

Demora séculos para tirar a mesa, uma eternidade para ajudar a mãe com a louça. Caroline desaparece em seu quarto e o pai pega o jornal.

— Aonde você vai? — pergunta a mãe quando ele põe o cachecol.

— Vou ao circo — responde Bailey.

— Não chegue muito tarde — recomenda a mãe. — Você tem trabalho a fazer.

— Tudo bem — concorda Bailey, aliviado por ela não especificar um horário, deixando o “muito tarde” aberto a interpretações.

— Leve a sua irmã.

Como não seria possível sair da casa sem que a mãe percebesse que ele não parou no quarto de Caroline, Bailey bate na porta entreaberta.

— Sai daqui — diz a irmã.

— Eu vou ao circo, caso queira vir comigo — diz Bailey, sem emoção na voz. Ele já sabe qual vai ser a resposta.

— Não — responde ela, tão previsível como o silêncio na hora do jantar. — Que criancice — acrescenta, lançando um olhar de desdém.

Bailey sai sem dizer mais nada, deixando o vento bater a porta atrás de si.

O sol está começando a se pôr, e há mais pessoas na rua do que o normal para essa hora do dia, todas andando na mesma direção.

Enquanto caminha, seu entusiasmo começa a murchar. Talvez seja uma criancice. Talvez não seja mais a mesma coisa.

Quando chega ao local, já há uma multidão reunida, e Bailey fica aliviado ao constatar que muitos têm a sua idade ou são até mais velhos, e só alguns levaram crianças. Algumas garotas da sua idade dão risadinhas quando ele passa por elas, tentando atrair sua atenção. Bailey não sabe se deveria ficar envaidecido ou não.

Encontra um bom local no meio da multidão. Ele espera, observando os portões de ferro fechados e se perguntando se o circo vai estar diferente do que se lembra.

E, no fundo, fica imaginando se a garota ruiva vestida de branco estará em algum lugar lá dentro.

A luz fraca e alaranjada do sol faz com que tudo, inclusive o circo, pareça em chamas antes de desaparecer por completo. É mais rápido do que Bailey esperava, o momento que muda do fogo para o lusco-fusco, e então as luzes do circo começam a piscar por todas as tendas. A multidão emite os já esperados “ohs” e “ahs”, porém alguns mais à frente quase engasgam de surpresa quando o grande cartaz acima dos portões começa a pipocar e faiscar. Bailey não consegue deixar de sorrir ao ver o cartaz se acender por inteiro, brilhando como um farol: Le Cirque des Rêves.

Se o dia de espera foi tediosamente lento, a fila para entrar no circo se move muito depressa, e logo Bailey está em frente à bilheteria comprando o ingresso.

O sinuoso caminho pontilhado de estrelas parece não ter fim enquanto faz as curvas escuras, antecipando com ansiedade a luminosidade no final.

A primeira coisa em que pensa quando chega ao pátio iluminado é que o aroma é o mesmo, de fumaça e caramelo e algo mais que não consegue definir.

Não sabe bem por onde começar. São tantas tendas, tantas escolhas. Pensa que talvez devesse andar um pouco antes de decidir em qual entrar.

Pensa também que o simples ato de andar pelo circo pode aumentar a chance de se encontrar por acaso com a garota ruiva. Embora se recuse a admitir que está procurando por ela. Tólice, procurar uma garota que encontrou só uma vez em circunstâncias muito estranhas, tantos anos atrás. Não há razão para acreditar que ela ainda se lembraria dele, ou que o reconheceria. Aliás, nem Bailey tem certeza de que a reconheceria.

Decide andar pelo circo, e percorre o pátio com a fogueira e o outro lado, depois tenta fazer o caminho de volta. É um plano tão bom quanto qualquer outro, e talvez a multidão não esteja tão compacta na parte mais afastada.

Mas, antes, vai querer uma sidra quente com especiarias. Não demora muito até encontrar o vendedor certo no pátio. Compra uma caneca, vê os redemoinhos da poção fumegante no recipiente marmóreo e se pergunta, instantes antes do primeiro gole, se terá o mesmo gosto de que se lembra. Já repassou aquele gosto infinitas vezes na imaginação, e, apesar da variedade de maçãs na região, nunca uma sidra, com ou sem especiarias, teve um sabor tão bom. Hesita antes de tomar um primeiro golinho. É ainda melhor do que se lembrava.

Escolhe um caminho e, entre as tendas, há um pequeno grupo reunido em torno de uma plataforma elevada. Sobre a plataforma está uma mulher com um traje muito justo, coberto de espirais pretas e prateadas. Ela se dobra e se contorce de uma forma que é ao mesmo tempo terrível e elegante. Bailey para junto aos espectadores, ainda que seja um pouco doloroso assistir.

A contorcionista ergue uma pequena argola de metal prateado do chão, brandindo-a com movimentos simples porém impressionantes. Entrega a argola para um homem da plateia, para que ele ateste sua solidez. Quando ele a devolve, ela passa o corpo inteiro por dentro da argola, alongando os membros em movimentos fluidos, como numa dança.

Depois de descartar a argola, coloca uma pequena caixa no centro da plataforma.

A caixa parece não ter mais de 30 centímetros de largura e altura, embora na verdade seja um pouco maior do que isso. O fato de uma mulher adulta (ainda que de estatura abaixo da média) conseguir se condensar num espaço tão pequeno já é impressionante, não importam os detalhes da caixa. Mas é ainda mais impressionante pelo fato de a caixa ser feita de vidro, completamente transparente.

As bordas são de metal oxidado até um tom bem escuro, mas as laterais e a tampa são de vidro, por isso ela está sempre visível enquanto se dobra e se retorce dentro daquele espaço minúsculo. Faz isso lentamente, transformando cada movimento em parte do espetáculo, até o corpo e a cabeça estarem dentro da caixa e apenas uma das mãos do lado de fora, aparecendo no alto. O que Bailey vê de onde está parece impossível, um pedaço de perna aqui, a curva de um ombro ali, parte do outro braço embaixo do pé.

Apenas uma das mãos continua de fora, acenando antes de fechar a tampa da caixa, que se tranca automaticamente. A caixa está inegavelmente fechada, com a contorcionista visível lá dentro.

Agora a caixa em que a mulher está presa é aos poucos invadida por uma fumaça branca. Penetrando as minúsculas fendas e áreas não ocupadas por membros ou torso e preenchendo o espaço entre os dedos que pressionam o vidro.

A fumaça se adensa, obscurecendo de todo a imagem da contorcionista. Agora só a fumaça branca é visível dentro da caixa, ondulando e se encrespando contra o vidro.

De repente, com um estalido, a caixa se quebra. As laterais caem e a tampa desaba. Espirais de fumaça ascendem no ar da noite. A caixa, ou melhor, a pequena pilha de vidro que já foi uma caixa, está vazia sobre a plataforma. A contorcionista desapareceu.

O público espera alguns instantes, mas nada acontece. As últimas nuvens de fumaça dissipam-se, a multidão começa a se dispersar.

Bailey aproxima-se para examinar a cena, imaginando se a contorcionista está escondida em algum lugar, mas a plataforma é de madeira maciça e aberta na parte de baixo. Ela desapareceu, apesar de evidentemente não haver lugar nenhum para onde possa ter ido.

Bailey continua pelo caminho sinuoso. Termina a sidra e encontra uma lata de lixo para descartar a caneca, e assim que a joga lá dentro ela parece sumir no fundo escuro.

Continua andando, lendo os cartazes, tentando decidir em que tenda entrar. Alguns são grandes, decorados com floreios e longas descrições de seus conteúdos.

Entretanto, o que chama sua atenção é um menor, assim como a tenda em que está pendurado. Sinuosas letras brancas num fundo preto.

Feitos de ilustres ilusões

A entrada está aberta, os visitantes formam uma fila para chegar à tenda da ilusionista. Bailey junta-se a eles.

O interior é iluminado por arandelas de ferro negro presas ao longo das paredes e contém apenas cadeiras de madeira em círculo. Há somente vinte assentos, em dois círculos alternados de forma que a visão seja a mesma de todos eles. Bailey escolhe um no círculo interno, no lado oposto à entrada.

As demais cadeiras são ocupadas muito rapidamente, exceto duas: o assento logo a sua esquerda e o do outro lado do círculo.

Bailey percebe duas coisas ao mesmo tempo.

Primeiro, que não consegue mais ver onde é a entrada. O espaço por onde os espectadores passaram parece agora uma parede sólida e sem emendas, indistinguível do restante da tenda.

Segundo, uma mulher de cabelos escuros, usando um casaco preto, está sentada a sua esquerda. Ele tem certeza de que ela não estava ali antes de a

porta desaparecer.

Nesse instante sua atenção é desviada desses dois fatos, pois a cadeira vazia do outro lado do círculo irrompe em chamas.

O pânico é instantâneo. Os ocupantes dos assentos mais próximos das chamas abandonam seus lugares e correm para a porta, só para constatar que ela não existe mais, é apenas uma parede sólida.

As chamas são cada vez mais altas, próximas da cadeira, lambendo ao redor da madeira, mas não parecem queimar.

Bailey olha outra vez para a mulher a sua esquerda, que pisca para ele antes de levantar e ir até o centro do círculo. Em meio ao pânico, ela desabotoa e tira o casaco com tranquilidade, lançando-o num gesto gracioso sobre a cadeira em chamas.

O que era um pesado casaco de lã se transforma numa longa peça de seda negra ondulando como água sobre a cadeira. As chamas desaparecem. Apenas umas poucas linguetas de fumaça permanecem, assim como um aroma pungente de madeira chamuscada que muda lentamente para a tranquilizante fragrância de uma lareira, com um toque de algo como cravo-da-índia ou canela.

Em pé no centro do círculo de assentos, a mulher retira a seda negra com um floreio, mostrando uma cadeira ainda intacta cheia de pombos brancos como a neve empoleirados.

Outro floreio e a seda negra se dobra sobre si mesma, transformando-se numa cartola preta. A mulher a põe na cabeça e finaliza seu traje, que parece um vestido de festa confeccionado com a luz da noite: seda negra pontilhada de cristais brancos cintilantes. Ela saúda a plateia com uma reverência discreta.

A ilusionista fez a sua entrada.

Algumas pessoas, Bailey inclusive, conseguem aplaudir, enquanto aquelas que haviam abandonado as cadeiras retornam a elas, ao mesmo tempo perturbadas e curiosas.

A apresentação continua. Exibições que Bailey tem dificuldade de entender como podem ser truques se mesclam umas com as outras. Os pombos estão sempre desaparecendo, só para reaparecer em chapéus ou embaixo de cadeiras. Há também um corvo negro, grande demais para ser escondido com tanta facilidade.

Só algum tempo depois que o espetáculo acaba, Bailey se dá conta de que, por conta do círculo de cadeiras, da forma e da proximidade do espaço, não há

lugar para espelhos ou truques de luz. Tudo é palpável e imediato. A ilusionista chega a transformar o relógio de metal no bolso de um dos espectadores em areia e de novo em metal.

A certa altura as cadeiras flutuam, fazendo com que a ponta dos pés de Bailey mal roce o chão. Apesar de o movimento ser firme e estável, ele se agarra à cadeira, nervoso.

No final da apresentação, a ilusionista faz uma reverência girando nos calcanhares, e agradece ao círculo inteiro enquanto a plateia aplaude. Ao completar o giro, ela não está mais lá. Resta apenas um faiscar reluzente, ecos dos cristais de seu vestido.

A porta reaparece e a pequena plateia começa a sair. Bailey anda bem devagar, olhando para o lugar em que antes estava a ilusionista.

Do lado de fora, onde antes não havia nada, agora há outra plataforma elevada, muito parecida com a da contorcionista. Mas a figura sobre a plataforma não se move. Bailey chega a pensar que é uma estátua, com um vestido branco ornado de peles que cascateiam pela plataforma até alcançar o chão. Seu cabelo e sua pele, até mesmo os cílios, são brancos como gelo.

Mas ela se move. Muito, muito lentamente. Tão devagar que Bailey não consegue identificar os movimentos exatos, apenas minúsculas mudanças. Flocos finos de neve iridescentes flutuam até pousar no chão, soltando-se dela como folhas de uma árvore.

Bailey anda ao redor, observando-a de todos os ângulos. Os olhos dela o seguem, mas as pálpebras com os cílios tingidos de neve não piscam.

Há uma pequena placa prateada sobre a plataforma, parcialmente oculta pela cauda do vestido.

A placa diz IN MEMORIAN, mas sem especificar de quem.

As regras do jogo

1887 — 1889

Os Jantares do Circo são menos frequentes, agora que o circo propriamente dito já está funcionando e tornou-se autossuficiente, como Chandresh mencionou num jantar pouco depois da noite de estreia. Os conspiradores originais às vezes ainda se encontram para jantar, em especial quando o circo está se apresentando nas proximidades, mas isso é cada vez mais raro.

Sr. A. H... não aparece, apesar dos convites.

E como essas reuniões são a única oportunidade que Marco tem de encontrar seu instrutor, essa ausência habitual o deixa frustrado.

Depois de um ano sem um sinal, uma palavra ou qualquer vislumbre da cartola cinzenta, Marco decide procurá-lo.

Ele não sabe onde fica a atual residência de seu instrutor. Supõe corretamente que seja um lugar temporário, que já terá sido abandonado no momento em que rastrear sua localização.

Marco desenha uma série de símbolos no gelo que cobre a janela de seu apartamento com vista para a rua, usando as colunas do museu do outro lado como referência. Só é possível distinguir a maior parte deles quando a luz bate em determinados ângulos, mas estão arranjados na forma de uma grande letra *A*.

No dia seguinte, alguém bate à sua porta.

Como sempre, o homem de terno cinza recusa-se a entrar no apartamento. Fica no corredor e encara Marco com um olhar frio e cinzento.

— O que você quer? — pergunta.

— Gostaria de saber se estou indo bem — responde Marco.

Seu instrutor observa-o por um momento, a expressão inescrutável como sempre.

— Seu trabalho tem sido satisfatório — afirma.

— É assim que o desafio vai prosseguir? — pergunta Marco. — Com cada um de nós manipulando o circo? Quanto tempo isso vai durar?

— Você recebeu um local no qual trabalhar — diz o seu instrutor. — Você apresenta suas habilidades da melhor forma possível e seu oponente faz o mesmo. Vocês não interferem no trabalho um do outro. Vai continuar dessa forma até haver um vitorioso. Não é tão complicado.

— Não sei bem se entendo as regras — replica Marco.

— Você não precisa entender as regras. Só precisa segui-las. Como já disse, o seu trabalho tem sido satisfatório.

Começa a se afastar, mas hesita.

— Não faça mais isso — previne, apontando por cima do ombro de Marco em direção à janela coberta de geada.

Vira-se e vai embora.

Os símbolos na janela derretem em riscos sem significado.

*

NO MEIO DO DIA o circo dorme em silêncio, mas Celia Bowen está em frente ao Carrossel, observando as criaturas negras e brancas e prateadas passando, suspensas em hastes coordenadas, sem ginetes.

— Eu não gosto dessa coisa — diz uma voz atrás dela.

Hector Bowen não é mais que uma aparição na tenda mal iluminada. Seu traje escuro desaparece nas sombras. A luz bruxuleante absorve e reflete a brancura de sua camisa, o cinza do seu cabelo, iluminando a expressão descontente do seu rosto, que observa o Carrossel por cima do ombro da filha.

— Por que não? — pergunta Celia sem se virar. — É muito popular. E deu muito trabalho. Isso devia valer alguma coisa, papai.

O tom de zombaria do pai é um pálido reflexo do que já foi, e Celia sente-se aliviada por ele não poder ver o sorriso na suavidade de sua fala.

— Você não estaria tão despreocupada se eu não estivesse... — A voz esmaece e ele encosta uma das mãos transparentes no braço da filha.

— Não fique chateado comigo por causa disso — diz Celia. — Foi você quem fez isso a si próprio. Não é minha culpa que não consiga desfazer. E eu não estou nada despreocupada.

— O que você contou para esse seu arquiteto? — pergunta o pai.

— Só contei o que achei que ele precisava saber — responde Celia, enquanto o pai passa através dela para examinar o Carrossel. — Ele gosta de ultrapassar limites, e eu me ofereci para ajudar a ultrapassá-los ainda mais. Será que Sr. Barris é o meu oponente? Seria bem malicioso da parte dele construir para mim um carrossel, de modo a evitar suspeitas.

— Ele não é o seu oponente — retruca Hector com um gesto desdenhoso, as rendas do punho da camisa adejando como uma mariposa. — Embora algo desse tipo possa muito bem ser definido como trapaça.

— Como a utilização de um engenheiro para executar uma ideia não se encaixa no local, papai? Nós conversamos sobre a ideia, ele cuidou do projeto e da construção e eu... enfeitei. Quer dar uma volta? Ele faz bem mais do que ficar só girando.

— Claro — diz Hector, olhando para o túnel escuro por onde a fila de criaturas desaparece. — Mas continuo não gostando.

Celia suspira, contornando o Carrossel para acariciar a cabeça de um corvo gigante que passa por perto.

— Já existem incontáveis elementos neste circo que podem ser úteis — começa Celia. — Por que não tirar vantagem disso? Você continua insistindo em que tenho de fazer mais do que as minhas apresentações, mas eu preciso criar oportunidades para conseguir isso. Sr. Barris ajuda muito nesse aspecto.

— Trabalhar com outras pessoas só vai atrasar você. Eles não são seus amigos, são irrelevantes. E um deles é seu oponente, não se esqueça.

— Você sabe quem é, não sabe? — pergunta Celia.

— Tenho os meus palpites.

— Mas não vai falar quais são.

— A identidade do seu oponente não é importante.

— É importante para mim.

Hector franze o cenho, observando como ela brinca distraidamente com o anel da mão direita.

— Não deveria ser — diz afinal.

— Mas meu oponente sabe quem eu sou, certo?

— Com certeza, a não ser que seja um completo imbecil. E dificilmente Alexander escolheria um aluno imbecil. Mas não faz diferença. O melhor para você é fazer o seu trabalho sem influências do seu oponente, e sem nenhum desses *colaboradores*, como você chama.

Ele faz um gesto com o braço na direção do Carrossel e as fitas tremulam, como se a mais leve das brisas tivesse passado pela tenda.

— Como isso seria o melhor? — pergunta Celia. — Como alguma coisa pode ser considerada melhor do que outra aqui? Como comparar uma tenda a outra? Como isso pode ser avaliado?

— Não cabe a você.

— Como posso ser superior num jogo quando você se recusa a me informar as regras?

As criaturas suspensas viram a cabeça na direção do fantasma. Grifos e raposas e dragões alados olham para ele com olhos negros vítreos.

— Pare com isso — repreende Hector. As criaturas voltam a olhar para a frente, porém um dos lobos rosna ao retornar a sua imobilidade. — Você não está levando isso tão a sério quanto deveria.

— É um circo — diz Celia. — É difícil levar a sério.

— O circo é apenas um local.

— Então não é um jogo nem um desafio, é uma exibição.

— É mais do que isso.

— Como? — exige Celia, mas o pai só balança a cabeça.

— Eu já informei as regras que você precisa saber. Você força os limites das suas habilidades usando este circo como uma casa de espetáculos. Você prova ser melhor e mais forte. Faz tudo o que pode para ofuscar o seu oponente.

— E quando você vai determinar quem é o mais brilhante?

— Eu não vou determinar nada — retruca Hector. — Pare de fazer perguntas. Faça mais do que isso. E pare com as colaborações.

Antes que ela responda, ele desaparece, deixando-a sozinha sob as reluzentes luzes do Carrossel.

DE INÍCIO, as cartas que Marco recebe de Isobel chegam com frequência, mas, quando o circo começa a viajar para cidades mais distantes, passam-se semanas e às vezes meses entre uma e outra.

Quando afinal chega uma nova carta, ele nem tira o casaco antes de abrir o envelope.

Dá uma lida nas primeiras páginas, repletas de perguntas educadas sobre sua vida em Londres, de comentários a respeito de como sente falta da cidade, como sente falta dele.

As idas e vindas do circo são relatadas com esmero, mas tal é a precisão prosaica que ele não consegue imaginar a riqueza de detalhes da forma que deseja. Ela descreve em breves pinceladas as coisas que considera mundanas, as viagens e o trem, embora Marco tenha certeza de que eles não podem estar se locomovendo apenas de trem.

A distância do circo parece bem maior, apesar do contato débil por meio da tinta e do papel.

E Isobel fala muito pouco sobre *ela*. Nem sequer escreve o nome dela nas páginas, referindo-se a ela, de passagem, apenas como a ilusionista, uma precaução que ele mesmo aconselhou e agora lamenta.

Ele quer saber tudo sobre a garota.

Como passa o tempo entre as apresentações.

Como interage com o público.

Como toma seu chá.

Entretanto, Marco não tem coragem de perguntar essas coisas para Isobel.

Quando responde à carta, pede que ela continue escrevendo sempre que possível. Enfatiza quanto aquelas cartas significam para ele.

Separa as páginas escritas com a letra dela, descrições de tendas listradas e céus salpicados de estrelas, e dobra tudo em forma de pássaros, deixando-os voar pelo apartamento vazio.

*

É TÃO RARO o surgimento de uma nova tenda que Celia considera cancelar suas apresentações para passar a noite explorando a novidade.

Em vez disso, ela espera, cumprindo sua rotina normal de apresentações, encerrando-as poucas horas antes do amanhecer. Só depois segue seu rumo pelos caminhos quase vazios para chegar até a última aquisição do circo.

O cartaz anuncia algo chamado Jardim de Gelo, e Celia sorri ao ler o adendo logo abaixo: um pedido de desculpas por quaisquer inconveniências térmicas.

Apesar do nome, ela não está preparada para o que a aguarda dentro da tenda.

É exatamente o que está anunciado. Mas também é muito mais.

Não há nenhuma listra visível nas paredes: tudo é branco e reluzente. Ela não consegue saber onde estão os limites do espaço, pois o tamanho da tenda é obscurecido pelos salgueiros e galhos retorcidos.

A própria atmosfera é mágica. Fresca e doce nos pulmões quando ela respira, provocando um arrepio até a ponta dos pés, causado por bem mais do que a advertida queda na temperatura.

Não há nenhum visitante na tenda enquanto ela explora o espaço, caminhando sozinha por treliças cobertas de rosas de um tom claro e o borbulhar suave de uma fonte entalhada com esmero.

E tudo, com exceção de alguns metros de fitas de seda entrelaçadas como grinaldas, é feito de gelo.

Curiosa, Celia colhe de um galho uma peônia congelada, cujo cabo se parte com facilidade.

Mas as camadas de pétalas se despedaçam, caindo no chão por entre seus dedos, desaparecendo nas lâminas de gramado marfim.

Quando ela olha outra vez para o galho, um botão idêntico já está no lugar.

Celia não consegue imaginar quanto de poder e habilidade seria necessário não só para construir, mas também para manter algo assim.

E sente-se ansiosa para saber como seu oponente concebeu essa ideia. Ciente de que cada árvore perfeitamente podada, cada detalhe, até as pedras alinhadas ao longo da trilha como pérolas, tudo deve ter sido planejado.

Seria tão trabalhoso fazer algo semelhante que ela fica cansada só de imaginar. Quase deseja que seu pai estivesse ali ao começar a entender por que ele sempre foi inflexível quanto a aprimorar sua força e seu controle.

Embora não saiba ao certo se quer agradecer a ele por isso.

E ela gosta de ter aquele espaço para si, da imobilidade e da tranquilidade adoçadas pela fragrância sutil de flores congeladas.

Celia permanece no Jardim de Gelo até bem depois de o sol nascer lá fora e de os portões se fecharem.

*

O CIRCO CHEGA A LONDRES para uma visita depois de algum tempo, e, na tarde do dia de estreia, alguém bate à porta do apartamento de Marco.

Ele começa a abrir a porta, mas para quando vê Isobel no corredor.

— Você mudou a fechadura — diz ela.

— Por que não me disse que vinha? — pergunta Marco.

— Achei que você ia gostar da surpresa — explica Isobel.

Ele não a deixa entrar no apartamento, e Isobel fica esperando na porta apenas alguns instantes antes de Marco voltar, chapéu-coco na mão.

A tarde está fria, porém luminosa, e ele a leva para tomar chá.

— O que é isso? — pergunta ao olhar para o pulso de Isobel enquanto caminham.

— Nada — responde ela, puxando o punho da blusa para esconder a pulseira, uma trança feita com os cabelos dela entremeados com os dele.

Marco não insiste.

Embora nunca a tire do braço, Isobel não está usando a pulseira ao voltar para o circo naquela noite. Desapareceu de sua pele, como se nunca tivesse existido.

Paladar

LYON, SETEMBRO DE 1889

Herr Friedrich Thiessen está em férias na França. Geralmente ele viaja para lá no outono, pois é um grande apreciador de vinhos. Escolhe a região e percorre o interior durante uma semana ou às vezes duas, visitando vinícolas e adquirindo garrafas de boas safras para levar a Munique.

Herr Thiessen tornou-se amigo de vários vinicultores franceses e já construiu relógios para muitos deles. Nessa viagem específica ele visita um desses proprietários, por cortesia e para provar as últimas garrafas do circuito. Enquanto tomam um cálice de borgonha, o vinicultor diz que Friedrich iria gostar do circo que está na cidade, montado numa ravina a alguns quilômetros. Um circo bem diferente, que só abre à noite.

Mas é o relógio, o elaborado relógio preto e branco atrás dos portões, que o vinicultor acha que poderia interessar a Herr Thiessen.

— Parece uma de suas criações — diz o vinicultor, apontando com o copo o relógio na parede acima do bar, com a forma de um cascadeante cacho de uvas que cai numa garrafa de vinho que é enchida enquanto os ponteiros no rótulo (uma réplica exata do rótulo da vinícola) marcam os segundos.

Herr Thiessen fica intrigado e, depois de jantar bem cedo, põe seu chapéu e as luvas e começa a caminhar na direção indicada por seu amigo vinicultor. Não é difícil localizar seu destino, pois muitos habitantes da aldeia estão indo para o mesmo ponto, e quando eles atravessam a cidade e entram no campo é impossível não avistar o circo.

O circo cintila. Essa é a primeira impressão que Herr Friedrich Thiessen tem de Le Cirque des Rêves, visto a cerca de um quilômetro de distância e antes de ele saber o seu nome. Ele caminha pelos campos franceses nessa tarde fria como uma mariposa voando em direção à chama.

Uma multidão considerável já está aguardando do lado de fora quando Herr Thiessen afinal chega aos portões, e, apesar da aglomeração, ele localiza o relógio de imediato, mesmo sem saber de antemão onde estava. O engenhoso mecanismo paira ao lado da bilheteria, além dos grandes portões de ferro. Está prestes a bater sete horas, e ele se afasta para observar, deixando a fila da bilheteria passar à sua frente enquanto o arlequim malabarista lança uma sétima bola no ar, a cauda do dragão se agita e o relógio soa sete suaves badaladas que quase não são ouvidas em meio ao ruído geral do circo.

Herr Thiessen está contente. O relógio parece funcionar com perfeição, e sem dúvida tem sido bem cuidado, apesar de exposto às intempéries. Fica pensando se seria necessária mais uma demão de verniz, e considera que gostaria de ter sido informado sobre o uso ao ar livre durante a construção, embora a máquina pareça em bom estado. Continua olhando para o relógio enquanto aguarda na fila, conjecturando se deveria entrar em contato com Sr. Barris para falar sobre o assunto, se é que ele ainda tem o endereço de Londres em seus arquivos em Munique.

Quando chega sua vez, ele entrega a quantidade de francos anunciada à bilheteira, uma jovem de vestido preto e longas luvas brancas, que parece trajada mais para uma elegante noite na ópera do que para vender ingressos em um circo à noite. Quando pega o seu tíquete, Herr Thiessen pergunta, primeiro em francês, e depois, quando ela não entende, em inglês, se ela conheceria alguém com quem pudesse entrar em contato a respeito da máquina. Ela não responde, mas seus olhos se iluminam quando ele se identifica como a pessoa responsável pela construção do relógio. Devolve o dinheiro junto com o ingresso, apesar dos protestos de Herr Thiessen, e depois de fuçar uma pequena caixa ela consegue um cartão de visita, que também entrega a ele.

Herr Thiessen agradece, saindo da fila e examinando o cartão. É um cartão de alta qualidade, em papel encorpado. Com um fundo preto e alto-relevo em prata.

Le Cirque des Rêves
Chandresh Christophe Lefèvre, Proprietário

No verso há um endereço de Londres. Herr Thiessen guarda o cartão no bolso junto com o ingresso e os francos economizados e dá seus primeiros

passos no circo.

Começa com um simples passeio, examinando casualmente o estranho lar de seu relógio *Wunschtraum*. Talvez por conta dos meses que passou absorvido com o trabalho no relógio, o circo lhe parece familiar, confortável. O esquema de cores, os infinitos caminhos circulares, como mecanismos de um relógio. Herr Thiessen fica maravilhado de ver como seu relógio combina com o circo, e como o circo combina com o relógio.

Visita apenas uma fração das tendas nessa primeira noite, e assiste a malabarismos com fogo e à dança com espadas, saboreando um excelente *eiswein*, um vinho preparado a partir de uvas congeladas, numa tenda onde se lê BEBIDAS, SOMENTE VISITANTES ADULTOS. Quando pergunta sobre a bebida, o atendente (a única pessoa no circo que responde quando Friedrich faz alguma pergunta) informa que é um vinho canadense e anota o ano da safra para ele.

Quando vai embora, motivado apenas pelo cansaço, Herr Thiessen está completa e intensamente estupefato. Faz outras duas visitas antes de voltar a Munique, pagando o ingresso integral em ambas as vezes.

Escreve uma carta para M. Lefèvre assim que retorna para agradecer pelo maravilhoso local em que colocou seu relógio e pela experiência no circo propriamente dito. Estende-se nos elogios à grandiosidade do projeto e diz que chegou lá num desvio de seu itinerário, mas expressa sua esperança de que o circo vá à Alemanha.

Algumas semanas depois ele recebe uma correspondência do assistente de M. Lefèvre, declarando que M. Lefèvre agradece os elogios de Herr Thiessen, especialmente por partirem de um artista tão talentoso. A carta enaltece o relógio e menciona que, no caso de ocorrer qualquer problema com o mecanismo, Herr Thiessen será procurado imediatamente.

O texto não menciona a localização atual do circo ou qualquer coisa sobre ir à Alemanha, para decepção de Herr Thiessen.

Ele pensa no circo com frequência, em geral enquanto trabalha, e isso começa a influenciar suas criações. Vários de seus novos relógios são feitos em preto e branco, alguns com listras e muitos com motivos circenses: pequenos acrobatas, leopardos-das-neves em miniatura, uma cartomante que abre minúsculas cartas de tarô a cada hora.

No entanto, ele receia que não conseguirá jamais fazer justiça ao circo nesses tributos.

Acompanhantes

CAIRO, NOVEMBRO DE 1890

Embora os gêmeos Murray possam correr à vontade pelos cantos ocultos do que costuma ser chamado de bastidores — um espaço digno de uma mansão, tomado por recantos e corredores onde os ocupantes do circo vivem suas vidas quando não estão no palco —, caso queiram se movimentar pelo circo durante o horário de funcionamento eles precisam de um acompanhante. Os dois constantemente protestam contra essa regra em alto e bom som, mas o pai insiste que ela vai valer até que eles completem pelo menos 8 anos.

Widget sempre pergunta se vale somar as duas idades, dizendo que, nesse caso, eles já teriam atingido o mínimo estabelecido.

Os dois são sempre lembrados de que devem ter algum tipo de organização em suas programações noturnas, uma vez que são as únicas crianças em uma casa bem anticonvencional.

No momento, eles contam com uma equipe de acompanhantes, e hoje é a vez da ilusionista supervisioná-los. Não é comum ela receber essa tarefa, apesar de os gêmeos gostarem muito dela. Mas nessa noite ela está com tempo livre entre suas apresentações e pode ficar com eles por alguns momentos.

Nenhum dos visitantes reconhece Celia sem a cartola e o vestido preto e branco, nem mesmo os que assistiram ao seu número pouco antes, na mesma noite. Se os transeuntes param para alguma coisa, é apenas para admirar o cabelo ruivo das crianças em contraste com o dela, tão escuro. Fora isso, ela parece apenas uma jovem com um casaco azul, vagueando pelo circo como qualquer outro visitante.

Eles começam pelo Jardim de Gelo, embora os gêmeos fiquem cada vez mais impacientes com o ritmo lento com que Celia gosta de explorar as árvores

congeladas. Antes de percorrer metade do espaço, os dois já estão implorando para andar no Carrossel.

Eles discutem sobre quem vai cavalgar o grifo, mas Widget cede quando Celia conta a história da raposa de nove caudas logo atrás do grifo, e de repente ela parece muito mais atraente. Assim que saem do brinquedo, exigem uma segunda volta. No passeio seguinte, pelos anéis de mecanismo prateado e túneis, acabam montados numa serpente e num coelho, sem se queixarem de nada.

Depois do passeio no Carrossel, Widget quer comer alguma coisa, por isso seguem para o pátio. Quando Celia consegue um pacote preto e branco de pipoca, o menino insiste que também quer caramelo, que não vai comer aquilo puro.

O vendedor que mergulha maçãs espetadas em palitos no caramelo escuro e pegajoso faz sua vontade e espalha a calda em cima da pipoca. Outros visitantes pedem a mesma coisa.

Poppet diz que não está com fome. Parece distraída. Então, quando eles entram numa viela mais tranquila, longe do pátio, Celia pergunta se algo a incomoda.

— Eu não quero que a moça simpática morra — diz Poppet, puxando de leve a saia de Celia.

Celia para, estendendo uma das mãos para impedir Widget, completamente absorto diante de suas pipocas, de continuar andando na frente dela.

— O que você quer dizer com isso, querida? — pergunta.

— Eles vão colocá-la no chão — explica Poppet. — Eu acho isso triste.

— Que moça simpática? — pergunta Celia.

Poppet faz uma careta enquanto pensa a respeito.

— Eu não sei — responde. — Elas são todas iguais.

— Poppet, querida — diz Celia ao puxar os gêmeos para uma reentrância e abaixar-se para falar mais de perto. — Onde essa moça está no chão? Onde você a viu?

— Nas estrelas — responde Poppet na ponta dos pés e apontando para cima.

Celia olha furtivamente para o céu estrelado e vê a lua desaparecer atrás de uma nuvem antes de voltar a atenção para Poppet.

— Você costuma ver coisas nas estrelas? — pergunta.

— De vez em quando — responde Poppet. — Widget vê nas pessoas.

Celia vira-se para Widget, que come suas pipocas salpicadas de caramelo com mãos lambuzadas.

— Você vê coisas nas pessoas?

— Às vezes — responde com a boca cheia.

— Que tipo de coisas? — pergunta Celia.

Widget dá de ombros.

— Lugares onde elas estiveram — responde. — Coisas que fizeram.

Põe outro punhado de pipoca caramelada na boca.

— Interessante — comenta Celia. Os gêmeos já haviam falado muitas coisas estranhas antes, mas dessa vez parece algo mais que uma fantasia infantil.

— Você pode ver alguma coisa em mim? — pergunta.

Widget a encara com os olhos semicerrados, mastigando a pipoca.

— Quartos que cheiram a pó de arroz e roupas velhas — responde. — Uma dama que chora o tempo todo. Um homem-fantasma com uma camisa pregueada que segue você e... — Widget para de repente, intrigado. — Você o fez ir embora — observa. — Não tem mais nada ali. Como você fez isso?

— Algumas coisas não são para você ver — responde Celia.

Widget faz com o lábio inferior um bico impressionante, mas que só dura até abocanhar outro punhado de pipoca.

Celia desvia o olhar dos gêmeos e mira na direção do pátio, onde a luz da fogueira reflete ao longo das tendas, lançando sombras dos visitantes sobre o tecido listrado.

A fogueira nunca se apaga. As labaredas nunca vacilam.

Nem quando o circo é transferido a fogueira se apaga, sendo transportada intacta de um local para outro. Em brasa durante toda a viagem de trem, em segurança em seu caldeirão de ferro.

Queima de forma constante, desde que foi acesa na cerimônia da noite de estreia.

E, naquele exato instante em que a fogueira foi acesa, Celia ainda tem certeza de que algo foi posto em movimento, causando impacto no circo inteiro e em todos os presentes.

Inclusive nos gêmeos recém-nascidos.

Widget nascido pouco antes da meia-noite, no fim de um velho dia. Poppet seguindo-o momentos depois, num novo dia que acabava de começar.

— Poppet — diz Celia, virando-se para a garotinha que brinca com o punho do casaco —, se você vir coisas que acha que podem ser importantes

nas estrelas, eu gostaria que me contasse sobre elas, tudo bem?

Poppet balança a cabeça afirmativamente, nuvens de cabelo vermelho ondulando. E se aproxima para fazer uma pergunta a Celia, o olhar muito sério.

— Posso comer uma maçã caramelada? — diz.

— Acabou a minha pipoca — reclama Widget, mostrando o saco vazio.

Celia pega o saco da mão dele e o dobra em pequenos quadrados, e os gêmeos observam o papel desaparecer por completo. Quando eles aplaudem, as mãos de Widget não estão mais cobertas de caramelo, embora ele nem tenha notado.

Celia pensa sobre os dois por um momento, enquanto Widget tenta entender onde foi parar o saco de pipoca e Poppet lança olhares meditativos para o céu.

Não é uma boa ideia. Ela sabe que não é uma boa ideia, mas seria melhor manter os dois por perto, observá-los com mais cuidado, dadas as circunstâncias e seus supostos talentos.

— Vocês gostariam de aprender a fazer essas coisas? — pergunta Celia.

Widget balança a cabeça de imediato, com tanto entusiasmo que seu chapéu cobre os olhos. Poppet hesita, mas depois concorda também.

— Então, quando vocês forem mais velhos, eu vou ensinar umas lições, mas isso vai ter de ser o nosso segredo — diz Celia. — Vocês conseguem guardar um segredo?

Os gêmeos balançam a cabeça, num gesto afirmativo. Widget precisa ajeitar o chapéu outra vez.

Contentes, os dois seguem Celia quando ela os leva de volta ao pátio.

Vontades e desejos

PARIS, MAIO DE 1891

Quando a cortina decorada com pingentes se abre com um som de chuva, é Marco quem entra na câmara da cartomante, e Isobel imediatamente retira o véu do rosto, a seda negra impossivelmente fina flutuando sobre a cabeça como uma névoa.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ela.

— Por que você não me falou sobre isso? — Ignorando a pergunta, ele mostra um livro aberto, e na luz tremeluzente Isobel consegue distinguir uma árvore negra sem folhas. Diferente das árvores rabiscadas em tantos outros livros de Marco, essa é coberta de velas brancas gotejantes. Ao redor do desenho principal há esboços detalhados de galhos retorcidos, de vários ângulos diferentes.

— Essa é a Árvore dos Desejos — diz Isobel. — É nova.

— Eu sei que é nova — retruca Marco. — Por que você não falou nada?

— Não tive tempo de escrever para você — explica ela. — E nem sabia se era ou não algo que você tivesse feito. Parecia algo que você poderia ter feito. É linda, a maneira como os desejos são acrescentados a ela ao se acenderem velas com outras já acesas e adicionando-as aos galhos. Desejos novos sendo acesos por antigos.

— Foi ela — diz Marco com naturalidade, pegando o caderno de volta.

— Como pode ter certeza? — pergunta Isobel.

Marco faz uma pausa, observando o desenho, frustrado por não poder captar de forma adequada a beleza daqueles rabiscos apressados.

— Eu consigo sentir — diz. — É como saber que uma tempestade está se formando, a mudança no ar ao redor. Assim que entrei na tenda eu senti, e é

mais forte ainda perto da árvore. Não sei se seria perceptível para alguém não familiarizado com essa sensação.

— Você acha que ela também pode sentir quando você faz esse tipo de coisa? — pergunta Isobel.

Marco não tinha pensado nisso, embora faça sentido. E considera a ideia estranhamente agradável.

— Não sei. — Isso é tudo o que consegue dizer.

Isobel afasta mais uma vez o véu que escorregou sobre o rosto.

— Bom — começa a dizer —, agora que já sabe, você vai poder fazer o que quiser com isso.

— Não funciona assim — contesta ele. — Eu não posso usar nada que ela tenha feito para os meus propósitos. Os lados precisam permanecer separados. Se estivéssemos jogando uma partida de xadrez, eu não poderia simplesmente remover as peças dela do tabuleiro. Minha única opção é retaliar com as minhas peças quando ela mover as dela.

— Então esse jogo pode não ter um fim — diz Isobel. — Como você vai pôr um circo inteiro em xeque-mate? Não faz sentido.

— Não é como xadrez — diz Marco, esforçando-se para explicar algo que finalmente começava a entender, ainda que não conseguisse articular de forma apropriada. Olha para a mesa, na qual algumas cartas continuam viradas para cima, e uma em particular chama sua atenção. — É assim — diz, apontando a mulher com a balança e a espada, as palavras *La Justice* escritas abaixo dos pés. — É uma balança: um lado é meu, o outro é dela.

Uma balança prateada aparece sobre a mesa entre as cartas, precariamente equilibrada, cada prato com pilhas de diamantes que brilham à luz das velas.

— Então o objetivo é fazer o prato da balança pender a seu favor? — pergunta Isobel.

Marco assente com um gesto de cabeça, folheando as páginas do seu caderno. Ele acaba sempre voltando à página com a árvore.

— Mas, se vocês dois continuarem acrescentando coisas aos pratos, aumentando o peso — diz Isobel, observando os suaves movimentos da balança —, ela não vai quebrar?

— Eu não acho que seja uma comparação precisa — diz Marco, e a balança desaparece.

Isobel franze a testa para o espaço vazio.

— Por quanto tempo isso vai continuar? — pergunta.

— Não tenho ideia. Você quer ir embora daqui? — acrescenta Marco, olhando para ela, incerto quanto à resposta que deseja ouvir.

— Não — responde Isobel. — Eu... não quero ir embora. Eu gosto daqui. Mas também gostaria de entender. Talvez, se entendesse melhor, eu pudesse ser mais útil.

— Você é útil — contesta Marco. — Talvez minha única vantagem seja o fato de que ela não sabe quem eu sou. Ela só tem o circo para esboçar sua reação, e eu tenho você para vigiá-la.

— Mas eu não vi nenhuma reação — protesta Isobel. — Ela é muito reservada. Lê mais que qualquer um que já conheci. Os gêmeos Murray a adoram. Ela sempre foi boa comigo. Nunca a vi fazer nada de extraordinário fora das suas apresentações. Você diz que ela está executando todas essas manobras, mas eu nunca vi. Como sabe que essa árvore não é trabalho de Ethan Barris?

— Sr. Barris cria coisas incríveis, mas isso não é dele. Embora tenha sido ela que enfeitou o carrossel dele, disso eu tenho certeza. Duvido que até mesmo um engenheiro com o talento do Sr. Barris possa fazer um grifo pintado na madeira *respirar*. A árvore está enraizada no solo, é uma árvore viva, mesmo que não tenha folhas.

— Você fez algum desejo? — pergunta Isobel em voz baixa.

Marco fecha o caderno sem responder.

— Ela ainda começa o espetáculo quinze minutos antes da hora cheia? — pergunta Marco, tirando o relógio do bolso.

— Sim, mas... você vai sentar lá e assistir? — questiona. — Não devem caber nem vinte pessoas na tenda. Ela vai notar você. Será que não vai achar estranho que esteja lá?

— Ela não vai nem me reconhecer — responde Marco. O relógio desaparece da sua mão. — Sempre que aparecer uma nova tenda, eu agradeceria que você me informasse.

Vira-se e sai, tão depressa que as chamas das velas tremulam com o deslocamento de ar.

— Eu sinto sua falta — diz Isobel quando ele sai, mas seu sentimento é esmagado pelo barulho da cortina de contas se fechando atrás dele.

Ela volta a cobrir o rosto com o véu negro.

*

ASSIM QUE O ÚLTIMO cliente sai, nas primeiras horas da manhã, Isobel pega seu baralho de Marselha do bolso. Ela sempre o carrega, embora use outro baralho para as leituras do circo, uma versão em preto e branco e tons de cinza feita sob encomenda.

Do baralho de Marselha ela tira uma única carta. Sabe qual será antes de virá-la na mesa. O anjo ilustrado na frente só confirma o que já suspeitava.

Isobel não põe a carta de volta no baralho.

Atmosfera

LONDRES, SETEMBRO DE 1891

O circo chegou perto de Londres: o trem adentrando a cidade pouco depois do crepúsculo, sem chamar atenção. Os vagões se desmontam, portas e corredores deslizam silenciosamente, formando correntes de aposentos sem janelas. Pedacos de lona se desdobram ao redor, cordas fazem voltas e formam nós e plataformas se montam sozinhas entre cortinas cuidadosamente drapejadas.

(A companhia imagina que essa proeza seja realizada por uma equipe enquanto todos desfazem os seus baús, embora alguns aspectos da transição sejam nitidamente automatizados. Costumava ser assim, entretanto agora não existe mais uma equipe, nenhum contrarregra invisível empurrando pedacos de cenário para os lugares apropriados. Isso não é mais necessário.)

As tendas acomodam-se, imóveis e escuras, e o circo não abrirá ao público até a noite seguinte.

Embora a maioria dos artistas tenha preferido passar a noite na cidade, visitando velhos amigos e seus pubs favoritos, Celia Bowen está sozinha em sua suíte nos bastidores.

Os aposentos são modestos em comparação a outros escondidos atrás das tendas do circo, mas são cheios de livros e de um mobiliário bem desgastado. Velas que não formam pares queimam alegremente em todas as superfícies disponíveis, iluminando os pombos adormecidos nas gaiolas penduradas entre as cortinas esvoaçantes de tapeçarias coloridas. Um aconchegante santuário, tranquilo e confortável.

As batidas na porta são uma surpresa.

— É assim que você pretende passar a noite? — pergunta Tsukiko, dando uma olhada no livro nas mãos de Celia.

— Imagino que queira sugerir uma alternativa — diz Celia. É raro a contorcionista visitar somente por visitar.

— Tenho um compromisso e achei que poderia vir comigo — propõe Tsukiko. — Você passa muito tempo sozinha.

Celia tenta protestar, mas Tsukiko é insistente, e escolhe um dos vestidos mais bonitos da jovem, dos poucos que ainda ostentam alguma cor, de um veludo azul profundo ornado de detalhes em dourado.

— Aonde estamos indo? — pergunta Celia, mas Tsukiko se recusa a dizer. Já é muito tarde para que o destino seja um teatro ou um balé.

Celia ri quando elas chegam à *maison* Lefèvre.

— Você podia ter me contado — diz.

— Aí não seria uma surpresa — responde Tsukiko.

Celia fora apenas a um evento na *maison* Lefèvre, e tratava-se mais de uma recepção antes da estreia do circo do que de um Jantar da Meia-Noite. Mas, apesar de só ter visitado a casa umas poucas ocasiões entre o seu teste e a noite de inauguração, ela sente que já conhece todos os convidados.

Sua chegada com Tsukiko é uma surpresa para todos, mas ela é muito bem recebida por Chandresh e levada até o escritório com uma taça de champanhe na mão antes de conseguir se desculpar por sua presença inesperada.

— Cuide para que ponham um prato a mais para o jantar — diz Chandresh a Marco antes de conduzi-la para um rápido giro pelo salão a fim de apresentá-la a todos. Celia acha estranho que Chandresh não se lembre.

Mme. Padva está elegante como sempre, com um vestido cor de cobre do tom das folhas de outono cintilando à luz das velas. As irmãs Burgess e Sr. Barris aparentemente já superaram o fato de os três estarem usando vários tons de azul, um detalhe não planejado, e o vestido de Celia é citado como prova de que a cor deve estar na moda.

Há menções sobre outro convidado que pode ou não aparecer, mas Celia não consegue ouvir o nome.

Ela se sente um pouco deslocada nessa reunião de pessoas que se conhecem há tanto tempo. Mas Tsukiko faz questão de incluí-la na conversa, e Sr. Barris presta tanta atenção a cada palavra sua que Lainie começa a brincar com isso.

Celia conhece muito bem Sr. Barris, tendo se encontrado com ele diversas vezes e trocado dezenas de cartas, mas ele faz um belo trabalho ao fingir que os dois são apenas conhecidos.

— Você deveria ter sido ator — sussurra ela quando tem certeza de que não será ouvida.

— Eu sei — responde ele, parecendo genuinamente triste. — É uma pena eu não ter seguido minha verdadeira vocação.

Celia nunca tinha conversado muito tempo com nenhuma das irmãs Burgess — Lainie é mais falante que Tara —, e essa noite fica sabendo em detalhes sobre as contribuições das duas para o circo. Enquanto os trajes de Mme. Padva e as proezas de engenharia do Sr. Barris são óbvios, a marca das irmãs Burgess é mais sutil, embora permeie quase todos os aspectos do circo.

Os aromas, a música, a qualidade da luz. Até o peso das cortinas de veludo na entrada. Elas organizaram cada elemento de forma a tudo parecer muito natural.

— Nós gostamos de atingir todos os sentidos — diz Lainie.

— Alguns mais do que outros — acrescenta Tara.

— É verdade — concorda a irmã. — Geralmente o aroma é subestimado, quando pode ser o mais evocativo dos detalhes.

— Elas brilham — diz Chandresh a Celia ao iniciar sua participação na conversa, trocando sua taça de champanhe vazia por outra recém-servida. — As duas são absolutamente brilhantes.

— O truque é fazer parecer que nada é intencional — murmura Lainie. — Fazer o artificial parecer natural.

— Juntar todos os elementos — conclui Tara.

Celia tem a impressão de que elas prestam o mesmo serviço na atual companhia. Duvida de que essas reuniões tivessem continuado por tanto tempo depois da estreia do circo sem as contagiadas risadas das irmãs Burgess. As duas fazem as perguntas perfeitas para manter a conversa fluindo, impedindo qualquer calmaria.

E Sr. Barris fornece um contraste ideal, sério e atento, mantendo a dinâmica do grupo em equilíbrio.

Um movimento na entrada chama a atenção de Celia, e, enquanto os outros devem ter atribuído aquilo às inúmeras velas ou aos reflexos dos espelhos, ela sabe a causa de imediato.

Celia sai da sala sem ser notada, esgueirando-se até a penumbra da biblioteca do outro lado do escritório. A iluminação vem de um painel de vidro jateado mostrando um pôr do sol mortiço de parede a parede, lançando suas

tonalidades quentes nas prateleiras mais próximas e deixando o resto da sala na sombra.

— Será que não posso ter uma noite para me divertir sem que você me siga? — sussurra Celia na escuridão.

— Não acho que encontros sociais desse tipo sejam um uso apropriado do seu tempo — responde o pai, a luz do sol iluminando parte do seu rosto e a frente da camisa com uma coluna distorcida e avermelhada.

— Você não pode dizer como devo passar todos os momentos do meu tempo, papai.

— Você está perdendo o foco — replica Hector.

— Eu não posso perder o foco — diz Celia. — Entre tendas novas e adornos, eu controlo boa parte do circo. Que no momento está fechado, caso você não tenha percebido. E, quanto mais eu conhecer essa gente, melhor poderei manipular o que já fizeram. Afinal, eles foram os criadores.

— Creio que é um argumento válido — reconhece Hector. Celia desconfia que ele esteja sendo irônico, embora esteja escuro demais para saber. — Mas é melhor se lembrar de que não há razão para você confiar em qualquer um naquela sala.

— Deixe-me em paz, papai — diz Celia, e suspira.

— Srta. Bowen — chama uma voz atrás e ela se vira, surpresa ao ver o assistente de Chandresh observando-a em pé no umbral da porta. — A refeição está para ser servida, caso queira se juntar aos convidados na sala de jantar.

— Perdoe-me — diz Celia, os olhos escrutinando a penumbra, mas o pai desaparecera. — Distraí-me com o tamanho da biblioteca. Não pensei que fossem perceber a minha ausência.

— Tenho certeza de que eles já perceberam — diz Marco. — Mas eu mesmo também já fui distraído por esta biblioteca muitas vezes.

O sorriso encantador que acompanha o comentário pega Celia de surpresa, pois raramente vira naquele rosto algo mais do que variações de graus de atenção reservada ou de ocasional nervosismo.

— Obrigada por ter vindo me buscar — diz, com a esperança de que convidados que falem sozinhos enquanto fingem examinar livros sem uma luz apropriada não sejam uma ocorrência incomum na *maison* Lefèvre.

— Provavelmente eles desconfiam que você desapareceu em pleno ar — responde Marco enquanto os dois caminham pelo corredor. — Achei que não era o caso.

Mantém as portas abertas para ela enquanto a conduz até a sala de jantar.

Celia senta-se entre Chandresh e Tsukiko.

— É melhor do que passar a noite sozinha, não é? — pergunta a contorcionista, e sorri quando Celia admite que é verdade.

À medida que os pratos são servidos, quando não está distraída pela incrível qualidade da comida, Celia brinca de decifrar as relações entre os convidados. Tentando entender a maneira como interagem, intuindo as emoções ocultas atrás dos risos e das conversas, interpretando os locais onde os olhares mais se demoram.

Os olhares de Chandresh na direção de seu atraente assistente ficam mais óbvios a cada taça de vinho, e Celia desconfia de que Sr. Alisdair saiba muito bem disso, embora permaneça como uma presença silenciosa na extremidade do aposento.

São necessários três pratos para determinar qual das irmãs Burgess Sr. Barris prefere, mas, no momento em que é servido algo que parece pombos inteiros temperados com canela, ela tem certeza, embora não saiba dizer se a própria Lainie percebeu.

Mme. Padva é chamada de “Tante” por toda a companhia, embora pareça mais uma matriarca que simplesmente uma tia. Quando Celia a trata como “Madame”, todos se viram, surpresos.

— Muito apropriado para uma garota de circo — comenta Mme. Padva com um brilho no olhar. — Vamos ter que soltar esses laços do espartilho se quisermos mantê-la como companhia mais íntima.

— Eu achava que os laços do espartilho seriam afrouxados *depois* do jantar — diz Celia, recebendo um coro de risadas.

— Vamos manter Srta. Bowen como companhia íntima apesar do estado do espartilho — diz Chandresh. — Anote isso — acrescenta, fazendo um sinal para Marco.

— O espartilho da Srta. Bowen está devidamente anotado, senhor — responde Marco, e as risadas borbulham pela mesa outra vez.

Marco olha de relance para Celia com um vestígio do sorriso de antes e se vira, desaparecendo quase com a mesma facilidade que o pai dela.

Chega o prato seguinte e Celia volta a ouvir e a observar, enquanto tenta identificar se a carne disfarçada numa torta leve como pluma imersa num delicado molho de vinho é na verdade carneiro ou algo mais exótico.

Há alguma coisa no comportamento de Tara que incomoda Celia. Há algo de assombrado em sua expressão que vai e volta. Num instante ela está ativa e envolvida na conversa, a risada ecoando a da irmã, e no seguinte parece distante, o olhar vagando pelas velas gotejantes.

Só no momento em que a risada dela soa quase como um soluço é que Celia percebe que ela lembra sua mãe.

A sobremesa interrompe a conversa completamente. Globos de açúcar soprado estão em todos os pratos e precisam ser rompidos para que as nuvens de creme lá dentro sejam acessadas.

Depois da cacofonia do açúcar se partindo, não demora muito para que os comensais percebam que, embora os globos pareçam idênticos, cada um deles foi presenteado com um sabor exclusivo.

Todos provam as sobremesas uns dos outros. Enquanto algumas são facilmente identificadas como gengibre com pêsego ou cocos ao curry, outras permanecem deliciosos mistérios.

A sobremesa de Celia é claramente de mel, porém com uma mescla de temperos sob a doçura que ninguém consegue reconhecer.

Depois do jantar, a conversa continua durante o café e o conhaque no escritório, até uma hora em que a maioria dos convidados considerou tarde demais, mas que Tsukiko demonstrou ser muito cedo para as meninas do circo.

Quando afinal começam a se despedir, Celia é abraçada da mesma forma que os outros, recebendo diversos convites para se encontrarem para um chá enquanto o circo estiver em Londres.

— Obrigada — diz Celia para Tsukiko quando deixam a casa. — Gostei mais do que imaginava.

— Os mais finos prazeres são sempre os inesperados — responde Tsukiko.

*

MARCO OBSERVA PELA JANELA a saída dos convidados, tendo um último vislumbre de Celia antes de ela desaparecer na noite.

Faz uma ronda pelo escritório e pela sala de jantar, depois desce e vai até as cozinhas para se certificar de que está tudo em ordem. Os outros funcionários

já foram embora. Apaga as últimas luzes antes de subir vários lances de escada para verificar se Chandresh está bem.

— Foi um excelente jantar o desta noite, não acha? — pergunta Chandresh quando Marco chega à suíte que ocupa todo o quinto andar, cada cômodo iluminado por uma miríade de lanternas marroquinas que lançam sombras fragmentadas no mobiliário suntuoso.

— Realmente, senhor — concorda Marco.

— Nada na agenda para amanhã, entretanto. Ou para hoje, qualquer que seja a hora.

— À tarde haverá uma reunião a respeito da programação da próxima temporada de balé.

— Ah, eu tinha esquecido — diz Chandresh. — Pode cancelar, está bem?

— É claro, senhor — diz Marco, tirando do bolso um caderno e anotando o pedido.

— Ah, e encomende doze caixas desse conhaque que Ethan trouxe. É uma maravilha.

Marco balança a cabeça em um gesto afirmativo, acrescentando essa informação às suas anotações.

— Você não está indo embora, está? — pergunta Chandresh.

— Não, senhor — responde Marco. — Eu achei que seria tarde demais para voltar para casa.

— *Casa* — repete Chandresh, como se fosse uma palavra estrangeira. — Esta casa é tão sua quanto aquele apartamento que você insiste em manter. Mais ainda, até.

— Vou me esforçar para me lembrar disso, senhor — diz ele.

— Srta. Bowen é uma mulher adorável, não acha? — ressalta Chandresh de repente, virando-se para conferir a reação à pergunta.

Pego de surpresa, Marco só consegue balbuciar algo que espera que faça lembrar suas anuências imparciais comuns.

— Precisamos convidá-la para jantar sempre que o circo estiver na cidade, para que possamos conhecê-la melhor — diz Chandresh com convicção, enfatizando a afirmação com um sorriso satisfeito.

— Sim, senhor — concorda Marco, esforçando-se para manter a expressão impassível. — Mais alguma coisa?

Chandresh ri ao fazer um gesto de dispensa com a mão.

Antes de se retirar para seus aposentos, uma suíte três vezes maior que o seu apartamento, Marco volta em silêncio até a biblioteca.

Fica algum tempo no mesmo local onde encontrou Celia horas atrás, escrutinando as prateleiras conhecidas e a parede de vidro jateado.

Não consegue imaginar o que ela poderia estar fazendo.

E não percebe os olhos que o observam das sombras.

Rêveurs

1891 — 1892

Herr Friedrich Thiessen recebe a carta pelo correio, um simples envelope no meio de suas faturas e correspondências comerciais. O envelope não contém nenhuma carta ou bilhete, apenas um cartão preto de um lado e branco do outro. “Le Cirque des Rêves” está impresso na frente em tinta prateada. No verso, escrito à mão em preto no fundo branco:

*Vinte e nove de setembro
Nos arredores de Dresden, Saxônia*

Herr Friedrich Thiessen mal consegue conter sua alegria. Negocia com seus clientes, termina seus relógios em andamento em tempo recorde e aluga um apartamento em Dresden por temporada.

Chega à cidade no dia 28 de setembro e passa o dia andando pela periferia, pensando sobre onde o circo pode estar montado. Não há indicação de sua chegada iminente, apenas uma leve eletricidade no ar, embora Herr Thiessen não tenha certeza se alguém além dele consegue sentir. Sente-se honrado por ter sido avisado com antecedência.

No dia 29 de setembro ele dorme até mais tarde, antecipando a longa noite que tem pela frente. Quando sai do apartamento, no início da tarde, para comer alguma coisa, as ruas já estão fervilhando com a notícia: um estranho circo apareceu da noite para o dia, a oeste da cidade. Uma coisa gigantesca, com tendas listradas, estão todos dizendo quando ele chega ao bar. Nunca viram nada igual. Herr Thiessen não faz comentários sobre o assunto, divertindo-se com a animação e a curiosidade ao seu redor.

Pouco antes do pôr do sol ele se encaminha para oeste e logo encontra o circo, pois uma grande multidão já se reúne do lado de fora. Enquanto aguarda, fica imaginando como o circo consegue ser montado com tanta rapidez. Tem certeza de que o terreno onde está agora, que sempre estivera ali, estava vazio no dia anterior, quando ele andara ao redor da cidade. O circo simplesmente se materializou. Como mágica, ele ouve alguém dizer, e é obrigado a concordar.

Quando afinal os portões se abrem, Herr Friedrich Thiessen sente como se estivesse voltando para casa depois de uma longa ausência.

Passa quase todas as noites lá, e durante o dia fica em seu apartamento alugado ou no bar com uma taça de vinho e um diário em que escreve a respeito. Páginas e mais páginas de observações contando suas experiências, principalmente para não esquecê-las, mas também para deixar alguma coisa do circo registrada no papel, algo em que se ancorar.

Às vezes ele conversa sobre o circo com seus companheiros do bar. Um deles é um homem que edita o jornal da cidade, e depois de muita persuasão e várias taças de vinho ele consegue convencer Friedrich a lhe mostrar o diário. Após uma ou duas doses de bourbon, ele é autorizado pelo relojoeiro a publicar trechos do diário no jornal.

O circo parte de Dresden no final de outubro, mas o editor do jornal cumpre sua palavra.

O artigo é bem recebido, e seguido por outro e depois outro.

Herr Thiessen continua a escrever, e nos meses seguintes alguns dos artigos saem em outros jornais alemães, e acabam sendo traduzidos e publicados na Suécia, na Dinamarca e na França. Um deles chega a um jornal de Londres, sob o título “Noites no Circo”.

São esses artigos que transformam Herr Friedrich Thiessen no líder não oficial, no porta-voz, num dos mais ardentes seguidores do circo.

Algumas pessoas são apresentadas ao Le Cirque des Rêves por meio de seus escritos, enquanto outras, ao lerem suas palavras, sentem uma ligação instantânea com ele, uma afinidade com esse homem que vivencia o circo como elas, como algo extraordinário e inimitável.

Alguns procuram por ele, e os encontros e jantares que se seguem prenunciam a formação de uma espécie de clube, uma sociedade dos amantes do circo.

O título *rêveurs* começa como piada, mas pega, seguro em sua adequabilidade.

Herr Thiessen gosta muito disso: estar cercado de mentes afins de toda a Europa, e às vezes até de mais longe, que têm discussões intermináveis sobre o circo. Ele transcreve a história de outros *rêveurs* para incluir em seus textos. Constrói para eles pequenos relógios que retratam seus números ou apresentações favoritos. (Um desses é uma maravilha de pequenos acrobatas pendurados em cordas, feito para uma jovem que passa a maior parte de seu tempo no circo naquela grande tenda, olhando para cima.)

Ele chega até mesmo a começar, não intencionalmente, uma tendência de moda entre os *rêveurs*. Comenta durante um jantar em Munique — onde muitos jantares são organizados perto da sua casa, embora sejam também realizados em Londres, Paris e incontáveis outras cidades — que sempre que vai ao circo prefere usar um casaco preto, para se misturar melhor com o ambiente e se sentir parte do lugar. Mas junto com o casaco usa também um cachecol escarlate brilhante, para se diferenciar dos demais, como um lembrete de que no fundo é um espectador, um observador.

A palavra se difunde rapidamente nesses círculos seletos, e assim começa a tradição de os *rêveurs* irem ao Le Cirque des Rêves vestidos de preto, branco ou cinza com um único detalhe vermelho chocante: um cachecol ou chapéu, ou, se o tempo estiver quente, uma rosa vermelha espetada na lapela ou atrás da orelha. Isso também facilita bastante a localização de outros *rêveurs*, um sinal simples para os que o conhecem.

Existem ainda os que têm os meios, ou mesmo os que não os têm mas que conseguem ser criativos de alguma forma, para seguir o circo em todos os lugares. Não existe um itinerário que seja de conhecimento público. O circo muda de lugar em intervalos de algumas semanas, com ocasionais interrupções, e ninguém sabe na verdade onde poderá reaparecer até que as tendas estejam montadas no campo ou numa cidade ou em seus arredores, ou em algum lugar entre um e outro.

Mas há aquelas poucas pessoas, *rêveurs* selecionados, que estão familiarizados com o circo e com seu funcionamento, que conheceram os indivíduos certos e são notificados dos lugares iminentes, e esses, por sua vez, avisam outros, em outros países, outras cidades.

O método mais comum é sutil, e funciona tanto pessoalmente como pelo correio.

Eles enviam cartões. Pequenos, retangulares, muito parecidos com cartões-postais, que variam mas são sempre pretos de um lado e brancos do outro.

Alguns usam cartões-postais mesmo, outros preferem fazer seus próprios modelos. A mensagem é simples:

O circo está chegando...

e um local. Às vezes há uma data, mas não sempre. O circo funciona mais com aproximações do que com detalhes exatos. Mas a notificação e a localização em geral são o suficiente.

A maior parte dos *rêveurs* tem uma casa como base e prefere não viajar para muito longe. *Rêveurs* que moram no Canadá podem ficar em dúvida sobre se deslocar para a Rússia, mas tranquilamente planejam longas visitas a Boston ou Chicago, enquanto os que moram no Marrocos podem viajar para muitos destinos na Europa, mas talvez não se animem de ir à China ou ao Japão.

Alguns, no entanto, seguem o circo aonde quer que ele vá, com dinheiro, sorte ou grandes favores prestados por outros *rêveurs*. Mas todos eles são *rêveurs*, cada um ao seu jeito, mesmo os que só podem ir ao circo quando o circo vai até eles, e não ao contrário. Eles sorriem quando localizam uns aos outros. Encontram-se nos bares para beber e conversar enquanto esperam com impaciência o sol se pôr.

São esses aficionados, esses *rêveurs*, que percebem os detalhes no grande quadro do circo. Notam as nuances dos trajes, os pormenores dos cartazes. Compram flores de açúcar e não as comem, preferindo embrulhá-las em papel para levá-las para casa com todo o cuidado. São entusiastas, devotados. Viciados. Alguma coisa no circo mexe com suas almas, e eles sofrem com sua ausência.

Elas procuram umas às outras, essas pessoas de afinidade tão específica. Contam como encontraram o circo, como aqueles primeiros passos pareceram mágicos. Como entrar num conto de fadas sob uma cortina de estrelas. Falam em tom categórico a respeito da maciez da pipoca, da doçura do chocolate. Passam horas discutindo a qualidade da luz, o calor da fogueira. Sentam-se com seus drinques sorrindo como crianças e adoram estar cercadas por seus pares, mesmo que só por uma noite. Quando se separam, cumprimentam-se e se abraçam como velhos amigos, mesmo que tenham acabado de se conhecer, e quando seguem seus caminhos se sentem menos sozinhas do que antes.

O circo sabe sobre elas, e as admira. Às vezes alguém que chega à bilheteria com um casaco preto e cachecol vermelho é admitido sem pagar o ingresso, ou ganha uma caneca de sidra ou um saco de pipocas. Artistas que os avistam na plateia apresentam seus melhores truques. Alguns *rêveurs* estão sempre andando pelo circo, visitando metodicamente todas as tendas, assistindo a cada apresentação. Outros têm seus locais favoritos, dos quais raramente se afastam, escolhendo passar a noite inteira no Zoológico ou na Sala de Espelhos. São os que ficam até mais tarde, durante as madrugadas em que a maioria dos visitantes já foi para casa.

Com frequência, pouco antes do amanhecer, as únicas cores que se veem no Le Cirque des Rêves são as pequenas manchas escarlate.

*

HERR THIESSEN RECEBE DEZENAS DE CARTAS de outros *rêveurs*, e responde a todas elas. Enquanto algumas se limitam a uma única resposta, outras transformam-se em trocas mais longas, séries de conversas em curso.

Hoje, Herr Thiessen está respondendo a uma carta que considera particularmente intrigante. O autor escreve sobre o circo com uma especificidade espantosa. E a carta é mais pessoal do que a maioria, desenvolvendo reflexões sobre seus escritos, comentários sobre seu relógio *Wunschtraum* com um nível de detalhes que exigiria horas de observação. Ele lê a carta três vezes antes de se sentar à escrivaninha para redigir a resposta.

O selo é de Nova York, mas ele não identifica a assinatura como sendo de nenhum dos *rêveurs* que conheceu ao passar por aquela ou por qualquer outra cidade.

Prezada Srta. Bowen, ele começa.

E espera receber uma carta em resposta.

Colaborações

SETEMBRO — DEZEMBRO DE 1893

Marco chega ao escritório de Sr. Barris em Londres poucos minutos antes do horário marcado, e fica surpreso ao encontrar o espaço, normalmente bem arrumado, em alvoroço, entulhado de caixotes parcialmente cheios e caixas empilhadas. A escrivaninha não está visível, soterrada embaixo de todo aquele caos.

— Já é tão tarde assim? — pergunta Sr. Barris quando Marco bate na porta aberta, incapaz de entrar por não ter onde pisar. — Eu devia ter deixado o relógio do lado de fora, está num desses caixotes. — Aponta para uma fileira de grandes caixotes de madeira encostados na parede, mas é impossível saber se um deles está tiquetaqueando. — E devia ter aberto caminho também — acrescenta, empurrando caixas para os lados e recolhendo pilhas de plantas baixas enroladas.

— Desculpe a intromissão — diz Marco. — Eu queria falar com o senhor antes que deixasse a cidade. Poderia esperar até o senhor estar instalado novamente, mas achei melhor discutir a questão pessoalmente.

— É claro — diz Sr. Barris. — Eu queria lhe dar umas cópias das plantas do circo. Estão por aqui em algum lugar. — Folheia a pilha de plantas, verificando etiquetas e datas.

A porta do escritório fecha-se em silêncio, sem ter sido tocada.

— Posso fazer uma pergunta, Sr. Barris? — indaga Marco.

— Com certeza — responde ele, ainda envolvido com os rolos de papel.

— Quanto o senhor sabe?

Sr. Barris larga as plantas e se vira, empurrando os óculos para enxergar melhor a expressão de Marco.

— Quanto eu sei sobre o quê? — pergunta, depois de uma pausa longa demais.

— Quanto Srta. Bowen lhe contou? — indaga Marco em resposta.

Sr. Barris olha para ele com curiosidade por um momento antes de falar.

— Você é o oponente dela — diz, com um sorriso espalhando-se pelo rosto quando Marco balança a cabeça. — Eu nunca teria adivinhado.

— Ela falou com você sobre a competição — continua Marco.

— Apenas em termos genéricos — confirma Sr. Barris. — Celia me procurou alguns anos atrás e perguntou o que eu diria se ela me contasse que tudo o que faz é real. Respondi que teria de acreditar na palavra dela ou achar que era mentirosa, e que nunca teria sonhado que uma dama tão adorável fosse uma mentirosa. Depois me perguntou o que eu poderia projetar se não tivesse de me preocupar com restrições como a gravidade. Foi o começo do Carrossel, mas imagino que você já saiba disso.

— Eu deduzi até aí — diz Marco. — Embora não tivesse certeza de quanto o senhor sabia.

— Veja, estou numa posição em que posso ser muito útil. Acredito que mágicos de palco empregam engenheiros para fazer seus truques parecerem algo que não são. Nesse caso, eu faço o serviço oposto: estou ajudando uma mágica verdadeira a parecer uma elaboração inteligente. Srta. Bowen chama isso de lastrear, tornar crível o inacreditável.

— Ela teve algo a ver com o Observatório Estelar? — pergunta Marco.

— Não, o Observatório é totalmente mecânico — responde Sr. Barris. — Posso mostrar as plantas estruturais, se conseguir encontrá-las nesta bagunça. Foi inspirado numa visita à Exposição Colombiana em Chicago no começo do ano. Srta. Bowen insistiu em que não poderia aperfeiçoá-lo, embora eu ache que ela pode ter algo a ver com a manutenção de seu funcionamento adequado.

— Então o senhor também é um mágico — observa Marco.

— Talvez nós simplesmente façamos coisas parecidas de formas diferentes — comenta Sr. Barris. — Considerando que Srta. Bowen tem um oponente à espreita em algum lugar, eu pensei que não estaria precisando de qualquer assistência. Os animais de papel, por exemplo, são incríveis.

— Obrigado — diz Marco. — Eu improvisei bastante tentando criar tendas que não precisassem de desenhos e projetos.

— É por isso que você está aqui? — pergunta Sr. Barris. — Por alguma planta baixa?

— Em primeiro lugar, eu queria saber ao certo o que você sabe a respeito do jogo — diz Marco. — Eu poderia fazer o senhor esquecer completamente esta conversa, é claro.

— Ah, não há necessidade de tanta precaução — retruca Sr. Barris balançando a cabeça com veemência. — Garanto que sou capaz de permanecer neutro. Não gosto de escolher lados. Posso ajudar você ou Srta. Bowen quanto desejarem sem revelar nada do que você ou ela me disserem em segredo. E não vou dizer uma palavra a qualquer um. Pode confiar em mim.

Marco arruma uma pilha instável de caixas enquanto pensa no assunto.

— Tudo bem — diz. — Embora eu deva admitir que estou surpreso com a maneira como está aceitando tudo isso, Sr. Barris.

Sr. Barris reage com uma risadinha.

— Admito que, de todos nós, eu pareço o menos provável — diz. — O mundo é um lugar mais interessante do que imaginava quando fui àquele primeiro Jantar da Meia-Noite. Será porque Srta. Bowen pode dar vida a uma criatura feita de madeira num carrossel ou por você poder manipular minha memória, ou porque o próprio circo expandiu as fronteiras do que eu sonhava ser possível, até antes de começar a pensar numa verdadeira mágica? Não sei dizer. Mas não trocaria isso por nada.

— E não vai revelar a minha identidade à Srta. Bowen?

— Não vou dizer nada — anuncia Sr. Barris. — Você tem a minha palavra.

— Neste caso — começa Marco —, eu agradeceria sua ajuda em algo.

*

QUANDO A CARTA CHEGA, Sr. Barris teme por um momento que Srta. Bowen fique aborrecida com o andamento das coisas, ou que faça perguntas sobre quem é seu oponente, já que ela vai perceber facilmente que ele agora está ciente desse fato.

Mas, quando abre o envelope, o bilhete dentro diz apenas: *Posso fazer alguns acréscimos?*

Ele responde informando-a de que aquilo fora especificamente projetado para ser manipulado pelas duas partes, e que, portanto, ela pode acrescentar o

que quiser.

*

CELIA ATRAVESSA um salão cheio de neve, com flocos brilhantes prendendo-se aos seus cabelos e à barra do vestido. Estende a mão, sorrindo ao ver os cristais derretendo em sua pele.

Há portas alinhadas por toda a extensão do salão e ela escolhe uma bem no final, deixando uma trilha de respiração condensada ao entrar num aposento onde precisa se desviar para não colidir com uma cascata de livros suspensos no teto, as páginas se abrindo em ondas congeladas.

Estende a mão para tocar o papel, o aposento inteiro balançando delicadamente enquanto vira as páginas.

Demora um bom tempo para encontrar outra porta, escondida num canto escuro, e ri quando suas botas afundam na areia fofa que se espalha pelo aposento.

Celia encontra-se num reluzente deserto branco, com um céu noturno brilhante que se estende em todas as direções. A sensação de espaço é tão ampla que ela precisa esticar o braço para encontrar uma parede escondida nas estrelas, e ainda se surpreende quando seus dedos tocam na superfície sólida.

Tateia as paredes estreladas, percorrendo sua extensão em busca de uma saída.

— Isso é horrroso — diz a voz de seu pai, embora ela não consiga enxergá-lo na luz difusa. — Você devia estar trabalhando em separado, não nessa... justaposição promíscua. Eu avisei sobre essa colaboração, não é a maneira adequada de mostrar as suas habilidades.

Celia suspira.

— Eu acho bastante inteligente — responde. — O que poderia ser melhor do que competir com alguém na mesma tenda? E você não pode chamar isso de colaboração. Como posso estar colaborando com alguém cuja identidade eu nem conheço?

Ela vislumbra o pai olhando para ela e se vira, prestando atenção na parede.

— Então, o que é superior? — pergunta. — Uma sala cheia de árvores ou uma sala cheia de areia? Você ao menos sabe quais são as minhas? Isso está ficando cansativo, papai. Está claro que meu oponente tem habilidades à altura. Como você vai determinar quem é o vencedor?

— Isso não é problema seu — sibila o pai, mais perto de seu ouvido do que ela gostaria. — Você é uma decepção, eu esperava mais de sua parte. Você precisa fazer mais do que isso.

— Fazer mais é exaustivo — protesta Celia. — Eu só posso controlar esse tanto.

— Não é o suficiente — observa o pai.

— Quando será o suficiente? — pergunta ela, mas não há resposta, pois está sozinha entre as estrelas.

Celia se senta no chão e pega um punhado de areia branca perolada, que deixa cair lentamente entre os dedos.

*

SOZINHO EM SEU APARTAMENTO, Marco constrói pequenos aposentos com pedaços de papel. Corredores e portas confeccionados com páginas de livros e recortes de plantas baixas, recortes de papel de parede e fragmentos de cartas.

Compõe câmaras que levam a outras, criadas por Celia. Escadas que cercam as paredes dela.

E deixa espaços abertos para ela responder.

O tique-taque do relógio

VIENA, JANEIRO DE 1894

O escritório é grande, mas parece menor que o volume do que há dentro dele. Embora algumas paredes sejam de vidro jateado, a maior parte é bloqueada por armários e prateleiras. O estirador perto das janelas está quase escondido no caos meticulosamente organizado composto por papéis, diagramas e plantas. O homem de óculos sentado à mesa é quase invisível, misturado ao ambiente. O som de seu lápis rabiscando o papel é tão metódico e preciso quanto o tique-taque do relógio no canto da sala.

Alguém bate à porta de vidro jateado e o lápis se imobiliza, embora o tique-taque do relógio não se perturbe.

— Uma tal de Srta. Burgess quer falar com o senhor — informa um assistente na porta aberta. — Diz que não quer incomodar, caso o senhor esteja ocupado.

— Não é nenhum incômodo — responde Sr. Barris, largando o lápis e levantando-se da cadeira. — Por favor, faça-a entrar.

O assistente sai do umbral da porta e é substituído por uma jovem com um elegante vestido de babados em renda.

— Olá, Ethan — saúda Tara Burgess. — Peço desculpas por aparecer sem avisar.

— Não há necessidade, minha querida Tara. Você está adorável, como sempre — responde Sr. Barris, beijando-a no rosto.

— E você não envelheceu nem um dia — replica Tara, com sinceridade.

O sorriso dele vacila e ele olha para outro lado, indo fechar a porta atrás dela.

— O que a traz a Viena? — pergunta. — E onde está sua irmã? Eu quase nunca as vejo separadas.

— Lainie está em Dublin, com o circo — responde Tara, voltando a atenção para o que há no aposento. — Eu... não estava muito no clima e achei melhor viajar um pouco sozinha. Visitar amigos que moram longe me pareceu um bom começo. Eu teria mandado um telegrama, mas resolvi meio de repente. E não sabia ao certo se seria bem-vinda.

— Você é sempre bem-vinda, Tara — observa Sr. Barris. Oferece uma cadeira, mas ela nem percebe e continua andando ao redor das mesas cobertas de modelos de construções altamente detalhados, parando aqui e ali para observar melhor: o arco de uma porta, a espiral de uma escadaria.

— Fica difícil perceber a diferença entre velhos amigos e parceiros de negócios em casos como o nosso, acho — observa Tara. — Se somos pessoas que mantêm conversas formais para encobrir segredos ou algo mais do que isso. Esse é uma maravilha — acrescenta, parando diante do modelo de uma elaborada coluna aberta com um relógio suspenso no centro.

— Obrigado — responde Sr. Barris. — Ainda está longe de ser concluído. Preciso mandar as plantas completas para Friedrich começar a construção do relógio. Imagino que será muito mais impressionante quando estiver em escala.

— Você tem as plantas para o circo aqui? — pergunta Tara, olhando para os diagramas espetados nas paredes.

— Não, na verdade, não. Deixei tudo com Marco em Londres. Eu queria guardar cópias em arquivos, mas devo ter esquecido.

— Você já se esqueceu de guardar cópias de algum de seus outros projetos? — pergunta Tara, passando o dedo pela fileira de armários com longas prateleiras estreitas, todas repletas de papéis cuidadosamente organizados.

— Não — responde Sr. Barris.

— E... não acha isso estranho? — pergunta Tara.

— Não exatamente — responde Sr. Barris. — Você acha?

— Eu acho muitas coisas do circo estranhas — observa Tara, brincando com a renda no punho da manga.

Sr. Barris senta-se à escrivaninha, recostando-se na cadeira.

— Vamos discutir o que você veio discutir ou vamos continuar dando voltas? — pergunta. — Eu costumo ficar tonto com facilidade.

— Eu sei que isso não é verdade — diz Tara, acomodando-se numa cadeira em frente a ele, embora o olhar continuasse vagando pelo aposento. — Mas

seria bom falar diretamente, para variar, e me pergunto se algum de nós ainda lembra como fazer isso. Por que você deixou Londres?

— Acho que saí de Londres pela mesma razão por que você e sua irmã viajam com tanta frequência — responde Sr. Barris. — Excesso de olhares curiosos e cumprimentos insinceros. Duvido que alguém tenha percebido que o dia em que meu cabelo parou de rarear foi o dia em que o circo estreou, mas depois de um tempo todos notaram. Enquanto nossa Tante Padva continua envelhecendo bem e qualquer coisa relacionada a Chandresh pode ser definida como excêntrica, nós estamos sob um tipo diferente de escrutínio, por estarmos mais próximos da normalidade.

— É mais fácil para os que podem simplesmente desaparecer no circo — diz Tara, olhando pela janela. — De vez em quando Lainie sugere que nós duas também o sigamos, mas acho que seria apenas uma solução temporária, pois somos instáveis demais para isso.

— Você poderia apenas relaxar — comenta Sr. Barris em voz baixa.

Tara balança a cabeça negativamente.

— Quantos anos até não adiantar mais ficar mudando de cidade? Qual é a alternativa? Mudar nossos nomes? Eu... não gosto de ser forçada a essas farsas.

— Não sei — responde Sr. Barris.

— Há muito mais coisas acontecendo do que temos conhecimento, disso eu tenho certeza — observa Tara com um suspiro. — Tentei conversar com Chandresh, mas era como se estivéssemos falando idiomas diferentes. Não gosto de não fazer nada quando algo claramente não está certo. Eu me sinto... não tolhida, mas algo parecido, e não sei o que fazer a respeito.

— E está procurando respostas — diz Sr. Barris.

— Não sei o que estou procurando — responde Tara, e por um instante seu rosto se contrai como se fosse romper em lágrimas, mas volta a se recompor. — Ethan, às vezes você sente como se estivesse o tempo todo sonhando?

— Não, acho que não.

— Estou achando difícil distinguir entre o sono e a vigília — explica Tara, puxando a renda do punho outra vez. — Não gosto de ficar no escuro. Também não gosto muito de acreditar em coisas impossíveis.

Sr. Barris tira os óculos e limpa as lentes com um lenço antes de responder, examinando-o contra a luz em busca de manchas.

— Eu já vi muitas coisas que poderia ter considerado impossíveis antes, ou inacreditáveis. Não tenho mais parâmetros bem definidos para essas questões. Prefiro exercer minhas funções da melhor forma possível e deixar os outros trabalharem em paz.

Abre uma gaveta da mesa, e depois de procurar tira um cartão de visita que contém apenas um nome. Mesmo de cabeça para baixo, Tara pode facilmente discernir o *A* e o *H*. Sr. Barris pega um lápis e anota um endereço de Londres embaixo do nome impresso.

— Acho que nenhum de nós sabia exatamente em que estávamos nos envolvendo — sentencia. — Se você insiste em se aprofundar nessa história, acho que ele pode ser o único de nós capaz de ajudar, embora não garanta que estará disponível.

Desliza o cartão em direção a Tara. Ela o observa com atenção antes de guardá-lo na bolsa, como se não tivesse certeza de que fosse real.

— Obrigada, Ethan — diz sem olhar para ele. — Agradeço muito, de verdade.

— Não há de quê, minha querida — responde Sr. Barris. — Eu... espero que encontre o que está procurando.

Tara apenas balança a cabeça, distraída, e pouco depois os dois passam a discutir outras questões de menor importância, enquanto o relógio segue tiquetaqueando as horas da tarde e a luz além das janelas de vidro jateado esmaece nitidamente. Sr. Barris a convida para jantar, mas ela recusa com delicadeza e sai sozinha.

Sr. Barris volta a sua mesa de desenho, e mais uma vez o arranhar do lápis e o tique-taque do relógio se harmonizam.

O guarda-chuva do mágico

PRAGA, MARÇO DE 1894

Esta noite o cartaz nos portões do Le Cirque des Rêves é bem grande, preso com fitas trançadas enroladas nas grades acima da fechadura. As letras são grandes o bastante para serem vistas a alguma distância, embora as pessoas continuem se aproximando para ler.

Fechado devido ao mau tempo

diz o cartaz, numa escrita elegante cercada por nuvens cinzentas pintadas vividamente. As pessoas leem o cartaz uma ou duas vezes, depois observam o pôr do sol e o céu claro e violeta e coçam a cabeça. Ficam ali por perto, alguns esperando para ver se o cartaz será retirado e se o circo será aberto, mas não há nada à vista e afinal a pequena multidão acaba se dispersando a fim de encontrar atividades alternativas para a noite.

Uma hora depois, começa: cortinas de chuva derramam e o vento agita a superfície das tendas listradas. O cartaz no portão dança com o vento, molhado e brilhante.

*

NA OUTRA EXTREMIDADE DO CIRCO, numa parte da cerca que não parece um portão mas que pode ser aberta, Celia Bowen sai das sombras das tendas escuras para a chuva, abrindo seu guarda-chuva com certa dificuldade. É um

guarda-chuva grande, com um cabo pesado e curvo, que quando Celia consegue abri-lo proporciona uma boa proteção contra a chuva. Mesmo assim, a metade inferior de seu vestido vinho fica ensopada a ponto de parecer preta.

Caminha sem prestar muita atenção à cidade, até mesmo porque não há muito que chame a atenção naquela chuvarada. Passa por apenas alguns pedestres nas ruas de paralelepípedos, todos parcialmente ocultos sob um guarda-chuva.

Finalmente, Celia para diante de um café bem-iluminado, cheio e animado apesar do mau tempo. Acrescenta seu guarda-chuva à coleção perto da porta.

São poucas as mesas desocupadas, mas a cadeira vazia que atrai seu olhar está perto da lareira, em frente a Isobel, sentada com uma xícara de chá e com o nariz enterrado num livro.

Celia nunca conseguiu entender muito bem aquela cartomante. Embora desconfie naturalmente de qualquer um cuja ocupação envolva dizer aos outros o que eles querem ouvir. E Isobel às vezes tem a mesma expressão nos olhos que Celia percebe em Tsukiko, de saber mais do que aparenta.

Entretanto, isso não deve ser incomum para alguém cujo negócio é contar às pessoas o que o futuro lhes reserva.

— Posso me sentar com você? — pergunta Celia.

Isobel ergue o olhar, com uma nítida expressão de surpresa, que logo é substituída por um sorriso afável.

— É claro — responde, marcando a página antes de afastar o livro. — Nem acredito que você se aventurou a sair com esse tempo. Saí um pouco antes da chuva e achei melhor esperar aqui. Eu deveria me encontrar com algumas pessoas, mas não acho que elas virão, dadas as circunstâncias.

— Não posso culpá-las — observa Celia, tirando as luvas molhadas. Balança-as delicadamente e elas secam de imediato. — Foi como atravessar um rio para chegar até aqui.

— Não quis ir à festa do mau tempo?

— Passei lá antes de escapar. Não estou com disposição para festas hoje à noite. Além disso, não gosto de perder nenhuma oportunidade de sair do circo e mudar de ares, mesmo que isso signifique quase me afogar.

— Eu também gosto de dar umas escapadas — concorda Isobel. — Foi você quem fez chover para tirar a noite de folga?

— Claro que não — replica Celia. — Mas, se tivesse, teria sido um exagero.

Enquanto Celia fala, seu vestido ensopado está secando, a cor quase preta voltando ao tom de vinho brilhante, embora não fique claro se aquilo é causado simplesmente pelo fogo suave queimando a seu lado ou se é uma sutil transformação que ela está realizando.

Celia e Isobel conversam sobre o tempo, sobre Praga e sobre livros, evitando falar do circo não intencionalmente, mas mantendo certo distanciamento. No momento elas são apenas duas mulheres sentadas a uma mesa, não uma cartomante e uma ilusionista, uma oportunidade que nem sempre ocorre para as duas.

A porta do café se escancara, permitindo a entrada de uma lufada de vento salpicado de chuva que provoca urros de aborrecimento nos frequentadores e o tinido dos guarda-chuvas pendurados ali perto.

Uma atendente que parece apressada para diante da mesa e Celia pede um chá de hortelã. Quando a garçonete se afasta, Celia olha por um longo tempo para o salão, esquadrihando a multidão como se estivesse procurando alguém, mas sem encontrar um ponto para focalizar.

— Algum problema? — pergunta Isobel.

— Ah, não é nada — responde Celia. — Uma sensação de estar sendo observada, mas deve ser imaginação.

— Talvez alguém tenha reconhecido você — sugere Isobel.

— Duvido — comenta Celia ao observar os frequentadores ao redor, sem encontrar ninguém olhando em sua direção. — As pessoas só veem o que querem ver. Tenho certeza de que este lugar já teve muitos clientes exóticos desde que o circo chegou à cidade. Isso faz com que seja mais fácil nos misturarmos à multidão.

— Eu sempre me surpreendi que ninguém me reconhecesse fora de contexto — comenta Isobel. — Já li a sorte de um punhado de pessoas aqui neste salão nas últimas noites, mas nenhuma delas chegou a reparar em mim. Talvez eu não pareça tão misteriosa quando não estou rodeada por velas e veludos. Ou talvez elas prestem mais atenção às cartas do que a mim.

— Você está com seu baralho aí? — pergunta Celia.

Isobel balança a cabeça em um gesto afirmativo.

— Você... quer uma consulta? — indaga.

— Se você não se importar.

— Você nunca me pediu isso.

— Em geral eu não tenho vontade de saber sobre o meu futuro — diz Celia. — Mas hoje estou um pouco curiosa.

Isobel hesita, olhando para a clientela ao redor, formada basicamente de boêmios tomando absinto e falando sobre arte.

— Eles não vão perceber nada — afirma Celia. — Garanto.

Isobel volta a olhar para Celia, depois tira as cartas da bolsa; não as pretas e brancas do circo, mas o baralho de Marselha original, gasto e esmaecido.

— Belo baralho — comenta quando Isobel começa a embaralhar, observando o rápido movimento das cartas.

— Obrigada.

— Mas são apenas setenta e sete cartas.

As mãos de Isobel hesitam por um instante, e uma carta cai do baralho em cima da mesa. Celia a apanha, dando uma olhada nas duas copas da superfície antes de devolver para Isobel, que a insere no baralho e continua misturando, as cartas passando de uma das mãos para a outra.

— Uma delas está... em outro lugar — explica Isobel.

Celia não faz mais perguntas.

A garçonete traz o chá de hortelã de Celia, sem nem sequer olhar para as cartas antes de se retirar.

— Foi você que fez isso? — pergunta Isobel.

— Sim, eu distraí a atenção dela — responde Celia depois de soprar com delicadeza a superfície do chá fumegante. Não era exatamente isso, mas o véu invisível que ela lançou sobre a mesa parece difícil de explicar. E o fato de a sensação de estar sendo observada não desaparecer apesar do véu a incomoda.

Isobel para de embaralhar e deposita o baralho virado para baixo na mesa.

Celia corta o baralho em três sem esperar pelas instruções de Isobel, segurando as bordas das cartas com cuidado ao depositar cada grupo em fila sobre a mesa.

— Qual deles? — pergunta Isobel.

Celia olha pensativa as três pilhas de cartas enquanto beberica o chá. Depois de um momento, aponta a do centro. Isobel junta o baralho de novo, mantendo a pilha indicada na parte de cima.

De início as cartas que põe sobre a mesa não são claras. Muitas copas. O dois de espadas. *La Papesse*, a enigmática sacerdotisa.

Isobel mal consegue conter um sobressalto quando deposita *Le Bateleur* sobre as cartas já abertas. Disfarça tossindo. Celia parece não ter percebido

nada.

— Desculpe-me — diz Isobel, depois de olhar as cartas em silêncio durante um tempo. — Às vezes demora um pouco para traduzir de forma adequada.

— Fique à vontade — diz Celia.

Isobel desliza as cartas pela mesa, concentrando-se em uma e depois em outra.

— Você carrega um fardo muito grande. Um coração pesado. Coisas que perdeu. Mas está se movendo em direção à mudança e à descoberta. Existem influências externas impulsionando você.

A expressão de Celia não revela nada. Ela olha para as cartas, às vezes para Isobel, atenta porém resguardada.

— Você está... como posso dizer? Lutando não é a palavra certa, mas existe um conflito com algo invisível, algo escondido de você nas sombras.

Celia apenas sorri.

Isobel coloca outra carta na mesa.

— Mas logo será revelado — continua.

Aquilo chama a atenção de Celia.

— Logo quando?

— As cartas não esclarecem a cronologia dos fatos, mas está bem perto. Quase imediatamente, eu diria.

Isobel tira outra carta. O dois de copas outra vez.

— Existem emoções — diz. — Uma emoção profunda. Você está na borda, próximo à superfície ainda, mas ela está aguardando para envolvê-la e levá-la para o fundo.

— Interessante — comenta Celia.

— Não é uma coisa que eu possa identificar como boa ou ruim, mas é... intensa. — Isobel afasta um pouco as cartas, *Le Bateleur* e *La Papesse* rodeados de espadas tingidas de fogo e copas cheias de água. O crepitar do fogo ao lado se mescla com o bater da chuva contra as janelas. — É quase uma contradição em si mesma — observa Isobel depois de um momento. — É como se fossem amor e perda ao mesmo tempo, juntos numa linda dor.

— Bem, parece algo pelo qual ansiar — observa Celia secamente, e Isobel sorri, ergue o olhar das cartas, mas não identifica nada na expressão de Celia.

— Desculpe-me por não poder ser mais clara — explica. — Se me ocorrer alguma coisa mais tarde, eu aviso. Às vezes é preciso refletir sobre as cartas

antes de entender o que elas querem dizer na verdade. Essas cartas... não é que não estejam claras, mas estão muito complexas, o que oferece muitas possibilidades a considerar.

— Não precisa se desculpar. Não posso dizer que estou muito surpresa. E obrigada, agradeço muito a sua revelação.

Celia então muda de assunto, embora as cartas continuem na mesa e Isobel não faça nenhum gesto para afastá-las. As duas falam sobre amenidades até Celia insistir em que precisa voltar para o circo.

— Espere ao menos até a chuva amainar — recomenda Isobel.

— Já monopolizei muito o seu tempo, e a chuva é só chuva. Espero que as pessoas que você está esperando apareçam.

— Duvido muito, mas obrigada. E obrigada por me fazer companhia.

— Foi um prazer — responde Celia, levantando-se enquanto veste as luvas. Desvia das pessoas no café lotado com facilidade, retira um guarda-chuva de cabo escuro do suporte perto da porta e faz um aceno de despedida a Isobel antes de se preparar para a caminhada de volta ao circo embaixo da chuva forte.

Isobel afasta um pouco a bagunça de cartas sobre a mesa.

Ela não mentiu, não exatamente. Considera quase impossível mentir a respeito das cartas.

No entanto, a competição está nítida, tanto que tudo mais está ligado a ela, passado e futuro.

Ao mesmo tempo, parece mais uma leitura de cartas para o circo do que para Celia em particular, mas é tão emocional que suplanta os detalhes. Isobel empilha as cartas no baralho outra vez. *Le Bateleur* flutua no alto enquanto ela embaralha, franzindo a testa e olhando ao redor do café. Apesar dos poucos chapéus-coco espalhados entre os frequentadores, não há sinal de quem ela está procurando.

Continua embaralhando até o Mago estar soterrado no fundo do baralho, então guarda as cartas e volta ao livro para esperar sozinha a chuva passar.

DO LADO DE FORA, CHOVE FORTE e a rua está escura e quase deserta, as janelas iluminadas pontuando as alamedas. Não faz tanto frio quanto Celia esperava, apesar do vento gelado.

Ela não sabe ler bem o tarô: existem sempre muitas possibilidades, muitos significados. Mas quando Isobel apontou os elementos específicos ela pôde ver a emoção complicada, a revelação iminente. Não sabe como interpretar aquilo, mas, apesar do ceticismo, espera que signifique que ela finalmente vai descobrir quem é seu oponente.

Caminha distraída, pensando nas cartas, mas aos poucos percebe que está se sentindo aquecida. Tanto ou até mais do que quando estava próxima ao fogo com Isobel. Mais do que isso, suas roupas ainda estão secas. A jaqueta, as luvas, até a barra do seu vestido. Não há uma gota de chuva, apesar de ela continuar a cair, com o vento fazendo com que vá para várias direções, fora dos padrões da força da gravidade. Gotas respingam das poças de água e espirram para todos os lados, mas Celia não sente nenhuma. Nem as botas estão molhadas.

Celia chega até a praça aberta, parando perto do imponente relógio astronômico no qual apóstolos entalhados fazem aparições programadas de hora em hora, apesar do clima.

Fica parada debaixo da chuva forte. A água cai com tanta intensidade ao redor que ela mal consegue enxergar alguns passos à frente, mas continua seca e aquecida. Estende a mão para além da proteção do guarda-chuva, examinando-a com atenção, mas nem um pingote de chuva cai nela. Aqueles que se aproximam mudam de direção antes de esbarrar naquela luva, desviando-se como se ela estivesse envolvida por algo invisível e impermeável.

É nesse momento que Celia percebe que o guarda-chuva que está segurando não é o seu.

— Com licença, Srta. Bowen — diz uma voz atrás dela, acima do ruído da chuva e ressoando na rua. Uma voz que ela reconhece mesmo antes de se virar e ver Marco em pé a sua frente, completamente encharcado, com gotas rolando da aba do chapéu-coco. Em suas mãos está um guarda-chuva preto fechado, idêntico ao que ela está segurando. — Creio que a senhorita esteja com o meu guarda-chuva — diz, quase sem fôlego, mas com um sorriso que tem muito de lobo para parecer tímido.

Celia olha para ele, surpresa. A princípio pergunta-se que diabo o assistente de Chandresh está fazendo em Praga, pois nunca o viu fora de Londres. Depois, surge a questão de como ele poderia ter um guarda-chuva daqueles.

Enquanto olha para ele, confusa, as peças do quebra-cabeça começam a se juntar. Lembra-se de todos os encontros que tivera com o homem agora em pé à sua frente na chuva, recordando o desconforto que ele mostrara durante o seu teste, os anos de olhares e comentários que ela interpretara apenas como um flerte tímido.

E a constante impressão de que ele nunca estava lá, tão misturado ao que o cercava que ela chegava a esquecer sua presença.

Antes, achava que era coisa típica de um ótimo assistente, sem levar em consideração quanto as aparências podem enganar.

De repente se sente muito tola por jamais ter pensando na possibilidade de ele ser seu oponente.

Logo depois Celia começa a rir, uma risada alegre que harmoniza com o ritmo da chuva. O sorriso de Marco é inconstante enquanto a observa, piscando os olhos cheios de água.

Assim que se recompõe, ela faz uma reverência perfeita em sua direção. Entrega o guarda-chuva a ele, assustando-se quando a chuva a atinge no exato momento em que o cabo sai de seus dedos. Marco entrega um guarda-chuva idêntico a ela.

— Minhas mais sinceras desculpas — diz, com um ar divertido ainda brilhando nos olhos.

— Gostaria muito de conversar com você, caso aceite acompanhar-me para um drinque — diz Marco.

O chapéu-coco já está quase seco quando ele tenta em vão proteger os dois com o guarda-chuva aberto. O vento chicoteia as mechas escuras do cabelo de Celia em seu rosto enquanto ela o avalia, observando as gotas de chuva evaporarem de seus cílios.

Depois de todos aqueles anos de conjecturas, estar diante de seu oponente não era algo que ela esperava.

Esperava que fosse alguém que conhecesse. Alguém dentro dos limites do circo, não fora dele, mas ainda assim envolvido.

São tantas perguntas, tantas coisas que gostaria de discutir, apesar das constantes advertências do pai sobre sua preocupação com o oponente. Mas, ao mesmo tempo, Celia sente-se repentinamente exposta, ciente de que ele sempre soubera onde cada um deles estava. Todas as vezes que abria a porta para ela ou fazia anotações para Chandresh. Todas as vezes que olhava para ela como agora, com aqueles desconcertantes olhos verdes brilhantes.

Mesmo assim, era um convite tentador.

Se não estivesse quase sendo afogada pela chuva, talvez ela aceitasse.

— Claro que você gostaria — diz Celia, retribuindo o sorriso de Marco. — Talvez em outra ocasião.

Abre o seu guarda-chuva com alguma dificuldade, e quando posiciona o canopi de seda negra sobre a cabeça, ela e o guarda-chuva desaparecem, deixando apenas gotas de água caindo no pavimento vazio.

Sozinho na chuva, Marco observa por algum tempo o espaço onde estava Celia antes de sair andando na noite.


**REFLEXOS E DISTORÇÕES**


O cartaz diz Sala de Espelhos, mas ao entrar se percebe que é mais do que um simples salão.

Você não está diante de painéis de vidro refletor que vão do chão ao teto, como era esperado, mas de centenas de espelhos de vários formatos e tamanhos, cada um numa moldura diferente.

Ao passar por um espelho que reflete suas botas, o espelho seguinte mostra apenas um espaço vazio e os espelhos do outro lado. Seu cachecol não aparece em um dos espelhos, mas depois retorna no outro.

Refletido atrás de você está um homem de chapéu-coco, embora ele apareça apenas em alguns espelhos. Ao se virar, você não consegue localizá-lo na sala, embora haja mais visitantes andando ao seu lado do que os que viu dentro do vidro.

A sala leva a um aposento circular, e a luz no interior dele brilha no momento em que você entra. Irradia de um poste alto situado no centro, um imponente ferro negro com uma lâmpada de vidro jateado que ficaria melhor na esquina de alguma cidade do que na tenda de um circo.

As paredes aqui são completamente espelhadas, cada longo espelho posicionado de forma a se alinhar com o teto listrado visível acima e o assoalho pintado de acordo.

Ao caminhar, o cômodo se transforma em um campo de infinitos postes de luz, as listras se repetindo em padrões fractais, interminavelmente.

Cartomancia

CONCORDO, MASSACHUSETTS, OUTUBRO DE 1902

Ao continuar andando pelo circo, o caminho de Bailey o leva de volta ao pátio. Faz uma pausa breve para observar as chispas da fogueira e depois no quiosque a fim de comprar um saquinho de chocolates, para compensar o jantar que quase não comeu. Os chocolates têm a forma de camundongos, com orelhas de amêndoas e caudas de licor. Come dois ao mesmo tempo e guarda o saco no bolso do casaco, esperando que não derreta.

Escolhe outra direção para sair do pátio, contornando a fogueira mais uma vez.

Passa por várias barracas com cartazes interessantes, mas não sente vontade de entrar em nenhuma, ainda com o espetáculo da ilusionista na cabeça. Ao fazer uma curva, dá de cara com uma tenda menor, que tem um cartaz elaborado com esmero:

Vidente

Consegue ler isso com facilidade, mas o resto é um complexo turbilhão de letras intrincadas, e Bailey precisa se aproximar um pouco para entender:

Destinos Descritos e Desejos Secretos Revelados

Bailey olha ao redor. Por um momento não há ninguém à vista em nenhuma direção, e o circo parece misteriosamente semelhante à forma que tinha quando ele se esgueirou pela cerca no meio do dia, como se estivesse vazio a não ser por ele e pelas coisas (e pessoas) que sempre estão lá.

A atual discussão sobre o seu futuro ecoa em seus ouvidos quando ele entra na tenda.

Bailey está numa sala que o faz lembrar-se do escritório da sua avó, só que cheirando menos a lavanda. Há cadeiras, mas todas estão desocupadas, e um faiscante lustre chama a atenção dele por um instante antes que note a cortina.

É feita de fios de contas brilhantes. Bailey nunca viu nada parecido. Cintila sob a luz, e ele não tem certeza se deve passar por ela ou esperar por algum tipo de sinal ou anúncio. Olha ao redor em busca de algum cartaz informativo, mas não encontra nada. Fica parado, confuso, no vestíbulo vazio, quando uma voz o chama por trás da cortina de contas.

— Entre, por favor — diz a voz. Uma voz de mulher, calma e soando como se estivesse ao seu lado, embora Bailey tenha certeza de que veio da outra sala. Hesitante, estende a mão para tocar as contas, que são lisas e frias, e descobre que seu braço a atravessou com facilidade, que a cortina se abre como água ou grama alta. As contas retinem quando os fios batem uns nos outros, e o barulho que ecoa no espaço escuro soa como chuva.

A sala onde ele está agora não se parece tanto com o escritório na casa da avó. É cheia de velas e há uma mesa no centro, com uma cadeira vazia de um lado e uma dama vestida de negro, com um fino véu sobre o rosto, sentada do outro. Sobre a mesa há um baralho e uma bola de cristal.

— Sente-se, meu jovem, por favor — diz a dama, e Bailey anda alguns passos até a cadeira vazia e se senta. A cadeira é surpreendentemente confortável, diferente dos assentos duros de sua avó, embora sejam muito parecidos à primeira vista. Só agora Bailey percebe que, fora a garota ruiva, ele nunca ouvira a voz de nenhuma outra pessoa do circo. A ilusionista ficara em silêncio durante toda a apresentação, ainda que na ocasião ele não tivesse notado.

— Desculpe-me, mas se exige o pagamento adiantado — diz ela. Bailey sente-se aliviado de ter dinheiro suficiente no bolso para aquela despesa não planejada.

— Quanto é? — pergunta.

— Quanto você quiser pagar por um vislumbre do seu futuro — explica a vidente. Bailey faz uma pausa para refletir sobre aquilo por um instante. É estranho, porém justo. Tira do bolso o que espera ser uma quantia adequada e põe em cima da mesa. A mulher não pega o dinheiro, mas ao passar a mão sobre ele as notas desaparecem.

— Agora, o que você gostaria de saber? — pergunta.

— Sobre o meu futuro — responde Bailey. — Minha avó quer que eu estude em Harvard, mas meu pai quer que eu tome conta da fazenda.

— E o que você quer? — pergunta a vidente.

— Não sei — diz Bailey.

A dama ri, mas de um jeito amistoso, que faz Bailey se sentir mais à vontade, como se estivesse falando com uma pessoa normal e não com alguém mágico ou misterioso.

— Tudo bem — continua ela. — Podemos ver o que as cartas têm a dizer sobre isso.

A vidente pega as cartas e as embaralha, passando-as de uma mão para a outra. Elas se dobram umas sobre as outras em ondas. Em seguida as distribui pela mesa num movimento fluido, formando um arco de cartas pretas e brancas idênticas.

— Escolha uma — diz ela. — Não tenha pressa. Vai ser a sua carta, a que vai representar você.

Bailey examina o arco de cartas e franze a testa. Parecem todas iguais. Fatias de estampa, algumas mais grossas, outras não tão alinhadas com as demais. Olha de cima a baixo e de um lado a outro, e uma delas chama sua atenção. Está mais escondida que as outras, quase encoberta pela de cima. Só a beirada é visível. Estende o braço, mas hesita antes de sua mão chegar lá.

— Posso tocar nela? — pergunta. Sente-se da mesma forma que no dia em que deixaram que pusesse a mesa com os melhores pratos, como se na verdade não tivesse permissão para encostar naquelas coisas e com um medo pungente de quebrar algo.

A vidente assente com um gesto de cabeça, e Bailey toca a carta e a separa de suas companheiras, deixando-a em destaque na mesa.

— Pode virar a carta — diz a vidente, e Bailey faz isso.

A face não é igual à das cartas em branco e vermelho com as quais ele está acostumado, com copas e paus e espadas e ouros. Em vez disso, tem uma figura desenhada em preto e branco com tons de cinza.

A ilustração é de um cavaleiro sobre a montaria, como em um conto de fadas. O cavalo é branco e a armadura é cinza, e há nuvens escuras ao fundo. O animal está a meio galope, o cavaleiro inclina-se para a frente na sela, a espada desembainhada como se estivesse a caminho de uma grande batalha. Bailey analisa a carta, perguntando-se para onde o cavaleiro está indo e o que a carta

pode significar. *Cavalier d'Épées*, está escrito em letras elegantes na parte de baixo.

— E esse aqui seria eu? — pergunta Bailey.

A mulher sorri ao reunir o arco de cartas numa pilha bem arrumada.

— A carta representa você, na sua leitura — esclarece. — Pode significar movimento ou viagem. Nem sempre as cartas querem dizer a mesma coisa todas as vezes. Elas mudam de acordo com a pessoa.

— Deve ser difícil interpretar isso — comenta Bailey.

A mulher ri novamente.

— Às vezes — concorda. — Vamos tentar assim mesmo?

Bailey balança a cabeça e ela embaralha as cartas mais uma vez, para cima e para baixo, depois as divide em três pilhas e as coloca na frente dele, sobre a carta com o cavaleiro.

— Escolha a pilha que mais o atrair — recomenda.

Bailey analisa as pilhas de cartas. Uma delas não está tão bem arrumada, outra é maior que as demais. Seus olhos vão e voltam para a pilha da direita.

— Esta aqui — escolhe. Embora seja apenas um palpite, parece ser a decisão adequada.

A vidente assente com um gesto de cabeça e junta as três pilhas outra vez, deixando a escolhida por Bailey na parte de cima. Começa a virar as cartas uma de cada vez, depositando-as com a face para cima num elaborado padrão ao longo da mesa, algumas sobrepostas e outras enfileiradas, até que cerca de uma dúzia de cartas esteja aberta. São imagens em preto e branco, muito parecidas com a do cavaleiro, algumas mais simples, outras mais complexas. Muitas mostram pessoas em diversos cenários, algumas mostram animais, enquanto outras têm taças ou moedas, e ainda há mais espadas. Seus reflexos se alongam na bola de cristal sobre a mesa.

Por alguns instantes a vidente olha para as cartas, e Bailey conjectura se ela está esperando que as cartas revelem alguma coisa. E acha que ela está sorrindo, mas tentando esconder, só um pouquinho.

— Interessante — diz a vidente. Toca uma das cartas, uma dama com um manto esvoaçante segurando uma balança, e outra que Bailey não consegue ver tão bem, mas que parece um castelo desmoronando.

— O que é interessante? — pergunta Bailey, ainda confuso com o processo. Ele não conhece nenhuma dama vendada, nunca esteve em um castelo desmoronando. Nem sabe ao certo se existe algum castelo na Nova Inglaterra.

— Você tem uma viagem pela frente — diz a vidente. — Há muita movimentação. Muitas responsabilidades. — Empurra uma carta, abre outra e franze um pouco a testa, embora Bailey continue achando que ela está tentando esconder um sorriso. Fica mais fácil ver sua expressão através do véu quando seus olhos se adaptam à luz das velas. — Você é parte de uma cadeia de acontecimentos, ainda que não consiga ver como suas ações vão afetar o resultado na época.

— Eu vou fazer alguma coisa importante, mas preciso ir a algum lugar antes? — pergunta Bailey. Ele não esperava que uma leitura de sorte fosse tão vaga. A parte da viagem parece favorecer o lado da sua avó, ainda que Cambridge não seja tão longe.

A vidente não responde de imediato. Em vez disso, vira outra carta. Dessa vez ela não esconde o sorriso.

— Você está procurando Poppet — diz.

— O que é um poppet? — indaga ele.

A vidente não responde. Em vez disso, ergue o olhar das cartas e o encara, surpresa. Bailey sente que ela o está avaliando por completo ou, mais do que isso, que seus olhos escrutinam o rosto dele, do cachecol ao chapéu. Ele se mexe na cadeira.

— O seu nome é Bailey? — pergunta.

A cor esvai-se do rosto de Bailey e toda a apreensão e o nervosismo que sentia antes voltam instantaneamente. Precisa engolir em seco antes de conseguir responder, emitindo um som parecido com o de um sussurro.

— Sim? — responde.

Soa como uma pergunta, como se ele não soubesse ao certo qual é o próprio nome. A vidente sorri para ele, um sorriso reluzente que faz com que perceba que ela não é tão velha quanto ele pensava. Talvez tenha poucos anos a mais que ele.

— Interessante — observa ela. Bailey gostaria que ela usasse alguma outra palavra. — Nós temos uma colega em comum, Bailey. — Volta a olhar para as cartas na mesa. — Você está aqui esta noite procurando por ela, acredito. Mas agradeço por ter escolhido visitar minha tenda também.

Bailey pisca os olhos, tentando entender tudo o que ela está dizendo e perguntando-se como ela sabe a verdadeira razão de ele estar no circo, uma vez que não falou com ninguém sobre isso e nem mesmo admitiu para si mesmo.

— Você conhece a garota de cabelos vermelhos? — pergunta, incapaz de acreditar que é a isso mesmo que a vidente esteja se referindo.

Mas ela confirma.

— Eu a conheço, e o irmão dela também, desde que nasceram — responde a vidente. — É uma garota muito especial, tem um cabelo lindo.

— Ela... ainda está aqui? — pergunta Bailey. — Eu só a encontrei uma vez, na última estada do circo aqui.

— Ela está aqui — responde a vidente. Espalha um pouco mais as cartas na mesa, tocando uma e outra, embora Bailey não esteja mais prestando atenção em qual carta é qual. — Você vai encontrá-la outra vez, Bailey. Não há dúvida disso.

Bailey resiste à vontade de perguntar quando, e prefere esperar para ver se ela tem algo mais a acrescentar com relação às cartas. A vidente continua remexendo-as aqui e ali. Pega a carta com o cavaleiro e a deposita em cima do castelo desmoronando.

— Você gosta do circo, Bailey? — pergunta, olhando mais uma vez para ele.

— É um lugar diferente de tudo o que já vi — responde Bailey. — Não que eu tenha estado em muitos lugares — acrescenta rapidamente. — Mas acho o circo maravilhoso. Eu gosto muito.

— Isso vai ajudar — comenta a vidente.

— Ajudar no quê? — pergunta, mas ela não responde. Em vez disso, tira outra carta do baralho e a coloca junto à do cavaleiro. É a imagem de uma dama despejando água num lago, com uma estrela brilhante cintilando acima da cabeça.

Continua sendo difícil distinguir a expressão dela por baixo do véu, mas Bailey tem certeza de que ela franze a testa diante da carta ao depositá-la na mesa, ainda que a expressão não seja mais a mesma quando ela volta a olhar para ele.

— Você vai ficar bem — continua a vidente. — Pode haver decisões a tomar, e surpresas pela frente. Às vezes a vida nos leva a lugares inesperados. O futuro nunca está gravado em pedra, lembre-se disso.

— Vou lembrar — diz Bailey. Tem a impressão de que a vidente parece um pouco triste quando começa a recolher as cartas da mesa, reunindo-as numa pilha bem arrumada. Deixa o cavaleiro por último, colocando-o no alto da pilha.

— Obrigado — diz Bailey. Ele não teve uma resposta clara como gostaria a respeito do seu futuro, mas por alguma razão esse assunto já não parece tão pesado como antes. Reflete se deve ir embora, inseguro quanto à etiqueta apropriada nesses casos.

— De nada, Bailey — responde a vidente. — Foi um prazer fazer a leitura para você.

Bailey enfia a mão no bolso, tira um saquinho de camundongos de chocolate e oferece a ela.

— Aceita um camundongo? — pergunta. Antes que possa repreender-se mentalmente por ter feito uma coisa tão tola, a vidente sorri, embora por um instante haja alguma tristeza atrás do sorriso.

— Bem, sim, aceito — responde, pegando um dos camundongos de chocolate do saquinho pelo rabo de licor. Deposita o doce sobre a bola de cristal. — Eles estão entre os meus favoritos — confia. — Obrigada, Bailey. Aproveite o restante da noite no circo.

— Vou fazer isso — diz ele. Levanta-se e anda até a cortina de contas. Estende uma das mãos para afastar os cordões, mas de repente para e se vira.

— Qual é o seu nome? — pergunta à vidente.

— Acho que nunca antes um dos meus clientes chegou a perguntar o meu nome. Isobel.

— Foi um prazer conhecê-la, Isobel.

— O prazer foi meu, Bailey — replica. — E talvez você queira seguir o caminho à direita quando sair — acrescenta.

Bailey balança a cabeça e sai, passa pelos cordões de contas e entra no vestibulo vazio. As contas não fazem muito barulho ao se acomodarem, e quando se aquietam tudo fica suave e imóvel, como se não houvesse outra sala atrás delas, nenhuma vidente sentada a uma mesa.

Bailey se sente estranhamente à vontade. Como se estivesse mais perto do chão, porém ao mesmo tempo mais alto. Suas preocupações com o futuro não têm mais o mesmo peso quando ele sai da tenda e vira à direita, em um caminho que contorna as tendas listradas.

O mago na árvore

BARCELONA, NOVEMBRO DE 1894

Os ambientes ocultos atrás da profusão de tendas do Le Cirque des Rêves contrastam com o preto e o branco do lugar. Repletos de cores vivas. Acalentados por luminosas lâmpadas de âmbar.

O espaço mantido pelos gêmeos Murray é especialmente vívido. Um caleidoscópio de cores explodindo em carmesim, coral e amarelo-canário, com tal intensidade que às vezes o lugar parece estar em chamas, pontilhado por gatinhos fofos pretos como fuligem e brilhantes como faíscas.

Às vezes alguém sugere que os irmãos sejam mandados a um colégio interno para receberem uma educação adequada, mas os pais insistem em que eles aprendem mais vivendo em tão diversificada companhia e viajando pelo mundo do que se estivessem confinados por livros e salas de aula.

Os gêmeos continuam muito contentes com a situação, tendo aulas irregulares sobre inúmeros temas e lendo todos os livros em que conseguem pôr as mãos, pilhas que em geral acabam no berço de ferro forjado do qual eles não se separaram quando cresceram.

Os dois conhecem cada centímetro do circo, circulando à vontade entre as cores e o preto e branco. Igualmente confortáveis nas duas situações.

Esta noite eles estão numa tenda listrada embaixo de uma árvore bem grande, com galhos negros e sem folhas.

A essa hora da madrugada não há mais frequentadores passando por essa tenda em particular, e é improvável que algum visitante do circo a encontre nas horas que restam até a alvorada.

Os gêmeos Murray recostam-se no tronco maciço, bebericando uma fumegante sidra quente com especiarias.

Já terminaram suas apresentações da noite, e agora dispõem das horas que restam até o amanhecer para fazer o que quiserem.

— Você quer ler? — pergunta Widget à irmã. — A gente poderia dar uma volta, não está muito frio. — Tira um relógio de bolso do casaco para verificar as horas. — Não está tão tarde também — acrescenta, embora sua definição de tarde seja o que muitos consideram muito cedo.

Poppet morde os lábios, pensando um pouco antes de responder.

— Não — diz afinal. — Da última vez estava tudo vermelho e confuso. Acho que eu devia esperar um pouco antes de tentar outra vez.

— Vermelho e confuso?

Poppet confirma com um aceno de cabeça.

— Era um monte de coisas sobrepostas — explica. — Fogo e algo vermelho, mas não ao mesmo tempo. Um homem sem sombra. Uma sensação de que tudo se revelava, ou se emaranhava, como quando gatinhos embarçam os fios e fazem nós, e não é possível encontrar a ponta.

— Você falou sobre isso com Celia? — pergunta Widget.

— Ainda não — responde Poppet. — Eu não gosto de contar para ela coisas que ainda não entendo. Na maior parte das vezes tudo acaba fazendo sentido.

— Isso é verdade — concorda Widget.

— Ah, e tem outra coisa — diz Poppet. — Nós vamos ter companhia. Isso também estava lá. Não sei se foi antes ou depois das outras coisas, ou entre as duas.

— Você consegue ver quem será? — pergunta Widget.

— Não — responde Poppet simplesmente.

Widget não se surpreende.

— O vermelho era alguma coisa? — pergunta ele. — Você sabe dizer?

Poppet fecha os olhos, recordando.

— Parece tinta — responde.

Widget vira-se para olhá-la.

— Tinta? — repete.

— Como tinta derramada, no chão — responde Poppet. Fecha os olhos outra vez, mas volta a abri-los rapidamente. — Vermelho-escuro. Está tudo misturado e não gosto mesmo da parte vermelha, quando a vi, minha cabeça doeu. A parte da companhia é mais agradável.

— Uma companhia seria agradável — observa Widget. — Você sabe quando?

— Parte dela parece que vai ser logo. O restante parece mais distante.

Os dois continuam bebericando a sidra em silêncio por um momento, recostados no tronco da árvore.

— Por favor, conte uma história — pede Poppet depois de um tempo.

— Que tipo de história? — pergunta Widget. Ele sempre pergunta, dando a ela a oportunidade de fazer um pedido, mesmo que já tenha uma história em mente. Apenas plateias especiais ou preferenciais recebem esse tratamento.

— Uma história sobre uma árvore — diz Poppet, olhando para os galhos retorcidos acima de suas cabeças.

Widget faz uma pausa antes de começar, deixando a tenda e a árvore figurarem como um prólogo silencioso enquanto Poppet espera pacientemente.

— Os segredos têm poder — começa Widget. — E esse poder diminui quando eles são compartilhados, por isso é melhor que sejam guardados, e bem guardados. Dividir segredos, verdadeiros segredos, os importantes, até mesmo com uma só pessoa, fará com que mudem. Anotar é pior ainda, pois ninguém pode dizer quantos olhos poderão ler aquilo, não importa quanto sejamos cuidadosos. Por isso é melhor guardar os seus segredos, quando os tiver, para o bem deles e o seu também.

“É por isso, em parte, que hoje existe menos magia no mundo. A magia é um segredo, e os segredos são mágicos, afinal, e representam anos e anos de ensino e compartilhamento da magia. Escrever esses segredos em livros bonitos que ficam empoeirados com o tempo os enfraquece, remove seus poderes pouco a pouco. Isso era inevitável, talvez, mas não irreversível. Todo mundo comete erros.

“O maior mago da história cometeu o erro de partilhar seus segredos. E esses segredos eram tão mágicos quanto importantes, por isso foi um erro bem grave.

“Ele os contou para uma garota. Era uma jovem bonita e inteligente...”

Poppet engasga. Widget para de falar.

— Desculpe — diz Poppet. — Continue, Widge, por favor.

— Ela era jovem, inteligente e bonita — continua Widget. — Porque, se não fosse bonita e inteligente, teria sido mais fácil resistir e não haveria nenhuma história para contar.

“O mago era velho e também muito inteligente, claro, e tinha ficado muito, muito tempo sem contar seus segredos para ninguém. Talvez com o passar dos anos ele tivesse se esquecido da importância de guardar os segredos, ou talvez tivesse se distraído pela juventude, pela beleza ou pela inteligência da moça. Talvez ele estivesse apenas cansado, ou talvez tivesse tomado vinho demais e não percebera o que estava fazendo. Quaisquer que tenham sido as circunstâncias, ele contou seus segredos mais profundos para a garota, todas as chaves escondidas para a sua magia.

“Quando foram passados do mago para a garota, os segredos perderam parte de seu poder, assim como os gatos perdem parte do pelo quando são bem escovados. Mas ainda eram potentes e eficientes e mágicos, e a garota os usou contra o mago. Ela o enganou de forma a tirar seus segredos e se apropriar deles. Não se preocupou em guardá-los, e provavelmente os anotou em algum lugar.

“Ela prendeu o mago dentro de um grande tronco de carvalho. Uma árvore como esta aqui. E a mágica que usou para fazer isso era forte, pois era a própria mágica do mago, antiga e poderosa, e ele não conseguiu desfazê-la.

“Ela o deixou lá, e ele não podia ser resgatado porque ninguém mais sabia que estava dentro da árvore. Mas o mago não estava morto. A garota talvez o tivesse matado, se pudesse, depois de ter extraído os seus segredos, mas não podia matá-lo com a magia que roubara dele. E talvez ela nem quisesse fazer isso. Estava mais preocupada com o poder do que com o mago, mas podia também gostar um pouco dele, o suficiente para deixá-lo vivo, de certa forma. A intenção era prendê-lo, e isso ela tinha conseguido.

“Mas na verdade ela não foi tão bem-sucedida quanto gostaria. Foi descuidada ao guardar seu novo segredo mágico. Gostava de se exibir e em geral não cuidava bem dele. Seu poder foi minguando, assim como ela.

“O mago, por outro lado, tornou-se parte da árvore. E a árvore evoluiu e cresceu, com os galhos estendendo-se para o céu e as raízes se aprofundando na terra. Ele era parte das folhas e da casca e da seiva, e parte das bolotas que eram carregadas pelos esquilos para se tornarem novos carvalhos em outros lugares. E, quando essas árvores cresciam, o mago estava também naqueles galhos e folhas e raízes.

“Então, ao perder seus segredos, o mago ganhou a imortalidade. Sua árvore conservou-se até aquela jovem bela e inteligente ficar velha e deixar de ser bonita, e de certa forma o mago tornou-se maior e mais forte do que jamais

tinha sido. Embora, caso tivesse uma chance de fazer tudo de novo, provavelmente teria mais cuidado com seus segredos.”

Quando Widget termina, a tenda fica em silêncio outra vez, mas a árvore sente-se mais viva do que antes de ele ter começado.

— Obrigada — diz Poppet. — Foi uma boa história. Meio triste, mas ao mesmo tempo não tão triste.

— De nada — retruca Widget. Toma um gole de sidra, agora mais morna do que quente. Segura a caneca nas mãos, ergue-a no nível dos olhos e fica observando até a superfície começar a fumer suavemente.

— Faça isso com a minha, por favor — pede Poppet, estendendo sua caneca. — Eu nunca faço isso direito.

— Bem, eu também nunca consigo levitar nada direito, então estamos quites — observa Widget, mas pega a xícara sem reclamar e se concentra até a sidra estar quente e fumegante outra vez.

Faz menção de devolver para ela, mas a caneca sai flutuando de sua mão para a dela, a superfície da bebida ondulando com o movimento, mas com a mesma suavidade que teria se estivesse deslizando por uma mesa.

— Sua exibida — diz Widget.

Os dois ficam bebericando a sidra recém-aquecida, observando os galhos negros retorcidos que se estendem até o alto da tenda.

— Widge? — diz Poppet depois de um longo silêncio.

— Sim?

— Quer dizer que não é tão mau ficar preso em algum lugar? Dependendo de onde se está preso?

— Acho que depende de quanto você gosta do lugar onde está presa — responde Widget.

— E de quanto você gosta de quem estiver preso com você — acrescenta Poppet, chutando sua bota preta com a branca.

O irmão ri e o som ecoa pela tenda, e é levado até os galhos cobertos de velas. Todas as chamas são brancas e bruxuleantes.

Lugares temporários

LONDRES, ABRIL DE 1895

Só depois de voltar a Londres Tara Burgess se dá conta de que o endereço no cartão entregue por Sr. Barris não é o de uma residência, mas o do Midland Grand Hotel.

Deixa o cartão em cima de uma mesa em seu escritório por algum tempo, olhando para ele sempre que está no local. Esquece-se dele por intervalos, até se lembrar outra vez.

Lainie tenta convencer Tara a acompanhá-la em longas férias na Itália, mas ela recusa. Tara fala pouco com a irmã sobre sua visita a Viena, dizendo apenas que Ethan perguntara por ela.

Lainie sugere que as duas poderiam se mudar, e que talvez deversem discutir mais a respeito quando ela voltar.

Tara apenas balança afirmativamente a cabeça, dando um caloroso abraço na irmã antes de partir.

Sozinha na casa da cidade, Tara perambula distraída. Abandona romances pela metade em mesas e cadeiras.

Os convites de Mme. Padva para tomar chá ou acompanhá-la ao balé são delicadamente recusados.

Ela vira todos os espelhos da casa para a parede. Aqueles que não consegue virar, cobre com lençóis, de forma que parecem fantasmas nas salas vazias.

Tem dificuldades para dormir.

Uma tarde, depois de ter acumulado poeira por meses, Tara pega o cartão, guarda-o no bolso e sai pela porta a caminho do trem antes de conseguir decidir se aquilo é ou não uma boa ideia.

Tara nunca estivera no hotel anexo à Estação St. Pancras, que tem um relógio na torre, mas de imediato lhe parece um lugar temporário. Apesar do

tamanho e da solidez do edifício, aparenta ser impermanente, ocupado por um constante fluxo de hóspedes e viajantes a caminho de algum lugar ou chegando de outras localidades. Fazendo apenas uma breve parada antes de continuar rumo a outros destinos.

Pede informações na recepção, mas lhe informam que quem procura não está na relação de hóspedes. Repete o nome diversas vezes, mas o recepcionista continua não entendendo. Tenta mais de uma variação, pois as letras no cartão do Sr. Barris estão borradas e ela não consegue se lembrar da pronúncia certa. Quanto mais ela fica ali, mais insegura se sente a respeito de ter ou não ouvido o nome borrado do cartão ser pronunciado.

O recepcionista pergunta delicadamente se ela gostaria de deixar um recado, caso o cavalheiro em questão chegue mais tarde naquele dia, mas Tara declina da oferta, agradecendo a atenção e guardando o cartão no bolso.

Anda pelo saguão, cogitando se o endereço estava errado, embora não seja do feitio do Sr. Barris fornecer algo que não seja uma informação correta.

— Boa tarde, Srta. Burgess — diz uma voz ao seu lado. Tara não percebeu a aproximação, mas o homem cuja pronúncia certa do nome ela ainda não consegue se lembrar está de pé ao seu lado em seu elegante terno cinza.

— Boa tarde — responde.

— Estava procurando por mim?

— Na verdade, estava — confirma Tara, e começa a explicar que foi mandada pelo Sr. Barris. Procura no bolso, mas não encontra nenhum cartão e para, confusa.

— Algum problema? — pergunta o homem de terno cinza.

— Não — replica Tara, agora sem saber ao certo se trouxe o cartão ou se ele ainda está em cima da mesa de seu escritório. — Eu queria falar com o senhor sobre o circo.

— Muito bem — diz ele. Espera que ela comece a falar, a expressão demonstrando algo que poderia ser definido como um leve interesse.

Tara faz o máximo para explicar sua preocupação. Que existem mais coisas acontecendo no circo do que as pessoas estão a par. Que existem elementos para os quais ela não consegue encontrar explicação. Repete alguns dos exemplos que mencionou ao Sr. Barris. A sensação de não ter certeza de que qualquer coisa é real. Quanto é desconcertante olhar num espelho e ver o mesmo rosto, inalterado por anos.

Ela hesita com frequência, e acha difícil articular com precisão o que está tentando dizer.

A expressão de leve interesse de seu interlocutor não se altera.

— O que deseja de mim, Srta. Burgess? — pergunta ele quando ela termina de falar.

— Desejo uma explicação — ela responde.

Ele a contempla com a mesma expressão inalterada por algum tempo.

— O circo é apenas um circo — observa. — Uma impressionante exposição, mas nada mais do que isso. Não concorda?

Tara balança a cabeça antes de conseguir processar uma resposta adequada.

— Não está na hora do seu trem, Srta. Burgess?

— Sim — concorda Tara. Ela tinha se esquecido do trem. Tenta se lembrar do horário, mas não consegue encontrar um relógio para verificar.

— Eu também estou indo para a estação, se não se importa de ter companhia.

Os dois percorrem juntos a curta distância entre o hotel e as plataformas dos trens. Ele abre as portas para ela. Faz comentários banais sobre o clima.

— Acho que seria melhor encontrar outra coisa para ocupar o seu tempo — diz ele quando chegam ao vagão. — Algo para afastar seu pensamento do circo. Não concorda?

Tara concorda com um gesto de cabeça outra vez.

— Bom dia, Srta. Burgess — diz ele, tocando a aba do chapéu.

— Bom dia — responde Tara.

Ele a deixa na plataforma, mas, quando ela se vira para checar em que direção foi, o terno cinza não pode mais ser visto em meio à multidão.

Tara fica perto da beirada da plataforma, esperando o trem. Não consegue se lembrar de ter dito ao Sr. A. H... que trem ela deveria tomar, mas mesmo assim ele a deixou na plataforma certa.

Sente como se houvesse algo mais para perguntar, mas agora não consegue lembrar o que era. Não recorda quase nada da conversa, a não ser a impressão de que ela deveria usar o seu tempo com outra coisa, ou estar em algum outro lugar, pensando em outra questão que mereça mais a sua atenção.

Está refletindo sobre isso quando um lampejo cinza na plataforma do outro lado chama sua atenção.

Sr. A. H... está em um canto escuro, mas mesmo àquela distância e na escuridão Tara percebe que está discutindo com alguém que ela não consegue

ver.

Outras pessoas passam sem nem ao menos olhar na direção deles.

Quando a luz que vem das janelas dos arcos no teto se movimenta, Tara consegue ver com quem Sr. A. H... está discutindo.

O homem não é muito alto, o topo de seu chapéu fica um degrau abaixo do chapéu cinzento. Tanto que de início Tara pensa que a pessoa é apenas um reflexo e acha estranho que Sr. A. H... esteja discutindo com seu próprio reflexo no meio de uma estação de trem.

Mas o terno do outro é bem mais escuro. O cabelo é mais comprido, embora apresente o mesmo tom de cinza.

Através do vapor e da multidão, Tara consegue enxergar imagens brilhantes das rendas no punho da camisa do outro homem, os olhos escuros que refletem mais a luz do que o restante do rosto. Algum detalhe se fixa por algum tempo antes de desaparecer em sombras distorcidas mais uma vez, e nunca permanece estável por mais de um instante.

A luz filtrada pelas janelas move-se mais uma vez, e a figura tremula como se estivesse atrás de uma névoa, embora Sr. A. H... continue nítido e detalhado.

Tara dá um passo adiante, o olhar fixo na aparição na plataforma em frente. Ela não vê o trem.

Movimento

MUNIQUE, ABRIL DE 1895

Herr Thiessen sempre fica contente quando Le Cirque des Rêves chega à sua Alemanha natal, mas dessa vez está especialmente feliz porque o circo está instalado bem perto de Munique, então ele não precisará reservar quartos em outra cidade.

E também porque Srta. Celia Bowen prometeu-lhe fazer uma visita. Ele nunca a encontrou, embora venham trocando cartas há anos, e ela mostrou interesse em conhecer sua oficina, se ele não se incomodasse.

Friedrick responde que obviamente não o incomodaria em nada, que ela será bem-vinda a qualquer momento.

Apesar de tantas cartas, todas cuidadosamente arquivadas em seu escritório, Herr Thiessen não sabe ao certo o que esperar da chegada de Celia.

Fica atônito ao ver a mulher que ele conhece como a ilusionista em pé a sua porta.

Ela é inconfundível, apesar de estar com um vestido cor-de-rosa acinzentado e não com um dos trajes em preto e branco que costuma usar. A pele parece mais tépida, os cabelos suavemente cacheados, e o chapéu não se assemelha em nada à habitual e distinta cartola de seda, mas ele reconheceria aquele rosto em qualquer lugar.

— É uma honra — diz ao cumprimentá-la.

— A maioria das pessoas não me reconhece fora do circo — diz Celia quando ele toma a sua mão.

— Então a maioria das pessoas é tola — observa ele, levando a mão dela aos lábios e beijando suavemente o tecido da luva. — Embora eu mesmo me sinta um tolo por não saber quem você era esse tempo todo.

— Eu devia ter contado — comenta Celia. — Peço desculpas.

— Não é necessário se desculpar. Eu deveria ter percebido que você não é uma mera *rêveuse* pela maneira como escreveu sobre o circo. Você conhece cada recôndito melhor do que a maioria.

— Eu conheço muitos recônditos. Mas não todos.

— Existem mistérios no circo até mesmo para a ilusionista? Impressionante.

Celia ri, e Friedrich a leva para dar uma volta pela sua oficina.

O local é organizado de forma que a parte da frente é ocupada basicamente por plantas e esboços, e em outra área há longas bancadas cobertas por várias peças e um bocado de serragem, gavetas cheias de engrenagens e ferramentas. Celia ouve com toda a atenção a descrição que ele faz do processo, fazendo perguntas sobre os aspectos técnicos e criativos.

Herr Thiessen surpreende-se ao saber que ela é fluente em alemão, embora eles só se tenham escrito em inglês.

— Eu tenho mais facilidade para falar do que para ler ou escrever em outros idiomas — explica Celia. — Alguma coisa relacionada com a sensação dos sons. Eu poderia pôr essas palavras no papel, mas tenho certeza de que o resultado seria horrível.

Apesar dos cabelos prateados, Friedrich parece mais jovem quando sorri. Celia não consegue desviar os olhos das mãos dele enquanto o relojoeiro mostra os delicados mecanismos de suas obras. Imagina aqueles mesmos dedos escrevendo cada carta que ela recebeu e leu tantas vezes que chegou a memorizar, e acha estranho sentir-se tão tímida diante de uma pessoa que conhece tão bem.

Ele a observa com a mesma atenção ao passarem por prateleiras cheias de relógios em vários estágios de construção.

— Posso fazer uma pergunta? — indaga Herr Thiessen enquanto ela observa uma coleção de modelos detalhados esperando pacientemente no meio de montes de serragem para serem colocados nos devidos relógios.

— É claro — responde Celia, embora receie que ele pergunte sobre como ela faz suas mágicas, e detestaria ter de mentir para ele.

— Nós já estivemos na mesma cidade em diversas ocasiões, mas é a primeira vez que pediu para me encontrar. Por quê?

Celia volta a olhar para as estatuetas sobre a mesa antes de responder. Friedrich estende a mão para endireitar uma pequena bailarina tombada, devolvendo-lhe o equilíbrio em suas sapatilhas.

— É que antes eu não queria que você soubesse quem sou — diz Celia. — Achei que poderia mudar a opinião que tem sobre mim se me visse. Mas, depois de tanto tempo, senti que estava sendo desonesta. Já fazia algum tempo que estava querendo lhe dizer a verdade, e não pude resistir à oportunidade de conhecer sua oficina. Espero que me perdoe por isso.

— Não há o que perdoar — diz Friedrich. — Na verdade, a mulher que eu gostava de pensar que conhecia muito bem e a mulher que sempre considerei um mistério são a mesma pessoa. É surpreendente, mas eu gosto de surpresas. Embora esteja curioso para saber por que você me escreveu aquela primeira carta.

— Gostei dos seus textos sobre o circo — responde Celia. — É um ponto de vista que eu não consigo ter, porque... eu entendo o circo de uma forma diferente. Gosto de ver esse outro lado através dos seus olhos.

Quando Celia olha para ele, os afáveis olhos azuis de Friedrich estão brilhantes à luz da tarde que passa pelas janelas, iluminando o pó de serragem flutuando no ar.

— Obrigado, Srta. Bowen — diz Friedrich.

— Celia — corrige ela.

Herr Thiessen balança a cabeça, pensativo, antes de continuar a visita pela oficina.

As paredes dos fundos estão cobertas de relógios terminados ou quase. Alguns esperam as camadas finais de verniz ou outros pequenos detalhes. Aqueles que se encontram perto das janelas já estão em funcionamento. Cada um trabalha de seu modo único, porém no mesmo ritmo harmonioso, uma sinfonia de tique-taques cuidadosamente ordenados.

Mas o que mais chama a atenção de Celia está numa mesa, não pendurado na parede ou descansando numa prateleira.

É uma máquina linda, mais uma escultura do que um relógio. Enquanto muitos são de madeira, esse é feito principalmente de um metal escuro e oxidado. Uma gaiola grande e redonda sobre uma base de madeira em que foram entalhadas chamas brancas em turbilhão. Dentro, argolas de metal sobrepostas, marcadas com números e símbolos suspensos da parte superior, pendem das engrenagens visíveis e uma série de estrelas cai de uma cobertura de filigrana no alto.

Mas o relógio está em silêncio, sem funcionar.

— Esse aqui lembra a fogueira — comenta Celia. — Não está terminado?

— Não, está completo, porém quebrado — replica Friedrich. — Foi um experimento, é difícil equilibrar os componentes de forma adequada. — Vira o relógio de lado para que ela possa ver a forma como as peças se espalham por toda a gaiola, em todas as direções. — A mecânica é complexa, pois rastreia movimentos astronômicos também. Preciso remover a base e desmontar tudo para que volte a funcionar. Ainda não tive tempo para isso.

— Posso? — pergunta Celia, estendendo a mão para tocá-lo. Quando ele concorda, ela tira uma das luvas e descansa a mão nas barras de metal da gaiola.

Fica observando o relógio, pensativa, sem fazer nenhuma tentativa de movê-lo. Para Friedrich, a impressão é de que ela está olhando através do relógio, e não apenas o analisando.

Dentro, o mecanismo começa a girar, as engrenagens e rodas dentadas passando a valsar juntas enquanto as argolas marcadas com números giram em seus lugares. Os ponteiros deslizam para indicar a hora certa, os alinhamentos planetários em ordem.

Tudo dentro da gaiola gira lentamente, as estrelas de prata cintilando ao captarem a luz.

Quando o lento e contínuo tique-taque se inicia, Celia retira sua mão.

Friedrich não pergunta como ela conseguiu aquilo.

Em vez disso, ele a leva para jantar. Eles conversam sobre o circo, mas passam a maior parte da refeição discutindo sobre livros e arte, vinhos e suas cidades favoritas. Os silêncios não são constrangedores, ainda que os dois se esforcem para impor à conversa o mesmo ritmo que há em suas trocas de cartas, sempre mudando de um idioma para outro.

— Por que não me perguntou como eu faço os meus truques? — indaga Celia no momento em que eles atingem um ponto em que ela tem certeza de que ele não está sendo apenas educado a respeito da questão.

Friedrich pondera sobre a pergunta antes de responder.

— Porque eu não quero saber — diz afinal. — Prefiro continuar sem esclarecimentos, para melhor apreciar a penumbra.

Celia fica tão encantada que não consegue responder em nenhum dos idiomas em comum, por isso apenas sorri por cima da taça de vinho.

— Além disso — continua Friedrich —, você deve estar sempre ouvindo esse tipo de pergunta. Acho que estou mais interessado em saber sobre a mulher do que sobre a mágica. Espero que seja uma explicação razoável.

— É perfeita — diz Celia.

Depois os dois caminham juntos até o circo, passando por construções de tetos vermelhos que refletem à luz do final do dia, e só se separam quando chegam ao pátio.

Friedrick continua perplexo diante do fato de ninguém reconhecê-la enquanto caminham no meio da multidão.

Durante sua apresentação, Celia olha para ele com um sorriso sutil apenas uma vez, sem nenhuma outra demonstração de reconhecimento.

Mais tarde, bem depois da meia-noite, ela surge ao seu lado usando um casaco creme e um cachecol verde-escuro enquanto ele caminha.

— O cachecol deveria ser vermelho — observa Friedrich.

— Eu não sou exatamente uma *rêveuse* — diz Celia. — Não seria adequado. — Mas, enquanto ela fala, o cachecol muda de cor, assumindo um tom de bordô. — Melhor assim?

— Está perfeito — responde Friedrich, mas seu olhar permanece fixo nos olhos dela.

Celia aceita o braço que ele oferece e os dois andam juntos pelos tortuosos caminhos do circo, entre os frequentadores que vão rareando.

Repetem a mesma rotina nas noites seguintes, mas o circo não se demora em Munique depois das notícias que chegam de Londres.

Em memória da adorável Tara Burgess

GLASGOW, ABRIL DE 1895

O funeral é tranquilo, apesar de tantos que vieram prestar homenagens. Não há soluços nem o abanar de lenços. Alguns pontos coloridos sobressaem em meio ao tradicional mar de preto. Nem mesmo a chuva leve consegue conferir um aspecto de desespero à cerimônia. O lugar apenas guarda uma melancolia reflexiva.

Talvez seja porque, de alguma forma, Tara Burgess não parece ter partido para sempre, pois sua irmã continua viva e saudável. Metade do par continua vibrante, respirando.

Ao mesmo tempo, há algo esquisito aos olhos dos que observam a irmã que sobreviveu. Algo que não conseguem precisar. Algo fora de equilíbrio.

Às vezes uma lágrima escorre pelo rosto de Lainie Burgess, mas ela recebe a todos com um sorriso e agradece por terem comparecido. Faz piadas que Tara poderia ter feito se não estivesse dentro daquele caixão de madeira envernizado. Não há outros familiares presentes, embora alguns conhecidos suponham que a mulher de cabelos brancos e o homem de óculos que raramente saem do lado de Lainie sejam a mãe e o marido dela. Embora estejam equivocados, nem Mme. Padva nem Sr. Barris se importam com esse engano.

As rosas são incontáveis. Rosas vermelhas, rosas brancas, rosas cor-de-rosa. Há até mesmo uma rosa negra entre os botões, embora ninguém saiba sua origem. Chandresh é responsável somente pelos botões brancos, e leva um deles preso à lapela, com o qual brinca distraído ao longo da cerimônia.

Quando Lainie fala sobre a irmã, suas palavras são recebidas com suspiros, risos e sorrisos tristes.

— Não vou chorar a morte de minha irmã, pois ela sempre estará comigo, no meu coração — enuncia. — Estou, no entanto, zangada por minha Tara ter me deixado para sofrer sem ela. Eu não enxergo tão bem sem ela. Não ouço tão bem sem ela. Não sinto tão bem sem ela. Estaria melhor sem uma das mãos ou sem uma perna do que sem minha irmã. Nesse caso ao menos ela estaria aqui para zombar de minha aparência e dizer que é a irmã mais bonita, como sempre. Todos nós perdemos Tara, mas eu perdi também uma parte de mim.

No cemitério tem lugar uma apresentação que mesmo alguns dos presentes que não fazem parte do *Le Cirque des Rêves* reconhecem, embora a mulher coberta da cabeça aos pés num tom branco como a neve tenha acrescentado um par de asas emplumadas ao seu traje. As asas descem por suas costas e agitam-se suavemente na brisa enquanto ela permanece imóvel como uma pedra. Muitos dos presentes parecem surpresos com aquela figura, mas decidem agir como Lainie, encantada com a visão do anjo vivo sobre o túmulo da irmã.

Afinal, foram as irmãs Burgess que deram origem à tradição daquele tipo de estátua no circo. Artistas imóveis, com trajes elaborados e a pele pintada, sobre plataformas montadas em espaços precários entre as tendas. Se observados durante horas, eles às vezes mudam de posição, mas o movimento será afritivamente lento, ao ponto de alguns observadores insistirem em que são robôs muito bem-feitos, não pessoas de verdade.

O circo tem vários desses artistas. A Imperatriz da Noite, salpicada de estrelas. O Pirata Negro, preto como carvão. E aquela que agora guarda Tara Burgess costuma ser chamada de Rainha da Neve.

É possível ouvir alguns choros abafados quando o caixão é descido à terra, mas é difícil localizar de onde vêm, ou se é um som coletivo de suspiros mesclados ao vento e pés se arrastando.

A chuva aperta, e guarda-chuvas brotam como cogumelos entre os túmulos. A terra úmida logo se transforma em lama e o enterro é acelerado por causa do clima.

A cerimônia mais se esmaece do que termina, com os enlutados abandonando as filas organizadas para se transformarem em uma multidão dispersa de modo quase imperceptível. Muitos ficam um pouco mais, para prestar condolências adicionais a Lainie, enquanto outros se afastam em busca de abrigo da chuva antes que a última pá de terra seja assentada.

Isobel e Tsukiko ficam lado a lado a alguma distância do túmulo de Tara, dividindo um grande guarda-chuva preto que Isobel segura sobre a cabeça com

a mão protegida por uma luva negra. Tsukiko insiste em que não se importa com a chuva, mas Isobel a protege assim mesmo, grata pela companhia.

— Como ela morreu? — questiona Tsukiko. É uma pergunta que outros fizeram em sussurros durante toda a tarde, e obtiveram várias respostas, poucas satisfatórias. Aqueles que conhecem os detalhes não se apresentam.

— Disseram que foi um acidente — responde Isobel em voz baixa. — Foi atropelada por um trem.

Tsukiko balança a cabeça, pensativa, tirando do bolso do casaco uma piteira de prata e um isqueiro.

— Como ela morreu na verdade? — pergunta.

— O que você quer dizer com isso? — retruca Isobel, olhando ao redor para ver se há alguém por perto para ouvir a conversa, mas a maioria dos presentes já se dissipou embaixo da chuva. Só restam alguns, entre eles Celia Bowen com Poppet Murray agarrada a seu vestido, que traz uma expressão mais de raiva que de tristeza.

Lainie e Sr. Barris estão ao lado do túmulo de Tara, o anjo pairando acima deles tão perto que poderia tocar suas cabeças.

— Você já viu coisas que abalaram suas convicções, não viu? — pergunta Tsukiko.

Isobel balança a cabeça afirmativamente.

— E não acha que talvez seja mais difícil ainda aceitar essas coisas se você não faz parte do esquema? Talvez a ponto de enlouquecer? A mente é uma coisa sensível.

— Eu não acho que ela pulou na frente do trem de propósito — diz Isobel, tentando manter o tom de voz o mais baixo possível.

— Talvez não — concorda Tsukiko. — Mas eu considero uma possibilidade, no mínimo. — Acende o cigarro, a chama pegando rápido apesar da umidade do ar.

— Pode ter sido um acidente — arrisca Isobel.

— Você sofreu algum acidente recentemente? Algum osso quebrado, queimaduras ou qualquer ferimento? — pergunta Tsukiko.

— Não — responde Isobel.

— Ficou doente? Algum resfriado?

— Não. — Isobel vasculha sua mente tentando recordar a última vez que foi abatida pelo clima, mas só consegue se lembrar de um resfriado que contraiu uma década atrás, no inverno, antes de conhecer Marco.

— Acho que nenhum de nós, desde que o circo estreou — observa Tsukiko. — E ninguém tinha morrido até agora. Também ninguém nasceu, desde os gêmeos Murray. E não foi por falta de tentativas, do jeito que se comportam alguns acrobatas.

— Eu... — começa Isobel, mas não consegue concluir. É demais para a cabeça, ela não tem certeza se quer entender tudo aquilo.

— Nós somos peixes num aquário, querida — diz Tsukiko, a piteira pendendo nos lábios. — Peixes muito bem monitorados. Observados de todos os ângulos. Se um de nós boia e chega à superfície, não é acidental. E, se foi um acidente, me preocupa que os observadores não estejam sendo tão cuidadosos quanto deveriam.

Isobel fica em silêncio. Gostaria que Marco estivesse com Chandresh, embora duvide que ele tenha respostas para aquelas perguntas, se é que falaria com ela. Todas as leituras que fez sobre aquele assunto específico foram complicadas, mas sempre sob a presença de uma forte emoção da parte dele. Ela sabe que ele se preocupa com o circo, nunca teve razão para duvidar disso.

— Alguma vez você já leu suas cartas para alguém que não conseguia entender com o que estava lidando, embora para você estivesse claro apenas com uma rápida conversa e algumas imagens no papel? — pergunta Tsukiko.

— Já — responde Isobel. Já tinha visto aquilo centenas de vezes, clientes que simplesmente não conseguiam ver as coisas como elas eram. Cegos diante de mágoas e traições, sempre teimosos, não importava quanto ela explicasse.

— É difícil entender uma situação objetivamente quando se está envolvido com ela — explica Tsukiko. — Tudo é muito familiar. Muito confortável.

Tsukiko faz uma pausa. Os anéis de fumaça de seu cigarro desviam das gotas de chuva, circulam ao redor de sua cabeça e sobem pelo ar úmido.

— Talvez a falecida Srta. Burgess estivesse perto demais da borda para conseguir enxergar de outro modo — conclui.

Isobel franze a testa e volta a olhar para o túmulo de Tara. Lainie e Sr. Barris estão se afastando devagar, o braço dele em torno dos ombros dela.

— Você já se apaixonou alguma vez, Kiko? — pergunta Isobel.

Os ombros de Tsukiko retesam-se enquanto ela suspira. Por um momento Isobel pensa que a pergunta ficará no ar, mas ela responde.

— Tive casos que duraram décadas, outros que duraram horas. Amei princesas e camponeses. E acho que eles também me amaram, cada um do seu jeito.

Uma resposta típica de Tsukiko, que na verdade não responde à pergunta. Isobel não insiste.

— Vai desmoronar — diz Tsukiko depois de um tempo. Isobel não precisa perguntar sobre o que ela está falando. — As rachaduras estão começando a aparecer. Cedo ou tarde vai quebrar. — Faz uma pausa para uma última tragada no cigarro. — Você continua contempORIZANDO?

— Continuo — responde Isobel. — Mas acho que não está ajudando.

— É difícil distinguir o efeito dessas coisas. Afinal, a sua perspectiva é de alguém que está dentro. Os menores encantamentos podem ser os mais eficientes.

— Não me parecem muito eficientes.

— Talvez esteja controlando mais o caos interno do que o externo.

Isobel não responde. Tsukiko dá de ombros e não diz mais nada.

Depois de algum tempo as duas saem juntas sem falar mais nisso.

O anjo da neve fica sozinho, pairando sobre o túmulo recém-fechado de Tara Burgess, segurando uma única rosa negra na mão. Ele não se mexe, nem ao menos pisca. O rosto maquiado está congelado numa expressão de pesar.

A chuva cada vez mais forte leva penas desgarradas de suas asas e as deposita na lama abaixo.



LABIRINTO DAS CÂMARAS



Você anda por um corredor empapelado com cartas de baralho, fileiras e mais fileiras de paus e espadas. Lanternas confeccionadas com outras cartas pendem do teto, oscilando suavemente a sua passagem.

Uma porta no final do corredor leva a uma escada de caracol.

A escada vai para baixo e para cima. Você sobe e encontra um alçapão no teto.

O recinto para o qual se abre está cheio de penas que flutuam. Enquanto você anda, elas caem como neve sobre o alçapão agora no chão, ocultando-o.

São seis portas idênticas. Você escolhe uma ao acaso, levando algumas penas junto.

O aroma de pinho é muito forte quando você entra na sala seguinte e se vê em uma floresta repleta de árvores verdejantes. Apenas três dessas árvores não são verdes, mas brancas e brilhantes, luminosas na escuridão que as cerca.

É difícil desviar delas. Assim que você começa a andar, as paredes se perdem nas sombras e nos galhos.

Há um som como o de uma mulher rindo ali perto, ou talvez seja só o farfalhar das árvores enquanto você segue o seu caminho em busca da próxima porta, da próxima sala.

Você sente o calor de uma respiração na sua nuca, mas quando se vira não há ninguém.

Aleuromancia

CONCORD, MASSACHUSETTS, OUTUBRO DE 1902

Ao sair da tenda da vidente e virar à direita, como ela sugerira, Bailey encontra quase de imediato um pequeno grupo assistindo a uma apresentação. De início, ele não consegue ver do que se trata, não há nenhuma plataforma elevada. Espiando pelos espaços entre os espectadores, ele consegue distinguir uma argola, maior do que a usada pela contorcionista, flutuando no ar. Quando se aproxima, um gato preto salta por ela, aterrissando em algum lugar fora da visão.

Uma mulher a sua frente com um grande chapéu se vira e ele vê um jovem mais ou menos da sua idade, porém um pouco mais baixo, vestindo um terno preto feito com todos os tipos de tecidos e um chapéu da mesma cor. Sobre os ombros dele estão dois gatinhos de um branco ofuscante. Quando ele ergue sua mão aberta com a luva negra, um dos gatinhos dá um salto, pega impulso na palma da mão e pula através do aro, executando um impressionante salto mortal. Muitos dos integrantes da pequena plateia riem, e uns poucos, inclusive Bailey, aplaudem. A mulher com o chapelão afasta-se, desobstruindo o campo de visão de Bailey. Suas mãos imobilizam-se no meio da salva de palmas quando ele vê a jovem que acabou de pegar o gatinho branco e agora o deposita no ombro onde já há um gatinho preto.

Ela está mais velha, como ele imaginava, e seus cabelos vermelhos estão meio escondidos dentro do gorro branco. Mas seu traje é semelhante ao que ele viu da última vez em que a encontrou: um vestido de retalhos com todos os tecidos imagináveis, todos em tons claros como a neve, uma jaqueta branca com um monte de botões e um par de luvas alvíssimas.

Ela vira a cabeça, os olhos de Bailey se encontram com os dela e ela sorri para ele. Não da maneira como alguém sorri a um integrante qualquer da

plateia no meio de uma apresentação de truques circenses com gatinhos muito talentosos, mas da forma como alguém sorri quando reconhece uma pessoa que não vê há muito tempo. Bailey consegue notar a diferença, e o fato de ela se lembrar dele o deixa inexplicavelmente muito contente. Sente as orelhas mais quentes, apesar do frio do ar noturno.

Assiste ao restante do número muito concentrado, prestando bem mais atenção à garota do que aos gatinhos, ainda que estes sejam impressionantes demais para serem ignorados e estejam sempre atraindo sua atenção. Quando o espetáculo termina, a garota e o garoto (e os gatinhos) fazem uma pequena reverência e a audiência aplaude e ovaciona.

Bailey fica pensando no que deveria dizer, se deveria dizer alguma coisa, enquanto as pessoas começam a se dispersar. Um homem fica na sua frente, outra mulher bloqueia seu caminho, e ele perde totalmente a garota de vista. Força a passagem pela multidão, mas, quando consegue afinal se libertar, a garota, o garoto e os gatinhos não estão em parte alguma.

A multidão ao redor logo se reduz a umas poucas pessoas andando de um lado para outro. Não há outras direções a seguir, pelo que pode ver. Apenas as altas paredes listradas das tendas cercam a área e ele vira-se devagar, procurando algum lugar por onde eles possam ter desaparecido, alguma esquina ou porta. Está se repreendendo por ter chegado tão perto e fracassado quando alguém bate em seu ombro.

— Olá, Bailey — diz a garota.

Ela está bem atrás dele. Tirou o chapéu — os cabelos ruivos agora caem em cachos sobre seus ombros — e substituiu a jaqueta branca por um casaco preto pesado e um cachecol tricotado de um violeta vibrante. Somente a barra franzida de seu vestido e as botas brancas indicam ser a garota que estava se apresentando no mesmo local instantes atrás. Fora isso, ela parece um dos frequentadores do circo.

— Olá — responde Bailey. — Eu não sei o seu nome.

— Ah, desculpe — diz ela. — Esqueci que não fomos formalmente apresentados. — Estende a mão com a luva branca, e Bailey percebe que é maior do que a luva que recebeu para provar que completou a tarefa muito tempo atrás. — Eu sou Penelope, mas ninguém me chama assim, e de qualquer forma eu não gosto desse nome, por isso, para todos os efeitos, meu nome é Poppet.

Bailey aperta a mão dela. É mais quente do que esperava, apesar das duas camadas de luva.

— Poppet — repete Bailey. — A vidente me disse, mas não entendi que era o seu nome.

A garota sorri.

— Você esteve com Isobel? — pergunta. Bailey balança a cabeça afirmativamente. — Ela não é adorável? — Bailey balança a cabeça outra vez, embora não saiba se sua resposta é apropriada. — Ela disse alguma coisa boa sobre o seu futuro? — pergunta Poppet, baixando o tom de voz num sussurro dramático.

— Ela me disse um monte de coisas que não entendi — confessa Bailey.

Poppet balança a cabeça, compreensiva.

— Ela faz isso mesmo — diz. — Mas não é por mal.

— Vocês têm permissão para ficar aqui desse jeito? — pergunta Bailey, apontando para o fluxo constante de visitantes do circo que continuam vagando por lá, ignorando-os completamente.

— Ah, sim — responde Poppet —, desde que fiquemos incógnitos. — Ela aponta o próprio casaco. — Ninguém repara na gente. Não é, Widget? — Vira-se para um jovem em pé ali perto, que Bailey ainda não tinha reconhecido como o parceiro de Poppet na apresentação. Trocara seu paletó preto por um de tweed marrom, e seus cabelos sob o gorro são tão chocantemente vermelhos quanto os de Poppet.

— As pessoas não prestam muita atenção a não ser que você dê um motivo para isso — diz Widget. — Embora os cabelos também ajudem, por passarem a impressão de que você não faz parte de um circo preto e branco.

— Bailey, esse é o meu irmão, Winston — diz Poppet.

— Widget — corrige ele.

— Eu ia chegar lá — observa Poppet, soando meio ressentida. — Widge, esse é o Bailey.

— Prazer em conhecê-lo — diz Bailey, estendendo a mão.

— Igualmente — responde Widget. — Nós vamos dar uma volta, se quiser vir com a gente.

— Venha, por favor — acrescenta Poppet. — Nós quase nunca temos companhia.

— Claro, eu gostaria muito — concorda Bailey. Não consegue encontrar uma única razão para recusar, e fica contente por eles serem tão receptivos. —

Vocês ainda precisam fazer mais... hã... coisas circenses?

— Não, ao menos pelas próximas horas — responde Widget enquanto começam a andar por outro caminho do circo. — Os gatinhos precisam dormir. As apresentações os deixam com sono.

— Eles são muito bons. Como vocês conseguem que eles façam todos aqueles truques? Nunca vi um gato dar um salto mortal — comenta Bailey. Ele percebe que os três estão caminhando no mesmo ritmo, formando um grupo com muita facilidade. Ele está mais acostumado a seguir alguns passos atrás.

— A maioria dos gatos faz qualquer coisa se a gente pedir com jeito — diz Poppet. — Mas treinar desde cedo também ajuda.

— E dar muitas recompensas para eles — acrescenta Widget. — Recompensas sempre ajudam.

— Você já viu os grandes felinos? — pergunta Poppet. Bailey nega com um movimento de cabeça. — Ah, você devia ver. Nossos pais trabalham no espetáculo com eles. A tenda é ali. — Aponta numa direção vagamente à direita.

— É como o nosso número, só que com gatos maiores — diz Widget.

— Gatos muito maiores — acrescenta Poppet. — Panteras e lindos leopardos-das-neves pintados. Mas eles na verdade são bonzinhos.

— E se apresentam numa tenda — acrescenta Widget.

— Por que vocês não têm uma tenda? — pergunta Bailey.

— Na verdade nós não precisamos de uma — responde Poppet. — Só podemos fazer alguns espetáculos por noite, e só precisamos dos gatinhos, dos aros e das outras coisas. Aqueles que não têm necessidade de uma tenda se apresentam onde houver espaço.

— Ajuda na ambientação — emenda Widget. — Assim as pessoas podem ver partes do circo só de andar por aí, sem precisar entrar em uma tenda.

— Isso deve ser muito bom para os indecisos — observa Bailey, sorrindo quando Poppet e Widget riem. — É difícil escolher uma tenda, sabe, no meio de tantas.

— É verdade — concorda Poppet.

Agora eles chegaram ao pátio onde fica a fogueira. Está bem cheio, e Bailey continua surpreso pelo fato de ninguém prestar atenção aos dois irmãos, considerando-os como qualquer outro grupo de jovens passando a noite no circo.

— Estou com fome — diz Widget.

— Você está sempre com fome — replica Poppet. — Vamos comer alguma coisa?

— Vamos — responde Widget.

Poppet mostra a língua para ele.

— Eu estava falando com Bailey — comenta. — Vamos comer alguma coisa, Bailey?

— Claro — responde Bailey.

Poppet e Widget parecem ter um relacionamento muito melhor do que o dele e de Caroline, e Bailey supõe que é por terem mais ou menos a mesma idade. Fica pensando se eles são gêmeos: sem dúvida são muito parecidos e podem ser gêmeos, mas acha que poderia ser indelicado perguntar.

— Já experimentou essas coisas de canela? — pergunta Poppet. — São uma novidade. Como se chamam, Widget?

— Aquelas coisas de canela fantásticas e deliciosas? — diz Widget, dando de ombros. — Acho que essas novidades ainda não têm nome.

— Nunca experimentei, mas parece muito bom — diz Bailey.

— É muito bom — observa Widget. — Camadas de massa com canela e açúcar, enroladas e torcidas, cobertas com açúcar de confeitiro.

— Uau — exclama Bailey.

— Exatamente — concorda Widget. — E a gente devia pedir também chocolate quente e uns camundongos de chocolate.

— Eu tenho camundongos de chocolate — diz Bailey, tirando o saquinho do bolso. — Comprei quando cheguei.

— Ah, você se antecipou. É sempre bom estar preparado — comenta Widget. — Você tinha razão sobre ele, Poppet.

Bailey lança um olhar interrogativo a Poppet, mas ela apenas sorri.

— Bailey e eu vamos pegar os chocolates quentes enquanto você vai atrás das coisas de canela, certo? — diz ela, e Widget concorda.

— Tudo bem. Encontro vocês na fogueira? — propõe.

Poppet concorda com um aceno de cabeça, Widget toca no chapéu numa saudação aos dois e se embrenha na multidão.

Bailey e Poppet continuam a andar pelo pátio da fogueira. Depois de alguns instantes de um silêncio amigável, Bailey cria coragem para perguntar algo que não tem certeza que seria capaz de fazer na presença de Widget.

— Posso perguntar uma coisa?

— É claro — responde Poppet.

Há uma pequena fila para chegar ao chocolate quente, mas o vendedor percebe a presença de Poppet. Ela mostra três dedos a ele, e o vendedor sorri e balança a cabeça.

— Quando... hã... da última vez em que o circo esteve aqui e eu... bem... — Bailey luta para encontrar as palavras, aborrecido pelo fato de a pergunta parecer mais simples em sua cabeça.

— Sim? — diz Poppet.

— Como você sabia o meu nome? — pergunta. — E como sabia que eu estava lá?

— Hummm... — murmura Poppet, como se estivesse tendo dificuldade para encontrar as palavras certas. — Não é fácil explicar — começa. — Eu vejo coisas antes de elas acontecerem. Eu vi você vindo não muito antes de você chegar. Nem sempre vejo bem os detalhes, mas quando vi você eu sabia o seu nome, da mesma forma que sei que o seu cachecol é azul.

Quando eles chegam ao início da fila o vendedor já está com três chocolates quentes em canecas listradas esperando por eles, com camadas extras de chantili na superfície. Poppet entrega um a Bailey e fica com os outros dois, e Bailey percebe que o vendedor se despede sem que nenhum dinheiro tenha trocado de mãos. Supõe que chocolate grátis é um dos benefícios de ser um integrante do circo.

— Então você vê tudo antes de acontecer? — pergunta Bailey. Não sabe ao certo se a resposta de Poppet foi exatamente a que esperava, se é que ele esperava alguma coisa.

Poppet balança a cabeça.

— Não, não tudo. Às vezes, só pedaços de coisas, como palavras e ilustrações de um livro, mas o livro tem muitas páginas faltando e foi jogado numa poça d'água, e algumas partes estão borradas e outras não. Faz sentido? — pergunta.

— Não muito — responde Bailey.

Poppet ri.

— Eu sei que é estranho — comenta.

— Não, não é — diz Bailey. Poppet vira-se para olhá-lo, o ceticismo ante aquela afirmação evidente em sua expressão. — Bom, sim, é um pouco estranho. Mas só estranho esquisito, não estranho ruim.

— Obrigada, Bailey — diz Poppet.

Eles contornam o pátio, indo em direção à fogueira novamente. Widget está esperando por eles, segurando um saco de papel preto e observando as chamas brancas e vibrantes.

— Por que vocês demoraram tanto? — pergunta.

— Tivemos que esperar na fila — responde Poppet, entregando-lhe o chocolate quente. — Você não?

— Não. Acho que as pessoas ainda não perceberam como essas coisas são boas — diz Widget, sacudindo o saco de papel. — Então estamos prontos?

— Acho que sim — responde Poppet.

— Aonde nós vamos? — pergunta Bailey.

Poppet e Widget trocam um olhar antes de Poppet responder.

— Vamos fazer umas rondas — explica. — Circular pelo circo. Para... ficar de olho nas coisas. Você quer vir com a gente, não quer?

— É claro — responde Bailey, aliviado por sua presença não ser uma imposição.

Os três dão voltas pelo circo, bebericando chocolate quente e mastigando camundongos de chocolate e as coisas açucaradas de canela, que são tão boas quanto o prometido. Poppet e Widget contam histórias sobre o circo, indicando tendas enquanto caminham, e Bailey responde a perguntas sobre a cidade, estranhando que pareçam interessados no que ele considera trivial. Eles conversam como se se conhecessem há anos, e com o entusiasmo de novos amigos com novas histórias.

Se Poppet e Widget estão de olho em alguma coisa além do chocolate e dele próprio, Bailey não consegue perceber.

— O que é o Observatório Estelar? — pergunta ao avistar um cartaz que nunca notara enquanto eles descartam os sacos e as canecas vazios.

— Está a fim de dar uma olhada, Poppet? — pergunta Widget à irmã. Ela faz uma pausa antes de balançar a cabeça, confirmando. — Poppet sabe ler as estrelas — explica ele para Bailey. — É o lugar mais fácil de ver o futuro.

— Não tem sido tão fácil ultimamente — resmunga Poppet em voz baixa. — Mas podemos dar uma olhada. Só abre nas noites mais claras, então não sabemos se ainda vamos ter outra oportunidade enquanto estivermos aqui.

Os três entram e vão para o final de uma fila que sobe uma escada em curva margeando o interior da tenda, do qual é separada por uma pesada cortina preta. As paredes são cobertas de diagramas com linhas e pontos brancos em papel preto, mapas emoldurados de constelações.

— Tem relação com a forma como a vidente lê aquelas cartas com ilustrações? — pergunta Bailey, ainda tentando entender a ideia de ver o futuro.

— Mais ou menos, mas é diferente — responde Poppet. — Eu não sei nada sobre leitura de tarô, mas Widget sabe.

— São apenas histórias no papel — esclarece Widget, dando de ombros. — A gente vê como as histórias de cada carta se juntam, não é tão difícil. Mas aqui temos muitas coisas e possibilidades diferentes, caminhos diferentes a percorrer. Poppet vê coisas que realmente acontecem.

— Mas não são tão claras — explica Poppet. — Não há um contexto, e na maioria das vezes eu só vou saber o que as coisas significam mais tarde. Às vezes só quando já é tarde demais.

— Retratação aceita, Pet — diz Widget, apertando seu ombro. — Então vamos só fazer um passeio.

No alto da escadaria eles chegam a uma plataforma preta onde tudo é infinitamente escuro, com exceção de um funcionário do circo vestido de branco que orienta os visitantes lá dentro. Ele sorri para Poppet e Widget, e lança um olhar de curiosidade para Bailey enquanto os conduz pela escuridão até algo parecido com um trenó ou um vagão.

Eles ocupam um banco estofado de encosto alto, e a porta em um dos lados fecha-se com um clique enquanto Poppet se posiciona entre Bailey e Widget. O carrinho avança um pouco, mas Bailey não consegue ver nada a não ser a escuridão.

Em seguida, alguma coisa bem perto dá um suave estalido e o vagão cai só um pouquinho e inclina-se para trás, de modo que todos ficam olhando para cima.

A tenda não tem teto, Bailey percebe. A parte superior é aberta, com o céu noturno totalmente visível.

É uma sensação diferente da de observar estrelas num campo aberto, algo que Bailey já fez muitas vezes. Não há árvores aparecendo nas laterais, e o suave balanço do carrinho faz com que se sinta quase sem peso.

E o silêncio é incrível. Enquanto eles se movem no que parece ser um padrão circular, Bailey não ouve nada a não ser um suave estalo e o som de Poppet respirando ao seu lado. É como se o circo inteiro estivesse integrado à escuridão.

Bailey vira-se para Poppet, que está olhando para ele e não para o céu. Ela sorri e olha para o outro lado.

Bailey cogita perguntar se ela está vendo algo nas estrelas.

— Você não precisa, se não quiser — diz Widget, antecipando a pergunta.

Poppet vira-se para fazer uma careta na direção do irmão, mas depois ergue o olhar, observando o céu noturno iluminado. Bailey a observa com atenção. A impressão é de que ela está contemplando uma pintura ou lendo um cartaz distante, fechando um pouco os olhos.

Ela para de repente, levando as mãos ao rosto e pressionando os olhos com dedos enluvados de branco. Widget põe a mão em seu ombro.

— Você está bem? — pergunta Bailey.

Poppet suspira antes de balançar a cabeça afirmativamente, mantendo as mãos no rosto.

— Estou bem — responde com uma voz abafada. — É muito... brilhante. Minha cabeça doeu.

Tira as mãos do rosto e balança a cabeça; o que quer que a tenha perturbado parecia ter passado.

Durante o resto do passeio nenhum dos três olha para o céu salpicado de estrelas.

— Desculpe-me — diz Bailey em voz baixa enquanto eles descem outra escada em curva para saírem.

— Não é culpa sua — diz Poppet. — Eu já devia saber. As estrelas têm feito isso ultimamente: não fazem sentido e me dão dor de cabeça. Eu devia parar de tentar por um tempo.

— Você está precisando de um agrado — diz Widget quando eles voltam à luz difusa do circo. — O Labirinto das Nuvens?

Poppet concorda, e seus ombros relaxam um pouco.

— O que é o Labirinto das Nuvens? — pergunta Bailey.

— Você ainda não conhece *nenhuma* das melhores tendas, não é? — observa Widget, balançando a cabeça. — Vai precisar vir outra vez, não dá para ver todas elas numa noite só. Talvez seja essa a razão da dor de cabeça de Poppet: ela anteviu a gente arrastando você por todas as tendas que ainda não conhece.

— Widge pode ver o passado — diz Poppet de repente, mudando de assunto. — É uma das razões de as histórias dele serem sempre boas.

— O passado é mais fácil — observa Widget. — Já está lá.

— Nas estrelas? — indaga Bailey.

— Não — diz Widget. — Nas pessoas. O passado fica na gente da mesma forma que açúcar de confeitiro fica nos dedos. Algumas pessoas conseguem se livrar dele, mas os fatos e as coisas que as empurraram para onde estão agora continuam ali. Eu consigo... bom, ler não é a palavra certa, mas também não é a palavra certa para o que Poppet faz com as estrelas.

— Então você pode ver o meu passado em mim? — pergunta Bailey.

— Eu poderia — responde Widget. — Mas tento não fazer isso sem permissão, a não ser que haja algo que apareça automaticamente. Você se incomoda?

Bailey nega com gesto de cabeça.

— De jeito nenhum.

Widget olha para ele por um tempo, não o suficiente para Bailey ficar desconfortável sob o peso do seu olhar, mas quase.

— Eu vejo uma árvore — começa Widget. — Um grande carvalho que é mais a sua casa do que a sua casa, mas não tanto quanto aqui. — Faz um gesto abrangendo as tendas e as luzes. — Uma sensação de solidão, mesmo estando com outras pessoas. Maçãs. E a sua irmã parece ser uma joia rara — acrescenta com sarcasmo.

— Isso é verdade — concorda Bailey com uma risada.

— O que são as maçãs? — pergunta Poppet.

— Minha família tem uma fazenda com um pomar — explica Bailey.

— Ah, que maravilha! — diz Poppet.

Bailey nunca achou que fileiras de árvores baixas e retorcidas fossem uma maravilha.

— Pronto, chegamos — anuncia Widget quando fazem uma curva.

Apesar de sua limitada experiência no circo, Bailey fica surpreso por não ter visto aquela tenda antes. É alta, quase tão alta quanto a dos acrobatas, porém mais estreita. Detém-se para ler o cartaz acima da porta.

Labirinto das Nuvens

*Uma excursão em dimensão
Uma ascensão ao firmamento
Não existe começo
Não existe fim
Entre por onde preferir*

*Saia quando quiser
Não tenha medo de cair*

Por dentro, a tenda é pintada de tons escuros, com uma imensa estrutura branca iridescente no centro. Bailey não sabe que outro nome dar àquilo. Ocupa quase a totalidade da tenda, com exceção de um caminho elevado ao longo do perímetro, uma trilha sinuosa que começa na entrada e circula pelo espaço. Fora do caminho, o assoalho é coberto de esferas brancas, milhares delas, empilhadas, que parecem bolhas de sabão.

A torre em si é formada por uma série de plataformas que se movimentam em formas estranhas e diáfanas, muito parecidas com nuvens. Estão em camadas, como em um bolo. Até onde Bailey pode ver, o espaço entre as camadas varia de uma altura suficiente para se caminhar até pontos tão estreitos pelos quais mal é possível rastejar. Aqui e ali partes da estrutura praticamente flutuam da torre central, deslizando para o espaço.

Ao redor, há pessoas escalando. Penduradas em beirais, andando por trilhas, subindo ou descendo. Algumas plataformas movem-se com o peso; outras parecem firmes e fortes. A torre como um todo não para de se mexer, como uma respiração.

— Por que isso é chamado de labirinto? — pergunta Bailey.

— Você vai ver — responde Widget.

Eles andam por um caminho que oscila levemente, como uma doca flutuante. Bailey esforça-se para manter o equilíbrio quando olha para cima.

Algumas plataformas são suspensas por cordas ou correntes. Nos níveis mais baixos, grandes colunas atravessam várias plataformas, embora Bailey não saiba dizer se chegam até o topo. Em alguns lugares estendem-se redes; em outros, cordas pendem como fitas.

Os três param na outra extremidade, onde o caminho se inclina o suficiente para que se possa saltar a uma das plataformas inferiores.

Bailey pega uma das esferas brancas. É mais leve do que parece, e macia como um gatinho. Do outro lado da tenda, as pessoas atiram-nas umas nas outras como se fossem bolas de neve, mas em vez de se desmancharem elas ricocheteiam nos alvos, flutuando e caindo suavemente. Bailey larga a bola e segue Poppet e Widget.

Assim que eles dão alguns passos pela estrutura, Bailey percebe por que aquilo é chamado de labirinto. Ele esperava paredes e esquinas e becos sem saída, mas é diferente. Há plataformas em todos os níveis: algumas baixas, na altura dos joelhos ou da cintura, outras bem acima da cabeça, sobrepondo-se em padrões irregulares. É um labirinto que sobe e desce, vai para um lado e para outro.

— Vejo vocês mais tarde — diz Widget, pulando para uma plataforma próxima e escalando para a de cima.

— Widge sempre vai direto para o topo — explica Poppet. — Ele conhece todas as rotas mais rápidas para chegar lá.

Bailey e Poppet fazem um percurso mais tranquilo: escolhem plataformas ao acaso para subir, engatinham em redes brancas e adentram com cuidado passagens estreitas. Bailey não sabe dizer onde estão as extremidades, nem quanto eles subiram, mas fica aliviado ao notar que Poppet parece bem menos perturbada do que estava no Observatório Estelar, pois está rindo e ajudando-o nas travessias mais difíceis.

— Como vamos descer daqui? — pergunta Bailey afinal, preocupado em achar o caminho de volta.

— O jeito mais fácil é pular — responde Poppet, e puxa-o para uma curva escondida que revela a extremidade da plataforma.

Eles estão bem mais alto do que Bailey imaginava, embora ainda não tenham chegado ao topo.

— Tudo bem — tranquiliza Poppet. — É seguro.

— Isso é impossível — espanta-se Bailey, olhando pelo parapeito.

— Nada é impossível — responde Poppet. Sorri para ele e pula, os cabelos vermelhos deixando um rastro enquanto ela cai.

Ela desaparece no mar de esferas brancas abaixo, totalmente envolta antes de reaparecer, o vermelho dos cabelos contrastando com o branco enquanto acena para ele.

Bailey hesita só um instante, e resiste ao impulso de fechar os olhos ao saltar. Em vez disso, ri ao mergulhar no vazio.

Atingir a piscina de esferas abaixo é realmente como cair numa nuvem, macia, leve e confortável.

Quando Bailey emerge, Poppet e Widget estão esperando em uma das plataformas próximas, Poppet sentada na borda, balançando as pernas.

— Nós devíamos voltar — observa Widget, tirando um relógio do bolso. — Já é quase meia-noite, e temos que preparar os gatinhos para o próximo espetáculo.

— É mesmo? — pergunta Bailey. — Não sabia que já era tão tarde, eu já devia estar em casa a essa hora.

— Podemos acompanhar você até o portão, Bailey, por favor? — pergunta Poppet. — Tem algo que eu quero dar a você.

Eles fazem o caminho de volta pelas trilhas sinuosas, atravessando o pátio em direção aos portões. Poppet pega na mão de Bailey para puxá-lo por um túnel cortinado, percorrendo as curvas escuras sem dificuldade. O campo visível além dos portões a essa hora da noite não está cheio de gente quando eles chegam ao outro lado, ainda que uns poucos frequentadores chegando ou indo embora demorem-se por ali.

— Espere aqui — diz Poppet. — Eu já volto.

Sai correndo em direção à bilheteria enquanto Bailey vê o ponteiro do relógio se aproximando da meia-noite. Poppet volta logo depois, com uma coisa prateada na mão.

— Ah, que ideia brilhante, Pet — diz Widget ao perceber do que se trata.

Bailey olha confuso para os dois. Trata-se de um pedaço de papel prateado, mais ou menos do tamanho de um ingresso. Poppet entrega para ele.

— É um passe especial — explica. — Para convidados ilustres. Assim você não precisa pagar cada vez que vier ao circo. Você mostra isso na bilheteria e pode entrar.

Bailey examina o ingresso, olhos arregalados.

Este cartão concede ao portador admissão ilimitada

está impresso em um dos lados em tinta preta. No verso está escrito

Le Cirque des Rêves

e, em letras menores, logo abaixo:

Chandresh Christophe Lefèvre, Proprietário

Bailey fica embasbacado, olhando para o cartão prateado.

— Eu achei que você poderia gostar — diz Poppet, parecendo nervosa com a falta de uma reação articulada da parte de Bailey. — Isto é, se você quiser voltar enquanto estivermos aqui.

— É maravilhoso! — exclama Bailey, erguendo os olhos do cartão. — Muito, muito obrigado.

— De nada — responde Poppet, sorrindo. — E eu disse para avisarem a mim e ao Widget quando você chegar, assim vamos saber que está aqui e poderemos vir ao seu encontro. Se estiver de acordo.

— Vou adorar — diz Bailey. — Muito obrigado, de verdade.

— Então voltamos a nos ver em breve — diz Widget, estendendo a mão.

— Sem dúvida — responde Bailey ao tomar a mão dele. — Eu posso voltar amanhã à noite.

— Seria perfeito — comemora Poppet.

Quando Bailey solta a mão de Widget, Poppet inclina-se e dá um beijo rápido no rosto de Bailey, que sente seu rosto corar. — Tenha uma boa noite — acrescenta enquanto se afasta.

— V-vocês também — responde Bailey. — Boa noite. — Acena para os dois antes que se esgueirem pelas cortinas pesadas, e, assim que eles desaparecem, Bailey começa a andar na direção de casa.

Parece que se passou uma eternidade desde que caminhou até o circo, no entanto faz apenas algumas horas. E, além disso, a sensação é de que o Bailey que entrou no circo era uma pessoa totalmente diferente da que está saindo agora, com um ingresso prateado no bolso. Fica pensando em qual seria o verdadeiro Bailey, pois com certeza o Bailey que passa horas sozinho nas árvores não é o Bailey que ganhou admissão especial para um circo espetacular e que fez amizade com pessoas tão interessantes sem qualquer esforço.

Quando chega à fazenda, ele tem certeza de que o Bailey que é agora está mais próximo do Bailey que deveria ser do que o Bailey que ele era até o dia anterior. Talvez não saiba o que significa isso, mas por enquanto não parece ter muita importância.

Em seus sonhos, ele é um cavaleiro sobre a montaria, empunhando uma espada de prata, e aquilo não parece tão estranho assim, afinal.

Tête-à-Tête

LONDRES, AGOSTO DE 1896

O Jantar da Meia-Noite está bem tranquilo esta noite, apesar do número de convidados. O circo está se preparando para outra temporada perto de Londres, tendo saído recentemente de Dublin, por isso há diversos artistas entre os convidados. Sr. Barris veio de Viena fazer uma visita.

Celia Bowen passa a maior parte da refeição conversando com Mme. Padva, que está à sua esquerda, envolta numa seda lápis-lazúli.

O vestido que Celia usa é um modelo de Mme. Padva criado para suas apresentações, mas depois considerado inapropriado, pois o tecido prateado capta luz em cada prega e curva de tal forma que se provou muito distrativo. O efeito era tão deslumbrante que Celia não conseguiu descartá-lo, guardando-o para ocasiões normais.

— Alguém não consegue tirar os olhos de você, querida — observa Mme. Padva, apontando discretamente o cálice na direção da porta, onde Marco está em pé em silêncio, as mãos cruzadas atrás das costas.

— Talvez ele esteja admirando sua obra-prima — replica Celia sem virar a cabeça.

— Posso apostar que está mais interessado no conteúdo do que no vestido.

Celia apenas sorri, mas sabe que Mme. Padva está certa, pois também sentiu o olhar de Marco queimando em sua nuca a noite toda, e acha cada vez mais difícil ignorá-lo.

A atenção dele só desvia de Celia uma vez, quando Chandresh derruba uma pesada taça de cristal que quase quebra um dos candelabros, derramando vinho tinto nos brocados dourados da toalha de mesa.

Mas, antes que Marco possa reagir, Celia levanta-se do outro lado da mesa e endireita a taça sem tocar nela, um detalhe que só Chandresh tem a devida

perspectiva para perceber. Quando recolhe a mão, a taça está cheia outra vez, a toalha de mesa imaculada.

— Que desastrado — murmura Chandresh, olhando para Celia com atenção antes de retomar a conversa com Sr. Barris.

— Você poderia ser uma bailarina — comenta Mme. Padva com Celia. — Tem boa postura. Fica bem de pé.

— Também sou boa sem usar os pés — replica Celia, e Sr. Barris quase derruba a taça de vinho enquanto Mme. Padva solta uma gargalhada.

Até o fim do jantar, Celia mantém um olhar atento em Chandresh. Ele passa a maior parte do tempo discutindo uma espécie de reforma da casa com Sr. Barris, às vezes se repetindo, embora Sr. Barris finja não notar. Chandresh não toca mais em sua taça de vinho, que ainda está cheia quando os pratos são retirados.

Após o jantar, Celia é a última a ir embora. Ao sair, ela percebe que esqueceu o xale e diz a todos que não esperem por ela enquanto volta à casa para procurá-lo, despedindo-se com um aceno.

A tentativa de localizar uma longa renda marfim no caos singular da *maison* Lefèvre se mostra difícil. Mesmo refazendo seus passos pela biblioteca e pelo salão de jantar, ela não consegue encontrar nada.

Afinal abandona sua busca e volta ao saguão, onde Marco está perto da porta com o xale dobrado casualmente no braço.

— Está procurando por isto, Srta. Bowen? — pergunta.

Faz um movimento para colocá-lo nos ombros dela, mas a renda se desmancha em seus dedos e vira pó.

Quando ele olha outra vez, ela já está com o xale, assentado com perfeição, como se nunca tivesse sido removido.

— Obrigada — diz Celia. — Boa noite. — E passa por Marco antes que ele consiga responder.

— Srta. Bowen? — chama Marco enquanto a segue pela escada.

— Sim? — responde Celia, virando-se quando ele chega à calçada.

— Eu tinha esperança de importuná-la com aquele convite para um drinque que não tomamos em Praga — diz Marco, mantendo os olhos firmes nos dela enquanto ela pensa a respeito.

A intensidade do olhar dele mostra-se ainda maior do que quando estava em sua nuca, e, enquanto Celia sente a coerção daquilo, uma técnica que seu pai sempre gostou, existe também algo de autêntico, quase como um apelo.

É isso, além de curiosidade, que faz com que concorde com um aceno de cabeça.

Marco sorri e volta a entrar na casa, deixando a porta aberta.

Ela o segue depois de alguns instantes. A porta se fecha atrás dela.

A sala de jantar foi arrumada, mas as velas gotejantes continuam queimando nos candelabros.

Duas taças de vinho estão sobre a mesa.

— Onde está Chandresh? — pergunta Celia ao pegar uma das taças e ir para o lado oposto da mesa ao que está Marco.

— Retirou-se para o quinto andar — responde Marco, pegando a outra taça. — Chandresh reformou os antigos aposentos dos empregados e transformou-os em ambientes privados, porque gosta da vista do rio. Não descera até o amanhecer. Os demais empregados já foram embora, portanto temos quase a casa inteira para nós.

— Você costuma entreter os seus convidados particulares depois que os dele foram embora? — pergunta Celia.

— Nunca.

Celia observa-o enquanto beberica o vinho. Algo em sua aparência a perturba, mas ela não consegue identificar exatamente o que é.

— É verdade que Chandresh insistiu em que todo o fogo do circo seja branco para combinar com o esquema de cores? — pergunta depois de um instante.

— É verdade — responde Marco. — Ele me pediu para entrar em contato com um químico ou algo assim. Eu optei por cuidar disso sozinho. — Passa os dedos sobre as velas na mesa e as chamas mudam do dourado morno para o branco gelado, tingidas com um azul prateado no centro. Passa os dedos na outra direção e elas voltam ao normal. — Como você chama isso? — indaga.

Celia não precisa perguntar o que ele quer dizer com aquilo.

— Manipulação. Chamava de mágica quando era mais nova. Demorou algum tempo para eu perder esse hábito, embora meu pai nunca tenha ligado para o termo. Ele chamava de encantamento, ou manipulação à força do Universo, quando não estava muito lacônico.

— Encantamento? — repete Marco. — Nunca pensei nisso dessa maneira.

— Tolice — comenta Celia. — É exatamente o que você faz. Você encanta. E é muito bom nisso. Há várias pessoas apaixonadas por você. Isobel. Chandresh. E deve haver outras.

— Como você sabe sobre Isobel? — pergunta Marco.

— A companhia do circo é bem grande, mas todos falam uns sobre os outros — responde Celia. — Ela parece bastante dedicada a alguém que nenhum de nós conhece. Percebi logo que ela presta muita atenção em mim, cheguei até a pensar que pudesse ser a minha oponente. Depois que você apareceu em Praga quando ela esperava por *alguém*, foi simples deduzir o restante. Acredito que ninguém mais saiba. Os gêmeos Murray têm uma teoria de que ela está apaixonada pelo sonho de alguém, e não por uma pessoa real.

— Os gêmeos Murray parecem bem inteligentes — observa Marco. — Mas, se eu sou tão *encantador* assim, nem sempre é intencional. Foi útil para garantir minha posição junto a Chandresh, pois eu só tinha uma referência e pouca experiência. Mas não parece funcionar tão bem com você.

Celia põe a taça na mesa, ainda sem saber ao certo o que fazer. A luz bruxuleante das velas ressalta a característica indistinta do rosto de Marco, e ela olha para outro lado ao responder, desviando a atenção para o que há em torno da lareira.

— Meu pai costumava fazer algo parecido — começa a dizer. — Essa sedução cativante, atraente. Passei os primeiros anos de vida observando minha mãe se consumir por ele, que permanecia imperturbável. Amando-o e desejando-o bem depois de ele já ter perdido o pouco interesse que teve por ela. Até o dia em que tirou a própria vida, quando eu tinha 5 anos. Quando tive idade para entender, prometi a mim mesma que nunca sofreria assim por ninguém. Vai ser preciso bem mais do que esse seu sorriso charmoso para me seduzir.

Mas, quando ela volta a olhar para ele, o sorriso charmoso desapareceu.

— Lamento muito por você ter perdido sua mãe dessa maneira — diz Marco.

— Foi há muito tempo — replica Celia, surpresa com a autenticidade da empatia. — Mas obrigada.

— Você se lembra bem dela? — pergunta.

— Lembro-me mais de impressões do que de fatos. Lembro que estava sempre chorando. Lembro que me olhava como se eu fosse alguém a ser temido.

— Eu não me lembro dos meus pais — diz Marco. — Não tenho lembranças anteriores ao orfanato de onde fui tirado por preencher algum critério não especificado. Tive que ler muito, viajei e estudei e fui preparado

para fazer parte de uma espécie de jogo clandestino. É o que tenho feito a maior parte da minha vida, além de cuidar da contabilidade e dos registros e do que mais Chandresh precisar.

— Por que você está sendo tão honesto comigo? — pergunta Celia.

— Porque é revigorante ser honesto com alguém para variar — responde Marco. — E imagino que ficaria sabendo na mesma hora se eu mentisse para você. Espero que possa ser sincera comigo também.

Celia pensa a respeito por um instante antes de concordar.

— Você lembra um pouco o meu pai — diz.

— Como assim? — pergunta Marco.

— A maneira como manipula a percepção. Eu nunca fui muito boa nisso, sou melhor com coisas tangíveis. Você não precisa fazer isso comigo, a propósito — acrescenta, percebendo afinal o que a desconcerta na aparência dele.

— Fazer o quê? — pergunta Marco.

— Ficar desse jeito. É muito bem-feito, mas dá para ver que não é totalmente autêntico. Deve ser terrível manter essa postura o tempo todo.

Marco franze o cenho, mas depois, muito gradualmente, sua fisionomia começa a mudar. O cavanhaque esmaece até desaparecer. Os traços cinzelados suavizam-se e rejuvenescem. Seus intensos olhos verdes passam a um cinza-esverdeado.

O falso rosto era bonito, sim, mas de uma maneira forçada. Como se ele estivesse muito ciente de sua beleza, algo que Celia não achava atraente.

E havia algo mais, uma superficialidade que talvez fosse resultado da ilusão, uma impressão de que ele não estava inteiramente presente no ambiente.

Mas agora há outra pessoa ao seu lado, muito mais presente, como se uma barreira que os separava tivesse sido removida. Ela o sente mais próximo, ainda que a distância entre os dois não tenha mudado, e além disso seu rosto continua muito bonito.

A intensidade de seu olhar aumenta com os novos olhos. Agora, ao olhar para ele Celia consegue enxergar mais fundo sem ser distraída pela cor.

Ela sente um calor subindo por seu pescoço, mas se controla para que seu rubor não seja notado à luz das velas.

E então percebe por que aquela situação lhe parece familiar.

— Eu já vi você assim antes — diz, localizando suas verdadeiras feições na memória. — Você assistiu ao meu espetáculo desse jeito.

— Você se lembra de todas as suas plateias? — pergunta Marco.

— Nem todas — responde Celia. — Mas me lembro das pessoas que me olham desse jeito.

— E que jeito seria esse?

— Como se não conseguissem decidir se têm medo de mim ou se querem me beijar.

— Eu não tenho medo de você — diz Marco.

Eles se olham em silêncio por um tempo, as velas bruxuleando ao redor.

— Parece muito esforço por uma diferença sutil — comenta Celia.

— Tem suas vantagens.

— Acho que você fica melhor assim — sugere. Marco parece tão surpreso que ela acrescenta: — Eu disse que seria honesta, não disse?

— Você me lisonjeia, Srta. Bowen — observa Marco. — Quantas vezes já estive nesta casa?

— Pelo menos uma dúzia — responde Celia.

— E mesmo assim nunca fez um tour.

— Nunca fui convidada.

— Chandresh não acredita nesses tours. Ele prefere manter a casa como um enigma. Se os convidados não sabem onde estão os limites, a impressão é de que a casa continua para sempre. Antes eram duas construções, por isso às vezes o lugar parece meio desorientador.

— Eu não sabia disso — admite Celia.

— Eram casas geminadas, uma o reflexo da outra. Chandresh comprou as duas e as reformou para serem uma só, fazendo várias melhorias. Acho que não temos tempo para um tour completo, mas eu poderia mostrar alguns dos aposentos mais obscuros, se quiser.

— Quero, sim — diz Celia, depositando a taça de vinho ao lado da dele na mesa. — Você costuma fazer tours proibidos na casa do seu patrão?

— Só fiz isso uma vez, e mesmo assim porque Sr. Barris foi muito insistente.

SAINDO DA SALA DE JANTAR, eles passam sob a sombra da estátua da cabeça de elefante no corredor, entram na biblioteca e param em frente ao pôr do sol pintado no vidro jateado que cobre uma parede inteira.

— Esta é a sala de jogos — diz Marco, empurrando o vidro e abrindo a passagem para o cômodo seguinte.

— Muito apropriado.

Jogo é mais o tema do que a função da sala. Há muitos tabuleiros de xadrez com peças faltando, e peças sem tabuleiro alinhadas em parapeitos de janelas e estantes. Alvos para dardos sem dardos estão pendurados ao lado de jogos de gamão com partidas pela metade.

A mesa de bilhar no centro é coberta por um feltro vermelho cor de sangue.

Uma seleção de armas alinha-se na parede, organizada em pares. Sabres, pistolas e floretes, todos emparelhados, preparados para dezenas de duelos em potencial.

— Chandresh aprecia armamentos antigos — explica Marco enquanto Celia os observa. — Existem peças em outras salas, mas a maior parte da coleção está aqui.

Marco a observa com atenção enquanto ela anda pela sala. Parece tentar não sorrir ao examinar aquelas peças de jogos arranjadas artisticamente ao redor.

— Você está sorrindo como se tivesse um segredo — comenta ele.

— Eu tenho muitos segredos — diz Celia, olhando para ele por cima do ombro antes de voltar a atenção para a parede. — Quando você soube que eu era a sua oponente?

— Não sabia até seu teste. Antes disso você foi um mistério por muitos anos. E tenho certeza de que você percebeu que me pegou de surpresa. — Faz uma pausa antes de acrescentar: — Não posso dizer que tenha sido uma vantagem. Há quanto tempo você sabe?

— Fiquei sabendo naquela chuva em Praga, e você sabe muito bem que foi ali que eu descobri — diz Celia. — Você poderia ter me deixado pensando no mistério do guarda-chuva, mas preferiu ir atrás de mim. Por quê?

— Eu o queria de volta — responde Marco. — Gosto muito daquele guarda-chuva. E já estava cansado de me esconder de você.

— Eu já desconfiei de cada um e de todo mundo — diz Celia. — Mas achei que o mais provável era que fosse alguém do circo, mesmo. Eu devia

saber que era você.

— Por quê? — pergunta Marco.

— Porque você finge ser menos do que é — responde ela. — É claro como o dia. Mas admito que nunca pensei em transformar o meu guarda-chuva em algo mágico.

— Eu morei a maior parte da vida em Londres — explica Marco. — Assim que aprendi a encantar objetos, foi uma das primeiras coisas que fiz.

Marco tira o paletó e joga sobre uma das poltronas de couro no canto. Pega um baralho de uma prateleira, sem saber se ela vai aceitar, mas curioso demais para deixar de tentar.

— Você quer jogar? — pergunta Celia.

— Não exatamente — responde Marco enquanto embaralha. Quando termina, põe as cartas sobre a mesa de bilhar.

Vira uma delas. O rei de espadas. Bate na superfície delicadamente com o dedo e o rei de espadas transforma-se em rei de copas. Ergue e espalma a mão sobre a carta, convidando-a a fazer o próximo movimento.

Celia sorri. Retira o xale dos ombros e o coloca ao lado do paletó dele. Fica em pé com as mãos cruzadas às costas.

O rei de copas ergue-se, equilibrado na borda. Paira por alguns instantes antes de se rasgar em dois lentamente. As duas partes ficam em pé, separadas por um tempo antes de caírem, com o verso ilustrado para cima.

Imitando o gesto de Marco, Celia bate a carta e as duas partes voltam a se juntar. Recolhe a mão e ela vira-se sozinha. A rainha de ouros.

Logo depois o baralho inteiro flutua no ar por um instante antes de cair na mesa, cartas espalhadas sobre a superfície de feltro vermelho.

— Você é melhor do que eu em manipulação física — admite Marco.

— Eu tenho uma vantagem — diz Celia. — O que meu pai chama de talento natural. Chego a ter dificuldades para não influenciar o que está ao meu redor. Eu estava sempre quebrando coisas quando criança.

— Quanta influência você tem em coisas vivas? — pergunta Marco.

— Depende da coisa em questão — responde Celia. — Objetos são mais fáceis. Demorei anos para controlar algo com vida. E trabalho muito melhor com os meus pássaros do que com qualquer pombo velho recolhido na rua.

— O que você poderia fazer comigo?

— Poderia mudar o seu cabelo, talvez sua voz — diz Celia. — Não mais do que isso sem o seu pleno consentimento e consciência, e o verdadeiro

consentimento é mais difícil de conceder do que se pode imaginar. Não posso curar ferimentos. Minhas intervenções em geral são superficiais e temporárias. Fica mais fácil com gente que conheço melhor, embora nunca seja particularmente fácil.

— E com você mesma?

Em resposta, Celia vai até a parede e retira uma pequena adaga otomana com cabo de jade do nicho onde está pendurada com seu par. Segurando-a com a mão direita, ela apoia a palma da mão esquerda na mesa de bilhar, sobre as cartas espalhadas. Sem hesitar, crava a lâmina nas costas da mão, atravessando pele, carne e cartas até chegar ao feltro abaixo.

Marco tem um sobressalto, mas não diz nada.

Celia força a adaga para cima, a mão e um dois de espadas ainda presos à lâmina, o sangue começando a escorrer pelo pulso. Exibe a mão, girando-a lentamente, como se fosse uma apresentação, para que Marco veja que não há ilusão envolvida.

Com a outra mão ela retira a adaga, e a carta ensanguentada cai no chão. Pouco depois as gotas de sangue começam a se retrair, voltando para o corte na palma da mão, que encolhe até desaparecer e deixar apenas uma fina linha vermelha na pele, e depois nada.

Ela toca a carta e o sangue desaparece. O corte deixado pela lâmina não é mais visível. Agora a carta é um dois de copas.

Marco pega a carta e passa os dedos sobre a superfície remendada. Depois, com um movimento sutil de sua mão, a carta desaparece. Está guardada em seu bolso, em segurança.

— Fico contente por não termos sido desafiados para um confronto físico — diz. — Acho que você teria vantagem.

— Meu pai costumava cortar as pontas dos meus dedos uma a uma até eu conseguir curar as dez de uma vez — conta Celia, recolocando a adaga em seu lugar na parede. — Muito da sensação vem de dentro, de como tudo supostamente se encaixa, por isso nunca fui capaz de fazer isso com mais ninguém.

— Acho que suas aulas foram muito menos acadêmicas do que as minhas.

— Eu teria preferido ler mais.

— Acho estranho nós termos sido preparados em termos tão radicalmente diferentes para o mesmo desafio — observa Marco.

Ele olha outra vez para a mão de Celia, mas agora não há nada de anormal, nenhum sinal de ter sido esfaqueada instantes atrás.

— Desconfio que faça parte da história — diz ela. — Duas escolas de pensamento colocadas uma contra a outra, funcionando no mesmo ambiente.

— Confesso — continua Marco — que ainda não entendi essa história, mesmo depois de todo esse tempo.

— Nem eu — admite Celia. — Desconfio de que chamar isso de desafio ou jogo não é muito preciso. Agora penso nisso mais como uma exibição dupla. A que mais eu tenho direito no meu tour?

— Gostaria de ver algo em desenvolvimento? — pergunta Marco.

Saber que ela pensa no circo como uma exibição é uma grata surpresa, pois ele já parou de pensar em termos antagônicos anos atrás.

— Gostaria — concorda Celia. — Em especial se for o projeto de que Sr. Barris estava falando durante o jantar.

— É esse mesmo.

Marco a conduz para fora da sala de jogos por outra porta, passando rapidamente pelo saguão e entrando num grande salão de festas nos fundos da casa, onde a luz da lua penetra as portas de vidro na parede.

*

DO LADO DE FORA, no espaço antes ocupado pelo jardim além do terraço, a área foi escavada a um nível abaixo da superfície. No momento é basicamente um amontoado de terra batida e pilhas de pedras formando muralhas altas e rudimentares.

Celia desce os degraus de pedra um a um, com cuidado, e Marco a segue. Assim que chegam lá embaixo, as muralhas criam um labirinto, deixando apenas pequenas porções do jardim visíveis de cada vez.

— Achei que seria bom Chandresh ter um projeto com que se ocupar — explica Marco. — Como hoje em dia ele quase não sai de casa, reformar o jardim me pareceu um bom lugar para começar. Gostaria de ver como vai ficar quando estiver concluído?

— Gostaria — concorda Celia. — Você tem as plantas baixas daqui?

Em resposta, Marco ergue uma das mãos e faz um gesto abrangente.

O que instantes atrás eram apenas pilhas de pedras irregulares se transforma em caminhos e arcos ornamentados, cobertos de videiras rastejantes e salpicados com pequenas lanternas brilhantes. Rosas pendem de treliças em abóbodas acima deles, o céu noturno visível através dos espaços entre os botões.

Celia leva a mão aos lábios para abafar um sobressalto. A cena toda, desde o aroma das rosas até o calor irradiado pelas lanternas, é surpreendente. Ela consegue ouvir uma fonte borbulhante ali perto e desce a trilha agora coberta de grama para ver mais de perto.

Marco a segue enquanto ela explora, fazendo as curvas entre as passagens sinuosas.

A fonte no centro cascadeia por uma parede de pedra entalhada, fluindo para um lagozinho cheio de carpas ornamentais. As escamas brilham à luz do luar, respingos brilhantes brancos e alaranjados na água escura.

Celia estende a mão, a água da fonte passando através de seus dedos enquanto ela pressiona a pedra fria abaixo.

— Você está fazendo isso na minha mente, não é? — pergunta, ao ouvir Marco atrás dela.

— Só porque você está permitindo — responde ele.

— Eu poderia parar, você sabe — observa Celia, virando-se para olhar para ele, recostado no vão de um arco de pedra, observando-a.

— Tenho certeza de que sim. Se você resistisse, isso não funcionaria tão bem, e pode ser bloqueado quase inteiramente. E, claro, a proximidade é essencial para a imersão.

— Você não pode fazer isso com o circo — diz Celia.

Marco dá de ombros.

— A distância é muito grande, infelizmente — diz. — É uma das minhas especialidades, mas tenho poucas chances de usá-la. Não gosto de criar esse tipo de ilusão para ser vista por mais de uma pessoa de cada vez.

— É incrível — comenta Celia, observando as carpas nadando aos seus pés. — Eu nunca consegui criar nada tão elaborado, ainda que me chamem de ilusionista. Esse título cai melhor em você do que em mim.

— Imagino que “A linda mulher que pode manipular o mundo com a mente” soe um tanto canhestro.

— Acho que não caberia no cartaz do lado de fora da minha tenda.

O riso dele é grave e cálido, e Celia vira-se para o outro lado para esconder o sorriso, ainda atenta às ondulações da água.

— Também não existe aplicação para uma das minhas especialidades — diz Celia. — Sou muito boa na manipulação de tecidos, mas parece tão desnecessário comparado ao que Madame Padva consegue fazer... — Ela roda o vestido e o prateado capta a luz, de forma que Celia está tão iluminada quanto as brilhantes lanternas.

— Eu acho que ela é uma bruxa — diz Marco. — E digo isso como um elogio.

— Acho que ela consideraria um elogio, mesmo — replica Celia. — Você também está vendo tudo isso, exatamente como eu?

— Mais ou menos — responde Marco. — Quanto mais perto eu estiver de quem vê, mais detalhadas são as nuances.

Celia dá a volta no lago e fica mais perto de onde ele está. Examina os entalhes na pedra e as vinhas emaranhadas ao redor, mas seu olhar continua voltando para Marco. Qualquer tentativa de sutileza é arruinada sempre que ele nota que o olhar dela está no seu. Desviar torna-se mais difícil a cada vez.

— Você foi inteligente em usar a fogueira como estímulo — comenta ela, tentando manter a atenção em uma diminuta lanterna brilhando.

— Não me surpreende que você tenha percebido — diz Marco. — Eu tive de arrumar um jeito de me manter conectado, já que não posso viajar com o circo. O acendimento da fogueira pareceu uma oportunidade perfeita para estabelecer um vínculo duradouro. Afinal, eu não queria que você tivesse muito controle.

— Houve repercussões — diz Celia.

— Como assim?

— Digamos que há mais coisas notáveis nos gêmeos Murray além dos cabelos.

— E você não vai me dizer o que é, vai? — pergunta Marco.

— Uma dama não pode revelar todos os seus segredos — diz Celia. Colhe uma rosa de um galho baixo, fechando os olhos ao inalar o perfume, as pétalas tocando sua pele como um veludo suave. Os detalhes sensoriais da ilusão são muito sedutores, quase inebriantes. — Quem pensou em fazer este jardim? — pergunta.

— Chandresh. Foi inspirado em outra sala da casa. Posso mostrar, se você quiser.

Celia balança a cabeça afirmativamente e os dois refazem os passos que os levaram ao jardim. Ela fica mais perto dele enquanto conversam, os dois tão próximos que podem se tocar, embora ele mantenha as mãos cruzadas às costas. Quando chegam ao terraço, Celia vira a cabeça e olha outra vez para o jardim, onde as rosas e as lanternas voltaram a ser terra e pedra.

*

DENTRO DA CASA, MARCO CONDUZ CELIA pelo salão de festas. Para na parede do outro lado do salão e desliza um painel de madeira escura que revela uma escada de caracol para o andar de baixo.

— É uma masmorra? — pergunta Celia enquanto eles descem.

— Não exatamente — responde Marco. Quando chegam à porta dourada no final da escada, Marco abre-a para ela. — Cuidado com o degrau.

A sala é pequena, mas o teto é alto, com um lustre adornado de cristais pendurado no centro. As paredes em curva e o teto são pintados de um azul profundo e vibrante e o teto é ornado de estrelas.

Há uma trilha ao redor da sala, como um parapeito, embora a maior parte do piso seja mais baixa e forrada por grandes almofadas cobertas de belas sedas das cores do arco-íris.

— Chandresh afirma que seguiu o modelo do quarto de uma cortesã em Bombaim — explica Marco. — Eu acho maravilhoso para leitura.

Celia ri, e um cacho de cabelo cai sobre seu rosto.

Marco ensaia um movimento para afastar o cabelo de seu rosto, mas antes que seus dedos a alcancem ela se joga do parapeito, o vestido prateado formando uma nuvem quando ela cai sobre uma pilha de almofadas de vários tons.

Marco a observa por um instante antes de imitá-la, afundando no meio da sala ao seu lado.

Os dois ficam deitados olhando para o lustre acima, a luz refletindo nos cristais e transformando-os num céu noturno sem necessidade de qualquer ilusão.

— Com que frequência você consegue visitar o circo? — pergunta Celia.

— Não tanto quanto gostaria. Sempre que ele está perto de Londres, claro. Tento chegar a outras partes da Europa quando consigo escapar de Chandresh por tempo suficiente. Às vezes sinto que tenho um pé em cada lado. Sinto-me tão familiar e íntimo, mas é sempre uma surpresa.

— Qual é a sua tenda favorita?

— Sinceramente? É a sua.

— Por quê? — pergunta, virando-se para ele.

— É uma questão de gosto, suponho. Você faz em público coisas que aprendi em segredo. Talvez eu as aprecie num nível diferente do da maioria. Também gosto muito do Labirinto das Câmaras. Não sabia bem se você iria querer ou não colaborar com ele.

— Ouvi um longo sermão sobre essa colaboração em particular — diz Celia. — Meu pai o chamou de justaposição promíscua. Ele deve ter pensado durante dias para arranjar um insulto que valesse a pena. Diz que é de mau gosto combinar aptidões, nunca entendi por quê. Eu adoro esse Labirinto, me diverti muito acrescentando partes a ele. Gosto especialmente do corredor em que neva que você fez. É possível ver as pegadas deixadas por outros que passaram por lá.

— Eu nunca tinha pensado nisso de uma maneira tão lasciva — diz Marco. — Vou ter isso em mente na minha próxima visita. Embora eu tenha a impressão de que seu pai não está em posição de fazer comentários a esse respeito.

— Ele não está morto — diz Celia, voltando a olhar para o teto. — É muito difícil explicar.

Marco não pede que ela tente, preferindo voltar ao assunto do circo.

— Qual é a sua tenda favorita? — pergunta.

— O Jardim de Gelo — responde Celia, sem hesitar.

— Por quê? — diz Marco.

— Por causa da *sensação* — explica ela. — É como entrar num sonho. Como se fosse um lugar diferente, não apenas outra tenda. Ou talvez eu simplesmente goste de neve. Como você teve essa ideia?

Marco reflete sobre o processo, como se nunca tivessem lhe pedido para explicar a origem de suas ideias.

— Achei que poderia ser interessante ter um jardim de inverno, mas é claro que não poderia ser colorido — começa. — Pensei em muitas opções antes de

partir para algo feito só de gelo. Fico contente por você pensar nele como um sonho, pois foi daí que nasceu a essência da ideia.

— Foi por isso que fiz a Árvore dos Desejos — explica Celia. — Achei que uma árvore coberta de fogo seria um complemento adequado às feitas de gelo.

Marco repassa em sua cabeça seu primeiro encontro com a Árvore dos Desejos. Uma mistura de aborrecimento e surpresa e anseio que parece diferente vista em retrospecto. Não sabia ao certo se conseguiria acender uma vela, fazer um desejo, cogitando se aquilo não seria de alguma forma contra as regras.

— Todos aqueles desejos são realizados? — pergunta ele.

— Não sei ao certo — responde Celia. — Não tenho sido capaz de acompanhar cada pessoa que tenha feito um desejo. Você fez um?

— Talvez.

— Ele se realizou?

— Ainda não tenho certeza.

— Você precisa me avisar quando isso acontecer — diz Celia. — Espero que se realize. Tenho a impressão de que, de certa forma, fiz a Árvore dos Desejos para você.

— Você nem sabia quem eu era na época — diz Marco, olhando para ela. A atenção de Celia continua no lustre, mas aquele fascinante sorriso de quem esconde segredos voltou.

— Eu não conhecia a sua identidade, mas tinha uma ideia de quem era o meu oponente, uma vez que estava cercada por coisas que você fez. Achei que você iria gostar.

— E gosto mesmo — confirma Marco.

O silêncio que cai entre eles é confortável. Marco anseia por tocar nela, mas resiste, com medo de destruir o delicado companheirismo que estão construindo. Prefere lançar olhares, observando a maneira como a luz cai na pele dela. Diversas vezes ele a surpreende olhando para ele da mesma forma, e os momentos em que ela mantém os olhos nos dele são sublimes.

— Como você impede que todos envelheçam? — pergunta Celia depois de um tempo.

— Com muito cuidado — responde Marco. — E eles estão envelhecendo, só que muito lentamente. Como você está transportando o circo?

— Em um trem.

— Em um trem? — pergunta Marco, incrédulo. — Aquele circo inteiro transportado por um único trem?

— É um trem grande — explica Celia. — E é mágico — acrescenta, e Marco ri.

— Eu confesso, Srta. Bowen, que você não é quem eu esperava.

— Posso assegurar que o sentimento é mútuo.

Marco levanta-se, recuando até o trecho do parapeito junto à porta.

Celia estende a mão para que ele a ajude a se levantar. É a primeira vez que Marco toca na pele dela.

A reação no ar é imediata. De repente uma descarga ondula pela sala, nítida e brilhante. O lustre começa a balançar.

O sentimento que percorre a pele de Marco é intenso e íntimo, começando pela palma da mão que encontra a dela e espalhando-se bem além, mais distante e mais profundo.

Celia larga a mão dele assim que recupera o equilíbrio, recuando e recostando-se na parede. A sensação começa a diminuir assim que as mãos se separam.

— Desculpe-me — diz ela em voz baixa, evidentemente sem fôlego. — Você me pegou de surpresa.

— Desculpe-me — diz Marco, com o coração pulsando tão alto nos ouvidos que mal consegue ouvi-la. — Embora eu não possa dizer ao certo o que aconteceu.

— Eu tendo a ser muito sensível à energia — diz Celia. — Pessoas que fazem o tipo de coisa que você e eu fazemos são portadoras de um tipo muito palpável de energia, e eu... ainda não estou acostumada com a sua.

— Só espero que a sensação tenha sido tão agradável para você quanto foi para mim.

Celia não responde, e para evitar pegar na mão dela outra vez, Marco abre a porta e a conduz de volta à escada de caracol.

*

ELES CONVERSAM ENQUANTO CAMINHAM pelo salão de festas iluminado pela lua, os passos ecoando ao mesmo tempo.

— Como está Chandresh? — pergunta Celia, tentando encontrar um assunto para quebrar o silêncio, qualquer coisa que a distraia das mãos ainda trêmulas, e recordando-se da taça derrubada no jantar.

— Ele oscila — responde Marco com um suspiro. — Vem perdendo a concentração desde que o circo estreou. Eu... eu faço o que posso para mantê-lo estável, mas temo que isso tenha um efeito prejudicial na memória dele. Eu não queria, mas depois do que aconteceu com a falecida Srta. Burgess achei que era a melhor coisa a fazer.

— Ela se encontrava na peculiar situação de estar envolvida em tudo isso, mas não dentro do próprio circo — diz Celia. — Com certeza não é a melhor perspectiva para se administrar. Ao menos você pode cuidar de Chandresh.

— É verdade — concorda Marco. — Gostaria que houvesse uma maneira de proteger os que estão fora do circo da mesma forma que a fogueira protege os que estão dentro.

— A fogueira? — indaga Celia.

— A fogueira serve a diversos propósitos. O principal é ser minha conexão com o circo, mas também funciona como uma espécie de salvaguarda. Eu negligenciei o fato de que não resguarda os que estão fora da cerca.

— Eu nem cheguei a considerar as salvaguardas — diz Celia. — Acho que não percebi no começo quantas outras pessoas estariam envolvidas no nosso desafio. — Para de caminhar e fica no meio do salão de festas.

Marco também para, mas não diz nada, esperando que ela fale.

— Não foi culpa sua — diz Celia em voz baixa. — O que aconteceu com Tara. As circunstâncias poderiam ter se desenrolado da mesma forma independentemente de qualquer coisa que fizéssemos. Não é possível tirar o livre-arbítrio de ninguém, essa foi a minha primeira lição.

Marco concorda com um aceno de cabeça, e dá um passo na direção de Celia. Estende a mão para tocar na dela, roçando levemente os dedos nos dedos dela.

A sensação é tão forte quanto antes, mas de alguma forma diferente. A atmosfera muda, mas os lustres pendurados acima continuam firmes e imóveis.

— O que está fazendo? — pergunta Celia.

— Você mencionou algo sobre energia — diz Marco. — Estou concentrando a sua com a minha, para não quebrarmos os lustres.

— Se eu quebrar alguma coisa, é provável que consiga consertar — diz Celia, mas não se afasta.

Sem a preocupação com o efeito que pode exercer nos arredores, Celia consegue relaxar com aquela sensação, em vez de resistir a ela. É extraordinário. É o mesmo que sentia em tantas das tendas de Marco, a emoção de estar cercada por algo fantástico e maravilhoso, só que ampliado e concentrado diretamente nela. A sensação da pele dele na sua reverbera em todo o seu corpo, embora seus dedos continuem enlaçados nos dela. Celia olha para ele, atraída outra vez pelos impressionantes olhos verde-acinzentados, e não desvia o olhar.

Os dois encaram-se em silêncio por instantes que se prolongam como horas.

O relógio de parede badala e Celia tem um sobressalto, assustada. Assim que solta a mão de Marco ela quer pegá-la outra vez, mas a noite toda já foi surpreendente o bastante.

— Você esconde isso tão bem... — observa. — Posso sentir a mesma energia irradiando como calor em todas as suas tendas, mas pessoalmente ela fica oculta.

— Dissimulação é um dos meus poderes — diz Marco.

— Não vai ser tão fácil agora que chamou minha atenção.

— Eu gosto de chamar a sua atenção — replica Marco. — Obrigado por tudo. Por ter ficado.

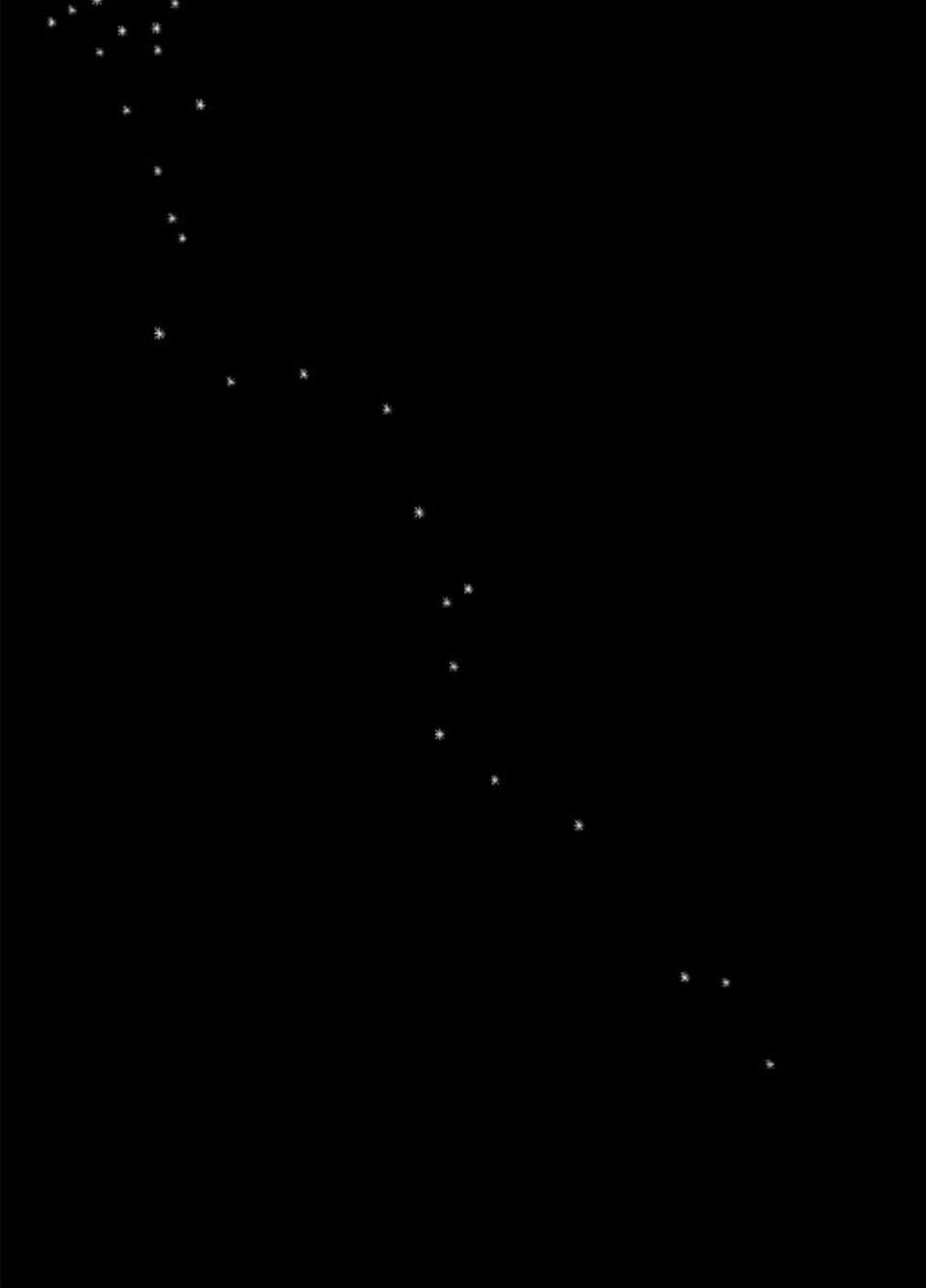
— Eu o perdoo por ter roubado o meu xale.

Ela sorri e Marco ri.

Em seguida ela desaparece. Um truque simples, distrair a atenção por tempo suficiente para se esgueirar pelo vestíbulo, apesar da tentação de ficar mais um pouco.

* * *

MARCO ENCONTRA O XALE DELA esquecido na sala de jogos, ainda em cima de seu paletó.



Parte III

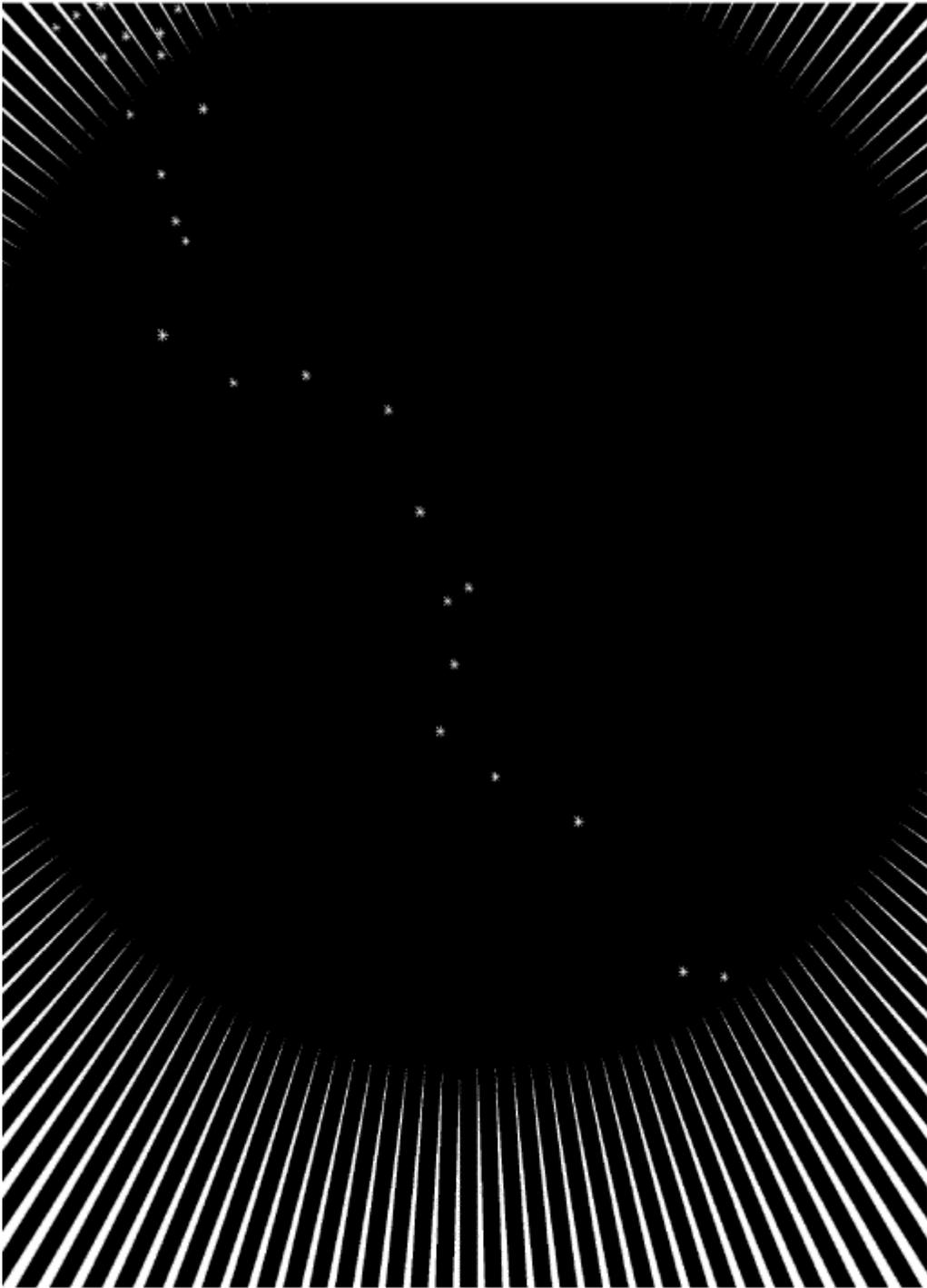
INTERSEÇÕES



Eu gostaria muito de interpretar as reações, as observações de cada uma e de todas as pessoas que passam pelos portões do Le Cirque des Rêves, para saber o que elas veem e ouvem e sentem. Saber como suas experiências coincidem com as minhas e quanto diferem delas. Tive a sorte de receber cartas com essa informação, de partilhar anotações de *rêveurs* em diários e pensamentos expostos em pedaços de papel.

Acrescentamos as nossas histórias, cada visitante, cada ida, cada noite passada no circo. Imagino que nunca faltarão coisas a dizer ou histórias a serem contadas e partilhadas.

— FRIEDRICK THIESSEN, 1895





OS AMANTES



De pé na plataforma no meio da multidão, altas o suficiente para que possam ser vistas de todos os ângulos, há duas figuras imóveis como estátuas.

A mulher usa algo parecido com um vestido de noiva elaborado para uma bailarina, branco, em camadas, com laçarotes pretos que flutuam no ar noturno. As pernas estão cobertas por meias três-quartos, os pés calçam botas pretas de abotoar. Os cabelos negros são ondulados e estão adornados com penas brancas.

Seu companheiro é um homem atraente, um pouco mais alto que ela, num impecável terno preto risca de giz feito sob medida. A camisa é de um branco ofuscante, a gravata é preta e o nó é imaculado. Um chapéu-coco preto está assentado sobre a cabeça.

Os dois estão muito próximos, mas não se tocam. As cabeças estão inclinadas na direção uma da outra. Lábios imóveis no momento antes (ou depois) do beijo.

Embora os observe por algum tempo, eles não se movem. Nem as pontas dos dedos nem os cílios. Não há sinal nem de que estejam respirando.

“Eles não podem ser de verdade”, observa alguém nos arredores.

Muitos visitantes apenas lançam um olhar antes de prosseguir, porém, quanto mais se observa, mais se podem perceber alguns movimentos sutis. A mudança na curva de uma das mãos pairando sobre um braço. O ângulo que se altera em uma perna perfeitamente equilibrada. Sempre gravitando um em direção ao outro.

Mas sem se tocar.

Treze

LONDRES, SEXTA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO DE 1899

A grande comemoração do aniversário do Le Cirque des Rêves não é festejada depois de dez anos, o que poderia ser esperado e tradicional, mas quando os anos em que o circo está funcionando e viajando já somam treze. Alguns dizem que isso aconteceu porque o décimo aniversário veio e se foi, e ninguém pensou em fazer uma festa até que a data já tivesse passado.

A recepção é realizada na casa de Chandresh Christophe Lefèvre na sexta-feira, 13 de outubro de 1899. A lista de convidados é seleta: apenas integrantes do circo e algumas pessoas especialmente selecionadas comparecem. Não há divulgação, claro, e embora se possa especular que o evento tem algo a ver com o circo, não há como ter certeza. Além do mais, ninguém iria imaginar que o famoso circo em preto e branco estaria associado a um evento tão cheio de cores.

Tudo é extremamente colorido, com a casa e os convidados adornados num arco-íris de tonalidades. As luzes de cada aposento são tratadas de forma especial, verdes e azuis em um, vermelhas e laranja em outro. As mesas que pontuam a sala de jantar estão cobertas por toalhas com estampas vibrantes. No centro delas, elaborados arranjos florais, para os quais foram escolhidos apenas os botões mais brilhantes. Os componentes do conjunto que toca no salão de baile temas exóticos, porém melancólicos e dançantes, estão vestidos em ternos de veludo vermelho. Até as taças de champanhe são de vidro azul-cobalto e não transparente, e os garçons usam verde e não preto. Chandresh veste um terno púrpura vibrante com um colete dourado e estampado, e durante toda a noite fuma charutos especiais, que emanam uma fumaça violeta para combinar com seu traje.

Um espectro de rosas que variam em tons indo do natural ao inimaginável repousa no colo dourado da estátua da cabeça de elefante no foyer, e pétalas caem sempre que alguém passa por perto.

Coquetéis são servidos no bar numa variedade de copos de formas e cores estranhas. O vinho é cor de rubi e o absinto é de um verde enevado. Tapeçarias de seda vibrante pendem das paredes e recobrem tudo o que é imóvel. Velas bruxuleiam em arandelas de vidro jateado, lançando sombras que dançam pela festa e em seus convidados.

Poppet e Widget são os mais jovens: têm a mesma idade do circo. Os cabelos vermelhos e brilhantes resplandecem, e seus trajes combinando são de um azul quente de um céu crepuscular, com acabamentos em rosa e amarelo. Pelo aniversário, Chandresh os presenteia com dois gatinhos peludos cor de laranja, com olhos azuis e coleiras listradas no pescoço. Poppet e Widget os adoram, e prontamente os chamam de Bootes e Pavo, embora depois não consigam lembrar bem qual é qual e passem a se referir aos dois coletivamente sempre que possível.

Os conspiradores originais estão lá, com exceção da falecida Tara Burgess. Lainie Burgess chega num evanescente vestido amarelo-canário, acompanhada pelo Sr. Ethan Barris em um terno azul-marinho, que é o mais colorido que se atreve a usar, embora a gravata seja de uma tonalidade um pouco mais viva e ele tenha uma rosa amarela na lapela.

Sr. A. H... chega em seu cinza costumeiro.

Mme. Padva comparece, depois de certa coação de Chandresh, gloriosamente vestida em sedas douradas bordadas de filigranas vermelhas, plumas carmesim nos cabelos brancos. Passa a maior parte da noite em uma das cadeiras perto da lareira, observando o desenrolar dos acontecimentos sem participar diretamente deles.

Herr Friedrich Thiessen está lá como convidado especial, com a condição de não escrever uma única palavra sobre a reunião nem mencioná-la a ninguém. Ele aceita com prazer, e comparece vestido predominantemente de vermelho com um toque de preto, o inverso de seus trajes habituais.

Passa a maior parte da noite na companhia de Celia Bowen, cujo sofisticado vestido muda de cor, alternando entre matizes do arco-íris e as cores de quem está mais perto dela.

Não há apresentações senão as da orquestra, pois é difícil contratar artistas que impressionem em uma reunião composta principal por integrantes de um

circo. A maior parte da noite se passa entre conversas e socializações.

No jantar, que começa exatamente à meia-noite, os pratos são decorados em preto e branco, mas explodem em cores quando perfurados por garfos ou colheres, revelando camadas e mais camadas de sabores. Alguns pratos são servidos em pequenos espelhos, e não em louça comum.

Poppet e Widget contrabandeiam bocados de comida para os gatinhos aos seus pés, enquanto ouvem com atenção as histórias de balé de Mme. Padva. A mãe dos gêmeos os adverte de que o conteúdo das tais histórias pode não ser inteiramente apropriado para o casal que está fazendo 13 anos, mas Mme. Padva continua, imperturbável, evitando apenas os detalhes mais sórdidos, que Widget consegue ver no brilho de seus olhos mesmo sem que ela os revele em voz alta.

A sobremesa é composta basicamente de um gigantesco bolo de vários andares com listras de glacê, que lembra as tendas do circo, recheado com um creme de amoras brilhante. Há também miniaturas de leopardos de chocolate e morangos cobertos com padrões circulares de chocolate branco e preto.

Quando a sobremesa é retirada, Chandresh faz um longo discurso agradecendo a todos os convidados por treze anos espetaculares, pela maravilha do circo, que não era nada além de uma ideia mais de uma década atrás. Prossegue por um tempo falando de sonhos e famílias e da luta pela originalidade em um mundo de mesmices. Alguns trechos são profundos, parte é apenas tagarelice e absurdos, mas o ritual é considerado um gesto afetoso por quase todos os presentes. Muitos aproveitam a oportunidade para cumprimentá-lo pessoalmente, pela festa e pelo circo. Outros fazem questão de comentar sobre seu discurso.

Exceto, claro, sobre sua observação de como nenhum dos envolvidos parece envelhecer a não ser os gêmeos Murray, que foi seguida por um silêncio constrangedor interrompido apenas por um pigarro de Sr. Barris. Ninguém se atreve a mencionar o que foi dito, e muitos parecem até aliviados quando, uma hora depois, o próprio Chandresh não se lembra de seus comentários.

Há danças depois do jantar no salão de festas, onde longos drapeados de seda colorida com enfeites dourados caem em cascatas pelas janelas e paredes, brilhando à luz das velas.

Sr. A. H... contorna o salão, quase sem ser notado, interagindo com uns poucos convidados, inclusive Sr. Barris, que o apresenta a Herr Thiessen. Os três travam uma conversação breve porém envolvente sobre relógios e sobre a

natureza do próprio tempo antes de Sr. A. H... se desculpar e desaparecer outra vez.

Ele evita o salão de festas, a não ser para uma única valsa quando Tsukiko o arrasta para a pista de dança. Ela usa um vestido cor-de-rosa inspirado em um quimono, os cabelos arrumados num elaborado coque estiloso e os olhos delineados com um vermelho chamativo.

A graça exibida pelos dois envergonha todos os outros casais.

Envolta num azul-celeste claro, Isobel tenta em vão chamar a atenção de Marco. Ele a evita em cada esquina e é difícil distingui-lo na multidão, pois está vestido exatamente como os demais garçons. Afinal, com a ajuda de diversas taças de champanhe, Tsukiko convence Isobel a desistir de seus esforços e a leva ao jardim em desnível para distraí-la.

As atenções de Marco pertencem apenas a Celia, isso quando não está sendo requisitado por Chandresh ou pairando ao redor de Mme. Padva, que bate nele com a bengala quando ele insiste em perguntar diversas vezes se ela deseja alguma coisa.

— Não poder tirar você para dançar está me matando — sussurra Marco quando Celia passa por ele no salão de festas, o verde profundo de seu terno infiltrando-se pelo vestido dela como musgo.

— Então você é altamente destrutível — murmura Celia com suavidade, piscando quando Chandresh passa perto e oferece o braço. O musgo que se espalhava é esmagado por um roxo profundo com dourados cintilantes quando ela se afasta.

Chandresh apresenta Celia ao Sr. A. H..., sem conseguir se recordar se eles já se conhecem. Celia diz que nunca se encontraram, embora se lembre do cavalheiro que aperta sua mão com delicadeza, pois sua aparência é exatamente a mesma de quando ela tinha 6 anos. Apenas o terno mudou, trocado por um modelo mais atual.

Muitas pessoas atormentam Celia para que faça uma apresentação. Embora se recuse de início, mais tarde ela cede, arrastando uma confusa Tsukiko para o meio do salão e fazendo-a desaparecer em um piscar de olhos, apesar da multidão ao redor. Num instante, há duas mulheres em vestidos rosa; no instante seguinte, Celia está sozinha.

Segundos depois, ouvem-se gritos vindos da biblioteca, quando Tsukiko reaparece no sarcófago iluminado por lanternas encostado em um dos cantos.

Tsukiko pega uma taça de champanhe de um atônito garçom, lançando-lhe um sorriso beatífico antes de voltar ao salão de festa.

Ela passa por Poppet e Widget: Poppet está ensinando os gatinhos alaranjados a subirem em seu ombro enquanto Widget tira vários livros das bem fornidas estantes. Afinal Poppet o arrasta à força para fora da biblioteca, para impedir que passe a festa toda lendo.

Os convidados movimentam-se em blocos de cores pelo salão de festa, pelos saguões e pela biblioteca, um arco-íris em constante mudança pontuado por risadas e conversas. A atmosfera permanece ruidosa e cintilante até o alvorecer.

Quando Celia passa sozinha pelo saguão principal, Marco pega sua mão, puxando-a para a penumbra de um canto atrás da imponente estátua dourada. As pétalas de rosa agitam-se loucamente com a súbita mudança do ar.

— Eu não estou muito acostumada com isso — diz Celia. Recolhe a mão, mas não se afasta, e de qualquer forma não há espaço suficiente entre a parede e a estátua. Seu vestido fica de um verde denso e opaco.

— Você está exatamente como na primeira vez em que a vi — diz Marco.

— Imagino que tenha escolhido essa cor de propósito? — pergunta Celia.

— Apenas uma feliz coincidência. Chandresh insistiu em que todos os garçons vestissem verde. E eu não antecipei a criatividade do seu traje.

Celia dá de ombros.

— Eu não conseguia decidir o que vestir.

— Você está linda — diz Marco.

— Obrigada — responde Celia, recusando-se a encará-lo. — Você está bonito demais. Prefiro suas feições verdadeiras.

O rosto de Marco transforma-se, voltando a ser aquele de que ela se lembra com todos os detalhes da noite que passaram juntos nos mesmos aposentos três anos antes em circunstâncias muito mais íntimas. Desde então houvera poucas oportunidades para qualquer coisa além de breves momentos furtivos.

— Não é um pouco arriscado usar esse rosto entre essas pessoas? — pergunta Celia.

— É só para você — diz Marco. — Os outros me verão como sempre me viram.

Os dois entreolham-se em silêncio enquanto um grupo sorridente se movimenta pelo saguão do outro lado da estátua. O barulho ecoa pelo espaço,

mas as pessoas estão longe o bastante para que Celia e Marco passem despercebidos, e o vestido dela continua verde-musgo.

Marco ergue a mão para afastar uma mecha de cabelo do rosto de Celia, acomoda-a atrás da orelha e roça seu rosto com a ponta dos dedos. As pálpebras dela se fecham e as pétalas de rosa ao redor de seus pés começam a se agitar.

— Senti sua falta — murmura ele com suavidade.

O ar entre os dois é elétrico quando ele se inclina, roçando os lábios com delicadeza no pescoço dela.

Na sala ao lado, os convidados queixam-se do súbito aumento da temperatura. Leques são retirados de bolsas coloridas, adejando como pássaros tropicais.

Sob a sombra da estátua da cabeça de elefante, Celia afasta-se bruscamente. A razão não fica clara de imediato, até que nuvens cinzentas começam a se agitar no verde de seu vestido.

— Olá, Alexander — cumprimenta Celia, fazendo um aceno de cabeça ao homem que apareceu atrás deles sem um som, sem nem ao menos perturbar as pétalas de rosa espalhadas pelo chão.

O homem de terno cinza cumprimenta-a com um educado gesto de cabeça.

— Srta. Bowen, eu gostaria de falar em particular com seu acompanhante por um momento, se não se incomoda.

— É claro — concorda Celia.

Afasta-se sem nem ao menos olhar para Marco, o vestido mudando de cinza crepuscular para um violeta boreal ao caminhar até onde os gêmeos Murray brincam com os gatinhos alaranjados com pequenas colheres de prata.

— Não posso dizer que considero esse comportamento apropriado — diz o homem de terno cinza a Marco.

— Você a conhece — retruca Marco em voz baixa, os olhos ainda fixos em Celia, parada na entrada do salão de festa, seu vestido mudando para carmesim quando Herr Thiessen lhe oferece uma taça de champanhe.

— Eu a vi uma vez. Não posso dizer de fato que a conheço.

— Você sabia exatamente quem ela era antes de tudo isso começar e nunca pensou em me contar?

— Não achei que fosse necessário.

Uma horda de convidados sai da sala de jantar e vai para o saguão, mais uma vez agitando as pétalas de rosa. Marco acompanha o homem de terno

cinza até a biblioteca, desliza a porta de vidro jateado para chegar ao salão de jogos vazio e continua a conversa.

— Treze anos em que mal me dirigiu a palavra e agora quer falar comigo?
— pergunta Marco.

— Eu não tinha nada específico a lhe dizer. Só queria interromper a sua... conversa com Srta. Bowen.

— Ela sabe o seu nome.

— Evidentemente tem boa memória. Sobre o que você gostaria de discutir?

— Gostaria de saber se estou indo bem — diz Marco, a voz baixa e fria.

— Seu progresso tem sido satisfatório — responde seu instrutor. — Seu emprego aqui está assegurado, você está numa posição adequada para trabalhar.

— Mas não posso ser eu mesmo. Você me ensina todas essas coisas e depois me põe aqui para fingir ser algo que não sou, enquanto ela está no centro do palco, fazendo exatamente o que sabe fazer.

— Mas ninguém naquele salão acredita nela. Acham que ela os está iludindo. Não percebem quem ela é, assim como não percebem quem você é. Ela é simplesmente mais notada. Isso não tem nada a ver com ter uma *plateia*. Estou tentando provar que é possível fazer tanto quanto ela sem precisar de um espetáculo extravagante e truques. Você pode manter o seu relativo anonimato e se igualar a ela em realizações. Sugiro que se mantenha distante e se concentre no seu trabalho.

— Eu estou apaixonado por ela.

Nunca antes qualquer coisa que Marco tivesse dito ou feito provocara uma reação visível no homem de terno cinza, nem mesmo quando acidentalmente pusera fogo em uma mesa durante a aula, mas a expressão que perpassa o rosto do homem mostra uma inequívoca tristeza.

— Sinto muito ouvir isso — diz. — Vai tornar o desafio muito mais difícil para você.

— Nós já estamos neste jogo há mais de uma década. Quando vai terminar?

— Quando houver uma vitória.

— E quanto tempo vai demorar? — pergunta Marco.

— Difícil dizer. O último desafio durou trinta e sete anos.

— Nós não podemos manter esse circo funcionando por trinta e sete anos.

— Então você não vai precisar esperar tanto. Você foi um ótimo aluno, é um ótimo competidor.

— Como você sabe? — pergunta Marco, o tom de voz num crescendo. — Você nem achou que valia a pena conversar comigo durante anos. Eu não fiz nada por você. Tudo o que fiz, todas as mudanças que operei naquele circo, todos os feitos impossíveis e as surpreendentes visões, eu fiz por ela.

— Seus motivos não influenciam o jogo.

— Cansei de jogar o seu jogo — diz Marco. — Desisto.

— Você não pode desistir — replica o instrutor. — Está ligado ao jogo. A ela. O desafio vai prosseguir. Um de vocês vai perder. Você não tem escolha.

Marco pega uma bola da mesa de bilhar e arremessa contra o homem de terno cinza. Ele dá um passo para o lado e a bola acerta o pôr do sol do vidro jateado.

Sem uma palavra, Marco vira as costas para o seu instrutor. Caminha até a porta no fundo da sala, passando sem nem perceber por Isobel no corredor, onde ela estava suficientemente próxima para ouvir a discussão.

Vai direto para o salão de festas, dirigindo-se ao centro da pista de dança. Toma o braço de Celia, girando com ela para longe de Herr Thiessen.

Marco a enlaça em um abraço esmeralda, tão próximo que os limites entre o seu terno e o vestido dela desaparecem.

Para Celia, enquanto Marco a tem em seus braços, tudo mais na sala, de repente, desaparece.

Antes que ela consiga expressar sua surpresa, no entanto, os lábios dele se fecham nos seus e ela se perde num êxtase sem palavras.

Marco a beija como se eles fossem os únicos dois seres no mundo.

O ar agita-se numa ventania ao redor, escancarando as portas de vidro para o jardim, esvoaçando e embaralhando as cortinas.

Todos os olhares se voltam na direção deles.

Então Marco se solta do abraço e vai embora.

Quando ele sai da sala, quase todos já se esqueceram do incidente. O acontecido é substituído por uma confusão momentânea cuja culpa recai no calor e na quantidade excessiva de champanhe.

Herr Thiessen não consegue lembrar por que Celia de repente parou de dançar, ou em que momento o vestido dela mudou para o verde-escuro atual.

— Algum problema? — pergunta, ao perceber que ela está trêmula.

*

SR. A. H... PASSA DESABALADO PELO SAGUÃO PRINCIPAL, de alguma forma conseguindo não tropeçar em Poppet e Widget, esparramados no chão enquanto ensinam Bootes e Pavo a girar nas patas traseiras.

Widget entrega Bootes (ou Pavo) a Poppet e segue o homem de terno cinza. Ele o observa atravessar o saguão até o foyer, pegar a cartola cinza e a bengala de prata com o mordomo e sair pela porta da frente. Quando ele já está fora, Widget pressiona o nariz contra o vidro da janela mais próxima e observa o homem caminhando sob os postes de luz da rua antes de desaparecer na escuridão.

Poppet junta-se a ele, os gatinhos empoleirados no ombro ronronando alegremente. Chandresh a segue de perto, abrindo caminho entre a multidão no corredor.

— O que foi? — pergunta Poppet. — O que está acontecendo?

Widget tira o nariz do vidro.

— Aquele homem não tem sombra — diz enquanto Chandresh se inclina sobre os gêmeos para enxergar a rua vazia pela janela.

— O que você disse? — pergunta Chandresh, mas Poppet, Widget e os gatinhos já sumiram do saguão, perdidos na aglomeração colorida.

Histórias de ninar

CONCORDO, MASSACHUSETTS, OUTUBRO DE 1902

Bailey passa a maior parte do início da noite explorando o Labirinto das Câmaras com Poppet e Widget. Uma estonteante rede de câmaras, com corredores cujas portas são diferentes entre si. Salas que giram e salas com tabuleiros de xadrez cintilantes. Em uma delas há uma pilha muito alta de malas. Em outra está nevando.

— Como isso é possível? — pergunta Bailey, flocos de neve grudando em seu casaco.

Em resposta, Poppet atira uma bola de neve nele, e Widget ri.

Enquanto eles atravessam o Labirinto, Widget conta a história do Minotauro com tantos detalhes que Bailey começa a achar que vai encontrar o monstro em cada curva.

Chegam a uma sala que parece uma grande gaiola de metal, só a escuridão visível entre as grades. O alçapão por onde eles entraram tranca-se no momento em que bate no chão e não pode mais ser aberto. Parece não haver outra saída.

Widget para de contar sua história enquanto eles examinam as barras prateadas, sem encontrar aberturas escondidas ou dobradiças disfarçadas. Poppet começa a ficar visivelmente preocupada.

Depois de um considerável período de tempo presos na sala, Bailey encontra uma chave escondida no assento do balanço no meio da gaiola. Quando ele a gira, o balanço sobe e o teto da gaiola se abre, permitindo que escalem, saindo em um templo mal iluminado guardado por uma esfinge albina.

Apesar de haver pelo menos uma dezena de portas nas paredes do templo, Poppet encontra de imediato uma que leva de volta ao circo.

Ainda parece um pouco perturbada, mas antes que Bailey consiga perguntar se há algum problema Widget consulta o relógio e percebe que estão atrasados para os espetáculos programados. Os três combinam de se encontrar mais tarde, e os gêmeos desaparecem na multidão.

Bailey assistiu ao espetáculo dos gatinhos tantas vezes nas últimas noites que praticamente já decorou a coreografia, por isso prefere continuar sua exploração sozinho enquanto espera os gêmeos estarem liberados outra vez.

O caminho que escolhe seguir não tem nenhuma porta aparente, é apenas uma passagem entre as tendas, infindáveis listras iluminadas por luzes bruxuleantes.

De repente percebe uma irregularidade na alternância entre o preto e o branco.

Bailey encontra uma brecha ao lado de uma das tendas. Um rasgo no tecido, as bordas pontilhadas de ilhoses prateados, e uma fita preta pendurada bem acima de sua cabeça, como se essa abertura tivesse que ficar fechada para manter o circo no lugar. Fica imaginando se algum integrante do circo se esqueceu de amarrá-la.

Logo depois vê a etiqueta. Do tamanho de um cartão-postal grande, ligada à fita preta da forma como alguém prenderia um cartão a um presente. A etiqueta pende livre a menos de um metro do chão. Bailey a examina. De um lado há uma água-forte em preto e branco de uma criança numa cama coberta por travesseiros fofos e um acolchoado xadrez, não num berçário mas sob um céu noturno salpicado de estrelas. O verso é branco, com uma elegante caligrafia em preto em que se lê:

*Histórias de Ninar
Rapsódias do Anoitecer
Antologias da Memória*

*Por favor entre com cuidado
E sinta-se à vontade para abrir o que estiver fechado*

Bailey não sabe dizer se a etiqueta pertence àquela abertura ou se foi tirada de alguma outra tenda. A maioria delas tem tabuletas de madeira pintadas bem visíveis, com as entradas bem demarcadas ou definidas. Essa parece projetada

para não ser encontrada. Outros visitantes passam a caminho de outras partes do circo, absorvidos demais na conversa para notar Bailey examinando uma etiqueta do tamanho de um cartão-postal na lateral de uma tenda.

Tateando, ele desata a fita o suficiente para espiar pela fresta e tentar discernir se aquilo é mesmo uma atração em separado do circo e não os fundos da tenda do acrobata ou alguma espécie de depósito. Consegue divisar apenas uma série de luzinhas piscando e formas que poderiam ser um mobiliário. Ainda incerto, abre a fenda e entra com cuidado, seguindo as instruções do cartão-postal, que se mostram valiosas, pois ele dá de cara com uma mesa coberta de jarras e garrafas e tigelas tampadas tilintando umas nas outras. Bailey para, esperando que não tenha derrubado nada.

É um aposento comprido, do tamanho de uma sala de jantar, ou talvez só pareça uma sala de jantar por causa da mesa, que se estende por toda a tenda, sobrando espaço apenas para uma manobra cuidadosa. Todas as jarras e garrafas são diferentes. Algumas jarras são simples potes de conserva, outras são de cerâmica esmaltada ou vidro jateado decorado. Garrafas para vinho, uísque ou perfume. Há também açucareiros com tampas de prata e recipientes que mais parecem urnas. Parecem dispostos em nenhum padrão ou organização específicos: estão simplesmente espalhados em cima da mesa. Há outros jarros e garrafas na periferia da sala também, alguns no chão e outros em caixas ou em prateleiras altas de madeira.

O único elemento do lugar que tem relação com a imagem da etiqueta é o teto. É preto e coberto por minúsculos pontos de luz reluzentes. O efeito é quase idêntico ao da visão de um céu noturno visto do lado de fora.

Bailey se pergunta como tudo aquilo tem a ver com uma criança na cama, ou com histórias de ninar, enquanto anda ao redor da mesa.

Lembra-se do que a etiqueta dizia sobre abrir coisas, imaginando o que poderia haver dentro de todas aquelas jarras. A maioria dos frascos transparentes parece vazia. Quando chega à outra ponta da mesa, escolhe um ao acaso, um pequeno jarro redondo de cerâmica esmaltado em preto muito brilhante com uma tampa de alça arredondada. Tira a tampa e examina o interior. O recipiente libera um pouco de fumaça, mas está vazio. Ao observar seu interior, Bailey sente um cheiro de fogueira, com um ligeiro perfume de neve e castanhas assadas. Curioso, ele respira mais fundo. O aroma é de vinho quente e doces açucarados, hortelã e fumo de cachimbo. O perfume fresco de pinho de uma fogueira. Parafina de velas derretidas. Quase consegue sentir a

neve, a alegria e a antecipação, o sabor açucarado de um confeito. É estonteante, maravilhoso e perturbador. Após alguns instantes, põe a tampa no lugar e devolve o jarro à mesa.

Olha para as jarras e as garrafas ao redor, intrigado porém hesitante antes de abrir outra. Apanha uma compoteira de vidro jateado e desatarraxa a tampa de metal prateado. A compoteira não está vazia, contém uma pequena quantidade de areia branca que se mexe no fundo. O aroma que emana é sem dúvida o cheiro do oceano, de um luminoso dia de verão à beira-mar. Ouve o som das ondas quebrando na areia, o pio de uma gaivota. Há também algo de misterioso, fantástico. A bandeira de um navio pirata no horizonte longínquo, a cauda de uma sereia acenando atrás de uma onda. O aroma e a sensação são venturosos e estimulantes, com o matiz salino de uma brisa marítima.

Bailey fecha a compoteira e a sensação e o aroma desaparecem, presos outra vez dentro do vidro com o punhado de areia.

Em seguida escolhe uma garrafa de uma prateleira na parede, imaginando se haveria alguma diferença entre os jarros e as garrafas que estão na mesa e os que estão ao redor, se existiria algum sistema de organização indistinta para esses curiosos recipientes.

A garrafa escolhida é alta e fina, com uma rolha presa por um arame prateado. Tira a rolha com alguma dificuldade, e ela se abre com um ruído. Há alguma coisa no fundo da garrafa, mas Bailey não sabe dizer o que é. O cheiro que emana do gargalo estreito é fresco e floral. Uma roseira cheia de botões orvalhados, o aroma de musgo de terra. Sente como se estivesse caminhando por um jardim. Ouve o zumbido de abelhas e a melodia dos pássaros nas árvores. Inala mais profundamente e sente outras flores além das rosas: lírios, íris e açafão. As folhas das árvores farfalham no vento cálido e há um som dos passos de alguém não muito longe. A sensação de um gato esfregando-se em suas pernas é tão autêntica que ele olha para baixo esperando ver o animal, mas não há nada no piso da tenda além de jarras e garrafas. Bailey põe a rolha no lugar e devolve a garrafa à prateleira. Depois escolhe outra.

Enfurnada na parte de trás de uma das prateleiras, ele encontra uma pequena garrafa redonda, com o gargalo curto, fechada com uma tampa de vidro combinando. Pega-a com cuidado. É mais pesada do que imaginava. Remove a tampa e sente-se confuso, pois ao primeiro aroma a sensação não muda. Depois vem o cheiro de caramelo, flutuando na brisa fresca de um vento outonal. O cheiro de lã e suor faz com que sintam estar usando um casaco

pesado, com a proteção de um cachecol ao redor do pescoço. A impressão de pessoas usando máscaras. O aroma de uma fogueira mistura-se com o caramelo. Então há uma mudança, um movimento à sua frente. Alguma coisa cinzenta. Uma dor aguda no peito. A sensação de estar caindo. O som de um vento uivante, de uma garota gritando.

Bailey volta a tapar o frasco, perturbado. Sem querer interromper a experiência, devolve a estranha garrafinha à prateleira e resolve pegar mais uma antes de sair para se encontrar com Poppet e Widget.

Desta vez pega uma das caixas sobre a mesa, uma caixa de madeira envernizada com um padrão sinuoso gravado na tampa. O interior é forrado de seda branca. O perfume é de incenso, profundo e temperado, e Bailey consegue sentir a fumaça ao redor da cabeça. É quente, um ar seco desértico, o sol a pino, a areia fofa. Suas bochechas enrubescem com o calor e com algo mais. A deliciosa sensação de seda atinge sua pele em ondas. Há uma música que não consegue distinguir. Talvez uma flauta. E risada, uma risada alta que se mistura de forma harmoniosa com a música. O gosto de alguma coisa doce, porém picante, na língua. A sensação é luxuriante e leve, mas também secreta e sensual. Sente um toque no ombro e tem um sobressalto, fechando a tampa da caixa.

A sensação termina abruptamente. Bailey está sozinho na tenda, sob as estrelas cintilantes.

Agora chega, pensa. Volta até a abertura na tenda, tomando cuidado para não derrubar as jarras e as garrafas ao redor.

Faz uma pausa para ajeitar a etiqueta pendurada na fita, de forma a torná-la mais visível, embora não saiba ao certo por quê. A face com a ilustração da criança dormindo na cama sob as estrelas está virada para fora, mas é difícil dizer se seus sonhos infantis são tranquilos ou inquietos.

Faz o caminho de volta para reencontrar Poppet e Widget, imaginando se eles gostariam de ir até o pátio comer algo.

Mas quando o aroma de caramelo chega até ele durante a caminhada, Bailey percebe que na verdade não está com fome.

Continua andando pelos caminhos sinuosos, os pensamentos em garrafas cheias de mistérios.

Ao virar uma esquina, encontra uma plataforma elevada ocupada por uma estátua humana, mas essa é diferente da mulher coberta de neve que ele viu.

A pele dessa é clara e brilhante, os cabelos, longos e pretos, estão presos por dezenas de fitas prateadas que caem sobre seus ombros. O vestido é branco, coberto com o que parece um bordado negro sinuoso, mas ao se aproximar percebe que as marcas escuras na verdade são palavras escritas no tecido. Quando está perto o suficiente para ler partes do vestido, percebe que são cartas de amor inscritas num texto caligrafado. Palavras de desejo e saudades envolvem a cintura dela, fluindo pelo vestido que escorre sobre a plataforma.

A estátua está imóvel, mas a mão está estendida, e só então Bailey nota a jovem de cachecol vermelho em pé logo à frente, oferecendo uma simples rosa púrpura à estátua-carta de amor.

O movimento é tão sutil que é quase imperceptível, porém lentamente, muito lentamente, a estátua estende a mão para aceitar a rosa. Os dedos se abrem, e a jovem com a rosa espera, paciente, até que a estátua aos poucos feche a mão em torno da haste, soltando-a quando a flor é entregue.

A jovem faz uma reverência para a estátua e se afasta em meio à multidão.

A estátua continua segurando a rosa. A cor parece mais vibrante contra o fundo branco e preto do vestido.

Bailey ainda observa a estátua quando Poppet toca em seu ombro.

— Essa é a minha favorita — comenta, observando a estátua ao seu lado.

— Quem é? — pergunta Bailey.

— Ela tem muitos nomes — responde Poppet —, mas a maioria a chama de Paramour. Fico contente por alguém ter dado uma flor a ela esta noite. Eu faço isso às vezes, quando ela está sem nenhuma. Acho que ela não fica completa sem isso.

A estátua está erguendo a rosa, devagar, até o rosto. Os olhos se fecham lentamente.

— O que você fez nesse período? — pergunta Poppet quando eles se afastam de Paramour em direção ao pátio.

— Encontrei uma tenda com várias garrafas cheias de coisas que não sei bem o que são — diz Bailey. — Foi... estranho.

Para sua surpresa, Poppet ri.

— É a tenda do Widget — explica. — Celia fez para ele: um lugar para que ele colocasse em prática o talento de armazenar histórias. Ele diz que é mais fácil do que escrever. A propósito, Widget disse que queria ler as pessoas, então nós só vamos encontrar com ele mais tarde. Ele faz isso às vezes, para

juntar pedaços de histórias. Provavelmente vai estar na Sala de Espelhos ou no Salão de Desenho.

— O que é o Salão de Desenho? — pergunta Bailey, a curiosidade a respeito de uma tenda de que nunca ouviu falar vencendo o pensamento passageiro de perguntar quem é Celia, pois ele não se lembra de Poppet ter mencionado esse nome antes.

— É uma tenda com paredes completamente pretas e baldes cheios de giz, para se desenhar em qualquer lugar. Algumas pessoas só assinam o nome, mas outras fazem desenhos. Às vezes Widge escreve historietas, mas também faz desenhos. Ele é bom nisso.

Enquanto caminham pelo pátio, Poppet insiste em que experimentem um chocolate quente com especiarias que é ao mesmo tempo deliciosamente reconfortante e levemente doloroso. Bailey percebe que seu apetite voltou, por isso os dois dividem uma tigela de pastéis e um pacote de papel comestível, com ilustrações detalhadas combinando com seus respectivos sabores.

Passam por uma tenda toda enevoada, na qual encontram criaturas feitas de papel. Sinuosas serpentes brancas com suas línguas negras faiscantes, pássaros de asas pretas como carvão agitando-se pela névoa espessa.

A sombra escura de uma criatura não identificada roça as botas de Poppet e sai do campo de visão.

Ela garante que existe um dragão que cospe fogo em algum lugar da tenda, mas, mesmo acreditando nela, Bailey acha difícil conciliar em sua mente a ideia de um papel cuspidor de fogo.

— Está ficando tarde — comenta Poppet enquanto caminham de tenda em tenda. — Você precisa ir para casa?

— Posso ficar um pouco mais — responde Bailey.

Ele tornara-se perito em voltar para casa sem acordar ninguém, por isso noite após noite ficou no circo cada vez até mais tarde.

Há poucos visitantes perambulando pelo lugar àquela hora, e durante o caminho Bailey percebe que muitos usam lenços vermelhos. Tipos diferentes, que vão de pesados cachecóis de lã a rendas finas, mas todos de um vermelho profundo, escarlate, que parece ainda mais vermelho em meio a todo aquele preto e branco.

Pergunta a Poppet a respeito, uma vez que depois de passar por tantos lenços vermelhos está certo de que não é uma coincidência, lembrando-se também de que a jovem com a rosa também usava um lenço vermelho.

— É uma espécie de uniforme — esclarece ela. — Eles são *rêveurs*. Gente que segue o circo por toda parte. Sempre ficam até mais tarde que os outros. É pelo vermelho que eles se identificam.

Bailey tenta fazer mais perguntas sobre os *rêveurs* e seus lenços, mas antes de conseguir formular qualquer coisa Poppet o arrasta para dentro de outra tenda e ele é imediatamente silenciado pela visão que encontra lá dentro.

A sensação o remete à primeira neve do inverno, àquelas primeiras poucas horas em que tudo fica recoberto de branco, liso e suave.

Tudo naquela tenda é branco. Nada preto, nem mesmo as listras são visíveis nas paredes. Um branco reluzente, quase ofuscante. Há árvores e flores e grama em torno de caminhos sinuosos cobertos por seixos, cada folha e pétala perfeitamente branca.

— O que é isso? — pergunta Bailey. Ele não teve chance de ler o cartaz na porta.

— É o Jardim de Gelo — explica Poppet.

Ela o arrasta pelo caminho que leva a um espaço aberto com uma fonte no centro borbulhando espuma branca sobre gelo escavado. Árvores brancas se alinham nas margens da tenda, uma chuva de flocos de neve caindo dos galhos.

Não há ninguém mais na tenda, nada que perturbe o ambiente. Bailey encontra uma rosa ao seu lado: apesar de ser alva, fria e congelada, exala um aroma quando ele chega mais perto. Perfume de rosa e gelo e açúcar. Faz com que se lembre das flores carameladas vendidas nas barracas do pátio.

— Vamos brincar de esconde-esconde — sugere Poppet, e Bailey concorda antes de ela desabotoar o casaco e jogá-lo num banco congelado, seu traje branco tornando-a quase invisível.

— Assim não é justo! — reclama quando ela desaparece atrás dos galhos pendentes de um salgueiro.

Bailey a segue ao redor de árvores, através de rosas e vinhas emaranhadas, guiado por lampejos de seu cabelo vermelho.

Escrituração

LONDRES, MARÇO DE 1900

Chandresh Christophe Lefèvre está sentado a uma imensa mesa de mogno em seu estúdio, uma garrafa de brandy quase vazia a sua frente. Até certo ponto da noite ainda havia um copo, mas fora abandonado em algum lugar horas atrás. Vagar de cômodo em cômodo tornara-se um hábito noturno, alimentado a insônia e a tédio. Ele também está sem paletó, deixado em algum aposento por onde passou. Será recolhido sem comentários por alguma diplomática arrumadeira pela manhã.

No estúdio, entre goles na garrafa de conhaque, Chandresh tenta trabalhar. Isso consiste basicamente em fazer anotações com canetas-tinteiro em diversos pedaços de papel. Ele não trabalha de verdade há anos. Nenhuma ideia nova, nenhuma nova produção. O ciclo de montagem, execução e o de passar a outro projeto sofreu uma parada, e ele não sabe dizer por quê.

Não faz sentido para ele. Nem esta noite nem em nenhuma outra, qualquer que seja o nível em que estiver o líquido da garrafa de brandy. Não deveria ser assim. Um projeto é iniciado, desenvolvido, montado e enviado para o mundo, e na maior parte das vezes torna-se autossuficiente. E o autor deixa de ser necessário. Nem sempre é uma posição confortável, mas é como são essas coisas, e Chandresh conhece bem o processo. Sentir-se orgulhoso, colher os louros e, mesmo que isso seja um pouco melancólico, é preciso seguir em frente.

O circo o deixou para trás, continuou navegando, mas ele não conseguiu abandonar a praia. Tempo mais que suficiente para prantear o processo criativo e acendê-lo mais uma vez, mas não restaram faíscas nem nada de novo. Nenhum novo projeto, nada maior nem melhor em quase catorze anos.

Talvez ele tenha superado a si mesmo, considera. Esse não é um pensamento agradável, por isso continua se afogando em brandy, tentando ignorá-lo.

O circo o preocupa.

Principalmente em períodos como esse, no fundo de uma garrafa de brandy no silêncio da noite. Não é tão tarde, a noite ainda é uma criança nos termos do circo, mas o silêncio já está pesado.

E agora, com a garrafa e a caneta-tinteiro secas, ele está sentado, passando a mão nos cabelos distraidamente, no quarto, olhando para nada em particular. Chamas queimam baixas na lareira dourada, as estantes altas cheias de curiosidades e relíquias que parecem ameaçadoras nas sombras.

Seus olhos vagantes passam pela porta aberta e se fixam na porta do outro lado do corredor. A porta do escritório de Marco, discretamente posicionada entre duas colunas persas. Alguns aposentos pertencem a Marco, o melhor lugar para estar caso Chandresh precise dele, embora ele tenha saído esta noite.

Cogita em meio a uma névoa etílica se Marco guarda os documentos do circo no escritório dele. E o que exatamente contêm esses documentos. Ele só viu a papelada por alto, não se deu o trabalho de escrutinar os detalhes durante todos esses anos. Agora está curioso.

Garrafa de brandy vazia ainda na mão, levanta-se e cambaleia pelo corredor. O aposento vai estar trancado, ele acha, mas quando chega à porta de madeira escura envernizada a maçaneta de prata gira com facilidade. A porta se abre.

Chandresh hesita no umbral. O pequeno escritório está escuro, a não ser pela luz que entra pelo corredor e pelo brilho pálido dos postes da rua que penetra pela única janela.

Chandresh reconsidera por alguns instantes. Se ainda houvesse algum brandy na garrafa, ele poderia fechar a porta e ir embora. Mas a garrafa está vazia, e afinal a casa é dele. Tateia em busca de um interruptor numa arandela por perto, ela volta à vida e o aposento se ilumina a sua frente.

O escritório está atulhado de móveis. Baús e armários encontram-se ao longo das paredes, e caixas de arquivos estão empilhadas em filas bem organizadas. A escrivaninha no centro que ocupa quase metade do espaço é menor, uma versão mais modesta, do que a do seu estúdio, mas a superfície contém potes de tinta e canetas e uma pilha de cadernos, tudo em perfeita ordem, não perdido numa bagunça de estatuetas e pedras preciosas e armas antigas.

Chandresh descansa a garrafa de brandy vazia sobre a mesa e começa a revirar os arquivos e armários, abrindo gavetas e folheando papéis, sem ter uma ideia clara do que está procurando. Não parece ser uma seção específica do circo; partes estão misturadas com livros de recibos teatrais e listas de faturamento de bilheterias.

Fica um pouco surpreso com a falta de um sistema de arquivamento discernível. As caixas não têm etiquetas. Tudo no escritório está em ordem, mas não muito bem organizado.

Em um dos armários, Chandresh encontra pilhas de plantas baixas e esboços. Muitos ostentam selos e iniciais do Sr. Barris, mas há desenhos feitos por outras pessoas, que Chandresh não reconhece. Em alguns casos, nem consegue distinguir em que idioma estão, embora todos tenham “Le Cirque des Rêves” escrito com capricho na margem do papel.

Trazendo-os para mais perto da luz e espalhando-os pelo pouco espaço de assoalho disponível que consegue encontrar, ele os examina, folha após folha, deixando-os rolar e cair em pilhas ao passar ao documento seguinte.

Até mesmo os impressos que claramente são de Sr. Barris foram rabiscados. Acréscimos feitos numa letra diferente, camadas acumulando-se sobre os projetos originais.

Deixando os papéis no chão, Chandresh volta à escrivaninha, até a pilha bem organizada de cadernos perto da garrafa de brandy abandonada. Parecem livros-caixas, fileiras e mais fileiras de números e cálculos com anotações, totais e datas. Chandresh os põe de lado.

Volta a atenção para a escrivaninha propriamente dita. Começa abrindo as pesadas gavetas de madeira. Muitas estão vazias. Uma delas contém dezenas de cadernos em branco e potes de tinta ainda fechados. Outra está cheia de antigas agendas, os compromissos registrados em uma espécie de taquigrafia na escrita precisa e delicada de Marco.

A última gaveta está trancada.

Chandresh faz menção de se virar para outra caixa de arquivos próxima, mas algo o atrai para a gaveta trancada.

Não há nenhuma chave na escrivaninha. Não há fechaduras nas outras gavetas.

Não consegue lembrar se havia uma fechadura quando a escrivaninha foi posta ali, anos atrás, e o escritório continha apenas a mesa e um único armário e parecia quase espaçoso.

Depois de passar alguns minutos procurando uma chave, Chandresh se impacienta e volta a seu estúdio para pegar uma faca de prata que está cravada no alvo de dardos na parede.

Ajoelhado no chão atrás da escrivaninha, ele quase destrói a fechadura com suas tentativas de abrir o mecanismo, mas é recompensado com o gratificante clique do trinco quando afinal cede à lâmina.

Deixando a faca no chão, Chandresh abre a gaveta e encontra apenas um livro.

É um livro grande, encadernado em couro. Chandresh retira-o da gaveta, surpreso com o peso, e deposita-o com um baque surdo na mesa.

O livro é antigo e está empoeirado. O couro está desgastado e a encadernação está esfiapando nas bordas.

Depois de um momento de hesitação, ele abre a capa.

As guardas do livro estão cobertas por desenhos belamente detalhados de uma árvore coberta por marcas e símbolos. A escrita é densa, mais tinta do que página em branco. Chandresh não consegue decifrar nada daquilo, nem sabe dizer se as marcas se traduzem em palavras ou se são apenas fileiras contínuas de ilustrações. Aqui e ali ele vê uma marca que parece familiar. Algumas são quase números. Outras lembram o formato dos hieróglifos egípcios. Elas lhe fazem lembrar das tatuagens da contorcionista.

As páginas do livro estão cobertas por marcações semelhantes, mas predominam também outras coisas. Pedacos de papel separados de outros documentos.

Demora algumas páginas para Chandresh perceber que cada pedaço de papel tem uma assinatura.

Demora mais ainda para perceber que conhece aqueles nomes.

Apenas ao encontrar a página com os nomes dos gêmeos Murray, escritos num garrancho infantil, passa a ter certeza de que o livro contém os nomes de todos os envolvidos com o circo.

E só depois de um exame mais minucioso ele nota que os nomes estão acompanhados por mechas de cabelo.

As últimas páginas contêm uma relação dos conspiradores originais, embora um dos nomes esteja estranhamente ausente e outro tenha sido removido.

A última página contém a sua assinatura, um floreado e ilegível C cuidadosamente recortado de um pedaço de papel que pode ter sido uma fatura

ou uma carta. Abaixo da assinatura há uma mecha de cabelos negros colada na página e rodeada por símbolos e letras. Chandresh ergue a mão para tocar a ponta dos próprios cabelos, anelados no colarinho.

Uma sombra passa pela escrivaninha e Chandresh salta para trás, surpreso. O livro é fechado.

— Senhor?

Marco está em pé no corredor, observando Chandresh com uma expressão de curiosidade.

— Eu... eu pensei que não voltasse mais hoje — diz Chandresh. Olha para o livro e depois para Marco.

— Eu não ia voltar, senhor, mas esqueci algumas coisas. — O olhar de Marco viaja pelos papéis e plantas baixas espalhados pelo chão. — Posso perguntar o que está fazendo, senhor?

— Eu poderia fazer-lhe a mesma pergunta — replica Chandresh. — O que é tudo isto? — Abre o livro outra vez e folheia as páginas.

— São registros do circo — responde Marco, sem olhar para o livro.

— Que espécie de registros? — pressiona Chandresh.

— É um sistema que eu mesmo criei — explica Marco. — Há muita coisa para manter em ordem no circo, como o senhor sabe.

— Há quanto tempo você vem fazendo isso?

— Fazendo o quê, senhor?

— Mantendo todo este... seja o que for este absurdo. — Folheia as páginas do livro, embora perceba que não quer tocar nele agora.

— Meu sistema remonta à criação do circo — diz Marco.

— Você está fazendo alguma coisa com o circo, com todos nós, não é?

— Estou apenas fazendo o meu trabalho, senhor — continua Marco, agora com certa aspereza na voz. — E, se me permite, não gostaria que mexesse em meus livros sem me informar.

Chandresh dá a volta na mesa para encará-lo, tropeçando e pisando nas plantas baixas, embora sua voz se mantenha firme.

— Você é meu empregado, eu tenho todo o direito de ver o que há na minha casa, o que está sendo feito com os meus projetos. Você está trabalhando para ele, não está? Esteve escondendo isso de mim esse tempo todo. Não tinha o direito de agir pelas minhas costas...

— Pelas suas costas? — interrompe Marco. — O senhor não tem a menor noção das coisas que acontecem pelas suas costas. Tudo isso se passou às suas

costas mesmo antes de ter começado.

— Não era isso que estava nos meus planos — diz Chandresh.

— O senhor nunca teve escolha nesses planos — contesta Marco. — Não tem o controle agora, e nunca teve. E nunca quis saber como as coisas eram feitas. Assinava os recibos sem ler. Dinheiro não é problema, você dizia. Assim como todos os detalhes, que eram sempre deixados sob minha responsabilidade.

Os papéis sobre a mesa ondulam quando Marco ergue a voz, e ele para e afasta-se da escrivaninha. Os papéis imobilizam-se outra vez em pilhas dispersas.

— Você tem sabotado esse empreendimento — acusa Chandresh. — Mente na minha cara. Mantendo sabe Deus o quê nesses livros...

— Que livros, senhor? — pergunta Marco.

Chandresh olha para a mesa. Não há papel algum, nenhuma pilha de livros-caixas. Há um tinteiro perto do abajur, uma estátua de latão de uma deidade egípcia, um relógio e uma garrafa de brandy vazia. Nada mais resta na superfície de madeira envernizada.

Chandresh cambaleia, olhando da escrivaninha para Marco e de volta para a escrivaninha, incapaz de manter o foco.

— Eu não vou deixar você fazer isso comigo — diz Chandresh, pegando a garrafa de brandy da mesa e brandindo-a em frente a Marco. — Você está demitido do seu cargo. Saia desta casa imediatamente.

A garrafa de brandy desaparece. Chandresh para, agarrando o vazio.

— Eu não posso sair — diz Marco, com a voz calma e controlada. Fala todas as palavras bem devagar, como se explicasse algo para uma criança. — Eu não tenho permissão para isso. Preciso continuar aqui, e preciso continuar com este *absurdo*, como o senhor definiu. E o senhor vai voltar às suas bebidas e às suas festas e nem vai se lembrar de que tivemos esta conversa. As coisas vão continuar como sempre foram. É isso que vai acontecer.

Chandresh abre a boca para protestar e fecha-a outra vez, confuso. Olha para Marco, depois para a mesa vazia. Olha para a própria mão, abrindo e fechando os dedos, tentando agarrar algo que não está mais ali, embora não consiga se lembrar do que era.

— Desculpe — diz, virando-se para Marco. — Eu... esqueci o que estava dizendo. Sobre o que estávamos falando?

— Nada importante, senhor — responde Marco. — Apenas alguns detalhes sobre o circo.

— É claro — concorda Chandresh. — Onde está o circo no momento?

— Em Sydney, na Austrália, senhor. — Sua voz vacila, mas ele disfarça com uma pequena tosse antes de virar o rosto.

Chandresh apenas balança a cabeça distraidamente.

— Posso levar isso para o senhor? — pergunta Marco, apontando para a garrafa de brandy vazia, mais uma vez sobre a mesa.

— Ah — exclama Chandresh. — Sim, sim, claro. — Entrega a garrafa para Marco sem olhar para nenhum dos dois, mal registrando a ação.

— Quer que pegue outra, senhor?

— Sim, obrigado — confirma Chandresh, e sai do escritório de Marco para voltar ao seu estúdio e sentar-se numa poltrona de couro perto da janela.

No escritório, Marco recolhe todos os papéis e cadernos caídos com as mãos trêmulas. Enrola as plantas e empilha os papéis e livros.

Pega a faca de prata que encontra jogada no chão e a devolve ao alvo de dardos no estúdio, espetando a ponta na mosca.

Em seguida esvazia as gavetas do escritório, recolhe todos os arquivos e documentos. Quando tudo está organizado da forma adequada, localiza um jogo de malas nos aposentos adjacentes e as enche até quase estourarem, com o grande livro de capa de couro almofadado entre maços de papel. Faz uma varredura em todos os aposentos, removendo os seus pertences pessoais do local.

Apaga as luzes do escritório e tranca as portas por fora.

Antes de sair para a noite, carregado de malas e plantas baixas em rolos, Marco deixa uma garrafa de brandy cheia e um copo na mesa ao lado da poltrona de Chandresh. Ele não se dá conta de sua presença. Olha pela janela para a escuridão e a chuva. Não ouve a porta se fechar quando Marco se retira.

— Ele não tem sombra — diz para si mesmo antes de servir um cálice de brandy.

MAIS TARDE NAQUELA MESMA NOITE, Chandresh tem uma longa conversa com o fantasma de um velho conhecido que ele sabia apenas se chamar Próspero, o Mágico. Pensamentos que poderiam ter desvanecido em névoas de brandy permanecem intactos em sua mente, confirmados e assegurados por uma figura diáfana.

Três xícaras de chá com Lainie Burgess

LONDRES, BASILEIA E CONSTANTINOPLA, 1900

O estúdio de Mme. Ana Padva é um espaço notável situado perto do Cemitério Highgate, com janelas do teto ao chão que propiciam uma visão panorâmica de Londres. Manequins expondo sofisticados vestidos espalham-se em grupos ou pares, dando a impressão de uma festa com muitas convidadas sem cabeça.

Lainie Burgess circula entre os vários vestidos em preto e branco enquanto espera por Mme. Padva, parando para admirar um de cetim marfim delicadamente recoberto por gregas em veludo preto, como ferro forjado em longos arabescos de linhas e curvas.

— Eu posso fazer um desses colorido, se quiser — oferece Mme. Padva ao entrar na sala, sua bengala a acompanhando numa batida rítmica no chão.

— É grandioso demais para mim, Tante Padva — observa Lainie.

— É difícil encontrar um equilíbrio sem usar cores — diz Mme. Padva, girando o manequim e observando o movimento com olhos atentos. — Se for branco demais, as pessoas pensam logo que é um vestido de noiva; se for preto demais, ele fica pesado e sombrio. Esse aqui talvez precise de um pouco mais de preto, acho. Eu acrescentaria uma manga, mas Celia não suporta mangas.

Mme. Padva mostra a Lainie os seus trabalhos mais recentes, inclusive os esboços afixados nas paredes, antes de as duas se sentarem para o chá a uma mesa perto das janelas.

— Você tem uma nova assistente a cada vez que a visito — observa Lainie depois de a última versão ter trazido uma bandeja com chá e desaparecido rapidamente.

— Elas se cansam de esperar que eu morra, e, no instante em que percebem que vai dar muito trabalho me jogar por uma janela ou esperar que

eu role a colina até o mausoléu, vão trabalhar em outras casas. Sou uma mulher de idade com muito dinheiro e nenhum herdeiro. Elas são abutres de touca. Essa não vai durar mais do que um mês.

— Eu sempre achei que você ia deixar tudo para Chandresh — diz Lainie.

— Chandresh não precisa de nada em termos financeiros, e não creio que conseguisse lidar com os negócios da forma como escolhi. Ele não tem sensibilidade para isso. Aliás, não tem sensibilidade para qualquer outra coisa hoje em dia.

— Ele não está bem? — pergunta Lainie, mexendo o chá.

— Ele perdeu alguma coisa de si próprio — responde Mme. Padva. — Eu já o vi preocupado com outros projetos antes, mas nada nesse nível. Ele se transformou num fantasma do que já foi, ainda que no caso de Chandresh um fantasma do que já foi consiga ser mais vibrante do que a maioria das pessoas. Eu faço o que posso. Encontro companhias de balé de vanguarda para se apresentarem em seus teatros. Ofereço apoio a ele na ópera quando na verdade ele deveria fazê-lo por mim. — Dá um gole no chá antes de continuar. — E sem querer tocar num assunto delicado, minha querida, eu o mantenho longe de estações de trem.

— Provavelmente é uma sábia atitude — observa Lainie.

— Conheço Chandresh desde criança, é o mínimo que posso fazer.

Lainie balança a cabeça afirmativamente. Ela tem outras questões, mas resolve reservá-las para outra pessoa que pretende visitar. Pelo restante da tarde as duas só conversam sobre moda e movimentos artísticos. Mme. Padva insiste em fazer para ela uma versão menos formal do vestido marfim e preto, em pêssego e creme, concluindo um esboço em questão de minutos.

— Quando eu me aposentar, tudo isto vai ser seu, querida — diz Mme. Padva antes de Lainie sair. — Eu não confiaria isto a ninguém mais.

*

O ESCRITÓRIO É GRANDE, MAS PARECE MENOR por causa do volume de seu conteúdo. Embora muitas paredes sejam de vidro jateado, parte da luz é bloqueada por armários e prateleiras. O estirador perto das janelas está quase

escondido no caos meticulosamente organizado de papéis, diagramas e plantas. O homem de óculos sentado atrás dele é quase invisível, misturado ao ambiente. O som de seu lápis rabiscando o papel é tão metódico e preciso quanto o tique-taque do relógio no canto da sala.

O local é idêntico ao escritório que ocupava num espaço semelhante em Londres, assim como ao outro em Viena, antes de se mudar para a Basileia.

Sr. Barris descansa o lápis e serve-se de uma xícara de chá. Quase entorna o líquido quando ergue os olhos e vê Lainie Burgess em pé no umbral.

— Parece que seu assistente está fora no momento — diz ela. — Eu não quis assustar você.

— Não há problema — diz Sr. Barris, descansando a xícara de chá antes de se levantar da cadeira. — Eu achei que você fosse chegar mais tarde.

— Tomei o trem mais cedo — explica Lainie. — Queria falar com você.

— Todo o tempo passado ao seu lado é sempre um prazer — diz Sr. Barris. — Chá?

Lainie aceita com um aceno de cabeça e desvia do bagunçado escritório até alcançar a cadeira em frente à escrivaninha.

— Quando Tara o visitou em Viena, o que vocês conversaram? — pergunta antes mesmo de se sentar.

— Pensei que você soubesse — responde Sr. Barris sem olhar para ela, concentrando sua atenção no bule com que serve o chá.

— Eu e Tara somos duas pessoas diferentes, Ethan. O fato de você nunca ter conseguido decidir por qual de nós estava apaixonado não significa que somos intercambiáveis.

Sr. Barris descansa o bule e prepara o chá, sabendo como ela prefere sem precisar perguntar.

— Eu pedi você em casamento, mas nunca tive uma resposta — diz enquanto mexe o líquido.

— Você me pediu em casamento depois que ela morreu — observa Lainie. — Como eu podia ter certeza se a escolha foi sua, que foi feita por você?

Ele lhe entrega a xícara, repousando a mão sobre a dela enquanto ela a pega.

— Eu amo você — diz. — Eu a amava também, mas nunca foi a mesma coisa. Vocês duas são tão queridas como uma família para mim. Mais queridas, em alguns assuntos.

Volta a se sentar, tirando os óculos para limpá-los com um lenço.

— Não sei por que eu uso isto — comenta, olhando para os óculos. — Faz anos que não preciso mais deles.

— Você usa óculos porque lhe caem bem — diz Lainie.

— Obrigado — replica enquanto os coloca novamente, observando enquanto ela beberica o chá. — A proposta ainda está valendo.

— Eu sei — diz Lainie. — Ainda estou pensando a respeito.

— Não tenha pressa — diz Sr. Barris. — Parece que tempo é o que não nos falta.

Lainie concorda, depositando a xícara na mesa.

— Tara sempre foi a mais racional, a mais sensata — comenta ela. — Nós equilibrávamos uma a outra, esse era um dos motivos por que nos superávamos em tudo o que fazíamos. Ela dava base para minha imaginação. Eu via os detalhes enquanto ela via o conjunto. É por não conseguir ver o todo que estou aqui e ela não. Eu considerava cada elemento em separado e nunca olhava para ver se não se encaixavam apropriadamente.

O relógio tiquetaqueia, arrastando-se durante a pausa que se segue.

— Eu não quero falar sobre isso — diz Sr. Barris quando o tique-taque se torna insuportável. — Não queria falar sobre isso com ela e não quero falar com você agora.

— Você sabe o que está acontecendo, não sabe? — pergunta Lainie.

Sr. Barris arruma uma pilha de papéis em sua mesa enquanto pensa sobre a resposta.

— Sim — responde depois de um tempo. — Eu sei.

— Você contou para a minha irmã?

— Não.

— Então conte para mim — diz Lainie.

— Não posso. Isso implicaria uma quebra de confiança e eu não quero fazer isso, nem mesmo por você.

— Quantas vezes você mentiu para mim? — pergunta Lainie, levantando-se da cadeira.

— Eu *nunca* menti — replica Sr. Barris, levantando-se também. — Eu não falo sobre o que não tenho liberdade para revelar. Dei a minha palavra e pretendo mantê-la, mas nunca menti para você. Você nem sequer me perguntou, imaginou que eu não sabia de nada.

— Mas Tara perguntou — observa Lainie.

— Indiretamente — retruca Sr. Barris. — Acho que ela não sabia o que perguntar e eu não teria respondido se perguntasse. Eu estava preocupado com ela e sugeri que falasse com Alexander se quisesse respostas. Imaginei que fosse por isso que ela estava na estação. Não sei se chegou a falar com ele. Não perguntei.

— Alexander também sabe a respeito? — pergunta Lainie.

— Acredito que haja muito pouco, se é que existe algo, que ele ignore.

Lainie suspira e volta para a cadeira. Pega a xícara de chá e a põe de volta no lugar sem beber.

Sr. Barris vai até o outro lado da mesa e pega a mão dela nas suas, certificando-se de que está olhando em seus olhos antes de falar.

— Eu contaria a você se pudesse — diz.

— Eu sei, Ethan — admite ela. — Eu sei.

Aperta levemente a mão dele para tranquilizá-lo.

— Eu não me importo com isso, Lainie — diz Sr. Barris. — Mudo meu escritório de lugar a cada par de anos, contrato outros funcionários. Mantenho meus projetos por correspondência, o que não é muito difícil, considerando o que recebo em troca.

— Eu compreendo — diz ela. — Onde o circo está agora?

— Não sei ao certo. Creio que esteve em Budapeste recentemente, mas não sei que caminho tomou agora. Posso descobrir para você, pois Friedrich deve saber e eu estou devendo um telegrama a ele.

— E como Herr Thiessen sabe para onde o circo está indo?

— Porque Celia Bowen o mantém informado.

Lainie não faz mais perguntas.

Sr. Barris sente-se aliviado quando ela aceita seu convite para jantar, e mais ainda quando concorda em estender sua estada na Suíça antes de alcançar o circo.

*

LAINIE CONVIDA CELIA para se encontrar com ela no Pera Palace Hotel, em Constantinopla, assim que chega à cidade. Aguarda no salão de chá, duas

fumegantes xícaras em forma de tulipa com pires combinando repousadas na mesa ladrilhada à sua frente.

Quando Celia chega, as duas cumprimentam-se calorosamente. Celia pergunta sobre a viagem de Lainie antes de começarem a conversar sobre a cidade e o hotel, incluindo a incrível altura do pé-direito do amplo salão onde se encontram.

— É como estar na tenda dos acrobatas — comenta Lainie, olhando para os domos alinhados no teto, todos pontilhados com círculos de vidro azul-turquesa.

— Faz tempo que você não vai ao circo — diz Celia. — Nós estamos com os seus vestidos, caso queira acompanhar as estátuas hoje à noite.

— Não, obrigada — responde Lainie. — Não estou com disposição para ficar imóvel.

— Você é bem-vinda quando quiser — pontua Celia.

— Eu sei — diz Lainie. — Mas na verdade não estou aqui por causa do circo. Estou aqui para falar com você.

— Sobre o que você quer falar? — pergunta Celia, com uma expressão de preocupação surgindo no rosto.

— Minha irmã morreu na Estação St. Pancras depois de uma visita ao Midland Grand Hotel — diz Lainie. — Você sabe por que ela foi até lá?

Celia aperta com mais força a xícara de chá.

— Eu sei com quem ela foi se encontrar — responde, escolhendo as palavras com cuidado.

— Suponho que Ethan tenha lhe contado — diz Lainie.

Celia balança a cabeça afirmativamente.

— Você sabe por que ela queria falar com ele? — pergunta Lainie.

— Não, não sei.

— Porque ela não estava se sentindo bem — esclarece Lainie. — No fundo, ela sabia que seu mundo tinha mudado sem que nada lhe fosse explicado, sem nada em que se segurar, para poder entender. Acredito que todos nos sentimos dessa forma e estamos lidando com isso de maneiras diferentes. Ethan e Tante Padva têm o trabalho para passar o tempo, manter a cabeça ocupada. Eu não me preocupei com isso por um bom tempo. Amava muito minha irmã e sempre a amarei, mas acho que ela cometeu um erro.

— Eu achei que tinha sido um acidente — comenta Celia em voz baixa, olhando para o padrão dos ladrilhos da mesa.

— Não, antes disso. O erro dela foi fazer as perguntas erradas às pessoas erradas. Não é um erro que eu queira repetir.

— E é por isso que está aqui.

— E é por isso que estou aqui — concorda Lainie. — Há quanto tempo nos conhecemos, Celia?

— Mais de dez anos.

— Com certeza agora você confia em mim a ponto de me contar o que está realmente acontecendo. Duvido que se atreva a me dizer que não é nada, ou a sugerir que eu não me preocupe com essas questões.

Celia deposita a xícara no pires. Explica o melhor que pode. Mantém os detalhes vagos, contando apenas o conceito básico do desafio, de como o circo funciona como um local para realizá-lo. Como algumas pessoas sabem mais do que as outras em todos os níveis, embora prefira não identificar os indivíduos e deixar claro que nem ela tem todas as respostas.

Lainie não diz nada, ouvindo com atenção e de vez em quando bebericando o chá.

— Há quanto tempo Ethan sabe? — pergunta quando Celia termina.

— Há muito tempo — diz ela.

Lainie assente com um aceno de cabeça e leva a xícara aos lábios, mas, em vez de tomar o chá, ela abre a mão.

A xícara cai sobre o pires abaixo.

A xícara se estilhaça, o som ecoando pelo salão. O chá derrama pelos ladrilhos.

Antes que qualquer um se vire por causa do barulho, a xícara está inteira outra vez. Os cacos reorganizam-se ao redor do líquido e a xícara repousa, intacta, os ladrilhos da mesa secos.

Aqueles que olharam para a mesa por causa do barulho supõem que foi imaginação, e voltam a atenção para os próprios chás.

— Por que você não impediu que ela quebrasse? — pergunta Lainie.

— Não sei — responde Celia.

— Se um dia você precisar de alguma coisa de mim, gostaria que me pedisse — diz Lainie enquanto se levanta para ir embora. — Estou cansada de todos guardarem tantos segredos, tão bem a ponto de algumas pessoas serem mortas. Estamos todos envolvidos no seu jogo, e, que eu saiba, não podemos ser reparados tão facilmente quanto uma xícara de chá.

Celia fica sozinha por algum tempo depois que Lainie se retira, o chá das duas xícaras esfriando.

Mares tempestuosos

DUBLIN, JUNHO DE 1901

Quando a ilusionista faz sua reverência e desaparece diante dos olhos de sua arrebatada plateia, todos batem palmas, aplaudindo o espaço vazio. Levantam-se de suas cadeiras e alguns tagarelam com os companheiros, maravilhados com esse ou aquele truque enquanto fazem fila diante da porta que reapareceu na lateral da tenda listrada.

Sentado no círculo mais externo de cadeiras, um homem permanece no lugar enquanto todos saem. Seus olhos, quase ocultos pela sombra projetada pelo chapéu-coco, estão fixos no espaço central do círculo ocupado pela ilusionista instantes antes.

O restante da plateia retira-se.

O homem continua sentado.

Depois de alguns minutos a porta desaparece da lateral da tenda, tornando-se mais uma vez invisível.

O olhar do homem não vacila. Ele só dá uma espiada na porta que some.

Instantes depois, Celia Bowen está sentada a sua frente, virada de lado e descansando os braços no encosto da cadeira. Está com a mesma roupa que usou durante a apresentação, um vestido branco com um estampado de peças de quebra-cabeça caindo na escuridão ao longo da barra.

— Você veio me visitar — diz, incapaz de disfarçar o prazer em sua voz.

— Eu tinha alguns dias — explica Marco. — E você não tem estado perto de Londres nos últimos tempos.

— Nós vamos a Londres no outono — diz Celia. — Isso já virou uma tradição.

— Eu não podia esperar tanto tempo para ver você.

— Também estou contente em vê-lo — diz Celia em voz baixa. Inclina-se e arruma a aba do chapéu dele.

— Você gosta do Labirinto das Nuvens? — pergunta ele, segurando a mão dela.

— Gosto — responde Celia, a respiração acelerada quando os dedos dele se fecham ao redor dos dela. — Você convenceu Sr. Barris a ajudar nisso?

— Convenci, sim — responde Marco, roçando o polegar no pulso dela. — Achei que poderia precisar de ajuda para conseguir o equilíbrio adequado. Além do mais, você tem o seu Carrossel e nós partilhamos o Labirinto das Câmaras, achei que era justo que eu tivesse um original de Barris.

A intensidade dos olhos e do toque dele atinge Celia como uma onda e ela tira a mão da dele antes de perder o controle.

— Você veio me mostrar seus feitos de ilustres ilusões? — pergunta.

— Não está nos meus planos para esta noite, mas se você quiser...

— Você já assistiu ao meu número, seria justo.

— Eu poderia olhar para você a noite toda — diz ele.

— Você fez isso — comenta Celia. — Esteve em todas as apresentações desta noite, eu percebi.

Levanta-se e anda até o centro do círculo, girando de forma que o vestido roda junto com ela.

— Eu consigo ver todas as cadeiras — diz ela. — Você não se esconde de mim quando se senta na fila de trás.

— Achei que ficaria muito tentado a tocar em você caso me sentasse na frente — replica Marco, levantando-se para ficar na beira do espaço da apresentação, um pouco à frente da fileira de cadeiras.

— Estou perto o suficiente para a sua ilusão? — pergunta ela.

— Se eu disser que não, você chega mais perto? — contra-ataca ele, sem se incomodar em esconder o sorriso.

Em resposta, Celia dá mais um passo em sua direção, a barra do vestido tocando os sapatos dele. Perto o bastante para ele erguer o braço e repousar a mão com delicadeza na cintura dela.

— Você não precisou me tocar da última vez — observa ela, mas não protesta.

— Gostaria de tentar algo especial — diz Marco.

— Devo fechar os olhos? — pergunta Celia em tom de brincadeira, mas, em vez de responder, ele a vira de forma que fique de costas, mantendo a mão

em sua cintura.

— Observe — sussurra em seu ouvido.

As listras da parte interna da tenda se enrijecem, e a suave superfície endurece quando o tecido se transforma em papel. Palavras surgem nas paredes, letras tipográficas sobrepondo-se a um texto escrito à mão. Celia consegue identificar trechos de sonetos shakespearianos e fragmentos de hinos a musas gregas enquanto a poesia invade a tenda. Os escritos cobrem as paredes e o teto e se espalham pelo chão.

Depois a tenda começa a se abrir, o papel dobrando-se e rasgando. As listras pretas se estendem pelo espaço vazio, enquanto suas correspondentes brancas brilham, subindo e se ramificando em galhos.

— Gostou? — pergunta Marco quando o movimento cessa e eles estão em uma floresta ensombreada, com árvores levemente cintilantes cobertas de poemas.

Celia só consegue balançar a cabeça em um gesto afirmativo.

Marco a solta com relutância, seguindo-a em sua caminhada ao redor das árvores, lendo pedaços de versos em galhos e troncos.

— Onde você arranja essas imagens? — pergunta Celia, descansando a mão em um tronco coberto de papel de uma das árvores. O tronco é sólido e tépido sob seus dedos, iluminado por dentro como uma lanterna.

— Eu imagino coisas — explica Marco. — Vejo-as em meus sonhos e tento adivinhar do que você poderia gostar.

— Acho que você não deveria imaginar em como agradar a sua oponente — comenta Celia.

— Nunca entendi muito bem as regras desse jogo, por isso prefiro seguir meus instintos — diz Marco.

— Meu pai continua sendo vago a respeito das regras — diz Celia enquanto os dois caminham entre as árvores. — Principalmente se pergunto quando e como será dado o veredito.

— Alexander também se recusa a me fornecer essa informação.

— Espero que ele não o atormente tanto quanto o meu pai me atormenta — diz Celia. — Mas, é claro, meu pai não tem nada melhor para fazer.

— Nós quase não nos encontramos nos últimos anos — diz Marco. — Ele sempre foi... distante e nada acessível, mas é o mais próximo de uma família que tenho. Mesmo assim, ele não me conta nada.

— Estou até com ciúme — comenta Celia. — Meu pai sempre me diz que sou uma decepção para ele.

— Eu me recuso a acreditar que você pode ser uma decepção para alguém — diz Marco.

— É porque nunca teve o prazer de conhecer o meu pai.

— Você me contaria o que aconteceu com ele? — pergunta Marco. — Estou bem curioso.

Celia suspira antes de começar, parando perto de uma árvore rabiscada de palavras de amor e desejos. Ela nunca contou essa história a ninguém, nunca teve oportunidade de relatá-la a alguém que pudesse entender.

— Meu pai sempre foi ambicioso demais — começa. — Ele não conseguiu fazer o que queria, não da maneira correta. Queria sair do mundo físico.

— Como isso seria possível? — pergunta Marco.

Celia fica contente por ele não descartar a ideia de imediato. Pode ver que está tentando entender, e esforça-se para encontrar a melhor maneira de explicar.

— Vamos supor que eu tenha uma taça de vinho. — Uma taça de vinho tinto surge na sua mão. — Obrigada. Se eu pegasse este vinho e o despejasse numa bacia de água, num lago ou até no mar, o vinho desapareceria?

— Não, seria apenas diluído — responde Marco.

— Exatamente — concorda Celia. — Meu pai arranjou um jeito de eliminar a taça. — Quando ela fala, a taça desaparece da sua mão, mas o vinho permanece, flutuando no ar. — Só que ele foi direto para o mar, não para uma bacia ou uma taça maior. E está com problemas para se refazer. Ele consegue, claro, mas com dificuldade. Se tivesse se contentado em assombrar um único local, talvez estivesse mais confortável. Mas o processo o deixou à deriva. Agora ele precisa se ligar em coisas. Ele assombra a casa de Nova York, os teatros onde costumava se apresentar com mais frequência. Prende-se a mim quando consegue, mas aprendi a evitar isso quando quero. Ele odeia, principalmente porque estou aperfeiçoando uma das técnicas de proteção dele.

— É mesmo possível fazer o que ele queria? — pergunta Marco. — O que ele estava tentando exatamente?

Celia olha para o vinho flutuando sem a taça. Ergue a mão para tocá-lo e o líquido estremece, dividindo-se em gotas e voltando a se juntar.

— Acho que sim — responde —, desde que sob circunstâncias adequadas. E seria necessário algo como uma pedra de toque. Um lugar, uma árvore, um

elemento físico no qual se ancorar. Algo que evitasse que ele ficasse à deriva. Desconfio que meu pai quisesse simplesmente que o mundo todo funcionasse como se fosse dele, mas acredito que deveria ter restringido sua ação. Funcionando como uma taça, mas deixando mais flexibilidade para o movimento interior.

Toca no vinho outra vez, empurrando-o para a árvore mais próxima. O líquido é absorvido pelo papel, saturando-o lentamente até a árvore inteira brilhar num carmesim vivo na floresta branca.

— Você está manipulando a minha ilusão — diz Marco, olhando com curiosidade para a árvore embebida em vinho.

— Porque você está permitindo — diz Celia. — Eu não tinha certeza se ia conseguir.

— Você conseguiria? — pergunta Marco. — Fazer o que seu pai estava tentando?

Celia observa a árvore, refletindo algum tempo antes de responder.

— Acho que sim, se tivesse um motivo — responde. — Mas eu gosto muito do mundo físico. Acho que meu pai estava sentindo o peso da idade, que era bem mais avançada do que parecia, e não gostava da ideia de apodrecer no solo. Talvez também quisesse controlar o próprio destino, mas não sei ao certo, pois ele não conversou sobre isso comigo antes de tentar. Só me deixou com um monte de perguntas sem respostas e um falso funeral. O que é mais fácil do que se poderia supor.

— Mas ele fala com você? — indaga Marco.

— Fala, mas não com a mesma frequência de antes. Ele parece igual; acho que é um eco, a consciência dele que mantém a semelhança com a forma física. Mas falta solidez, e isso o deixa muito envergonhado. Ele poderia estar mais tangível se tivesse feito as coisas de outra maneira. Mas eu não sei bem se gostaria de ficar presa numa árvore para o resto da eternidade, e você?

— Acho que dependeria da árvore — responde Marco.

Vira-se para a árvore carmesim e seu brilho se intensifica, o vermelho-brasa se transformando no brilho quente do fogo.

As árvores ao redor fazem o mesmo.

O brilho aumenta tanto que Celia cobre os olhos.

O chão sob os pés dela oscila, repentinamente instável, mas Marco a segura pela cintura para mantê-la equilibrada.

Quando ela abre os olhos, os dois estão no convés de um navio no meio do oceano.

Só que o navio é feito de livros, as velas são milhares de páginas sobrepostas, e o mar em que navega é de tinta preta e densa.

Diminutos pontos de luz estão pendurados no céu, como pacotinhos de estrelas brilhantes como o sol.

— Pensei que algo vasto seria agradável, depois de toda essa conversa sobre espaços confinados — anuncia Marco.

Celia vai até a beira do convés, correndo as mãos pelas lombadas dos livros que formam o parapeito. Uma brisa suave brinca em seus cabelos, trazendo consigo uma combinação de aromas: tomos empoeirados e tinta úmida e rica.

Marco fica ao seu lado enquanto ela observa o mar noturno que se estende por um horizonte sem qualquer sinal de terra.

— É lindo — comenta ela.

Ela olha a mão direita dele repousada no parapeito, franzindo o cenho ao observar seus dedos nus, sem marcas.

— Está procurando por isto? — pergunta ele, fazendo um floreio com os dedos. A pele muda, revelando a cicatriz ao redor do seu anular. — Foi feita por um anel quando eu tinha 14 anos. Dizia alguma coisa em latim, mas não sei o que era.

— *Esse quam videri* — diz Celia. — Ser, em vez de parecer. É o lema da família Bowen. Meu pai gostava muito de gravá-lo em objetos. Não sei bem se ele entendia a ironia. Que o anel provavelmente era como este.

Põe a mão ao lado da dele sobre os livros justapostos. O círculo prateado em seu dedo está gravado com o que Marco havia pensado ser intrincadas filigranas, mas é a mesma frase numa escrita que circula seu dedo.

Celia puxa o anel, retirando-o do dedo para que ele possa ver a cicatriz similar.

— É o único ferimento que nunca consegui curar totalmente — diz ela.

— O meu era igual — diz Marco, examinando o anel dela, embora seus olhos continuem voltando para a cicatriz. — Só que era de ouro. O seu foi feito com algo do Alexander?

Celia balança a cabeça, confirmando.

— Que idade você tinha?

— Eu tinha 6 anos. O anel era de prata. Foi a primeira vez que conheci alguém que podia fazer o que meu pai fazia, ainda que fosse bem diferente

dele. Ele me disse que eu era um anjo. Foi a coisa mais adorável que alguém já me falou.

— E ainda assim não fez jus à realidade — contesta Marco, colocando a mão sobre a dela.

Uma súbita brisa enfuna as várias velas de papel. As páginas tremulam com a ondulação da tinta abaixo deles.

— Foi você que fez isso — diz Marco.

— Foi sem querer — replica Celia, mas não afasta a mão.

— Eu não me importo — observa Marco, enlaçando seus dedos nos dela. — Eu também posso fazer isso.

O vento fica mais forte, fazendo com que ondas de tinta preta batam contra o navio. Páginas caem das velas, rodopiando ao redor como folhas de árvores. O navio começa a adernar e Celia quase perde o equilíbrio, mas Marco a enlaça pela cintura para firmá-la enquanto ela ri.

— Muito impressionante, Sr. Ilusionista — comenta ela.

— Chame-me pelo meu nome — pede. Marco nunca a ouviu dizer o nome dele, e ao segurá-la nos braços ele de repente anseia por aquele som. — Por favor — acrescenta quando ela hesita.

— Marco — diz ela, a voz baixa e suave.

O som do seu nome nos lábios dela é ainda mais intoxicante do que imaginava, e ele se inclina para saboreá-lo.

Pouco antes de seus lábios chegarem aos dela, Celia vira-se.

— Celia — suspira Marco ao seu ouvido, preenchendo o nome dela com todo o desejo e a frustração que sente, o hálito quente em sua nuca.

— Desculpe — diz Celia. — Eu... não quero tornar isso mais complicado do que já é.

Marco não diz nada, e mantém os braços ao redor dela, mas a brisa começa a se acalmar, e a intensidade das ondas diminui.

— Passei boa parte da vida lutando para me manter sob controle — observa Celia, deitando a cabeça no ombro dele. — Conhecendo-me até o avesso, mantendo tudo na mais perfeita ordem. Eu perco isso quando estou com você. Isso me assusta...

— Eu não quero que se assuste — interrompe Marco.

— Eu fico assustada com quanto gosto disso — conclui Celia, virando-se para olhar para ele. — Como é tentador me perder em você. Relaxar. Deixar

— Você me impedir de quebrar lustres em vez de eu mesma estar sempre preocupada com isso.

— Eu poderia fazer isso.

— Eu sei.

Os dois ficam juntos em silêncio enquanto o navio desliza em direção ao horizonte infinito.

— Venha comigo — chama Marco. — Para qualquer lugar. Longe do circo, longe de Alexander e do seu pai.

— Não podemos — pondera Celia.

— É claro que podemos — insiste Marco. — Você e eu juntos poderíamos fazer qualquer coisa.

— Não — diz Celia. — Nós só podemos fazer qualquer coisa aqui.

— Não compreendo.

— Você já pensou mesmo sobre isso, sobre ir embora? Pensou em fazer isso de fato e não apenas como um sonho ou uma fantasia passageira? — Como ele não responde, Celia continua. — Faça isso, agora mesmo. Imagine nós dois abandonando este lugar e este jogo e começando de novo juntos em outro lugar, de verdade.

Marco fecha os olhos e começa a delinear um plano, não como se fosse um sonho, mas concentrando-se em todos os aspectos práticos. Planejando os menores detalhes: desde organizar as contas de Chandresh e transmiti-las a um novo funcionário até fazer as malas em seu apartamento, passando pelos anéis de noivado nos dedos dos dois.

Nesse momento sua mão direita começa a queimar, uma dor aguda e lancinante, partindo da cicatriz ao redor de seu dedo e subindo pelo braço, escurecendo tudo em sua mente. É a mesma dor de quando a cicatriz foi feita, só que mil vezes maior.

O balanço do navio para de imediato. O papel esfarela e a tinta do oceano desbota, dando lugar a um círculo de cadeiras dentro de uma tenda listrada, e Marco desaba no chão.

A dor melhora um pouco quando Celia se ajoelha ao seu lado e pega sua mão.

— A noite da festa de aniversário — diz ela. — A noite em que você me beijou. Naquela noite eu desejei isso. Eu não queria mais jogar, só queria estar com você. Pensei em perguntar se queria fugir comigo e não tinha a menor dúvida. No exato momento em que me convenci de que conseguiria, senti tanta

dor que mal consegui continuar de pé. Friedrich não sabia o que fazer comigo, me levou até um lugar sossegado e ficou segurando a minha mão e não insistiu quando não consegui me explicar, porque ele é gentil.

Ela olha para a cicatriz na mão de Marco enquanto ele luta para recuperar o fôlego.

— Achei que talvez só acontecesse se eu pensasse em desistir por sua causa — continua ela. — Então, uma vez tentei não entrar no trem na hora da partida e senti a mesma dor. Nós estamos todos realmente ligados.

— Você quis fugir comigo — diz Marco, sorrindo apesar da dor. — Não sabia que aquele beijo seria tão eficaz.

— Você poderia ter apagado a minha memória, eliminado as minhas lembranças com a mesma facilidade com que fez com todos na festa.

— Aquilo não foi exatamente fácil — comenta Marco. — E eu não queria que você esquecesse.

— Eu nem poderia — diz Celia. — Como está se sentindo?

— Péssimo. Mas a dor está diminuindo. Naquela noite eu disse a Alexander que queria desistir. Acho que não estava falando a sério. Só queria ver a reação dele.

— É provável que ele queira nos fazer pensar que não estamos engaiolados — diz Celia. — Nós não sentimos as grades, a não ser quando as pressionamos. Meu pai diz que seria mais fácil se não nos preocupássemos tanto um com o outro. Talvez ele esteja certo.

— Eu tentei — diz Marco, tomando o rosto dela entre as mãos. — Tentei deixar isso de lado, mas não consigo. Não consigo parar de pensar em você. Não consigo parar de sonhar com você. Você sente o mesmo por mim?

— Sinto — responde Celia. — Estou sempre com você aqui, ao meu lado. Fico no Jardim de Gelo para sentir isso, esse jeito que você faz com que eu me sinta. Era assim antes mesmo de eu saber quem era você, e sempre que acho que chegou ao limite, fica ainda mais forte.

— Então o que nos impede de ficarmos juntos agora? — pergunta ele. Acaricia o rosto dela, descendo até a gola do vestido.

— É o que eu desejo — diz Celia, arfando quando as mãos dele descem um pouco mais. — Acredite em mim, é o que eu quero. Mas isso não tem a ver só comigo e com você. Há muitas outras pessoas emaranhadas neste jogo. Está ficando cada vez mais difícil manter tudo em ordem. E isso — ela descansa a

mão sobre a dele — é uma grande distração. Eu me preocupo com o que pode acontecer se perder a minha concentração.

— Você não tem uma fonte de poder — diz Marco.

Celia olha para ele, confusa.

— Uma fonte de poder? — repete.

— Da forma como eu uso a fogueira, como um condutor. Pegando energia emprestada do fogo. Você não tem algo assim? Trabalha só consigo mesma?

— Não conheço outra maneira — diz Celia.

— Você está sempre controlando o circo? — pergunta Marco.

Celia balança a cabeça, confirmando.

— Já estou acostumada com isso. A maior parte do tempo é administrável.

— Não consigo imaginar como deve ser cansativo.

Marco a beija suavemente na testa antes de soltá-la, ficando o mais perto possível sem tocá-la.

E então conta histórias para ela. Mitos que aprendeu com seu instrutor. Fantasias que ele mesmo criou, inspiradas por trechos de outros autores, lidas em livros arcaicos com lombadas esgarçadas. Conceitos circenses que não cabem em tendas.

Celia responde com histórias de sua infância em quartos de fundos de teatros. Aventuras em cidades distantes que o circo visitou. Narra eventos de seus dias espiritualistas, deliciada quando ele considera o esforço tão absurdo quanto ela achava na época.

Os dois conversam até antes do amanhecer, e ele só a deixa quando o circo está para fechar.

Marco aperta Celia contra o peito por um momento antes de se levantar, levando-a consigo.

Pega no bolso um cartão contendo apenas a letra *M* e um endereço.

— Tenho passado menos tempo na residência de Chandresh — diz, entregando o cartão a ela. — Quando eu não estiver lá, você pode me encontrar aqui. Vai ser bem-vinda a qualquer momento, do dia ou da noite. Sempre que quiser se distrair.

— Obrigada — diz Celia. Gira o cartão nos dedos e ele desaparece.

— Quando tudo isto estiver terminado, não importa quem vença, eu não vou deixar você ir tão fácil. De acordo?

— De acordo.

Marco pega a mão dela e a leva aos lábios, beijando o anel de prata que esconde sua cicatriz.

Celia traça a linha do queixo dele com a ponta dos dedos. Depois se vira e desaparece antes que ele consiga impedi-la.

Um entreato

CONCORD, MASSACHUSETTS, 30 DE OUTUBRO DE 1902

Os carneiros estão com um humor terrível quando Bailey tenta conduzi-los de um pasto para outro. Resistiram a cutucões, xingamentos e empurrões, insistindo em que a grama no pasto atual era muito melhor do que a do outro lado do portão no muro de pedra baixo, sem se importar com as tentativas de Bailey de convencê-los do contrário.

Então ele ouve uma voz atrás de si.

— Olá, Bailey.

De alguma forma Poppet parece estranha ali, em pé do outro lado do muro. A luz do dia é brilhante demais, os arredores são muito normais e verdes. As roupas dela, embora sejam seus trajes anônimos e não seu vestido de circo, parecem muito extravagantes. A saia é franzida demais para uso cotidiano; embora gastas, as botas são muito delicadas e impróprias para andar por uma fazenda. Está sem chapéu, com os cabelos ruivos soltos chicoteando ao redor da cabeça ao sabor do vento.

— Olá, Poppet — cumprimenta assim que se recupera da surpresa. — O que está fazendo aqui?

— Eu precisava falar com você sobre uma coisa — responde ela. — Aliás, perguntar algo.

— E não podia esperar até a noite? — pergunta Bailey. Encontrar-se com Poppet e Widget todas as noites no circo tornara-se uma rotina.

Poppet nega com um aceno de cabeça.

— Achei que fosse melhor dar um tempo para você pensar a respeito — diz.

— Pensar a respeito do quê?

— A respeito de vir conosco.

Bailey pisca para ela.

— Como? — consegue afinal perguntar.

— Hoje é a nossa última noite aqui — informa ela. — E eu gostaria que viesse conosco quando partirmos.

— Você está brincando — diz Bailey.

Poppet balança a cabeça negativamente.

— Não estou, juro que não. Eu quis esperar até ter certeza de que é a coisa certa a pedir, a coisa certa a fazer, e agora tenho certeza. É importante.

— O que você quer dizer? Importante como? — pergunta Bailey.

Poppet suspira. Olha para cima, como se procurasse estrelas escondidas atrás do céu azul pontuado por nuvens fofas.

— Eu sei que você deve vir conosco — diz. — Dessa parte eu tenho certeza.

— Mas por quê? Por que eu? O que eu faria? Só acompanharia? Eu não sou como você e Widget, não sei fazer nada especial. Não faço parte do circo.

— Faz, sim! Tenho certeza. Ainda não sei por quê, mas tenho certeza de que você precisa ficar comigo. Quero dizer, conosco. — Um rubor escarlate toma suas bochechas.

— Eu gostaria de ir, gostaria mesmo. Mas... — Bailey olha para as ovelhas, para a casa e para o celeiro na colina cheia de macieiras. Aquilo resolveria a discussão entre Harvard *versus* fazenda, ou tornaria tudo muito, muito pior. — Eu não posso simplesmente ir embora — fala afinal, embora não acredite muito nisso.

— Eu sei — diz Poppet. — Desculpe. Eu não deveria ter pedido. Mas acho que... Não, não acho, eu sei. Sei que se você não vier com a gente, nós não vamos voltar mais.

— Não vão voltar mais aqui? Por quê?

— Não vamos voltar mais para lugar nenhum — esclarece Poppet. Ergue os olhos para o céu outra vez e faz uma careta antes de voltar-se para Bailey. — Se você não vier conosco, não vai mais ter circo. E não me pergunte por quê, elas não me dizem por quê. — Faz um gesto para o céu, para as estrelas além das nuvens. — Só dizem que, para haver um circo no futuro, você precisa estar lá. Você, Bailey. Você, eu e Widge. Não sei por que é importante que sejamos nós três, mas é. Senão, tudo vai simplesmente desmoronar. Aliás, já está começando.

— Como assim? O circo vai muito bem.

— Não sei bem se é alguma coisa que está visível para quem está de fora. É como... Se uma das suas ovelhas estivesse doente, eu perceberia?

— Provavelmente não — responde Bailey.

— Mas você perceberia, não é? — pergunta Poppet.

Bailey confirma.

— É o mesmo com o circo. Eu sei como deveria ser, e não está assim no momento, e isso já há algum tempo. Posso dizer que algo está errado, eu sinto o desmontando como um bolo sem glacê que não consegue se manter inteiro, mas não consigo explicar direito. Isso faz algum sentido?

Bailey apenas olha para ela, que suspira antes de continuar.

— Lembra aquela noite em que estávamos no Labirinto das Câmaras? Quando ficamos presos naquela sala que parecia uma gaiola?

Bailey confirma com um gesto de cabeça.

— Até aquele momento eu nunca tinha ficado presa em lugar nenhum do Labirinto. Nunca. Quando não conseguimos encontrar uma saída de um quarto ou de um corredor, eu me concentro e sinto onde estão as portas. Posso dizer o que há atrás delas. Tento não fazer isso porque não é tão divertido quanto parece, mas naquela noite eu fiz quando não conseguimos sair, e não funcionou. Está ficando muito estranho e eu não sei o que fazer a respeito.

— Mas como eu posso ajudar? — pergunta Bailey.

— Foi você quem achou a chave, lembra? — diz Poppet. — Eu fico procurando respostas, a coisa certa a ser feita, e nada tem sido claro a não ser você. Sei que é demais pedir que abandone sua casa e sua família, mas o circo é a minha casa e a minha família, e não posso perder isso. Não se eu puder fazer algo para impedir. Desculpe.

Poppet senta-se na mureta de pedra, de costas para ele. Bailey senta-se ao seu lado, ainda observando o campo e as incorrigíveis ovelhas. Os dois ficam em silêncio por algum tempo. Os animais perambulam em círculos preguiçosos, mordiscando a grama.

— Você gosta daqui, Bailey? — pergunta Poppet, passando os olhos pela fazenda.

— Não particularmente — responde Bailey.

— Alguma vez já quis que aparecesse alguém para levar você embora?

— Foi Widge que contou isso a você? — indaga Bailey, perguntando-se se aquele pensamento é tão forte a ponto de parecer evidente e legível.

— Não — responde Poppet. — Foi um palpite. Mas Widge me pediu para entregar isto a você. — Tira um pequeno frasco de vidro do bolso e o entrega a ele.

Bailey sabe que, embora o frasco pareça vazio, provavelmente não está, e fica curioso demais para não abri-lo de imediato. Puxa a minúscula tampa, aliviado por continuar ligada ao frasco por um arame espiralado.

A sensação dentro do frasco é tão conhecida, tão reconfortante e reconhecível e real que Bailey consegue sentir a aspereza da casca da árvore, o cheiro das bolotas de carvalho, até o chiar dos esquilos.

— Widget quer que você leve a sua árvore com você — explica Poppet. — Se você decidir vir conosco.

Bailey repõe a tampa no frasco. Nenhum dos dois fala por algum tempo. A brisa balança os cabelos de Poppet.

— Quanto tempo eu tenho para pensar a respeito? — pergunta Bailey em voz baixa.

— Nós vamos partir depois do espetáculo desta noite — responde Poppet. — O trem estará pronto antes do amanhecer, mas seria melhor se pudesse chegar mais cedo. A partida pode ser... complicada.

— Vou pensar — diz Bailey. — Mas não posso prometer nada.

— Obrigada, Bailey — diz Poppet. — Mas será que pode me fazer um favor? Se decidir não vir conosco, poderia não ir ao circo esta noite? E que esta seja a nossa despedida? Acho que seria mais fácil.

Bailey olha para ela sem expressão por algum tempo, incapaz de assimilar bem suas palavras. Aquela perspectiva chega a ser até mais horrível do que a escolha de partir. Mas ele concorda, por sentir que é o melhor a fazer.

— Tudo bem — concorda. — Eu só vou se for para ir embora com vocês. Prometo.

— Obrigada, Bailey — diz Poppet. E sorri, embora ele não consiga saber se é ou não um sorriso de felicidade.

E antes que consiga pedir que ela se despeça de Widget se for necessário, Poppet se aproxima e o beija, não no rosto, como já fez inúmeras vezes, mas nos lábios, e Bailey fica sabendo naquele momento que vai segui-la seja aonde for.

Poppet vira-se sem dizer uma palavra e se afasta. Bailey fica observando até não conseguir mais vê-la no horizonte e continua a olhar na mesma direção,

apertando o pequeno frasco na mão, ainda incerto sobre o que sentir ou o que fazer e com apenas algumas horas para se decidir.

Atrás dele as ovelhas, deixadas por conta própria, resolvem passar pelo portão aberto e vagar pelo pasto.

O convite

LONDRES, 30 DE OUTUBRO DE 1901

Quando o circo chega a Londres, apesar de Celia se sentir tentada a ir de imediato ao endereço de Marco, impresso no cartão que guarda consigo o tempo todo, ela acaba por se dirigir ao Midland Grand Hotel.

Não pede nenhuma informação na recepção.

Não fala com ninguém.

Fica no meio do saguão, sem ser notada pelos hóspedes e funcionários, que passam por ela a caminho de outros lugares, com outros compromissos em outros locais temporários.

Quando já está lá há mais de uma hora, tão imóvel quanto uma das estátuas do circo, um homem de terno cinza aproxima-se dela.

Escuta sem reação enquanto ela fala, e, quando ela termina, apenas balança a cabeça, num gesto afirmativo.

Celia faz uma reverência perfeita, depois dá meia-volta e vai embora.

O homem de terno cinza fica sozinho no saguão por algum tempo, sem ser notado.

Interseções I: Numa fração de segundo

LONDRES, 31 DE OUTUBRO — 1º DE NOVEMBRO DE 1901

O circo sempre fica especialmente festivo na véspera do Dia de Todos os Santos. Lanternas de papel redondas penduradas no pátio, as sombras dançando sobre as superfícies brancas como rostos uivando em silêncio. Máscaras de couro com elástico, em preto e branco e prata, são deixadas em cestas perto dos portões e ao redor do circo para os visitantes usarem se quiserem. Às vezes é difícil distinguir artistas de visitantes.

Vagar pelo circo anonimamente é uma experiência bem diferente. Misturar-se à paisagem, tornar-se parte do ambiente. Muitos visitantes gostam bastante da experiência, enquanto outros a consideram desconcertante e preferem usar seus próprios rostos.

Algumas horas após a meia-noite, a multidão diminuiu consideravelmente, e o relógio vai adentrando o Dia de Todos os Santos.

Os visitantes mascarados que restaram vagam como fantasmas.

A fila para a vidente foi ficando menor até não ter ninguém a essa hora. A maior parte das pessoas quer saber sobre o destino logo no início da noite. As horas avançadas são mais adequadas para empreendimentos menos cerebrais. Mais cedo os consulentes não paravam de chegar, mas quando outubro dá lugar a novembro não há ninguém esperando no vestibulo, ninguém aguardando atrás da cortina de contas para ouvir os segredos que as cartas têm a contar.

De repente as cortinas se abrem, sem que ela tenha ouvido alguém se aproximar.

O que Marco veio dizer não deveria ser uma surpresa. As cartas vêm dizendo isso há anos, mas ela se recusou a ouvir, preferindo ver apenas as outras possibilidades, os caminhos alternativos a serem seguidos.

Escutar dos lábios dele é uma coisa bem diferente. Assim que ele profere as palavras, uma lembrança esquecida vem a sua consciência. Duas figuras vestidas de verde no centro de um animado salão de festas, tão inequivocamente apaixonadas que o salão todo se inflama com o calor.

Ela pede que Marco tire uma só carta. Fica surpresa quando é atendida.

Mas que a carta virada seja *La Papesse* não a surpreende.

Quando ele sai, Isobel retira o cartaz da tenda para aquela noite.

Às vezes ela retira o cartaz mais cedo, ou durante períodos em que se cansa de fazer leituras ou precisa de um descanso. Em geral passa esses intervalos com Tsukiko, mas nesta noite em particular ela não sai à procura da contorcionista, e prefere ficar sozinha à sua mesa, embaralhando compulsivamente suas cartas de tarô.

Abre uma carta, depois outra e mais outra.

Só espadas. Fileiras de espadas pontiagudas. Quatro. Nove. Dez. O único ás de espadas.

Devolve as cartas para o baralho.

Abandona-as para tentar outra coisa.

A caixa de chapéu está embaixo da mesa. É o lugar mais seguro em que conseguiu pensar, de acesso mais fácil. Às vezes, chega mesmo a se esquecer de que está ali, escondida embaixo do veludo cascadeante. Sempre suspensa entre ela e seus consulentes. Uma presença invisível.

Agora se abaixa e traz a caixa das sombras do veludo para a bruxuleante luz das velas.

É simples e redonda, coberta de seda negra. Não tem fecho nem dobradiças, e a tampa é mantida no lugar por duas fitas, uma preta e outra branca, amarradas em nós cuidadosos.

Isobel deposita a caixa sobre a mesa e remove uma grossa camada de poeira da tampa, embora boa parte permaneça nos nós das fitas. Hesita por um instante, pensando por um momento se não seria melhor parar e devolvê-la ao seu lugar de descanso. Mas isso parece não fazer mais diferença.

Desata os nós lentamente, usando as pontas dos dedos. Quando as fitas se soltam o suficiente para que seja possível abrir a tampa, ela a coloca de lado com cuidado, como se tivesse medo do que pode encontrar dentro.

Dentro da caixa há um chapéu.

Está exatamente como ela o deixou. Um velho chapéu-coco preto, já meio desgastado ao longo da aba. Está amarrado com mais fitas pretas e brancas,

embrulhado como um presente em laços claros e escuros. Sob os nós da fita há uma única carta de tarô. Entre o chapéu e a carta há um lenço de renda dobrado, as barras bordadas representando vinhas pretas retorcidas.

Eram coisas tão simples... Alguns nós e a intenção.

Ela tinha achado graça naquelas aulas, preferindo suas cartas. Pareciam mais claras comparativamente, apesar da miríade de significados.

Era apenas uma precaução. É bom se precaver diante de circunstâncias tão imprevisíveis. Como levar um guarda-chuva ao sair para caminhar numa tarde em que parece que vai chover, mesmo se o sol ainda estiver brilhando.

Não sabe ao certo se aquilo está fazendo algo mais do que acumular pó, não mesmo. Não tem como saber com certeza, não existe um barômetro que possa medir coisas tão insubstanciais. Nenhum termômetro para o caos. Naquele momento, a impressão é de que ela está sendo sugada pelo vácuo.

Isobel tira o chapéu da caixa com cuidado, as pontas mais longas das fitas derramando-se como uma cachoeira ao redor. É bem bonito para um chapéu velho com um lenço e uma carta presos por uma fita esfiapada. Quase festivo.

— Os menores encantamentos podem ser os mais eficientes — diz Isobel, chocada ao ouvir a própria voz, quase à beira das lágrimas.

O chapéu não responde.

— Acho que você não está fazendo nenhum efeito — diz.

Mais uma vez, nenhuma resposta.

Ela só queria manter o circo em equilíbrio. Evitar que dois lados em conflito causassem prejuízo um ao outro ou ao que estivesse por perto.

Evitar que a balança se quebrasse.

A todo momento, ela revê na memória os dois no salão de festas.

Lembra-se de trechos de uma discussão entreouvida. Marco dizendo que havia feito tudo para *ela*, uma afirmação que não entendeu na época e de que logo depois se esqueceu.

Mas agora está claro.

Toda a emoção quando tentava ler as cartas sobre ele, tudo aquilo era para Celia.

O circo propriamente dito, tudo era para ela. Para cada linda tenda que ele cria, ela constrói outra em retribuição.

E a própria Isobel tem contribuído para manter o equilíbrio. Ajudando Marco. Ajudando os dois.

Olha para o chapéu em suas mãos.

A renda branca acariciando a lã preta, as fitas entrelaçadas. Inseparáveis. Isobel rasga as fitas, avançando sobre o chapéu com uma fúria súbita.

O lenço cai flutuando como um fantasma, as iniciais C. N. B. legíveis entre as vinhas bordadas.

A carta do tarô cai no chão, virada para cima. A imagem de um anjo na superfície, a palavra *Tempérance* escrita embaixo.

Isobel para e prende a respiração. À espera de alguma repercussão, algum resultado da ação. Mas tudo está tranquilo. As velas bruxuleiam à sua volta. A cortina de contas está calma e imóvel. De repente ela se sente tola e ingênua, sozinha em sua tenda com uma pilha de fitas emaranhadas e um chapéu velho. Considera-se uma louca por acreditar que teria alguma influência naquelas coisas. Que qualquer coisa que fizesse teria importância.

Abaixa-se para recolher a carta caída, mas sua mão se imobiliza antes de tocá-la ao ouvir algo. Por uma fração de segundo ouve um som estridente como o freio de um trem.

Leva alguns instantes para Isobel perceber que o ruído vindo de fora da tenda é na verdade o som de Poppet Murray gritando.

Mais escuro antes do amanhecer

CONCORD, MASSACHUSETTS, 31 DE OUTUBRO DE 1902

Poppet e Widget estão junto dos portões do circo, próximos da bilheteria, embora àquela hora a fila para a compra de ingressos esteja bem menor. O túnel cheio de estrelas foi removido, substituído por uma cortina listrada. O relógio *Wunschtraum* toca três vezes atrás deles. Widget está comendo um saco de pipocas cobertas de chocolate.

— O que você dize pra ele? — pergunta, com a boca quase cheia.

— Tentei explicar quanto pude — responde Poppet. — Acho que fiz uma analogia com um bolo.

— Bom, isso deve ter funcionado — observa Widget. — Quem não gosta de uma boa analogia com um bolo?

— Não sei bem se fez algum sentido. Acho que ele ficou mesmo chateado quando pedi que não viesse esta noite se não fosse partir conosco. Eu não sabia mais o que dizer, só queria que entendesse que era importante. — Poppet suspira, recostando-se na cerca de ferro. — E dei um beijo nele — acrescenta.

— Eu sei — diz Widget.

Poppet ergue o olhar para ele, com o rosto quase tão vermelho quanto seus cabelos.

— Eu não queria fazer isso — comenta Widget dando de ombros. — Você não está disfarçando nada bem. Devia praticar mais, se não quer que eu veja as coisas. Celia não ensinou você a fazer isso?

— Por que suas visões estão ficando cada vez melhores enquanto as minhas pioram? — pergunta Poppet.

— Sorte?

Poppet revira os olhos.

— Você falou com Celia? — pergunta.

— Falei. Contei que você disse que Bailey deveria vir conosco. Ela só disse que não faria nada para impedir.

— Bem, já é alguma coisa.

— Celia anda distraída — continua Widget, sacudindo o saco de pipocas.
— Não me diz mais nada, mal me ouviu quando tentei explicar o que estávamos pedindo. Se eu dissesse que queríamos levar um hipopótamo voador como mascote, ela também teria concordado. Mas Bailey não está vindo só para se divertir, não é?

— Não sei — responde Poppet.

— O que você sabe?

Poppet olha para o céu noturno. Nuvens escuras cobrem a maioria das estrelas, mas alguns bolsões ainda são visíveis, cintilando suavemente.

— Lembra quando estávamos no Observatório Estelar e eu vi uma coisa brilhante mas não sabia dizer o que era?

Widget balança a cabeça, confirmando.

— Era o pátio. O pátio todo, não só a fogueira. Queimando, quente e brilhante. Depois... não sei o que aconteceu, mas Bailey estava lá. Disso eu tenho certeza.

— E isso vai acontecer logo? — pergunta Widget.

— Em breve, acho.

— Será que devemos sequestrar Bailey?

— Fala sério, Widge.

— Não, é sério. Nós poderíamos fazer isso. Podemos entrar na casa dele sem ninguém perceber, bater na cabeça dele com alguma coisa pesada e arrastá-lo para cá, inconsciente. Podemos carregá-lo e as pessoas vão pensar que ele é um bêbado da cidade. Quando acordar, ele já vai estar no trem e não vai ter mais escolha. Rápido e indolor. Bem, indolor para nós. A não ser por termos que carregar peso, quero dizer.

— Não acho que seja uma boa ideia, Widge — comenta Poppet.

— Vamos lá, vai ser divertido — insiste ele.

— É melhor não. Acho que já fizemos tudo o que devíamos. Agora precisamos esperar.

— Tem certeza? — pergunta Widget.

— Não — responde Poppet em voz baixa.

Depois de algum tempo, Widget sai em busca de alguma outra coisa para comer e deixa Poppet esperando sozinha nos portões, espiando de vez em

quando por cima dos ombros para ver as horas no relógio atrás dela.

Interseções II: Fúrias escarlate e destinos vermelhos

LONDRES, 31 DE OUTUBRO — 1º DE NOVEMBRO DE 1901

“**E**mbora qualquer noite no circo possa ser considerada mágica”, escreveu certa vez Herr Friedrich Thiessen, “a véspera do Dia de Todos os Santos é algo especial. O próprio ar crepita de mistérios.” Esta noite de Halloween é especialmente límpida e fria. A tumultuada multidão está vestindo casacos pesados e cachecóis. Muitos usam máscaras, o rosto oculto por pedaços de tecidos em preto, branco e prata.

A luz no circo está mais difusa do que o habitual. As sombras parecem pairar em todos os cantos.

Chandresh Christophe Lefèvre entra no circo sem ser notado. Pega uma máscara prateada de um cesto perto dos portões e a coloca sobre o rosto. A mulher na bilheteria não o reconhece quando ele paga integralmente o ingresso.

Chandresh perambula pelo circo como um homem em meio a um sonho.

O homem de terno cinza não usa máscara. Anda ao acaso com um passo calmo, quase preguiçoso. Não tem nenhum destino específico em mente, apenas vaga de tenda em tenda. Em algumas ele entra, em outras apenas passa em frente à porta. Compra uma xícara de chá e fica pelo pátio, observando a fogueira por um tempo antes de voltar a andar pelos caminhos entre as tendas.

Ele nunca tinha ido ao circo, e parece estar se divertindo.

Chandresh o segue, cada movimento, cada parada. Persegue-o entre as tendas, observa-o pagar pelo chá no pátio. Olha para o chão aos pés do homem de terno cinza, procurando sua sombra, embora seja confundido pela luz sempre em movimento.

Com exceção de Chandresh, ninguém o nota. Os transeuntes não olham para ele, nem uma espiadela, apesar de sua altura, o terno cinza impecável e a cartola. Até a vendedora de chá mal registra sua presença, virando-se logo para

o cliente seguinte. Ele desliza pelo circo como uma sombra. Leva uma bengala de castão de prata que não usa.

Chandresh se perde dele na multidão mais de uma vez, o tom cinza sumindo na mancha de preto e branco pontilhado de cores dos visitantes. Nunca demora muito até avistar a cartola cinza outra vez, mas nesses intervalos Chandresh fica nervoso a ponto de estremecer, remexendo no casaco e no conteúdo dos bolsos.

Ele murmura consigo mesmo. Aqueles que passam perto o olham com estranheza e esforçam-se para evitá-lo.

Atrás de Chandresh está um jovem que ele não reconheceria nem se o olhasse nos olhos, mas ainda assim o rapaz mantém distância. A atenção de Chandresh se concentra no homem de terno cinza, e ele nem nota aquele outro sujeito, que guarda certa semelhança com seu assistente.

Marco mantém os olhos verde-acinzentados em Chandresh, sem máscara cobrindo um rosto que só Celia poderia reconhecer, e a ilusionista está ocupada com outras coisas.

Isso dura um bom tempo. Sr. A. H... anda pelo circo sem pressa. Visita a vidente, que não o reconhece, mas deita seu futuro em educadas fileiras de cartas, embora ela considere algumas partes confusas e sobrepostas. Assiste à apresentação da ilusionista, que distingue sua presença com um discreto aceno de cabeça. Vai até a Sala de Espelhos, onde vê incontáveis figuras de terno cinza e cartola combinando. Dá uma volta no Carrossel. Parece gostar especialmente do Jardim de Gelo.

Chandresh o segue de tenda em tenda, esperando do lado de fora daquelas em que ele não entra, cada vez mais ansioso.

Marco perde os dois de vista por um curto período de tempo, quando tira alguns momentos para cuidar de outra questão.

O relógio perto dos portões continua marcando o tempo, seus enfeites mudando e girando.

Outubro se transforma em novembro, uma alteração que passa despercebida por todos os que não estão perto do relógio.

A multidão diminui. Máscaras são devolvidas aos seus cestos no pátio e junto dos portões, pilhas bagunçadas de fitas e olhos vazios. Crianças são enganadas por promessas de que poderão voltar na noite seguinte, mas o circo não estará mais lá, e essas crianças se sentirão desrespeitadas e traídas.

Em uma passagem na parte de trás do circo, que de alguma forma é maior e onde só há uns poucos frequentadores, Sr. A. H... interrompe sua caminhada. Chandresh o observa a pequena distância, incapaz de perceber com clareza por que ele parou, ainda que possa estar conversando com alguém. Através da máscara, Chandresh só distingue o terno cinza, a cartola imponente. Vê um alvo aberto sem nada entre os dois.

Chandresh ouve o eco de uma voz garantindo que aquele homem não é real. É fruto de sua imaginação. Nada mais do que um sonho.

Depois há uma pausa. Por um instante o tempo desacelera, como algo caindo enquanto luta contra a gravidade. A brisa fria que circula pelos caminhos abertos do circo se imobiliza. Naquele momento nada se mexe, nem o tecido das tendas ou as fitas atadas às dezenas de máscaras.

Na tenda mais alta, uma das acrobatas perde o equilíbrio perfeito, caindo uma certa distância antes que um de seus colegas de apresentação a segure, evitando por pouco que chegue ao chão.

No pátio, a fogueira estala e solta faíscas numa súbita nuvem de fumaça negra, fazendo com que alguns visitantes mais próximos pulem para trás, tossindo.

O gatinho que salta pelo ar das mãos de Poppet para as do irmão de repente se contorce, aterrissando de costas e não sobre as patas, rolando na direção de Widget com um miado indignado.

A ilusionista para, sua impecável apresentação interrompida em sua imobilidade, o rosto subitamente pálido. Cambaleia como se fosse desmaiar. Vários integrantes da plateia acorrem para ajudá-la, mas ela não cai.

Marco se contrai como se tivesse sido esmurrado no estômago por um agressor invisível. Um transeunte segura o braço dele para impedir que se desequilibre.

E Chandresh Christophe Lefèvre tira uma faca de prata do bolso do casaco e a arremessa sem hesitar.

A faca voa da mão de Chandresh, lâmina se revezando com cabo, girando em revoluções perfeitas pelo ar.

Sua pontaria é firme e precisa. Até o ponto em que isso é possível.

Mas o alvo se mexe.

O terno cinza feito sob medida que molda as costas do Sr. A. H... sai do lugar. Afasta-se um pouco para o lado. É um movimento gracioso. Um gesto inconsciente. Um deslocamento de peso no espaço.

E a faca resvala em sua manga, atingindo o peito do homem com quem ele está conversando. A lâmina atravessa com facilidade o paletó preto desabotoado, chegando ao coração do homem como se aquele sempre tivesse sido o alvo, o cabo de prata cravado logo abaixo do cachecol vermelho.

Sr. A. H... segura Herr Friedrich Thiessen quando ele começa a tombar para a frente.

Chandresh olha para sua mão vazia como se não conseguisse lembrar o que estava segurando instantes atrás. Sai aos tropeços e volta para o pátio da fogueira. Esquece de remover a máscara quando vai embora, e, quando a encontra em sua casa no dia seguinte, não consegue se lembrar de onde veio.

Sr. A. H... deita Herr Thiessen no chão, falando uma série de palavras num tom muito baixo para que possam ser ouvidas por alguém. Os visitantes ao redor não percebem nada num primeiro momento, embora alguns estejam distraídos com o fato de dois jovens artistas a alguns metros terem de repente interrompido suas apresentações, com o garoto de terno preto recolhendo os agitados gatinhos.

Depois de um longo momento, Sr. A. H... para de falar e passa uma das mãos enluvadas sobre o rosto de Herr Friedrich Thiessen, fechando com toda a delicadeza seus olhos surpresos.

O silêncio que se segue é rompido pelo grito de Poppet Murray ao ver a poça de sangue no chão se espalhando sob suas botas brancas.

Antes que o choque se transforme em caos, Sr. A. H... delicadamente retira a faca com cabo de prata do peito de Herr Thiessen, levanta-se e sai.

Quando passa por um confuso e ainda instável Marco, entrega a faca coberta de sangue para ele sem uma palavra ou um olhar antes de desaparecer na multidão.

Os poucos frequentadores que testemunham o acontecimento são logo afastados. Depois eles achariam que foi um truque engenhoso. Um toque de teatralidade numa noite já muito festiva.



O POÇO DE LÁGRIMAS



Ao lado do cartaz na entrada desta tenda há uma pequena caixa cheia de pedras negras e lisas. O texto o instrui a pegar uma das pedras antes de entrar.

Dentro da tenda está escuro, o teto é forrado de guarda-chuvas pretos abertos, os cabos recurvados pendurados como pingentes de gelo.

No centro do recinto há um pequeno lago. Um poço cercado por uma mureta de pedras negras rodeado de cascalho branco.

O ar carrega o aroma salino do oceano.

Você anda até a borda para olhar mais de perto. O cascalho faz barulho sob os seus pés.

O poço é raso, mas está brilhando. Uma luz tremeluzente cascadeia na superfície da água. Uma emanção suave, suficiente para iluminar o poço e as pedras do fundo. Centenas de pedras, todas idênticas à que você tem na mão. A luz lá embaixo é filtrada pelos espaços entre as pedras.

Reflexos ondulam pelo recinto, e parece que toda a tenda está debaixo d'água.

Você se senta na mureta, girando a pedra negra entre os dedos.

A quietude da tenda transforma-se numa melancolia pacífica.

Lembranças começam a emergir de cantos ocultos de sua memória.

Decepções passadas. Oportunidades e causas perdidas. Mágoas, dor e desolação, uma solidão horrível.

Tristezas que você pensou estarem há muito esquecidas se misturam com feridas recentes.

A pedra parece mais pesada em sua mão.

Quando a joga no poço para que se junte às outras pedras, você se sente mais leve. Como se tivesse se livrado de mais do que uma pedra lisa e polida.

Adens

CONCORD, MASSACHUSETTS, 30 E 31 DE OUTUBRO DE 1902

Bailey sobe no carvalho antes do pôr do sol para pegar a caixa escondida, observando de cima o circo, que repousa banhado por uma luz alaranjada profunda, projetando longas sombras pontudas pela ravina. Mas, ao abri-la, não encontra nada que realmente queira levar consigo.

Pega apenas a luva branca de Poppet, guarda-a no bolso do casaco e devolve a caixa à árvore.

Em casa, ele conta as economias de uma vida, uma quantia bem maior do que esperava, e separa uma muda de roupa e mais um suéter. Considera levar outro par de sapatos, mas decide que pode pegar emprestado com Widget, se precisar. Enfia tudo numa velha mochila de couro e espera os pais e Caroline se recolherem para dormir.

Enquanto aguarda, desfaz a bagagem e a empacota outra vez, pensando em suas escolhas quanto ao que levar e ao que deixar para trás.

Espera uma hora para ter certeza de que todos estão dormindo, e mais outra para garantir. Embora tenha se tornado muito proficiente em entrar escondido em horários não convencionais, sair escondido é uma questão diferente.

Quando afinal se esgueira pelo corredor, fica surpreso com o adiantado da hora. Sua mão está na maçaneta, ele está pronto para sair, então se vira, descansa a bagagem no chão e procura em silêncio por um pedaço de papel.

Assim que o encontra, senta-se à mesa da cozinha para escrever um bilhete para os pais. Explica o melhor que pode suas razões para partir e espera que eles entendam. Não fala nada sobre Harvard ou qualquer coisa sobre o futuro da fazenda.

Recorda-se de quando ainda era pequeno e a mãe disse certa vez que desejava felicidade e aventuras para ele. Se isso não for uma aventura, ele não sabe o que mais poderia ser.

— O que está fazendo? — pergunta uma voz atrás dele.

Bailey se vira para encontrar Caroline de pé no umbral da porta, de camisola, os cabelos presos no alto da cabeça numa espinhosa bagunça de grampos e uma manta de tricô ao redor dos ombros.

— Nada com que você precise se preocupar — responde Bailey, voltando a escrever. Assina a carta e dobra a folha de papel, deixando-a no centro da mesa, perto de uma travessa de madeira cheia de maçãs. — Faça com que eles leiam isso.

— Você está fugindo de casa? — pergunta Caroline, olhando para a mochila.

— Algo assim.

— Você não pode estar falando sério — replica ela com um bocejo.

— Não sei quando vou voltar. Escrevo quando puder. Diga para não se preocuparem comigo.

— Bailey, volte para a cama.

— Por que não volta para a cama, Caroline? Acho que pode descansar um pouco mais sua beleza.

Como resposta, Caroline faz uma careta de desdém.

— E desde quando você se importa com o que eu faço? — acrescenta Bailey.

— Você se comportou como uma criança a semana inteira — diz Caroline, levantando a voz, mas mantendo-a num sussurro áspero. — Brincando naquele circo bobo, ficando fora a noite toda. Cresça, *Bailey*.

— É exatamente o que estou fazendo — retruca o irmão. — Não me importa se você não entende isso. Ficar aqui não vai me fazer feliz. Você é feliz porque é chata e insípida, e não precisa de mais do que uma vida chata e insípida. Isso nunca seria o suficiente para mim. Por isso estou indo embora. Faça o favor de se casar com alguém que saiba cuidar das ovelhas.

Pega uma maçã da fruteira e a joga para o alto, pegando-a de volta e guardando-a na mochila antes de se despedir de Caroline com um aceno carinhoso e nada mais.

Deixa a irmã ao lado da mesa com a boca se abrindo e fechando numa fúria silenciosa e fecha a porta com cuidado depois de sair.

Bailey afasta-se da casa vibrando. Imagina que Caroline possa vir atrás dele, ou acordar os pais para avisar de sua partida. Mas cada passo que o afasta da casa deixa claro que está mesmo indo embora, que nada mais pode impedi-lo.

A caminhada parece mais longa na calada da noite, sem a multidão dirigindo-se para o circo por aquele caminho, como aconteceu em todas as outras noites, quando ele corria para chegar antes de os portões se abrirem.

As estrelas ainda estão brilhando no céu quando Bailey chega ao seu carvalho, a mochila pendurada no ombro. Está mais atrasado do que gostaria, embora o amanhecer ainda esteja distante.

Porém, o campo que se estende para além de sua árvore sob o céu estrelado está vazio, como se nada houvesse ocupado aquele espaço a não ser grama, folhas e neblina.

Retrospecto

LONDRES, 1º DE NOVEMBRO DE 1901

O homem de terno cinza se esgueira facilmente pela multidão dos frequentadores do circo. Todos saem do seu caminho sem perceber, abrindo passagem quando ele toma a direção dos portões.

A figura que bloqueia seu caminho perto do perímetro do pátio é transparente, parece uma miragem sob a luz da fogueira e das lanternas de papel que balançam com suavidade. O homem de terno cinza para, embora pudesse facilmente continuar através da aparição de seu colega sem se deter.

— Que noite interessante, não? — pergunta Hector, atraindo olhares de curiosidade dos visitantes ao redor.

O homem de terno cinza mexe sutilmente os dedos de uma das mãos enluvadas, como se virasse a página de um livro, e os olhares cessam, expressões de curiosidade perdem o foco, a atenção volta-se para outras imagens.

A multidão continua, entrando e saindo pelos portões, alheia aos dois cavalheiros.

— Não vale a pena o esforço — escarnece Hector. — Metade dessa gente espera ver fantasmas em cada esquina.

— Isso fugiu do controle — diz o homem de terno cinza. — Este local sempre foi exposto demais.

— Mas é aí que está a *graça* — retruca Hector, balançando um braço indicando a multidão. Sua mão passa através do ombro de uma mulher e ela se vira, surpresa, mas continua andando quando não vê nada. — Você não usou suas técnicas de ocultação depois de tentar agradar Chandresh para controlar o local?

— Eu não estou controlando nada — diz o homem de terno cinza. — Só estabeleci um protocolo de sigilo envolto num ar de mistério. Meu conselho é a

razão de este local se transferir a toda hora, sem anúncio. Isso beneficia os dois jogadores.

— Serve para separar os dois. Se os tivesse colocado juntos de forma adequada desde o início, ela já teria vencido anos atrás.

— O seu estado atual o deixou cego? Você se comportou como um imbecil se aprisionando desse jeito, e é um tolo se não consegue ver que os dois estão envolvidos. Se não fossem mantidos separados, isso já teria acontecido antes.

— Você poderia ter sido um puta casamenteiro — diz Hector, os olhos semicerrados desaparecendo e reaparecendo na luz ondulante. — Treinei a minha jogadora melhor que isso.

— E mesmo assim ela me procurou. E me convidou pessoalmente a vir aqui, como você... — Interrompe a frase no meio, ao avistar uma figura na multidão.

— Acho que eu recomendei que escolhesse um jogador cuja derrota você conseguisse aceitar — observa Hector, percebendo a maneira como seu interlocutor segue com os olhos o preocupado jovem de chapéu-coco que passa sem notar nenhum dos dois e segue Chandresh em meio ao fluxo de visitantes. — Você sempre se apega aos seus alunos. Infelizmente, poucos deles chegam a perceber isso.

— E quantos dos seus alunos escolheram terminar o jogo por conta própria? — pergunta o homem de terno cinza, virando-se. — Sete? Sua filha será a oitava?

— Isso não vai acontecer mais uma vez — replica Hector, as palavras afiadas e pesadas, apesar de sua forma sem substância.

— Se ela vencer, vai odiar você por isso, se é que já não o odeia.

— Ela vai vencer. Não tente ignorar o fato de que ela é mais forte que o seu jogador. Sempre foi.

O homem de terno cinza ergue uma das mãos na direção da fogueira e amplifica o som que ecoa no pátio de forma que Hector possa ouvir a filha repetindo o nome de Friedrich num pânico crescente.

— Isso soa como alguém forte? — pergunta, baixando a mão e deixando a voz de Celia se misturar com o estrondo da multidão.

Hector faz uma careta, as chamas da fogueira distorcendo ainda mais sua expressão.

— Um homem inocente morreu aqui esta noite — continua o homem de terno cinza. — Um homem de quem a sua jogadora gostava muito. Se ela já

não tivesse começado a desmoronar, começaria agora. Era isso que você queria aqui? Não aprendeu nada depois de tantas competições? Não existe uma maneira de prever o que vai acontecer. Não há garantias de nenhum dos lados.

— Isso ainda não acabou — diz Hector, desaparecendo numa mancha de luz e sombra.

O homem de terno cinza continua a andar como se nunca tivesse parado, passando pelas cortinas de veludo que separam o pátio do mundo exterior.

Observa o relógio perto dos portões por algum tempo antes de sair do circo.

Uma bela dor

LONDRES, 1º DE NOVEMBRO DE 1901

O apartamento de Marco já foi simples e espaçoso, mas agora está atulhado de móveis que não combinam. Peças das quais Chandresh enjoou em algum momento foram dispostas nesse purgatório em vez de serem descartadas.

Os livros são muitos e não há estantes suficientes para guardá-los, por isso amontoam-se em antigas cadeiras chinesas e almofadas em tecidos indianos.

O relógio acima da lareira é uma criação de Herr Thiessen, adornado por minúsculos livros que são folheados enquanto o ponteiro dos segundos avança para as 3 horas da manhã.

Os livros maiores em cima da mesa movem-se num ritmo menos estável enquanto Marco se reveza entre volumes escritos à mão, rabiscando anotações em pedaços avulsos de papel. Eliminando números e símbolos, descarta alguns livros em favor de outros e depois volta aos livros deixados de lado.

A porta do apartamento se move por conta própria, a fechadura e as dobradiças se abrindo bruscamente. Marco salta da mesa, derramando um vidro de tinta sobre os papéis.

Celia está no umbral, os cabelos em desalinho. O casaco cor de creme pende desabotoado, leve demais para o clima.

Só quando ela entra no quarto, a porta fechando-se e trancando-se sozinha com uma série de cliques, Marco percebe que o vestido sob o casaco está coberto de sangue.

— O que aconteceu? — pergunta ele, a mão que estava para ajeitar o vidro de tinta parada no ar.

— Você sabe muito bem o que aconteceu — diz Celia. Sua voz é calma, mas começam a se formar ondas na superfície escura da poça de tinta sobre a

mesa.

— Tudo bem com você? — pergunta Marco, tentando se aproximar.

— Não está nada bem comigo — responde Celia.

O vidro de tinta se quebra, tinta espirra nos papéis e mancha as mangas da camisa branca de Marco, que ficam da mesma cor que seu colete preto. As mãos dele estão cobertas de tinta, mas ele continua distraído com o sangue no vestido dela, o escarlate gritando no cetim cor de marfim e desaparecendo nas gregas de veludo negro que o recobrem como uma gaiola.

— Celia, o que você fez? — pergunta.

— Eu tentei — diz. As palavras saem entrecortadas e ela precisa repetir. — Eu tentei. Achei que conseguiria consertar. Eu o conheço há tanto tempo... Achei que talvez fosse o mesmo que acertar um relógio. Sabia exatamente o que estava errado, mas não consegui consertar. Ele era tão conhecido, mas... não funcionou.

O choro soluçado que vinha se formando em seu peito é liberado. Lágrimas contidas há horas jorram de seus olhos.

Marco corre para chegar até ela, abraçando-a e apoiando-a enquanto ela chora.

— Sinto muito — diz repetidas vezes, como uma litania, acima de seus soluços, até ela se acalmar, a tensão dos ombros diminuir e ela relaxar em seus braços.

— Ele era meu amigo — diz Celia em voz baixa.

— Eu sei — diz Marco, enxugando as lágrimas dela e deixando manchas de tinta em seu rosto. — Sinto muito. Não sei o que aconteceu. Alguma coisa perturbou o equilíbrio e eu não consigo descobrir o que foi.

— Foi Isobel — diz Celia.

— O quê?

— O encantamento que Isobel lançou sobre o circo, em você e em mim. Eu sabia, podia sentir. Não achei que estivesse fazendo nada de mais, mas parece que estava. Não sei por que ela resolveu interromper logo esta noite.

Marco suspira.

— Ela escolheu esta noite porque eu finalmente disse a ela que amo você — explica. — Eu deveria ter feito isso anos atrás, mas só contei a ela esta noite. Pensei que ela aceitaria, mas sem dúvida estava enganado. Não tenho a menor ideia do que Alexander estava fazendo lá.

— Ele estava lá porque eu o convidei — diz Celia.

— E por que você fez isso? — pergunta Marco.

— Eu queria um veredito — responde ela, com lágrimas nos olhos outra vez. — Queria que isso acabasse logo para poder ficar com você. Achei que se viesse ver o circo ele determinaria um vencedor. Não sei o que mais eles estavam esperando. Como Chandresh sabia que ele estaria lá?

— Não sei. Nem sei o que deu nele para ir lá, e ele insistiu que eu não o acompanhasse, por isso preferi segui-lo de longe, para ficar de olho nele. Só o perdi de vista durante alguns minutos, quando fui falar com Isobel, e quando eu o alcancei outra vez...

— Você também sentiu como se o chão tivesse desaparecido sob seus pés? — pergunta Celia.

Marco confirma com um gesto de cabeça.

— Eu estava tentando proteger Chandresh de si mesmo — explica. — Nem considere que ele pudesse ser um perigo para outra pessoa.

— O que é tudo isso? — pergunta Celia, voltando a atenção para os livros em cima da mesa.

Os livros contêm infindáveis páginas de glifos e símbolos, rodeados por textos rasgados de outras fontes, afixados uns aos outros e inscritos uns sobre os outros. No centro da mesa há um grande volume de couro. Colado no verso da capa, cercado por uma sofisticada árvore desenhada, Celia mal consegue distinguir algo que pode ter sido um recorte de jornal. A única palavra que consegue ler é *transcendente*.

— É assim que eu trabalho — explica Marco. — Esse volume é o que liga tudo ao circo. É a salvaguarda, por falta de um termo melhor. Pus um exemplar dele na fogueira antes de ser acesa, mas fiz alguns ajustes neste aqui.

Celia vira as páginas cheias de nomes. Para numa com um recorte de papel com a elaborada assinatura de Lainie Burgess, ao lado de um espaço de onde um recorte do mesmo tamanho fora removido, deixando uma lacuna.

— Eu deveria ter inserido Herr Thiessen no livro — diz Marco. — Mas nunca pensei nisso.

— Se não fosse ele, teria sido outro visitante. Não há como proteger todo mundo. É impossível.

— Sinto muito — repete Marco. — Eu não conhecia Herr Thiessen tão bem quanto você, mas o admirava muito, assim como o trabalho dele.

— Ele me mostrou o circo de um jeito que eu nunca tinha visto — diz Celia. — Como era visto por quem estava de fora. Nós nos correspondemos

durante anos.

— Eu também teria escrito a você, se conseguisse pôr em palavras tudo o que queria dizer. Um mar de tinta não teria sido suficiente.

— Você construiu sonhos para mim — diz Celia, olhando para ele. — E eu construí para você tendas que mal podia visitar. Sempre tive tanto de você a minha volta e nunca fui capaz de dar nada em troca que você pudesse guardar.

— Eu ainda tenho o seu xale — diz Marco.

Ela sorri com suavidade enquanto fecha o livro. Ao lado, a tinta derramada volta ao seu frasco, os cacos do vidro voltam a se unir.

— Acho que é o que meu pai chamaria de trabalhar de fora para dentro em vez de dentro para fora — diz Celia. — Ele sempre me alertou sobre isso.

— Então ele desprezaria o outro cômodo — observa Marco.

— Que cômodo? — pergunta Celia. O vidro de tinta descansa como se nunca tivesse sido quebrado.

Marco pede que ela o siga até o aposento adjacente. Abre a porta para ela, mas não entra, e, quando Celia o acompanha, entende por quê.

Pode ter sido um dia um estúdio ou um escritório, não um grande cômodo, mas poderia ser definido como aconchegante não fossem as camadas de papel e os fios pendurados em todas as superfícies disponíveis.

Fios pendem dos lustres e dão voltas no topo de prateleiras. Formam emaranhados como uma teia cascadeando do teto.

Sobre todas as superfícies — mesas, escrivaninhas e poltronas — há modelos de tendas meticulosamente construídos. Alguns feitos de jornal, outros de tecido. Pedaçoes de plantas baixas, romances e papéis de carta, dobrados e cortados formando uma coleção de tendas listradas, todas amarradas por mais fios em preto e branco e vermelho. Estão presas a peças de um relógio, cacos de espelho, tocos de velas pingando.

No centro do aposento, uma mesa redonda de madeira pintada de preto decorada com finas listras de madrepérola no tampo sustenta um pequeno caldeirão de ferro. Dentro queima um fogo alegremente, as chamas claras e brilhantes projetando pelo espaço sombras alongadas.

Celia dá um passo para dentro do recinto, abaixando a cabeça para não bater nos fios que pendem do teto. A sensação é a mesma de entrar no circo, até o aroma de caramelo que paira no ar, mas há algo mais profundo, pesado e antigo subjacente ao papel e aos fios.

Marco permanece no umbral enquanto Celia caminha com cuidado pelo cômodo, preocupada que seu vestido arraste no chão enquanto examina as minúsculas tendas. Ela passa com delicadeza os dedos pelos fios e pelas peças de relógio.

— Isso é uma magia muito antiga, não é? — pergunta.

— É a única magia que eu conheço — responde Marco. Puxa uma corda perto da porta e o movimento reverbera por todo o aposento, a maquete do circo faiscando quando pedaços de metal chegam à fogueira. — Embora duvide que tenha sido concebida para esse propósito.

Celia para numa tenda que contém um galho de árvore coberto de cera de velas. Orientando-se a partir dali, localiza outra, abrindo delicadamente a porta de papel para encontrar um círculo de pequenas cadeiras representando seu espaço de apresentação.

As páginas usadas têm sonetos de Shakespeare impressos.

Celia fecha a porta de papel.

Dá por encerrado seu passeio pelo quarto e se junta a Marco no umbral, fechando delicadamente a porta atrás de si.

A sensação de estar no circo desaparece no momento em que cruza a soleira, e de repente está subitamente ciente de tudo no aposento adjacente. O calor do fogo lutando contra a brisa que vem das janelas. O cheiro da pele de Marco sob o da tinta e o da colônia que usa.

— Obrigada por me mostrar isso — diz.

— Imagino que seu pai não aprovaria — observa Marco.

— Eu não me importo mais com o que meu pai aprova.

Celia passa pela mesa e para diante da lareira, observando as páginas em miniatura sendo viradas com o tempo que avança no relógio.

Ao lado do relógio encontra-se uma solitária carta de baralho. O dois de copas. Não apresenta nenhum sinal de ter sido perfurada por uma adaga otomana. Nenhuma evidência de que o sangue de Celia tivesse manchado sua superfície, mas ela sabe que é a mesma carta.

— Eu poderia falar com Alexander — sugere Marco. — Talvez ele tenha visto o suficiente para dar um veredito, ou talvez isso resulte numa espécie de desclassificação. Tenho certeza de que a essa altura ele me considera uma decepção, e poderia declarar você como vence...

— Chega — interrompe Celia sem se virar. — Por favor, cale-se. Não quero mais falar sobre esse maldito jogo.

Marco tenta protestar, mas sua voz fica presa na garganta. Tenta lutar contra aquilo, mas percebe que é incapaz de falar.

Seus ombros caem com um suspiro silencioso.

— Estou cansada de tentar manter as coisas juntas — diz Celia quando ele se aproxima. — Tentar controlar o que não pode ser controlado. Estou cansada de me privar do que desejo por medo de quebrar coisas e não conseguir consertá-las. Elas vão quebrar de qualquer jeito, não importa o que fizermos.

Apoia-se no peito dele e Marco a abraça, acariciando com delicadeza sua nuca com um dedo manchado de tinta. Ficam assim por algum tempo, o crepitar da lareira e o tique-taque do relógio ao fundo.

Quando ela ergue a cabeça, Marco mantém os olhos fixos nos dela enquanto retira o casaco de seus ombros, repousando as mãos na pele nua dos braços.

A paixão conhecida que sempre acompanha o toque da pele dele na dela atinge Celia e ela não consegue mais resistir, não quer mais resistir.

— Marco — diz, os dedos procurando os botões do seu colete. — Marco, eu...

Os lábios dele estão sobre os dela, quentes e exigentes, antes que a frase termine.

Enquanto ela desabotoa botão após botão, Marco tateia cegamente os laços e colchetes, recusando-se a afastar os lábios dos dela.

O traje meticulosamente elaborado cai num amontoado em volta dos pés dela.

Amarrando os laços soltos do espartilho de Celia ao redor do próprio punho, Marco a puxa para o chão junto com ele.

Os dois continuam a remover camada após camada até nada mais separar seus corpos.

Aprisionado no silêncio, Marco desenha desculpas e adorações no corpo de Celia com a língua, expressando sem palavras todas as coisas que não pode falar em voz alta.

Encontra também outras formas de dizer isso a ela, os dedos deixando rastros desmaiados de tinta pelo trajeto. Saboreia todos os sons que provoca nela.

O aposento inteiro estremece quando eles chegam juntos ao clímax.

E a despeito do grande número de objetos frágeis contidos no recinto, nada se quebra.

Acima deles, o relógio continua a virar suas páginas, desenrolando histórias pequenas demais para serem lidas.

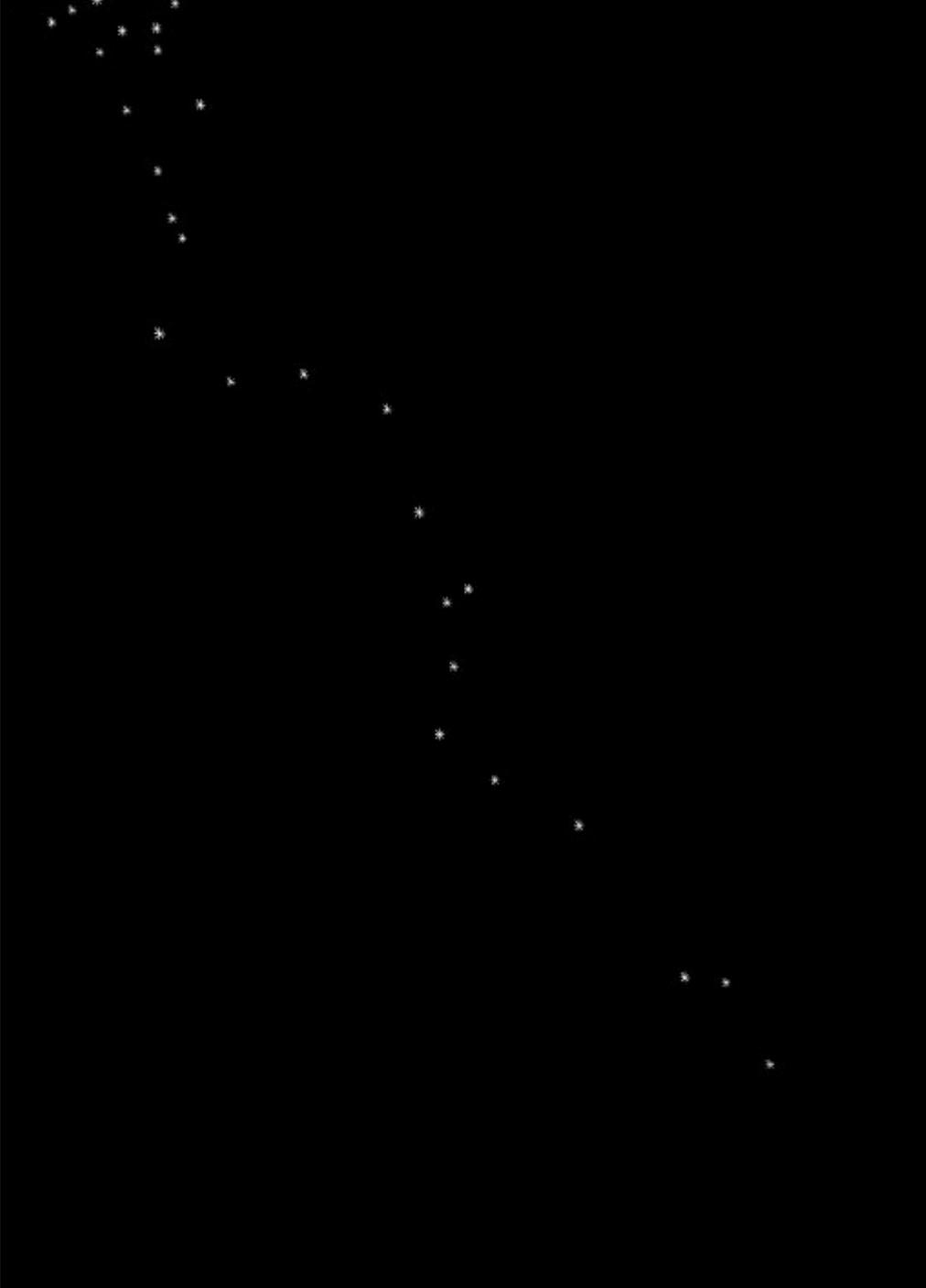
*

MARCO NÃO SE LEMBRA DE TER ADORMECIDO. Num instante Celia está aninhada em seus braços, a cabeça descansando em seu peito enquanto ouve seu coração batendo, e no instante seguinte ele está só.

O fogo se extinguiu até se transformar numa brasa sem chamas. A alvorada cinzenta penetra pelas janelas, projetando sombras suaves.

Sobre o dois de copas há um anel prateado com uma inscrição em latim. Marco sorri, colocando o anel de Celia em seu dedo mínimo, ao lado da cicatriz de seu anular.

Só mais tarde percebe que a salvaguarda de capa de couro que estava em sua mesa desapareceu.



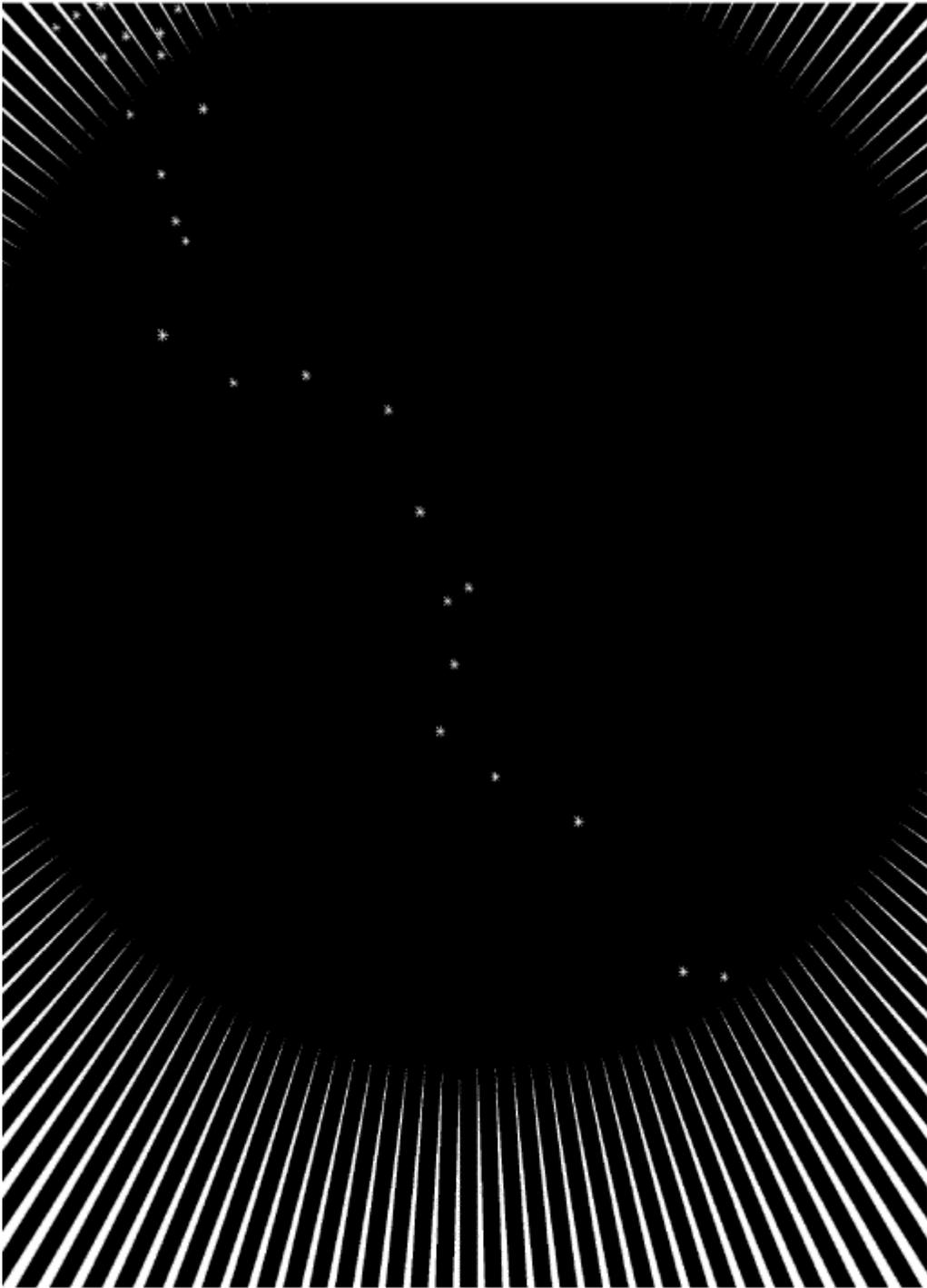
Parte IV

INCENDIÁRIO



Existem tendas, tenho certeza, que ainda não descobri nas minhas inúmeras visitas ao circo. Embora tenha visto muitas paisagens, percorrido diversos caminhos disponíveis, há sempre recantos que permanecem inexplorados, portas que permanecem fechadas.

— FRIEDRICK THIESSEN, 1896



Tecnicidades

LONDRES, 1º DE NOVEMBRO DE 1901

Celia gostaria de parar o tempo enquanto ouve as batidas do coração de Marco e o tique-taque do relógio ao fundo. Ficar para sempre naquele momento, aninhada em seus braços, a mão dele acariciando suas costas com suavidade. Não precisar ir embora.

Ela só consegue desacelerar os batimentos cardíacos de Marco o suficiente para que ele adormeça profundamente.

Poderia acordá-lo, mas o céu lá fora já começa a brilhar e ela não suporta a ideia de se despedir.

Por isso, prefere beijá-lo delicadamente nos lábios e se vestir em silêncio enquanto ele dorme. Tira o anel do dedo e o deixa sobre a lareira, entre os dois corações gravados na carta de baralho.

Faz uma pausa enquanto veste o casaco, observando os livros espalhados pela mesa.

Se entendesse melhor os sistemas dele, talvez pudesse usá-los para tornar o circo mais independente. Tirar um pouco do peso de si mesma. Conseguir que os dois ficassem juntos um pouco mais que algumas horas furtivas, sem desafiar as regras do jogo.

É o melhor presente que ela imagina poder dar a ele, se não conseguirem forçar um veredito de seus instrutores.

Pega o volume cheio de nomes. Parece um bom lugar para começar, pois ela entende a base do que deve ser feito.

Leva o livro consigo ao sair.

Celia fecha a porta do apartamento de Marco o mais silenciosamente possível e desliza pelo corredor escuro, o livro com capa de couro debaixo do

braço. As fechaduras se trancam atrás dela com uma série de cliques suaves e abafados.

E não percebe a figura escondida nas sombras ali perto até ouvir.

— Sua vagabunda traiçoeira — diz seu pai.

Celia fecha os olhos, tentando se concentrar, mas sempre foi difícil afastá-lo depois de ele já ter conseguido acesso a ela, então não consegue fazer nada.

— Fico surpresa de você me esperar no corredor para dizer isso, papai — replica Celia.

— Este lugar é tão bem protegido que é um completo absurdo — diz Hector, indicando a porta. — Nada poderia entrar ali sem que o garoto permita de forma explícita.

— Ótimo — comenta Celia. — Assim você fica longe dele, e longe de mim.

— O que está fazendo com isso? — pergunta ele, apontando o livro debaixo do braço dela.

— Nada que seja da sua conta — responde Celia.

— Você não pode interferir no trabalho dele — diz Hector.

— Eu sei, parece que interferência é uma das poucas coisas não permitidas pelas regras. Eu não pretendo interferir, só quero aprender os sistemas dele para não ter que administrar tanta coisa no circo.

— Os sistemas dele. Você não tem nada a fazer com os sistemas do *Alexander*. Você não tem ideia do que está fazendo. Superestimei sua capacidade de enfrentar esse desafio.

— É este o jogo, não é? — pergunta Celia. — É sobre como lidamos com as repercussões da magia quando se manifesta num espaço público, num mundo que não acredita nessas coisas. É um teste de resistência e controle, não de habilidade.

— É um teste de força — diz Hector. — E você é fraca. Mais fraca do que pensei.

— Então deixe que eu perca — retruca. — Eu estou cansada, papai. Não consigo mais fazer isso. Você não vai poder se vangloriar na frente de uma garrafa de uísque quando o vencedor for declarado.

— Ninguém é *declarado* vencedor — retruca o pai. — O jogo continua a ser jogado, sem parar. Você já deveria ter percebido isso a esta altura. Você costumava ser mais esperta.

Celia olha para ele, repensando as palavras, reunindo as obscuras não respondidas sobre as regras que lhe fornecera ao longo dos anos. De repente a forma dos elementos que ele sempre evitou fica mais aparente, esclarecendo fatores-chave desconhecidos.

— O vitorioso é o que continuar em pé quando o outro não conseguir mais resistir — resume Celia, compreendendo afinal o sentido daquele cenário devastador.

— É uma generalização grosseira, mas acho que é uma definição.

Celia volta ao apartamento de Marco e apoia a mão na porta.

— Pare de se comportar como se amasse esse rapaz — diz Hector. — Você está acima dessas coisas mundanas.

— E você está disposto a me sacrificar por isso — fala em voz baixa. — Permitir que eu me destrua só para tentar provar o seu ponto de vista. Você me envolveu neste jogo sabendo quais eram os riscos, e me deixou pensar que não era nada mais que um simples confronto de aptidões.

— Não me olhe dessa maneira — contesta Hector —, como se achasse que sou desumano.

— Eu consigo ver através de você — repreende Celia. — Não exige muito da minha imaginação.

— Não seria diferente se eu ainda fosse como era quando isso começou.

— E o que acontece com o circo depois do jogo? — pergunta Celia.

— O circo era apenas um local — responde ele. — Um estádio. Um coliseu muito festivo. Você poderia continuar com ele depois de vencer, mas sem o jogo o lugar não tem nenhum propósito.

— Suponho então que as demais pessoas envolvidas também não tenham mais nenhum propósito — reflete Celia. — Os destinos de cada um seriam apenas consequências?

— Todas as ações têm repercussões — diz Hector. — Faz parte do desafio.

— Por que está me dizendo agora coisas que nunca chegou a mencionar?

— Porque antes eu nunca pensei que você estivesse na posição de perdedora.

— Você quer dizer que não pensou que seria eu a morrer — diz Celia.

— É uma technicalidade — observa o pai. — Um jogo só se completa quando resta apenas um jogador. Não há outra maneira de terminar. Pode esquecer seus sonhos insensatos de continuar bancando a puta para esse

ninguém que Alexander colheu numa sarjeta de Londres quando tudo isso acabar.

— E quanto aos que restaram? — pergunta Celia, ignorando os comentários do pai. — Você disse que o aluno de Alexander venceu o último desafio. O que aconteceu com ele?

Uma risada zombeteira tremeluz nas sombras antes de Hector responder.

— *Ela* está dando nós em si mesma no seu precioso circo.


**BRINCANDO COM FOGO**


A única iluminação na tenda vem do fogo. As labaredas são de um branco radiante e brilhante, como a fogueira no pátio.

Você passa por um engolidor de fogo sobre uma plataforma listrada. Ele mantém pequenas linguetas de fogo dançando em longas varetas enquanto se prepara para engolir todas.

Em outra plataforma, uma mulher segura duas longas correntes com uma bola de chamas em cada ponta. Ela as gira em círculos que deixam trilhas cintilantes de luz branca pelo caminho, movendo-se tão rapidamente que parecem mais fios de fogo do que chamas isoladas, presas em correntes.

Nas múltiplas plataformas, artistas fazem malabarismos com tochas lançando-as para o ar. Às vezes atiram-nas uns para os outros em uma chuva de centelhas.

Em toda parte existem argolas de fogo empoleiradas em diferentes níveis, por onde os artistas entram e saem à vontade, como se os aros fossem apenas de metal e não círculos de chamas ardentes.

A artista nessa plataforma segura bolas de fogo nas mãos nuas, e as transforma em serpentes e flores e muitas outras coisas. Voam faíscas de estrelas cadentes, pássaros surgem das chamas e desaparecem como miniaturas de fênix em suas mãos.

Ela sorri na sua direção enquanto você vê as chamas brancas na mão dela se transformarem num barco com um movimento preciso dos dedos. Um livro. Um coração de fogo.

月子

NO TRAJETO ENTRE LONDRES E MUNIQUE, 1º DE NOVEMBRO DE 1901

O escape do trem não chama a atenção enquanto ele se desloca pela paisagem, bufando nuvens de fumaça cinzenta no ar. A locomotiva é quase toda preta. Os vagões que puxa são também monocromáticos. Nos que têm janelas, o vidro é fumê e sombreado; os que não têm são pretos como carvão.

A composição viaja em silêncio, sem apitos ou buzinas. As rodas não chamam nos trilhos, deslizam de forma suave e silenciosa. O trem passa quase sem ser notado em seu percurso, sem paradas.

Visto de fora, parece um trem a vapor ou algo assim. Não chama a atenção. O lado de dentro é outra história.

Seu interior é luxuoso, dourado e aquecido. A maior parte dos vagões de passageiros é forrada com grossos carpetes estampados, decorada com veludos em tons vinho, creme e violeta, como se tivesse sido banhada no crepúsculo, flanando ao pôr do sol e mantendo as cores antes de se esmaecerem nas estrelas noturnas.

Arandelas iluminam os corredores, cascatas de cristal derramam-se delas e balançam com o movimento do trem. Tudo muito sereno e tranquilizante.

Logo depois da partida, Celia guarda o livro de capa de couro em segurança, camuflado entre os próprios livros.

Troca o vestido manchado de sangue por outro, diáfano e num tom de cinza lunar, atado com fitas em preto, branco e grafite, um dos favoritos de Friedrich.

As fitas flutuam quando ela anda pelo trem.

Celia para diante da única porta com dois caracteres tão bem caligrafados quanto um nome escrito à mão em uma etiqueta ao lado.

As delicadas batidas na porta são respondidas de imediato, com um convite para entrar.

Embora quase todos os compartimentos do trem sejam saturados de cores, o vagão particular de Tsukiko é quase todo neutro. Um espaço despojado, cercado por telas de papel e cortinas de seda crua, perfumado com aromas de creme e gengibre.

A contorcionista está sentada no chão no centro do aposento, usando um quimono vermelho. Um coração carmesim pulsando no meio do recinto mais claro.

E ela não está só. Isobel está deitada no chão, a cabeça apoiada no colo de Tsukiko, chorando em silêncio.

— Eu não quis interromper — desculpa-se Celia. Hesita no corredor, pronta para fechar a porta de correr outra vez.

— Você não está interrompendo nada — diz Tsukiko, convidando-a a entrar. — Talvez até consiga me ajudar a convencer Isobel de que ela precisa descansar um pouco.

Celia não diz nada, mas Isobel enxuga os olhos, balançando a cabeça enquanto se levanta.

— Obrigada, Kiko — agradece, alisando as dobras do vestido. Tsukiko continua sentada, prestando atenção em Celia.

Isobel para ao lado de Celia no caminho até a porta.

— Sinto muito por Herr Thiessen — diz.

— Eu também.

Por um instante Celia acha que Isobel quer abraçá-la, mas ela faz apenas um gesto de cabeça antes de sair, fechando a porta atrás de si.

— Essas últimas horas têm sido muito longas para todos nós — reflete Tsukiko depois da saída de Isobel. — Você precisa de um chá — acrescenta antes que Celia possa explicar por que está ali. Tsukiko a acomoda em uma almofada e anda em silêncio até o final do vagão, trazendo de volta consigo seu aparelho de chá de trás de um alto painel.

Não se trata da cerimônia do chá completa que ela já conduziu em diversas ocasiões ao longo dos anos, mas observar Tsukiko preparar duas xícaras de chá verde é muito bonito e tranquilizante.

— Por que você nunca me contou? — questiona Celia quando Tsukiko se acomoda a sua frente.

— Não contei o quê? — diz ela, sorrindo sobre o chá.

Celia suspira, perguntando-se se Lainie Burgess sentiu a mesma frustração à frente de duas diferentes xícaras de chá em Constantinopla. Tem vontade de quebrar a tigela de chá de Tsukiko, só para ver o que ela faria.

— Você se machucou? — pergunta Tsukiko, indicando a cicatriz no dedo de Celia.

— Fui presa a um desafio quase trinta anos atrás — responde. Dá um gole no chá antes de acrescentar. — Você vai me mostrar a sua cicatriz, agora que viu a minha?

Tsukiko sorri e deposita o chá no assoalho a sua frente. Depois se vira e abaixa a gola do quimono.

Na nuca, no espaço entre uma chuva de símbolos tatuados, aninhada na curva de uma lua crescente, ela vê uma cicatriz esmaecida mais ou menos do tamanho de um anel.

— Como você vê, as cicatrizes duram mais do que o jogo — explica Tsukiko, ajeitando o quimono em volta do pescoço.

— Foi um dos anéis do meu pai que fez isso — observa Celia, mas a mulher não nega nem confirma.

— Como está o seu chá? — pergunta.

— Por que você está aqui? — replica Celia.

— Eu fui contratada como contorcionista.

Celia descansa a xícara de chá.

— Eu não estou com paciência para isso, Tsukiko — declara.

— Se escolhesse suas perguntas com mais cuidado, poderia receber respostas mais satisfatórias.

— Por que você nunca me falou que sabia sobre o desafio? — pergunta Celia. — Que já tinha passado por isso antes?

— Eu fiz um acordo de não revelar nada a não ser que fosse diretamente abordada — responde Tsukiko. — E mantive a palavra.

— Por que você veio aqui, quando tudo começou?

— Eu estava curiosa. Era o primeiro desafio desse tipo desde o de que participei. Eu nem pretendia ficar.

— E por que ficou?

— Gostei de Monsieur Lefèvre. O local do meu desafio foi bem mais íntimo, e este parecia diferente. É difícil encontrar lugares realmente diferentes. Fiquei para observar.

— Você tem nos vigiado — diz Celia.

Tsukiko confirma com um aceno de cabeça.

— Fale mais sobre o jogo — pede Celia, na esperança de ter uma resposta mais abrangente, agora que Tsukiko está mais aberta.

— Existem mais coisas envolvidas do que você supõe — responde ela. — Eu também não entendia as regras, na minha época. Não envolve apenas o que você chama de mágica. Você acha que acrescentar uma nova tenda ao circo é uma jogada? É mais do que isso. Tudo o que você faz, todos os momentos do dia e da noite são uma jogada. Você carrega seu tabuleiro com você, ele não está contido nas lonas e nas listras. Ainda que você e seu oponente não tenham o luxo de possuir quadrados elegantes para se situarem.

Celia considera a ideia enquanto beberica o chá. Tentando assimilar o fato de que tudo o que acontecera dentro do circo, com Marco, fazia parte do jogo.

— Você o ama? — pergunta Tsukiko, observando-a com um olhar pensativo e a sugestão de um sorriso que poderia ser de solidariedade, mas Celia sempre achou difícil decifrar as expressões da contorcionista.

Celia suspira. Não há uma boa razão para negá-lo.

— Amo — responde.

— E acha que ele ama você?

Celia não responde. A forma da pergunta a aborrece. Poucas horas atrás, ela tinha certeza. Agora, naquela caverna de seda levemente perfumada, o que aparentava ser constante e inquestionável parece tão delicado quanto o vapor que flutua sobre o seu chá. Frágil como uma ilusão.

— O amor é frágil e passageiro — continua Tsukiko. — Raramente fornece uma base sólida para se tomar decisões, em qualquer jogo.

Celia fecha os olhos e tenta impedir que suas mãos tremam.

Demora mais do que ela gostaria para recuperar o controle.

— Isobel também chegou a pensar que ele a amava — continua Tsukiko. — Ela tinha certeza. Por isso veio para o circo, para ajudá-lo.

— Ele me ama de verdade — afirma Celia, embora as palavras não pareçam tão fortes quando saem de seus lábios quanto eram na sua cabeça.

— Pode ser — responde Tsukiko. — Ele é muito habilidoso em manipulações. Você nunca mentiu para pessoas dizendo apenas o que elas gostariam de ouvir?

Celia não sabe o que é pior. Saber que o jogo só termina quando um dos dois morre ou a possibilidade de não significar nada para ele. De ser apenas

uma peça em um tabuleiro. Esperando para ser derrubada e sofrer um xeque-mate.

— É uma questão de ponto de vista, a diferença entre parceiro e oponente — explica Tsukiko. — Você dá um passo para o lado e a mesma pessoa pode ser as duas coisas ou outra totalmente diferente. É difícil saber qual é a verdadeira. E você ainda tem muitos fatores com que lidar, além do seu oponente.

— E você não tinha? — pergunta Celia.

— Meu local não era tão abrangente. Envolvia menos pessoas, menos movimento. Não havia muito a proteger além do desafio. A maior parte agora é um jardim de chá, acredito. Nunca mais voltei ao local desde que o desafio foi concluído.

— O circo pode continuar, depois que este desafio for... concluído — diz Celia.

— Seria bom — concorda Tsukiko. — Um tributo apropriado a Herr Thiessen. Mas seria complicado tornar isso tudo independente de você e do seu oponente. Você assumiu uma grande responsabilidade por tudo isso. É vital para esta operação. Se eu cravasse uma faca no seu coração agora, este trem sofreria um acidente.

Celia põe o chá de lado, observando os suaves movimentos do trem que provocam ondulações na superfície do líquido. Calcula mentalmente quanto demoraria para parar o trem, quanto tempo poderia ser capaz de manter seu coração pulsando. Chega à conclusão de que dependeria da faca.

— É possível — concorda.

— Se eu apagasse a fogueira, ou o seu guardião, também seria problemático, não seria?

Celia confirma com um aceno de cabeça.

— Você tem um trabalho a fazer, se quiser que o circo continue — observa Tsukiko.

— Você está me oferecendo ajuda? — pergunta Celia, na esperança de que ela possa ser útil na tradução dos sistemas de Marco, já que os dois compartilharam o mesmo instrutor.

— Não — retruca Tsukiko, negando com um aceno educado de cabeça, o sorriso suavizando a dureza da palavra. — Só vou interferir se você não conseguir lidar com a situação de forma adequada. Isso já foi longe demais, mas eu vou dar mais um tempo a você.

— Quanto tempo? — pergunta Celia.

Tsukiko dá um gole no chá.

— O tempo é algo que não consigo controlar — responde. — Vamos ver.

As duas se mantêm num silêncio meditativo por parte daquele momento incontrolável, o movimento do trem agitando levemente as cortinas de seda, o aroma de creme e gengibre as envolvendo.

— O que aconteceu com o seu oponente? — pergunta Celia.

Tsukiko não olha para Celia, mas abaixa o olhar para o chá antes de responder.

— Minha oponente é agora um pilar de cinzas num campo em Kyoto — responde. — A não ser que o tempo e o vento já a tenham levado.

A fuga

CONCORD E BOSTON, 31 DE OUTUBRO DE 1902

Bailey anda em círculos pelo terreno vazio por algum tempo antes de se convencer de que o circo foi mesmo embora. Não há nada ali, nem mesmo uma folha de grama amassada, que indique que o local estivesse ocupado horas antes.

Senta-se no chão, segurando a cabeça entre as mãos e sentindo-se totalmente perdido, embora tivesse brincado naqueles campos desde que era pequeno.

Lembra-se de Poppet ter mencionado um trem.

Um trem que teria de ir até Boston para chegar depois a outro destino mais distante.

No instante em que esse pensamento passa pela sua cabeça, Bailey já está de pé, correndo o mais rápido que pode em direção à estação ferroviária.

Não há nenhum trem à vista quando chega lá, sem fôlego e com dores no local em que a mochila veio batendo em suas costas. Tinha esperança de que de alguma forma o trem do circo, que ele nem sabia ao certo se existia, estivesse ali esperando.

Mas a plataforma está deserta, há apenas duas figuras sentadas num dos bancos, um homem e uma mulher, ambos usando casacos pretos.

Demora um tempo até Bailey perceber que também estão usando cachecóis vermelhos.

— Tudo bem com você? — pergunta a mulher quando ele corre até a plataforma.

Bailey não consegue identificar bem o sotaque.

— Vocês estão aqui por causa do circo? — indaga Bailey, ofegante.

— Na verdade, estamos — responde o homem, com o mesmo sotaque cadenciado. — Só que o circo partiu, creio que já tenha percebido.

— Fechou mais cedo também, mas isso não é muito incomum — acrescenta a mulher.

— Vocês conhecem Poppet e Widget? — pergunta Bailey.

— Quem? — pergunta o homem. A mulher inclina a cabeça como se não tivesse entendido a pergunta.

— São dois irmãos gêmeos que fazem um espetáculo com gatinhos — explica Bailey. — Eles são meus amigos.

— Os gêmeos! — exclama a mulher. — E os seus gatos maravilhosos! Como você conseguiu ficar amigo deles?

— É uma longa história — responde Bailey.

— Então você poderia nos contar enquanto esperamos — diz com um sorriso. — Também está indo para Boston?

— Não sei — responde Bailey. — Eu estava tentando seguir o circo.

— É exatamente o que estamos fazendo — esclarece o homem. — Mas não podemos seguir Le Cirque sem saber para onde está indo. Isso deve demorar um dia.

— Espero que reapareça em algum lugar acessível — comenta a mulher.

— Como vão saber onde está? — pergunta Bailey, com um leve tom de descrença.

— Nós, *rêveurs*, temos os nossos métodos — responde a mulher, sorrindo. — Ainda temos uma longa espera, e isso deve nos dar tempo para trocar histórias.

O nome do homem é Victor, e o da irmã é Lorena. Os dois estão no que definem como longas férias de circo, seguindo Le Cirque des Rêves por tantas localidades quanto conseguirem. Normalmente eles só fazem isso na Europa, mas nessas férias decidiram ir atrás do circo até o outro lado do Atlântico. Os dois já estiveram inclusive no Canadá.

Bailey faz um resumo da história de como veio a se tornar amigo de Poppet e Widget, deixando de lado os detalhes mais curiosos.

Quando o amanhecer se aproxima, o grupo ganha a companhia de outro *rêveur*, uma mulher chamada Elizabeth, que estava hospedada na estalagem local e também está indo para Boston agora que o circo partiu. É recebida efusivamente, todos parecem ser velhos amigos, embora Lorena diga que só se

conheceram poucas semanas atrás. Enquanto esperam o trem, Elizabeth tira da bolsa agulhas de tricô e um novelo de lã vermelho-escura.

Lorena apresenta Bailey como um jovem *rêveur* sem cachecol.

— Eu não sou um *rêveur*, na verdade — diz Bailey. Ainda não sabe ao certo se entende o significado do termo.

Elizabeth o observa por cima do tricô, avaliando-o com olhos apertados que o fazem se lembrar de seus professores mais enérgicos, embora ele seja muito mais alto que ela. Elizabeth inclina-se com um ar de conspiradora.

— Você adora Le Cirque des Rêves? — pergunta.

— Sim — responde sem hesitar.

— Mais do que qualquer outra coisa no mundo? — acrescenta ela.

— Sim — responde Bailey. Não consegue deixar de sorrir, a despeito do tom sério da mulher e do estado de nervos que ainda mantém seu coração batendo num ritmo irregular.

— Então você é um *rêveur* — anuncia Elizabeth. — Não importa o que você esteja usando.

Eles contam a Bailey histórias do circo e de outros *rêveurs*. Da existência de uma espécie de rede que acompanha os movimentos do circo, notificando outros *rêveurs* para que possam se deslocar de um lugar para outro. Victor e Lorena seguem o circo há anos, sempre que seus compromissos lhes permitem, enquanto Elizabeth normalmente só faz excursões nas proximidades de Nova York e explica que essa foi uma longa viagem para ela. Fala também de um clube informal de *rêveurs* com base na cidade, que organiza reuniões regulares para manter contato enquanto o circo está ausente.

O trem chega pouco depois do nascer do sol, e as histórias continuam no caminho para Boston, enquanto Elizabeth tricota e Lorena deita a cabeça no braço dela, sonolenta.

— Onde você vai ficar na cidade? — pergunta Elizabeth.

Bailey ainda não havia pensado nisso, pois está fazendo a jornada dando um passo de cada vez, tentando não se preocupar com o que poderá acontecer quando chegarem a Boston.

— Ainda não sei ao certo — responde. — Provavelmente vou ficar na estação até saber para onde ir em seguida.

— Bobagem — exclama Victor. — Você vai ficar conosco. Temos quase um andar inteiro no Parker House. Você pode ficar no quarto de August, ele

voltou a Nova York ontem e eu ainda nem notifiquei a gerência que temos um quarto vago.

Bailey tenta argumentar, mas Lorena o detém.

— Meu irmão é tremendamente teimoso — sussurra. — Quando resolve alguma coisa, não há quem o demova.

E, de fato, Bailey é colocado na carruagem que os transporta quase no exato momento em que descem do trem. Quando chegam ao hotel, sua mala é levada junto com a bagagem de Elizabeth.

— Algum problema? — pergunta Lorena ao vê-lo observar o opulento saguão, boquiaberto.

— Sinto-me como essas garotas de contos de fadas, daquelas que nem têm sapatos e que de alguma forma vão ao baile no castelo — sussurra Bailey, e ela ri tão alto que várias pessoas se viram para olhar.

Bailey é conduzido a um quarto de um tamanho equivalente à metade da casa onde mora, mas percebe que não consegue dormir, apesar das pesadas cortinas que bloqueiam a luz do sol. Fica andando no quarto até sentir medo de estragar o carpete, depois se senta perto da janela, observando as pessoas lá embaixo.

Fica aliviado ao ouvir batidas na porta, no meio da tarde.

— Já descobriram onde está o circo? — pergunta, antes de Victor falar qualquer coisa.

— Ainda não, meu jovem — ele responde. — Às vezes ficamos sabendo com antecedência para onde o circo está indo, mas isso não tem acontecido nos últimos tempos. Imagino que vamos descobrir algo até o final do dia, e se continuarmos com sorte partiremos amanhã logo cedo. Você tem um terno?

— Não aqui comigo — responde Bailey, lembrando-se do terno guardado num baú em sua casa, para ocasiões especiais. Imagina que talvez tenha crescido nesse ínterim, mas não consegue recordar exatamente qual foi a última ocasião especial em que usou aquele traje.

— Então vamos comprar um para você — diz Victor, como se fosse tão fácil quanto comprar um jornal.

Os dois encontram Lorena no saguão e Bailey é carregado pela cidade para realizar uma série de tarefas, inclusive uma parada num alfaiate para obter o seu terno.

— Não, não — diz Lorena enquanto examinam alguns. — Nenhum combina com a cor dele. Bailey precisa de algo cinza. Um belo cinza-escuro.

Depois de muitos alfinetes e inúmeras medições, Bailey acaba com o terno mais bonito que já teve na vida, num tom grafite, ainda mais bonito que o melhor terno do seu pai. Apesar de seus protestos, Victor também compra sapatos muito lustrosos e um chapéu novo para ele.

O reflexo no espelho é tão diferente do que ele está acostumado que Bailey tem dificuldade em acreditar que é realmente aquela pessoa.

Eles voltam ao Parker House com um monte de sacolas, fazendo apenas uma breve parada nos quartos para descansar antes de Elizabeth voltar para buscá-los para o jantar.

Para surpresa de Bailey, há quase uma dúzia de *rêveurs* esperando no restaurante no andar de baixo, alguns que continuarão seguindo o circo e outros que vão ficar em Boston. Sua timidez diante do luxo do restaurante é mitigada pelos modos informais e desembaraçados do grupo. Fiéis aos próprios costumes, quase todos estão vestidos de preto, branco ou cinza, com toques brilhantes de vermelho nas gravatas e nos lenços.

Quando Lorena percebe que Bailey não está usando nada vermelho, retira disfarçadamente uma rosa de um arranjo floral e a coloca na lapela dele.

As histórias do circo, narradas durante os vários pratos servidos, são intermináveis, com menções a tendas que Bailey nunca viu e a países de que jamais ouviu falar. Ele apenas ouve as narrativas, ainda atônito por ter encontrado um grupo de pessoas que adora o circo tanto quanto ele.

— Vocês acham que... está havendo algum problema com o circo? — pergunta Bailey em voz baixa, quando a mesa se divide em conversas separadas. — Quero dizer, recentemente?

Victor e Lorena entreolham-se como que avaliando quem deveria responder, mas é Elizabeth quem fala primeiro.

— Não tem sido a mesma coisa desde a morte de Herr Thiessen — diz.

Victor franze o cenho de repente, enquanto Lorena balança a cabeça, concordando.

— Quem é Herr Thiessen? — pergunta Bailey.

Os três olham para ele, surpresos com sua ignorância.

— Friedrich Thiessen foi o primeiro *rêveur* — responde Elizabeth. — Era um relojoeiro. Foi ele quem fez o relógio atrás dos portões.

— Aquele relógio foi feito por alguém de fora do circo? É mesmo? — pergunta Bailey. Era algo que ele nunca pensara em perguntar a Poppet e Widget. Para ele, era uma coisa nascida no próprio circo.

Elizabeth confirma com um aceno de cabeça.

— E também era escritor — intervém Victor. — Foi como nós o conhecemos, muitos anos atrás. Lemos um artigo que ele escreveu sobre o circo e mandamos uma carta. Ele respondeu e as coisas começaram a acontecer. Isso foi bem antes de nos chamarmos de *rêveurs*.

— Ele construiu um relógio para mim que parece o Carrossel — explica Lorena, parecendo saudosa. — Com pequenas criaturas pairando entre nuvens e mecanismos prateados. É uma coisa maravilhosa, gostaria de poder levá-lo sempre comigo. Mas é bom ter uma lembrança do circo guardada em casa.

— Ouvi dizer que ele teve um romance secreto com a ilusionista — observa Elizabeth, sorrindo por cima da taça de vinho.

— Uma fofoca absurda — resmungo Victor.

— Ele sempre falou muito bem dela em seus textos — comenta Lorena, como se considerasse a possibilidade.

— Como alguém poderia não gostar dela? — pergunta Victor. Lorena vira-se para olhá-lo com curiosidade. — Ela é extremamente talentosa — murmura, e Bailey vê que Elizabeth tenta não rir.

— E o circo não é o mesmo sem Herr Thiessen? — pergunta Bailey, ponderando se isso teria algo a ver com o que Poppet lhe disse.

— É muito diferente sem ele, claro. Ao menos para nós — comenta Lorena. Faz uma pausa pensativa antes de continuar. — O próprio circo parece um pouco diferente. Nada específico, só que algo...

— Algo está fora do lugar — intervém Victor. — Como um relógio cujo pêndulo não oscila da forma apropriada.

— Quando ele morreu? — pergunta Bailey. Não tem coragem de perguntar como.

— Esta noite faz um ano, a propósito — responde Victor.

— Ah, isso não tinha me ocorrido — diz Lorena.

— Um brinde a Herr Thiessen — propõe Victor em voz alta, para que todos ouçam, e levanta sua taça. Cálices são erguidos por toda a mesa, e Bailey também ergue o seu.

As histórias envolvendo Herr Thiessen prosseguem enquanto a sobremesa é servida, e são interrompidas apenas por uma discussão quanto às razões de o bolo ser chamado de torta quando claramente é um bolo. Victor se retira depois do café, recusando-se a ponderar sobre o assunto da sobremesa.

Quando retorna à mesa, está com um telegrama na mão.

— Meus amigos, estamos indo para Nova York.

Impasse

MONTREAL, AGOSTO DE 1902

Quando a ilusionista faz sua reverência e desaparece diante dos olhos de sua arrebatada plateia, todos batem palmas, aplaudindo o espaço vazio. Levantam-se de suas cadeiras e alguns tagarelam com os companheiros, maravilhados com esse ou aquele truque enquanto saem em fila pela porta que reapareceu na lateral da tenda listrada.

Sentado no círculo mais externo de cadeiras, um homem permanece no lugar enquanto todos se levantam. Seus olhos, quase ocultos pela sombra projetada pelo chapéu-coco, estão fixos no espaço central do círculo ocupado pela ilusionista instantes antes.

O restante da plateia retira-se.

O homem continua sentado.

Depois de alguns minutos a porta desaparece da lateral da tenda, tornando-se mais uma vez invisível.

O olhar do homem não vacila. Ele só dá uma espiada na porta que some.

Instantes depois, Celia está sentada numa cadeira no círculo em frente a ele, ainda com o traje que usou durante a apresentação, um vestido preto coberto por uma delicada renda branca.

— Você costuma se sentar atrás — diz.

— Eu queria ter uma visão melhor — explica Marco.

— Você percorreu um longo caminho para chegar até aqui.

— Eu precisava tirar umas férias.

Celia baixa os olhos para as próprias mãos.

— Você não esperava que eu viesse de tão longe, não é? — pergunta Marco.

— Não, não esperava.

— É difícil se esconder quando se viaja com um circo inteiro.

— Eu não estou me escondendo — diz Celia.

— Está, sim — replica Marco. — Tentei falar com você no funeral de Herr Thiessen, mas você foi embora antes que eu a encontrasse, e depois levou o circo para o outro lado do oceano. Você está me evitando.

— Não é intencional — explica Celia. — Eu precisava de um tempo para pensar. Obrigada pelo Poço de Lágrimas — acrescenta.

— Eu queria que tivesse um lugar onde se sentisse segura para chorar se eu não pudesse estar com você.

Ela fecha os olhos e não responde.

— Você roubou o meu livro — diz Marco depois de um momento.

— Desculpe-me — responde Celia.

— Enquanto estiver em lugar seguro, não importa se estiver comigo ou com você. Mas você poderia ter me pedido. Poderia ter se despedido.

Celia balança a cabeça, concordando.

— Eu sei.

Nenhum dos dois fala por um tempo.

— Estou tentando tornar o circo independente — diz Celia. — Desligá-lo do desafio, de nós. De mim. Eu precisava aprender o seu sistema para que funcionasse direito. Não posso deixar um lugar que é tão importante para tanta gente desaparecer. Algo que é ao mesmo tempo uma maravilha, um mistério e um consolo com o qual eles não poderiam mais contar. Se você tivesse isso, não iria querer preservar?

— Eu tenho isso sempre que estou com você — diz Marco. — Deixe-me ajudar.

— Não preciso da sua ajuda.

— Você não vai conseguir fazer isso sozinha.

— Tenho a ajuda de Ethan Barris e Lainie Burgess — diz Celia. — Eles concordaram em responsabilizar-se pela administração da operação básica. Com um pouco mais de treino, Poppet e Widget devem conseguir lidar com os aspectos de manipulação que Ethan e Lainie não podem administrar. Eu... não preciso de você.

Celia não consegue encará-lo.

— Você não confia em mim — diz ele.

— Isobel confiava em você — replica Celia, olhando para o chão. — Chandresh também. Como posso acreditar que está sendo honesto comigo se

não foi com eles, quando sou eu que ofereço a maior razão para você me enganar?

— Eu nunca disse a Isobel que a amava — pondera Marco. — Eu era jovem e estava só e desesperado, não deveria ter deixado que ela pensasse que eu sentia mais do que sentia, mas meu sentimento por ela não é nada comparado ao que sinto por você. Não é uma tática para enganar você. Acha mesmo que sou tão cruel?

Celia levanta-se da cadeira.

— Boa noite, Sr. Alisdair — diz.

— Celia, espere — retruca Marco, levantando-se, mas sem se aproximar dela. — Você está partindo o meu coração. Uma vez você me disse que eu fazia você se lembrar do seu pai. Que não queria sofrer como sua mãe sofreu por ele, mas está fazendo exatamente isso comigo. Está sempre me abandonando. Fazendo com que eu sinta sua falta cada vez mais, quando eu daria tudo para você ficar, e isso está me matando.

— Precisa mesmo matar um de nós dois — responde Celia em voz baixa.

— O quê? — pergunta Marco.

— O vitorioso será o que sobreviver — explica. — O vencedor vive, o perdedor morre. É assim que o jogo termina.

— Não... — Marco faz uma pausa, balançando a cabeça. — Esse não pode ser o objetivo do jogo.

— Mas é — insiste Celia. — É um teste de resistência, não de habilidade. Estou tentando tornar o circo autossuficiente antes que...

Não consegue terminar a frase, e ainda não consegue olhar para ele.

— Você vai fazer o que o seu pai fez — diz Marco. — Vai retirar-se do tabuleiro.

— Não exatamente — responde ela. — Acho que sempre fui mais filha da minha mãe.

— Não — contesta Marco. — Você não está falando sério.

— É a única maneira de parar o jogo.

— Então vamos continuar jogando.

— Não posso — contesta Celia. — Não posso mais continuar. A cada noite se torna mais difícil. Eu... preciso deixar você vencer.

— Mas eu não quero *vencer* — diz Marco. — Eu quero *você*. Essa é a verdade, Celia, você não entende?

Celia não diz nada, mas lágrimas começam a rolar pelo seu rosto. Ela não as enxuga.

— Como você pode pensar que eu não te amo? — pergunta Marco. — Celia, você é tudo para mim. Não sei quem está tentando convencer você do contrário, mas precisa acreditar em mim, por favor.

Ela olha para ele com os olhos cheios de lágrimas, a primeira vez que mantém o olhar fixo no dele.

— Esse foi o momento em que percebi que amava você — diz Marco.

Os dois estão em lados opostos de um pequeno aposento pintado de azul-claro salpicado de estrelas, à beira de uma piscina cheia de almofadas em matizes de joias coloridas. Um bruxuleante lustre paira acima deles.

— Eu me encantei no momento em que a vi pela primeira vez — continua Marco —, mas foi assim que eu soube.

O aposento ao redor muda outra vez, transformando-se num salão de baile vazio. A luz da lua penetra pelas janelas.

— Foi quando eu soube — diz Celia, a voz é um sussurro ecoando suavemente pelo recinto.

Marco se move para diminuir a distância entre os dois, beijando as lágrimas dela antes de chegar aos seus lábios.

Quando ele a beija, a fogueira fica mais brilhante. Os giros dos acrobatas refletem perfeitamente a luz. O circo todo cintila, ofuscando os visitantes.

Mas quando Celia se afasta, relutante, aquela imaculada coesão deixa de existir.

— Desculpe-me — diz.

— Por favor — insiste Marco, recusando-se a deixá-la ir, os dedos segurando firme a renda de seu vestido. — Por favor, não me deixe.

— É tarde demais — diz Celia. — Já era tarde demais quando cheguei a Londres para transformar o seu caderno de anotações em um pombo. Já havia muita gente envolvida. Qualquer coisa que um de nós faça tem efeito em todos aqui, em cada visitante que já passou por esses portões. Centenas de milhares de pessoas. São como moscas numa teia de aranha tecida quando eu tinha 6 anos, e agora eu mal consigo me mexer por medo de perder todo mundo.

Olha para ele, erguendo a mão para acariciar seu rosto.

— Você pode fazer uma coisa para mim? — pergunta.

— Qualquer coisa — garante Marco.

— Não volte mais — pede Celia, com a voz entrecortada.

E desaparece antes que Marco consiga protestar, da forma simples e elegante como encerra o seu ato, o vestido desaparecendo sob as mãos dele. Só seu perfume paira no espaço ocupado por ela instantes atrás.

Marco fica sozinho na tenda vazia, com nada mais que dois círculos de cadeiras e uma porta aberta, esperando que saia.

Antes de partir, tira uma única carta de baralho do bolso e a põe sobre a cadeira da ilusionista.

Visitações

SETEMBRO DE 1902

Celia Bowen está sentada a uma mesa cercada por pilhas de livros. Já faz algum tempo que ficou sem espaço para sua biblioteca, mas em vez de tornar o aposento maior ela preferiu deixar os livros se tornarem o aposento. Pilhas de livros funcionam como mesas, outras pendem do teto, ao lado de grandes gaiolas douradas com vários pombos brancos.

Outra gaiola redonda, apoiada em uma mesa e não suspensa do teto, contém um elaborado relógio tiquetaqueando imperturbável ao longo da tarde, que marca tanto as horas como os movimentos astrológicos.

Um grande corvo negro dorme fora da gaiola, sobre as obras completas de Shakespeare.

Velas de diferentes cores e formatos em candelabros de prata, queimando em conjuntos de três, rodeiam a mesa no centro do recinto. Sobre a mesa há uma xícara de chá que esfria devagar, um cachecol parcialmente emaranhado numa bola de algodão carmesim, um porta-retratos com a foto de um relojoeiro falecido, uma solitária carta de baralho há muito separada das outras e um livro aberto com símbolos, sinais e assinaturas obtidos de outros pedaços de papel.

Celia está com um caderno e uma caneta, tentando decifrar o sistema em que o livro está escrito.

Tenta pensar em como Marco estaria quando o escreveu, imaginando-o ao escrever em cada página, ao desenhar os delicados ramos de tinta da árvore que preenchem todo o livro.

Lê todas as assinaturas repetidas vezes, verificando se as mechas de cabelo estão bem coladas, escrutinando cada símbolo.

Passou tanto tempo repetindo aquele procedimento que poderia recriar o livro de memória, mas ainda não entendeu totalmente como o sistema funciona.

O corvo se agita e pia para algo nas sombras.

— Você está incomodando Huginn — reclama Celia sem erguer os olhos.

A luz da vela ilumina apenas os contornos da figura de seu pai quando ele se aproxima, ressaltando as dobras do paletó, o colarinho da camisa. Lampejando no oco de seus olhos escuros.

— Você deveria arranjar outro — diz ele, observando o corvo agitado. — Um Muninn para completar o conjunto, como na mitologia nórdica.

— Prefiro o pensamento à memória, papai — diz Celia.

— Humpf. — É a única resposta.

Celia o ignora quando ele se debruça sobre seu ombro, observando-a folhear as páginas inscritas.

— É uma grande confusão — comenta ele.

— Uma linguagem que você não domina não é necessariamente uma grande confusão — diz Celia, transcrevendo uma linha de símbolos em seu caderno de anotações.

— É um trabalho bagunçado, com encantamentos e vínculos — observa Hector, flutuando até o outro lado da mesa para enxergar melhor. — É bem o estilo do Alexander, excessivamente complicado e secreto.

— Mas qualquer um com o estudo adequado poderia fazer isso. Bem diferente de todas as suas preleções sobre quanto eu era especial.

— Você é especial. Está acima disso — aponta a pilha de livros com uma mão transparente —, da utilização de instrumentos e dispositivos. Poderia conseguir muito mais com os seus talentos. Haveria muito mais a explorar.

— “Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia” — cita Celia.

— Por favor, Shakespeare, não.

— Eu vivo assombrada pelo fantasma do meu pai, acho que isso me permite citar *Hamlet* quanto quiser. Você gostava muito de Shakespeare, Próspero.

— Você é inteligente demais para se comportar dessa forma. Eu esperava mais de você.

— Peço desculpas por não corresponder às suas expectativas absurdas, papai. Será que não tem ninguém mais para incomodar?

— Existem poucas pessoas com quem posso conversar neste estado. Alexander é muito chato, como sempre. Até que Chandresh era interessante, mas aquele garoto alterou a memória dele tantas vezes que não chega a ser muito melhor do que falar comigo mesmo. Mas talvez seja bom para uma mudança de cenário.

— Você fala com Chandresh? — pergunta Celia.

— Ocasionalmente — responde Hector, inspecionando o relógio ao contornar a gaiola.

— Você disse a Chandresh que Alexander estaria no circo naquela noite. Foi você que o mandou ir lá.

— Eu fiz uma sugestão para um bêbado. Bêbados são muito influenciáveis. E não têm problema em conversar com pessoas mortas.

— Você devia saber que ele não poderia fazer nada contra Alexander — diz Celia.

O raciocínio não faz sentido, não que o raciocínio do pai dela faça.

— Achei que o velho poderia usar uma faca nas costas, para variar. Aquele aluno dele estava praticamente implorando para fazer isso, tanto que a ideia já estava na cabeça de Chandresh, toda aquela raiva se retorcendo em seu subconsciente por ter sido exposto durante tanto tempo. Eu só precisei dar um empurrão na direção certa.

— Você disse que havia uma regra sobre interferir — diz Celia, repousando a caneta.

— Interferir com você ou com seu oponente — esclarece o pai. — Posso fazer isso com qualquer outro quanto quiser.

— Sua *interferência* causou a morte de Friedrich!

— Existem mais relojoeiros no mundo — diz Hector. — Você pode encontrar outro, se estiver precisando de relógios.

As mãos de Celia estão trêmulas quando ela pega um volume da pilha de Shakespeare e o atira contra o pai. *Como gostais* atravessa o peito dele, sem parar, acertando a parede da tenda e caindo no chão. O corvo grasna, agitando as penas.

As gaiolas ao redor dos pombos e do relógio começam a estremecer. O vidro do porta-retratos racha.

— Vá embora, papai — ordena Celia com os dentes cerrados, tentando se controlar.

— Você não pode continuar me mandando embora — contesta ele.

Ela volta a atenção para as velas sobre a mesa, concentrando-se numa única chama dançante.

— Você acha que está estabelecendo relações com essas pessoas? — continua Hector. — Acha que significa alguma coisa para elas? Todas vão acabar morrendo algum dia. Você está deixando suas emoções superarem o seu poder.

— Você é um covarde — diz Celia. — Vocês dois são covardes. Lutam por procuração porque são covardes demais para se desafiarem diretamente. Têm medo de fracassarem e não terem nada a culpar a não ser a si mesmos.

— Isso não é verdade — protesta Hector.

— Eu odeio você — diz Celia, ainda olhando para a chama da vela.

A sombra de seu pai estremece e some.

*

NÃO HÁ GEADA NAS JANELAS do apartamento de Marco, por isso ele desenha com tinta linhas de símbolos no formato de uma letra *A*, pressionando os dedos escurecidos nos vidros. A tinta escorre pelo vidro como chuva.

Fica olhando para a porta, girando o anel de prata ao redor do dedo em ansiosos círculos até ouvir a batida, que acontece logo na manhã seguinte.

O homem de terno cinza não o repreende por tê-lo chamado. Fica no corredor do lado de fora, com as mãos apoiadas na bengala, enquanto espera Marco falar.

— Ela pensa que um de nós tem que morrer para o jogo terminar — diz Marco.

— Ela está certa.

Ouvir aquela confirmação é pior do que Marco esperava. A pequena réstia de esperança que nutria de que ela pudesse estar enganada é esmagada com três simples palavras.

— Vencer seria pior do que perder — diz.

— Eu o informei de que seus sentimentos pela Srta. Bowen tornariam o desafio mais difícil para você — explica o seu instrutor.

— Por que você faria algo assim comigo? — pergunta Marco. — Por que passou todo aquele tempo me ensinando para uma coisa dessas?

A pausa antes da resposta pesa no ar.

— Achei que era preferível à vida que você teria de outra forma, apesar das consequências.

Marco fecha a porta e a tranca.

O homem de terno cinza ergue a mão para bater outra vez, mas desiste e se afasta.



ENCANTADOR PORÉM MORTAL



Você segue o som de uma flauta até um recanto escondido, a melodia hipnótica atraindo-o para mais perto.

Sentadas no chão, aninhadas em um canto com almofadas de seda listrada, estão duas mulheres. Uma delas toca a flauta que você ouviu. Um incenso queima entre elas, ao lado de uma grande cesta com tampa negra.

Uma pequena plateia está se reunindo. A outra mulher remove a tampa da cesta com cuidado, antes de pegar sua própria flauta e se juntar em contraponto com a primeira.

Duas serpentes brancas se enlaçam ao se erguerem da cesta de tramas, em perfeita sintonia com o ritmo da música. Por um instante elas parecem ser uma só, não duas, e depois se separam outra vez, descendo pelas laterais da cesta, deslizando pelo chão bem perto dos seus pés.

As cobras se movem para a frente e para trás em movimentos que lembram uma dança formal. Elegantes e graciosas.

O ritmo da música se acelera, e agora há algo mais hostil na forma como as serpentes se movimentam. A valsa se transmuta numa marcha de batalha. Elas rodeiam uma a outra, e você espera que uma das duas ataque.

Uma delas emite um silvo suave, e a outra reage da mesma forma. Continuam a circular enquanto a música e o incenso ascendem para o céu estrelado.

Você não consegue dizer qual serpente ataca primeiro. Afinal, elas são idênticas. Quando elas silvam e atacam uma à outra, você se distrai com o fato de não serem mais brancas, mas negras como ébano.

Precognição

NO TRAJETO ENTRE BOSTON E NOVA YORK, 31 DE OUTUBRO DE 1902

A maioria dos passageiros acomodou-se em seus respectivos vagões e cabines para ler, dormir ou passar o tempo de alguma forma. Apinhados de gente na hora da partida, os corredores estão agora quase vazios enquanto Poppet e Widget andam de um vagão para outro, silenciosos como gatos.

Etiquetas escritas à mão penduradas nas portas das cabines indicam os nomes dos ocupantes. Os dois param diante de uma que diz “C. Bowen” e Widget ergue a mão para bater de leve no vidro jateado.

— Pode entrar — diz uma voz no interior, e Poppet abre a porta de correr.

— Estamos interrompendo alguma coisa? — pergunta.

— Não — responde Celia. — Podem entrar. — Fecha o livro cheio de símbolos que estava lendo e o põe sobre uma mesa. A cabine toda parece uma biblioteca dinamitada, com pilhas de livros e papéis entre bancos forrados de veludo e mesas envernizadas. A luz dança pelo espaço com o movimento do trem, refletindo nos lustres de cristal.

Widget fecha e tranca a porta depois de entrar.

— Vocês querem um chá? — pergunta Celia.

— Não, obrigada — responde Poppet. Olha com nervosismo para Widget, que só faz um aceno de cabeça.

Celia observa os dois. Poppet morde o lábio e se recusa a encará-la, enquanto Widget se encosta na porta.

— Falem logo — pede.

— Nós... — começa Poppet. — Nós estamos com um problema.

— Que espécie de problema? — pergunta Celia, afastando pilhas de livros para que eles possam se sentar nos bancos violáceos, mas os gêmeos ficam onde estão.

— Acho que algo que deveria ter acontecido não aconteceu — diz Poppet.

— E o que seria isso? — pergunta Celia.

— Nosso amigo Bailey deveria ter vindo conosco.

— Ah, sim, Widget mencionou algo a respeito — relembra Celia. — Imagino que ele não tenha vindo.

— Não — responde Poppet. — Nós ficamos esperando, mas ele não veio, e não sei se foi porque não quis ou porque saímos mais cedo.

— Entendi — reflete Celia. — Para mim parece uma grande decisão, resolver se vai ou não fugir de casa para entrar num circo. Talvez ele não tenha tido tempo suficiente para pensar a respeito.

— Mas ele deveria ter vindo — insiste Poppet. — Eu sei que ele deveria ter vindo.

— Você viu alguma coisa? — indaga Celia.

— Mais ou menos.

— Como alguém vê mais ou menos alguma coisa?

— Não está mais tão nítido quanto antes — explica Poppet. — Não consigo ver nada tão nitidamente quanto costumava. Agora são fragmentos que não fazem sentido. Nada aqui tem feito muito sentido no último ano, você sabe disso.

— Acho que é um exagero, mas entendo que pode ser visto dessa forma — diz Celia.

— Não é um exagero — continua Poppet, elevando a voz.

Os lustres começam a balançar e Celia fecha os olhos, respirando fundo e esperando que voltem à oscilação delicada anterior àquela afirmação.

— Poppet, ninguém aqui ficou mais perturbado que eu com o que aconteceu no último ano. E já disse que não é culpa sua, que nada poderia ter sido feito para evitar isso. Nem por você, nem por mim, nem por qualquer um. Você entende isso?

— Entendo — concorda Poppet. — Mas qual é o sentido de ver o futuro se não posso fazer nada para evitar?

— Você não pode evitar que as coisas aconteçam — diz Celia. — Só pode estar preparada para quando elas acontecerem.

— Você poderia ter evitado — resmunga Poppet, passando os olhos na infinidade de livros. Celia põe um dedo sob o queixo de Poppet e vira a cabeça dela para encará-la.

— Apenas um punhado de pessoas neste trem faz ideia de quanto eu sou vital para a administração deste circo — explica. — Vocês dois estão entre elas, e são muito inteligentes, mas não compreendem a abrangência do que acontece aqui, nem gostariam se compreendessem. Agora, me diga: o que você *mais ou menos* viu?

Poppet fecha os olhos, tentando se concentrar.

— Não sei — começa. — Era brilhante, tudo estava pegando fogo, e Bailey estava lá.

— Você vai ter que explicar melhor — anuncia Celia.

— Não consigo — replica Poppet. — Eu não consigo ver nada com clareza desde que...

— Provavelmente porque não quis ver mais nada com clareza depois daquilo, e não posso dizer que a culpo por isso. Mas, se quiser que eu faça algo para evitar o que quer que seja, vou precisar de mais do que isso.

Celia tira uma longa corrente de prata do pescoço e verifica a hora no relógio preso a ela antes de colocá-lo diante dos olhos da garota.

— Por favor, Poppet — diz. — Você não precisa de estrelas para ver. Concentre-se. Mesmo que não queira fazer isso agora.

Poppet franze o cenho, depois volta a atenção ao relógio de prata balançando sob a luz cálida.

Os olhos estreitam-se, focados nos reflexos nas curvas do relógio, depois relaxam para enxergar algo além dele, além do trem.

Ela começa a balançar quando os olhos vão de um lado para outro e depois cai para trás. Widget dá um salto para pegá-la antes que chegue ao chão.

Celia ajuda Widget a levar Poppet para um dos bancos de veludo perto da mesa, enquanto em uma prateleira próxima uma xícara serve-se de chá por conta própria, a fervura e a infusão acontecendo instantaneamente na porcelana chinesa florida.

Poppet pisca, olhando para os lustres no alto como se os visse pela primeira vez, antes de se virar para Celia e aceitar a xícara de chá.

— Essa doeu — diz Poppet.

— Desculpe-me, querida — diz Celia. — Acho que sua visão está ficando mais forte, o que torna ainda mais complicada sua tentativa de ignorá-la.

Poppet concorda com um gesto de cabeça, esfregando as têmporas.

— Conte tudo o que você viu — pede Celia. — Tudo. Não importa se não fizer sentido. Tente descrever o que viu.

Poppet olha para o seu chá antes de começar.

— Há um incêndio — diz. — Começa pela fogueira, mas... fica maior, é impossível contê-lo. Como se o pátio inteiro estivesse em chamas, há um grande ruído e calor e... — Poppet faz uma pausa, fechando os olhos ao tentar se concentrar na imagem em sua cabeça. Abre os olhos e encara Celia. — Você está lá. Está com outra pessoa e acho que está chovendo, então você não está mais lá, mas ainda está, não sei como explicar. Depois Bailey está lá, não durante o incêndio, mas depois, acho.

— Como são os outros? — questiona Celia.

— Um homem. Alto. De terno, com um chapéu-coco, acho. É difícil dizer.

Celia apoia a cabeça nas mãos por um tempo antes de falar.

— Se for quem eu penso que é, sei que está em Londres no momento, então talvez não seja tão imediato como você supõe.

— Mas é sim, tenho certeza — protesta Poppet.

— Sincronismo nunca foi o seu ponto forte. Você mesma disse que esse seu amigo também está presente nesse incidente, e sua primeira queixa foi de ele não estar aqui. Isso poderá acontecer daqui a semanas, meses ou anos, Pet.

— Mas nós precisamos fazer *alguma coisa* — diz Poppet, batendo a xícara de chá na mesa. O chá se imobiliza antes de se derramar em um livro aberto, como se um muro invisível o rodeasse. — Para nos prepararmos, como você disse.

— Vou fazer o possível para evitar que o circo acabe em chamas. Vou torná-lo à prova de fogo, custe o que custar. Isso basta para você?

Depois de uns instantes, Poppet concorda.

— Ótimo — diz Celia. — Nós vamos desembarcar daqui a algumas horas, podemos discutir isso mais tarde.

— Espere — intervém Widget. Ele estava sentado em um dos bancos de veludo, preferindo não participar da conversa. Mas agora vira-se para Celia. — Antes de você mandar a gente embora, tenho uma pergunta.

— Qual? — indaga Celia.

— Você disse que nós não compreendemos a abrangência do que acontece aqui — diz ele.

— Provavelmente não foi a melhor escolha de palavras.

— É um jogo, não é? — pergunta Widget.

Celia olha para ele, um sorriso lento e entristecido dançando nos lábios.

— Demorou dezesseis anos para você perceber isso — diz. — Eu esperava mais de você, Widge.

— Eu já tinha adivinhado há algum tempo — explica ele. — Não é fácil ver coisas que você não quer que eu saiba, mas eu andei juntando algumas peças ultimamente. Você não tem se resguardado tão bem quanto antes.

— Um jogo? — pergunta Poppet, o olhar indo do irmão para Celia.

— Como um jogo de xadrez — continua Widget. — O circo é o tabuleiro.

— Não exatamente — corrige Celia. — Não é tão direto quanto xadrez.

— Nós todos estamos jogando? — pergunta Poppet.

— Nós, não — responde Widget. — Ela e alguém mais. Nós somos... peças sobressalentes?

— Não é bem assim — diz Celia.

— Então como é? — insiste Widget.

Como resposta, ela apenas olha para ele sem hesitar, diretamente em seus olhos.

Widget devolve o olhar em silêncio por algum tempo, enquanto Poppet observa os dois com curiosidade. Finalmente, Widget pisca, a surpresa evidente surgindo em seu rosto. Depois olha para os pés.

Celia suspira, e quando fala se dirige aos dois.

— Se eu não fui completamente honesta com vocês, foi só por saber um bocado de coisas que vocês nem querem saber. Peço que confiem em mim quando digo que estou tentando melhorar a situação. É um equilíbrio extremamente precário e há muitos fatores envolvidos. O melhor que podemos fazer no momento é aceitar o que vier e não nos preocuparmos com coisas que aconteceram, ou que vão acontecer. De acordo?

Widget balança a cabeça, confirmando, e Poppet o acompanha com relutância.

— Obrigada — diz Celia. — Agora vão embora e tentem descansar um pouco, por favor.

Poppet abraça Celia antes de sair para o corredor.

Widget fica mais um pouco.

— Desculpe-me — diz.

— Você não tem por que se desculpar — replica Celia.

— Desculpe-me assim mesmo.

Dá um beijo no rosto de Celia antes de sair, sem esperar a resposta dela.

— O que foi aquilo? — pergunta Poppet quando ele aparece no corredor.

— Celia deixou que eu a lesse — responde Widget. — Integralmente, sem esconder nada. Ela nunca fez isso antes. — E se recusa a se explicar melhor enquanto andam em silêncio pelos vagões do trem.

— O que você acha que devemos fazer? — pergunta Poppet quando chegam ao próprio vagão, com um gato laranja aninhado no colo.

— Acho que devemos esperar — responde Widget. — Acho que é só o que podemos fazer no momento.

*

SOZINHA EM SUA CABINE CHEIA DE LIVROS, Celia começa a rasgar seu lenço de bolso em tiras. Deposita os pedaços de seda um a um numa xícara vazia e atea fogo a eles. Repete o processo muitas vezes, até que o tecido queime sem virar cinzas, permanecendo branco e brilhante no meio das chamas.

Perseguição

NO TRAJETO ENTRE BOSTON E NOVA YORK, 1º DE NOVEMBRO DE 1902

É uma manhã fria, e o casaco cinza desbotado de Bailey não parece muito elegante em cima de seu novo terno grafite. Nem sabe ao certo se as duas tonalidades são complementares, mas as ruas e a estação ferroviária estão movimentadas demais para ele se preocupar com a própria aparência.

Outros *rêveurs* estão indo para Nova York, mas tiveram de comprar passagens para um trem posterior, por isso a rodada de despedidas e a confusão de separar dezenas de malas antes de conseguirem subir a bordo.

A viagem é lenta, e Bailey fica olhando pela janela a paisagem que muda a todo instante, roendo as unhas distraidamente.

Victor vem sentar-se ao seu lado, um livro de capa de couro vermelho nas mãos.

— Achei que poderia gostar de ler alguma coisa para passar o tempo — diz, estendendo o livro a Bailey.

O jovem abre o livro e o folheia, surpreendendo-se ao ver que é um livro de recortes meticulosamente organizado. Na maior parte das páginas pretas estão colados artigos tirados de jornais, mas há também cartas escritas à mão, com datas que variam de poucos anos atrás até mais de uma década.

— Nem tudo está em inglês — explica Victor —, mas você vai conseguir ler a maioria dos artigos.

— Muito obrigado — diz Bailey.

Victor balança a cabeça e volta ao seu lugar, na outra ponta do vagão.

Enquanto o trem continua a viagem, Bailey esquece completamente a paisagem. Lê e relê as palavras de Herr Friedrick Thiessen, considerando-as ao mesmo tempo familiares e envolventes.

— Nunca vi você tão interessado assim em um novo *rêveur* — entreouve Lorena dizer ao irmão. — Não a ponto de partilhar seus livros.

— Ele me faz lembrar do Friedrich — é a única resposta de Victor.

Já estão quase chegando a Nova York quando Elizabeth se senta a seu lado. Antes de pôr o livro de lado, Bailey marca a página no meio de um artigo que compara a interação entre luz e sombra numa tenda específica ao teatro de marionetes indonésio.

— Nós levamos uma vida estranha, perseguindo nossos sonhos de um lugar para outro — diz Elizabeth em voz baixa, olhando pela janela. — Eu nunca conheci um *rêveur* tão jovem que tivesse os mesmos sentimentos que nós, que seguimos o circo há tantos anos. Gostaria muito que ficasse com isso.

Entrega a ele o cachecol de lã vermelho que ela vinha tricotando durante a viagem. É mais longo do que Bailey imaginava ao vê-la tricotar, com intrincados estampados e franjas e nós nas pontas.

— Não posso aceitar — diz, em parte muito honrado e em parte desejando que aquelas pessoas parem de dar coisas a ele.

— Bobagem — replica Elizabeth. — Eu faço esses cachecóis o tempo todo, lã é o que não me falta. Comecei a tricotar este aqui sem ter em mente nenhum *rêveur* para presentear, por isso certamente era para você.

— Obrigado — diz Bailey, enrolando o cachecol no pescoço apesar do calor dentro do trem.

— De nada — diz Elizabeth. — Chegaremos a qualquer momento, depois será só uma questão de esperar o pôr do sol.

Ela o deixa em seu lugar perto da janela. Bailey olha para o céu cinzento com uma mistura de alívio, entusiasmo e nervosismo que não consegue conciliar.

Quando chegam a Nova York, Bailey logo se surpreende com a estranha aparência das coisas. Embora não fosse tão diferente, Boston ainda apresentava alguma familiaridade passageira. Agora, sem a confortável quietude do trem, é acometido pela sensação de estar muito longe de casa.

Victor e Lorena parecem igualmente atônitos, mas Elizabeth está em território conhecido. Conduz todos por cruzamentos e multidões até os bondes, fazendo Bailey se sentir como um membro de seu rebanho. Mas não demora muito até chegarem ao seu destino, um local fora da cidade aonde vão se encontrar com outro *rêveur* local chamado August, de quem Bailey herdara o

quarto em Boston, que gentilmente os convidou para se hospedarem em sua casa até encontrarem alojamentos.

August se revela um tipo grandão e agradável, e a primeira impressão de Bailey é que ele se parece com a casa onde mora: uma construção larga e baixa com uma varanda circundando a frente, cálida e acolhedora. August praticamente ergue Elizabeth do chão ao saudá-la e dá um aperto de mão tão entusiasmado ao ser apresentado a Bailey que seus dedos chegam a ficar doloridos.

— Tenho boas e más notícias — diz August enquanto os ajuda a levar as bagagens para a varanda. — Quais vocês querem primeiro?

— As boas — responde Elizabeth antes que Bailey tenha tempo de considerar o que prefere. — Nós viemos de muito longe para nos depararmos logo com más notícias.

— A boa notícia — começa August — é que eu estava certo em prever a localização exata: Le Cirque foi montado a pouco mais de um quilômetro daqui. Se encontrarem o ângulo apropriado, é possível ver as tendas da varanda. — Aponta para o lado esquerdo da varanda, do local onde está nos degraus.

Bailey corre até o limite da varanda com Lorena em seus calcanhares. Os topos das tendas são visíveis atrás das árvores a pouca distância, um ponto brilhante no fundo cinza do céu e das árvores marrons.

— Que maravilha! — exclama Elizabeth, rindo de Bailey e Lorena inclinados sobre o parapeito. — E qual é a má notícia?

— Não sei bem se é mesmo uma má notícia — responde August, como se não soubesse direito como explicar. — Talvez seja só um pouco decepcionante, na verdade. Em relação ao circo.

Bailey afasta-se do parapeito e volta à conversa, toda a animação que sentiu momentos atrás desaparecendo.

— Decepcionante? — pergunta Victor.

— Bem, o clima não está ideal, como vocês devem ter notado — começa a explicar August, apontando as pesadas nuvens cinzentas. — Tivemos uma forte tempestade ontem à noite. O circo foi fechado, claro, o que foi estranho, pois eu nunca o tinha visto ser montado só para fechar na primeira noite por conta do mau tempo. De qualquer forma, houve uma espécie de, nem sei como definir, uma espécie de ruído por volta da meia-noite. Um som de desabamento que quase balançou a casa. Achei que talvez algo tivesse sido atingido por um

relâmpago. Vimos muita fumaça sobre o circo, e um dos vizinhos jura que viu um lampejo de luz claro como o dia. Fui até lá hoje de manhã e tudo parecia normal, mas o cartaz que diz que está fechado continua nos portões.

— Que estranho — comenta Lorena.

Sem uma palavra, Bailey desce da varanda e corre entre as árvores. Segue em direção às tendas listradas o mais rápido que consegue, o cachecol vermelho tremulando atrás.

Velhos fantasmas

LONDRES, 31 DE OUTUBRO DE 1902

É tarde e a calçada está escura, apesar dos postes pontilhando as fachadas cinzentas das construções. Isobel está ao lado da escadaria escura de uma dessas casas, que foi seu lar por quase um ano, mas que agora parece ter sido há uma eternidade. Espera do lado de fora que Marco retorne, um xale azul-claro ao redor dos ombros como um pedaço de luz do dia na escuridão da noite.

Passam-se horas até Marco aparecer na esquina. Ao avistá-la, sua mão aperta mais a alça da valise que carrega.

— O que está fazendo aqui? — pergunta. — Você devia estar nos Estados Unidos.

— Eu abandonei o circo — responde Isobel. — Desisti. Celia disse que eu podia fazer isso.

Tira um papel esmaecido do bolso com seu nome, seu verdadeiro nome, que Marco extraiu dela anos atrás e pediu que escrevesse em um de seus cadernos.

— Claro que ela disse — comenta Marco.

— Posso subir? — pergunta, brincando com a barra do xale.

— Não — responde Marco, olhando para as janelas acima. Uma luz fraca e bruxuleante está refletida no vidro. — Por favor, diga apenas o que veio me dizer.

Isobel franze o cenho. Olha ao redor, mas as ruas estão escuras e vazias, apenas uma brisa fresca sopra, levando as folhas até o bueiro.

— Eu queria pedir desculpas — fala em voz baixa. — Por não ter dito a você que eu estava interferindo. Sei que o que aconteceu no ano passado foi em parte por minha culpa.

— Você devia se desculpar com Celia, não comigo.

— Eu já fiz isso — replica Isobel. — Eu sabia que ela estava apaixonada por alguém, mas achei que fosse por Herr Thiessen. Só naquela noite percebi que era por você. Mas ela também gostava muito do Friedrich, e acabou perdendo-o por minha causa.

— Não foi culpa sua — diz Marco. — Havia muitos fatores envolvidos.

— Sempre houve muitos fatores envolvidos — prossegue Isobel. — Eu não tinha a intenção de me enrolar tanto nisso. Só queria ajudar. Queria passar por... *isso* e voltar ao jeito como as coisas eram antes.

— Não se pode voltar atrás — observa Marco. — Muita coisa já não é mais como antes.

— Eu sei — concorda Isobel. — E não consigo sentir ódio dela. Eu tentei. Mas nem ao menos consigo deixar de gostar dela. Celia permitiu que eu estivesse ali por anos, sabendo que eu suspeitava dela, mas sempre foi gentil comigo. E eu adorava o circo. Senti que finalmente tinha um lar, um lugar de que eu poderia fazer parte. Depois de um tempo achei que não precisava mais proteger você dela, senti que deveria proteger todos de vocês dois, e vocês dois um do outro. Começou depois que você veio me visitar em Paris, quando eu estava muito aborrecida com a Árvore dos Desejos, mas eu sabia que precisava continuar depois que li as cartas para Celia.

— Quando isso aconteceu? — indaga Marco.

— Naquela noite em Praga, quando você deveria ter me encontrado — explica Isobel. — No último ano você não me deixou ler as cartas para você nem uma vez. E eu nem percebi. Fico pensando se teria continuado com isso por tanto tempo se pudesse fazer alguma coisa. Demorou muito para entender o que as cartas dela diziam na verdade. Não conseguia ver o que estava bem na minha frente. Perdi muito tempo. Isso sempre girou em torno de vocês dois, mesmo antes de nos conhecermos. Eu fui apenas uma distração.

— Você não era uma distração — contesta Marco.

— Alguma vez você me amou? — pergunta Isobel.

— Não — admite Marco. — Achei que talvez conseguisse, mas...

Isobel balança a cabeça.

— Eu achei que me amava — continua. — Tinha certeza, embora você nunca tenha dito. Não consegui notar a diferença entre o que era real e o que eu queria que fosse real. Achei que seria uma coisa temporária, mesmo depois de continuar se prolongando. Mas não é. Nunca foi. Eu é que era temporária. Achei que você voltaria para mim se ela fosse embora.

— Se ela fosse embora, eu não seria nada — diz Marco. — Você deveria saber que não adiantaria nada fazer isso.

Os dois ficam em silêncio na rua vazia, o ar frio da noite caindo sobre eles.

— Boa noite, Srta. Martin — diz Marco, começando a subir a escada.

— A coisa mais difícil de ler é o tempo — observa Isobel. Marco para e se vira. — Talvez por ser capaz de mudar tantas coisas. Já fiz leituras para incontáveis pessoas sobre diversos assuntos, mas o tempo sempre é a coisa mais difícil de entender nas cartas. Eu já sabia disso, mas continuo me surpreendendo. Quanto tempo eu estava disposta a esperar por algo que era apenas uma possibilidade. Sempre pensei que fosse só uma questão de tempo, mas estava enganada.

— Eu não esperava que isso se prolongasse tanto... — começa Marco, mas Isobel o interrompe.

— Era tudo uma questão de tempo — diz. — Meu trem atrasou naquele dia. O dia em que vi você perder o seu caderno. Se tivesse chegado no horário, nós nunca teríamos nos conhecido. Talvez não fosse para termos existido. Era uma possibilidade, uma em mil, e não inevitável, como são algumas coisas.

— Isobel, me desculpe — diz Marco. — Desculpe por ter envolvido você nisso tudo. Desculpe por não dizer antes o que sentia por Celia. Não sei mais o que posso fazer por você.

Isobel balança a cabeça, ajustando o xale ao redor dos ombros.

— Algumas semanas atrás eu li as cartas para uma pessoa — começa a falar. — Era um jovem, mais jovem do que eu quando conheci você. Alto, mas de um jeito de quem ainda não sabe como ser alto. Era autêntico e delicado. Chegou até a perguntar o meu nome. E estava tudo nas cartas. Tudo. Foi como fazer uma leitura para o circo, e isso só tinha me acontecido uma vez, quando li as cartas para Celia.

— Por que está me contando isso? — pergunta Marco.

— Porque achei que ele poderia salvar você. Não sabia o que sentir a respeito, ainda não sei. Estava lá nas cartas dele, junto com todo o resto, o mais claro que já vi. Achei então que isso poderia terminar de outra forma. Mas estava enganada. Acho que me engano com muita frequência. Talvez tenha chegado o momento de encontrar outra ocupação.

Marco para, o rosto empalidecendo à luz do poste.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que você tinha uma chance — explica Isobel. — Uma chance de ficar com ela. Uma chance de tudo se resolver de maneira favorável. Eu quase desejei que isso acontecesse, apesar de tudo. Ainda quero que você seja feliz. E a possibilidade estava lá. — Abre um sorriso triste e enfia a mão no bolso. — Mas não é o momento certo.

Tira a mão do bolso e abre os dedos. Na palma da mão brilham cristais negros, finos como areia ou cinza.

— O que é isso? — pergunta Marco enquanto ela ergue a mão até os lábios.

Isobel sopra delicadamente, fazendo com que as cinzas voem em direção a Marco como uma nuvem negra.

Quando a poeira baixa, a valise dele está abandonada no pavimento aos pés dela. Isobel a pega e se afasta.

Consequências

NOVA YORK, 1º DE NOVEMBRO DE 1902

A pesar de o entorno haver mudado, o circo parece exatamente igual ao que era em suas terras, pensa Bailey quando enfim chega até a cerca, com uma dor forte no lado direito do abdome e ofegante por ter corrido por uma área formada mais de bosques do que de campo aberto.

Mas há diferenças. Leva algum tempo para recuperar o fôlego ao lado dos portões, observando o cartaz em que se lê

Fechado devido ao mau tempo

que cobre o que tem o horário de funcionamento.

É o cheiro, ele percebe. Não é mais o reconfortante aroma de caramelo misturado com a fumaça da madeira de uma fogueira. É o odor pesado de alguma coisa queimada e molhada, uma fragrância doce e nauseante.

Faz com que fique enjoado.

Não se ouve nenhum som no interior da cerca de ferro retorcido. As tendas estão absolutamente imóveis. Apenas o relógio atrás dos portões faz algum movimento, tiquetaqueando devagar as horas da tarde.

Bailey logo descobre que não vai conseguir passar pelas barras da cerca de forma tão fácil como quando tinha 10 anos. O espaço é estreito demais, não adianta tentar passar encolhendo os ombros. Tinha esperanças de que Poppet estivesse a sua espera, mas não há ninguém à vista.

A cerca é alta demais para ser escalada, e Bailey considera esperar na frente dos portões até o pôr do sol quando avista um galho de árvore retorcido que não alcança a cerca, mas chega perto, pendendo sobre os espetos de ferro retorcido no alto.

De lá ele poderia pular. Se conseguisse o ângulo certo, poderia pousar no caminho entre tendas. Mas, se entrasse pelo ângulo errado, podia ser que quebrasse uma perna, mas isso seria um problema menor, que poderia ser resolvido depois, e ao menos ele estaria dentro do circo.

Subir na árvore é fácil, e o galho que se aproxima do circo é forte o bastante para permitir que fique bem perto da cerca. Mas Bailey não consegue manter o equilíbrio, e sua tentativa de um salto gracioso acaba se tornando algo como uma queda planejada. Aterrissa no caminho de mau jeito, rolando até a lateral da tenda e arrastando uma grande quantidade de pó branco do chão junto com ele.

As pernas estão doloridas, mas parecem bem, ainda que seu ombro esteja esfolado e as palmas das mãos, arranhadas e sujas de pó e terra. O pó sai fácil das suas mãos, mas adere como uma tinta ao casaco e às calças do terno novo. E agora está sozinho no circo outra vez.

— Verdade ou consequência — murmura consigo mesmo.

Folhas secas e frágeis dançam em volta dos seus pés, trazidas pelo vento através da grade. Manchas da cor do outono perturbam o preto e branco.

Bailey não sabe para onde ir. Perambula pelas trilhas esperando ver Poppet ao virar cada esquina, mas só vê listras e vazio. Afinal vai em direção ao pátio, onde fica a fogueira.

Ao fazer uma curva que dá para o espaço aberto do pátio da fogueira, fica mais surpreso com o fato de o fogo não estar aceso do que a ausência de alguém esperando por ele.

Mas a figura perto do caldeirão de ferro retorcido não é Poppet. Essa mulher é mais baixa, os cabelos muito escuros. Quando ela se vira, está com uma longa piteira de prata nos lábios e a fumaça volteia em torno de sua cabeça como pequenas serpentes.

Demora para reconhecer a contorcionista, pois só a tinha visto antes sobre uma plataforma retorcendo-se em formas impossíveis.

— Você é Bailey, certo? — pergunta ela.

— Sou — responde Bailey, perguntando-se se todos no circo sabem quem ele é.

— Você está atrasado — diz a contorcionista.

— Atrasado para quê? — pergunta Bailey, confuso.

— Duvido que ela consiga aguentar muito mais tempo.

— Quem? — indaga ele, embora surja em sua cabeça o pensamento de que a contorcionista poderia estar se referindo ao próprio circo.

— E, claro — continua —, se você tivesse chegado mais cedo as coisas poderiam ter sido diferentes. Sincronia é uma coisa delicada.

— Onde está Poppet? — pergunta Bailey.

— Srta. Penelope está indisposta no momento.

— Como ela pode não saber que estou aqui? — questiona.

— Ela pode muito bem saber que está aqui, mas isso não muda o fato de estar indisposta no momento, como mencionei.

— Quem é você? — questiona. Seu ombro está trêmulo e ele não consegue identificar o momento em que tudo começou a não fazer sentido.

— Pode me chamar de Tsukiko — responde a contorcionista, dando uma longa tragada no cigarro.

Atrás dela, o monstruoso caldeirão de ferro batido está inerte e vazio. O chão ao redor, geralmente com espirais pintadas de preto e branco, é agora apenas escuridão, como se tivesse sido engolido pelo espaço vazio.

— Achei que o fogo nunca se apagasse — diz Bailey, aproximando-se.

— Nunca se apagou antes — diz Tsukiko.

Aproximando-se da borda do caldeirão de ferro ainda quente, Bailey fica na ponta dos pés para espiar lá dentro. Está quase cheio de água da chuva, a superfície escura ondulando com a brisa. O solo sob seus pés é negro e enlameado, e, ao dar um passo para trás, chuta sem querer um chapéu-coco.

— O que aconteceu? — pergunta.

— É um pouco difícil de explicar — responde Tsukiko. — É uma história longa e complicada.

— E você não vai me contar, não é?

Ela inclina um pouco a cabeça, e Bailey pode ver a sugestão de um sorriso dançando ao redor dos seus lábios.

— Não, não vou.

— Ótimo — resmunga Bailey baixinho.

— Vejo que você adotou a insígnia — observa Tsukiko, apontando com o cigarro para o cachecol vermelho. Bailey não sabe ao certo como responder, mas ela continua, sem esperar uma explicação. — Suponho que se possa dizer que foi uma explosão.

— A fogueira explodiu? Como?

— Lembra que eu disse que era difícil explicar? Continua sendo.

— Por que as tendas não pegaram fogo? — pergunta Bailey, olhando ao redor para a infinidade de listras. Algumas tendas mais próximas estão sujas de lama, mas nenhuma está queimada, apesar do solo calcinado ao redor.

— Por causa de uma façanha da Srta. Bowen — explica Tsukiko. — Desconfio de que sem essa precaução os danos teriam sido bem maiores.

— Quem é Srta. Bowen? — indaga Bailey.

— Você faz muitas perguntas — diz Tsukiko.

— Você não responde a muitas delas — contra-ataca Bailey.

O sorriso agora se mostra por inteiro, curvando-se de uma forma que Bailey acha preocupantemente amistosa.

— Eu sou apenas uma emissária — elucida Tsukiko. — Estou aqui para atuar como um comboio e escoltar você até uma reunião que discutirá essas questões, suponho, porque no momento sou a única pessoa viva que tem alguma ideia do que aconteceu, e de por que você está aqui. É melhor guardar suas perguntas para outra pessoa.

— E quem seria essa pessoa? — questiona Bailey.

— Você vai ver — responde Tsukiko. — Venha comigo.

Faz um aceno convidando-o a segui-la, conduzindo-o ao redor da fogueira até o outro lado do pátio. Percorrem uma pequena trilha até uma passagem adjacente, placas de lama aderindo aos até então engraxados sapatos de Bailey.

— Aqui estamos. — Tsukiko para na entrada de uma tenda e Bailey se aproxima para ler o cartaz, identificando-a assim que vê as palavras escritas.

Feras temíveis e estranhas criaturas
Maravilhas em papel e névoa

— Você não vem comigo? — pergunta Bailey.

— Não — responde Tsukiko. — Sou apenas uma emissária, lembra? Estarei no pátio, caso precise de mim.

Com isso ela faz um aceno educado e retorna pelo caminho por onde tinham vindo, e ao observá-la se afastando Bailey percebe que as botas dela não se sujam com a lama.

Quando ela desaparece em uma esquina, o garoto entra na tenda.

Incendiário

NOVA YORK, 31 DE OUTUBRO DE 1902

O baque de Marco contra o chão dá a impressão de que ele foi empurrado com violência, e ele tosse por conta do impacto e da nuvem negra de cinzas ao redor.

Cai uma chuva leve e ele tenta se levantar, e quando o ar ao redor clareia Marco vê uma fileira de pequenas árvores e estrelas, rodeadas por mecanismos prateados e peças de xadrez pretas e brancas.

Leva alguns instantes para perceber que está ao lado do relógio *Wunschtraum*.

Os ponteiros se aproximam da meia-noite, o arlequim malabarista no alto equilibra onze bolas em meio às estrelas cintilantes e às peças em movimento.

O cartaz anunciando o fechamento do circo por causa do mau tempo balança ao vento, ainda que no momento a chuva não passe de uma névoa pesada.

Marco tira o pó cintilante do rosto, que voltou a sua forma verdadeira, entretanto ele está muito desorientado para alterá-la. Tenta observar melhor as cinzas negras em seu terno, mas já estão desaparecendo.

A cortina listrada da bilheteria está aberta, e através da neblina Marco pode ver uma figura de pé no escuro, iluminada pela chama pungente de um isqueiro.

— *Bonsoir* — cumprimenta Tsukiko com entusiasmo quando ele se aproxima, guardando o isqueiro no bolso e equilibrando o cigarro em sua longa piteira de prata. Uma lufada de vento uiva pelo lugar, fazendo os portões do circo estremecerem.

— Como... ela conseguiu fazer isso? — pergunta Marco.

— Você quer dizer Isobel? — diz Tsukiko. — Eu ensinei a ela esse truque específico. Acho que ela não entendeu bem as nuances, mas parece que mesmo

assim procedeu bem. Você está meio zozzo?

— Estou bem — responde Marco, apesar de sentir as costas doendo por causa da queda e de os olhos ainda arderem. Observa Tsukiko com curiosidade. Nunca tivera a oportunidade de ter uma conversa longa com a contorcionista, e sua presença agora é tão desconcertante quanto o fato de que instantes atrás ele estava em outro lugar.

— Ei, ao menos saia desse vento. — Tsukiko aponta um túnel cortinado com a mão que não está segurando o cigarro. — Esse seu rosto é mais bonito que o outro — comenta, analisando a aparência dele através da neblina e da fumaça. — Combina com você. — Permite que a cortina se feche quando ele entra, deixando os dois numa escuridão pontilhada por coruscantes luzes esmaecidas, e a ponta em brasa de seu cigarro é a única mancha colorida em meio a todos os pontos brancos.

— Onde está todo mundo? — pergunta Marco, sacudindo o chapéu-coco para secá-lo.

— Na festa do mau tempo — responde Tsukiko. — Organizada tradicionalmente na tenda dos acrobatas, que é a maior. Mas você não sabe disso, pois não é um integrante de verdade da companhia, não é?

Marco não consegue enxergar bem nem interpretar a expressão dela, embora possa ver que sorri.

— Não, acho que não sou — admite. Marco a segue quando ela caminha pelo túnel labiríntico, adentrando mais no circo. — Por que estou aqui? — pergunta.

— Nós vamos falar disso no devido tempo — responde Tsukiko. — Quanto Isobel contou a você?

A conversa com Isobel do lado de fora de seu prédio está quase perdida em sua memória, embora tenha ocorrido instantes atrás. Marco lembra-se de fragmentos, nada que possa ser articulado de forma coerente.

— Não faz diferença — diz Tsukiko quando ele não responde de imediato. — Às vezes é difícil recobrar a consciência integral depois de uma viagem dessas. Será que ela disse a você que nós temos algo em comum?

Marco lembra-se de Isobel ter mencionado Celia e mais alguém, mas não exatamente quem.

— Não — responde.

— Nós somos ex-alunos do mesmo instrutor — explica Tsukiko. A ponta do cigarro brilha mais forte na escuridão quando ela dá uma tragada. — Um

disfarce apenas temporário, receio — acrescenta quando eles chegam à outra cortina. Tsukiko a afasta e o espaço se enche da luz clara do pátio. Faz um sinal para que Marco saia na chuva, dando uma tragada enquanto ele obedece e passa pela cortina aberta, tentando entender a última afirmação dela.

As luzes que enfeitam a tenda são mortijas, mas no centro do pátio a fogueira brilha num branco incandescente. A chuva fina cintila ao redor.

— É adorável — diz Tsukiko, entrando no pátio com ele. — Isso eu preciso reconhecer.

— Você foi aluna de Alexander? — pergunta Marco, sem saber se entendeu bem.

Tsukiko confirma com um gesto de cabeça.

— Cansei de escrever coisas em livros, por isso comecei a inscrevê-las no corpo. Não gosto de sujar as mãos — diz, apontando para os dedos dele manchados de tinta. — Estou surpresa de ele ter criado um local para esse desafio. Ele sempre preferiu reclusão. Desconfio que não tenha gostado da direção que as coisas tomaram.

Enquanto ela fala, Marco percebe que a contorcionista está completamente seca. As gotas de chuva evaporam de forma instantânea, transformando-se em vapor num chiado assim que encostam nela.

— Você venceu o último jogo — diz Marco.

— Eu sobrevivi ao último jogo — corrige Tsukiko.

— Quando? — pergunta Marco enquanto caminham em direção à fogueira.

— Terminou há oitenta e três anos, seis meses e vinte e um dias. Num dia em que as cerejeiras floriam.

Tsukiko dá uma longa tragada no cigarro antes de prosseguir.

— Nossos instrutores não entendem como são as coisas — começa a dizer. — Estar ligado a alguém dessa forma. Eles são muito velhos, estão muito desligados das próprias emoções. Não se lembram mais de como é viver e respirar no mundo real. Açam que é simples fazer com que duas pessoas se enfrentem. Mas nunca é tão simples. O outro passa a definir a vida da gente, a definir a nós mesmos. Torna-se tão necessário quanto respirar. Depois eles esperam que o vitorioso continue a viver sem isso. Seria igual a separar os gêmeos Murray e achar que os dois permaneceriam os mesmos. Eles ainda estariam inteiros, mas não completos. Você a ama, não é?

— Mais do que qualquer coisa no mundo — responde Marco.

Tsukiko balança a cabeça, pensativa.

— O nome da minha oponente era Hinata — diz. — A pele dela cheirava a gengibre e creme. Eu a amava mais do que qualquer coisa no mundo também. Naquele dia em que as cerejeiras floriam, ela colocou fogo em si mesma. Acendeu um pilar de chamas e entrou nele como se fosse água.

— Sinto muito — diz Marco.

— Obrigada — diz Tsukiko, com apenas uma sombra de seu sorriso normalmente brilhante. — É isso que Srta. Bowen está planejando. Deixar você vencer.

— Eu sei.

— Não desejo uma dor dessas a ninguém. Ser o vitorioso. Hinata teria adorado isso — diz apontando para a fogueira, observando as labaredas dançarem sob a chuva que fica mais forte. — Ela gostava muito do fogo. O meu elemento era a água. Antes.

Estende o braço e observa as gotas d'água que se recusam a tocar em sua pele.

— Você conhece a história do mago na árvore? — pergunta.

— A história de Merlim? — pergunta Marco. — Conheço várias versões.

— Existem muitas — concorda Tsukiko com um gesto de cabeça. — Histórias antigas têm o hábito de serem contadas e recontadas e alteradas. Cada narrador deixa a própria marca nelas. Seja qual for, a história original acaba soterrada em preconceitos e embelezamentos. As razões não importam tanto quanto a própria história.

A chuva aperta, caindo pesado enquanto ela continua a falar.

— Às vezes é uma caverna, mas eu gosto da versão com a árvore. Talvez a árvore seja mais romântica.

Tira o cigarro ainda aceso da piteira, segurando-o delicadamente entre seus dedos graciosos.

— Já que existem aqui muitas árvores que podem ser usadas para esse propósito — diz —, achei que seria a versão mais apropriada.

Marco volta a atenção para a fogueira. Ela ilumina a chuva de tal forma que as gotas cintilam como neve.

Todas as versões da história de Merlim que ele conhece envolvem o mago sendo aprisionado. Numa árvore, numa caverna ou numa rocha.

Sempre como um castigo, como consequência de um amor louco.

Volta a olhar para Tsukiko.

— Você compreende — diz ela, antes de ele falar qualquer coisa.

Marco confirma com um aceno de cabeça.

— Eu sabia que compreenderia — continua. A luz das chamas esbranquiçadas ilumina o seu sorriso através da chuva.

— O que você está fazendo, Tsukiko? — pergunta uma voz atrás dela. Quando Tsukiko se vira, Marco vê Celia de pé à beira do pátio. O vestido da cor do luar, encharcado, ganhou uma tonalidade cinza, as fitas esvoaçam atrás dela em trilhas de branco e preto e grafite, emaranhando-se em seus cabelos com o vento.

— Volte para a festa, querida — recomenda Tsukiko, guardando a piteira de prata no bolso. — Você não vai querer estar aqui para ver isso.

— Ver o quê? — pergunta Celia, olhando para Marco.

Quando fala, Tsukiko se dirige aos dois.

— Estive cercada por cartas de amor na forma de tendas que vocês produziram um para o outro durante anos. Faz com que me lembre de como era com ela. É maravilhoso e terrível. Ainda não estou preparada para desistir, mas vocês dois estão deixando a coisa esmaecer.

— Você me disse que o amor é frágil e passageiro — diz Celia, confusa.

— Eu menti — admite Tsukiko, rolando o cigarro entre os dedos. — Achei que seria mais fácil se você duvidasse dele. Dei um ano para você encontrar uma maneira de o circo continuar sem você. Você não conseguiu. E eu estou assumindo.

— Eu estou tentan... — começa Celia, mas Tsukiko a interrompe.

— Você continua ignorando um fato simples — diz. — Este circo está em você. Ele usa o fogo como ferramenta. Você representa a maior perda, mas é egoísta demais para perceber. Acredita que não poderia viver com a dor. Mas não se convive com uma dor dessas. Ela é apenas suportável. Sinto muito.

— Por favor, Kiko — pede Celia. — Eu preciso de mais tempo.

Tsukiko balança a cabeça, negando.

— Como eu já disse — continua —, o tempo não é algo que se possa controlar.

Marco não tirou os olhos de Celia desde que ela surgiu no pátio, mas agora desvia o olhar.

— Vá em frente — ordena para Tsukiko, gritando acima do ruído da chuva. — Faça logo a sua parte! Prefiro queimar ao lado de Celia do que viver sem ela.

O que poderia ser um simples brado da palavra “não” é distorcido em algo maior pelo vento quando Celia grita. A agonia da voz dela dilacera Marco como todas as lâminas da coleção de Chandresh combinadas, mas ele se mantém atento à contorcionista.

— Isso vai dar um fim ao jogo, certo? — pergunta. — Vai dar um fim ao jogo mesmo se eu estiver preso no fogo e não morto.

— Você não vai poder continuar — responde Tsukiko. — Isso que importa.

— Então faça logo — diz Marco.

Tsukiko sorri para ele. Junta as palmas das mãos, anéis da fumaça do cigarro subindo dos dedos.

Faz uma reverência discreta e respeitosa.

Nenhum dos dois vê quando Celia corre em direção a eles sob a chuva.

Tsukiko joga o cigarro ainda aceso no fogo.

O cigarro ainda está no ar quando Marco grita pedindo para Celia parar.

Está quase atingindo as agitadas labaredas esbranquiçadas da fogueira quando Celia se atira nos braços de Marco.

Marco sabe que não tem tempo para afastá-la, por isso a abraça com força, enterrando a cabeça em seus cabelos, o chapéu-coco arrancado da cabeça pelo vento.

Então a dor começa. Aguda e dilacerante, como se ele estivesse sendo partido em dois.

— Confie em mim — sussurra Celia no ouvido dele, e Marco deixa de resistir, esquecendo de tudo menos dela.

Um instante antes da explosão, antes de a luz esbranquiçada se tornar ofuscante a ponto de não ser possível distinguir o que está acontecendo, os dois se dissolvem no ar. Num instante eles estão ali, o vestido de Celia esvoaçando ao vento e as mãos de Marco pressionando suas costas, e no instante seguinte só existe uma mancha de luz e sombra.

Agora os dois se foram e o circo está pegando fogo, as chamas distorcidas pela chuva lambendo as tendas.

Sozinha no pátio, Tsukiko suspira. As chamas passam por ela sem tocá-la, contornando-a. Iluminando-a com um brilho impossível.

Logo depois, tão rapidamente quanto surgiram, as chamas diminuem até desaparecerem.

A gaiola retorcida da fogueira está vazia, não resta nem mesmo uma brasa. O barulho da chuva é um eco vazio contra o metal, as gotas evaporam onde o ferro ainda está quente.

Tsukiko tira outro cigarro do casaco, acendendo o isqueiro num gesto experiente e preguiçoso.

As chamas se alastram rapidamente, apesar da chuva.

Ela observa o caldeirão se encher de água enquanto espera.

Transmutação

NOVA YORK, 1º DE NOVEMBRO DE 1902

Se conseguisse abrir a boca, Celia gritaria.

Mas há muito que controlar entre o calor e a chuva com Marco em seus braços.

Por isso se concentra só nele, levando tudo o que ele é junto com ela ao se desgarrar. Agarrando-se à lembrança de todos os toques de pele entre os dois, de todos os momentos que passaram juntos. Levando-o junto com ela.

De repente, é o nada. Sem chuva. Sem fogo. Uma planície calma e branca feita de nada.

Em algum lugar do nada, um relógio começa a bater meia-noite.

Pare, pensa Celia.

O relógio continua a badalar, mas ela sente o silêncio descer.

A transposição é a parte mais fácil, percebe Celia.

O problema é a recomposição.

É como curar as pontas dos dedos cortadas na infância, só que levado ao extremo.

Há muito a equilibrar ao tentar encontrar as margens outra vez.

Seria simples se abandonar.

Seria muito mais fácil se deixar levar.

Muito menos doloroso.

Celia luta contra a tentação, contra a dor e o caos. Luta para se controlar e controlar o entorno.

Escolhe um ponto no qual se concentrar, o lugar mais familiar em que consegue pensar.

Lentamente, numa lentidão agonizante, ela se recompõe em segurança.

Até se encontrar em sua tenda, no meio de um círculo de cadeiras vazias.

Sente-se mais leve. Diluída. Levemente atordoada.

Mas não é um reflexo do que já foi. Está inteira outra vez, respirando. Pode ouvir o coração batendo, rápido mas estável. Até o vestido parece ser o mesmo, cascadeando ao seu redor, não mais molhado pela chuva.

Gira e ele adeja ao seu redor.

A tontura começa a melhorar quando se concentra, ainda surpresa com a própria façanha.

Então percebe que tudo na tenda ao redor está transparente. As cadeiras, as luzes penduradas, até as listras das paredes parecem sem substância.

E ela está só.

*

PARA MARCO, O MOMENTO da explosão dura muito mais.

O calor e a luz se estendem de forma infinita enquanto ele abraça Celia em meio à dor.

Depois Celia não está mais.

Não resta nada. Nada de fogo. Nada de chuva. Nada de chão sob seus pés.

Sua visão começa a se alternar entre sombra e luz, a escuridão substituída por uma planície branca que mais uma vez é consumida pela escuridão. Sem parar.

*

O CIRCO MUDA EM TORNO DE CELIA, tão fluido quanto as ilusões de Marco.

Visualiza onde quer estar, e lá está ela. Não sabe nem dizer se está se movendo ou manipulando o circo ao seu redor.

O Jardim de Gelo está deserto e em silêncio, nada mais que uma brancura fria e imaculada em todas as direções.

Apenas uma fração da Sala de Espelhos reflete sua imagem, e alguns mostram somente uma mancha brilhante do que seria seu vestido cinza-claro, ou o movimento das fitas esvoaçantes atrás dela.

Pensa ter visto Marco no vidro, a barra do paletó ou um lampejo do colarinho, mas não tem certeza.

Muitos espelhos estão vazios em suas molduras trabalhadas.

A névoa no Zoológico se dissipa lentamente enquanto ela faz sua busca na tenda, sem encontrar nada a não ser papel.

O Poço de Lágrimas nem chega a ondular, a superfície está suave e lisa, e Celia é incapaz de agarrar uma pedra para jogar na água. Não consegue acender uma vela na Árvore dos Desejos, embora as que estejam nos galhos continuem queimando.

Perambula de sala em sala dentro do Labirinto das Câmaras. Salas que ela criou, que levam a outras que Marco fez e novamente para as dela...

Celia consegue senti-lo. Tão próximo que pensa poder encontrá-lo em cada curva, atrás de cada porta.

Mas só vê penas flutuando com leveza e cartas de baralho planando. Estátuas prateadas com olhos cegos. Assoalhos pintados como um tabuleiro de xadrez com os quadrados vazios.

Há vestígios dele por toda a parte, mas nada em que possa se concentrar. Nada em que possa se agarrar.

O corredor coberto de neve, forrado de portas de diferentes tamanhos e cores, mostra marcas que poderiam ser pegadas, ou apenas sombras.

E Celia não consegue saber para onde levam.

*

MARCO ENGASGA QUANDO O AR ENCHE SEUS PULMÕES, como se estivesse debaixo d'água e não soubesse.

Seu primeiro pensamento coerente é que não esperava que estar aprisionado numa fogueira fosse tão frio.

O ar gelado é áspero e cortante, ele só consegue enxergar brancura em todas as direções.

Quando seus olhos se adaptam, consegue discernir a sombra de uma árvore. Os galhos de um salgueiro esbranquiçado pela neve cascateiam ao seu redor.

Dá um passo à frente, sentindo o chão surpreendentemente macio sob os pés.

Ele está no centro do Jardim de Gelo.

A fonte no centro parou, as águas em geral borbulhantes estão quietas e pacíficas.

A brancura torna difícil entender, mas o jardim todo está transparente.

Marco olha para as mãos. Estão um pouco trêmulas, mas parecem sólidas. Seu terno continua escuro e opaco.

Ergue a mão até uma rosa próxima e seus dedos passam pelas pétalas, que oferecem apenas uma leve resistência, como se a flor fosse feita de água, não de gelo.

Ainda está olhando para a rosa quando ouve um leve suspiro.

*

CELIA LEVA AS MÃOS À BOCA, ainda sem acreditar no que está vendo. A visão de Marco no Jardim de Gelo é a mesma que imaginou tantas vezes antes, mas, sozinho naquela expansão gelada de flores, ele nem parece real, apesar de a escuridão de seu terno contrastar com o caramanchão de rosas claras.

Marco se vira e olha para ela. Assim que vê os olhos dele, todas as suas dúvidas somem.

Por um instante ele parece tão jovem que Celia consegue ver o garoto que já foi, anos antes de conhecê-lo, quando já estavam ligados mas ainda distantes um do outro.

São tantas as coisas que deseja dizer, coisas que temia não ter jamais oportunidade de dizer para ele. Mas só uma parece importante.

— Eu amo você — diz.

As palavras ecoam pela tenda, provocando um leve farfalhar das folhas congeladas.

*

MARCO CONTINUA OLHANDO para Celia enquanto ela se aproxima, achando que é tudo um sonho.

— Achei que tinha perdido você — diz ela ao se aproximar, a voz transformada num sussurro trêmulo.

Ela parece tão substancial quanto ele, mas não transparente como o jardim. Parece viva e vibrante contra o fundo branco, um rubor brilhante na face, os olhos escuros orlados de lágrimas.

Marco leva a mão ao rosto dela, temeroso de que seus dedos passem através dela como fizeram com a rosa.

O alívio que sente quando ela é sólida e viva ao seu toque é insuperável.

Ele a toma em seus braços, as lágrimas escorrendo para os cabelos dela.

— Eu amo você — diz quando consegue recuperar a voz.

*

OS DOIS FICAM ENLAÇADOS, e não querem se largar.

— Eu não podia deixar você fazer aquilo — diz Celia. — Não pude deixar você partir.

— O que você fez? — pergunta Marco, ainda sem saber ao certo o que aconteceu.

— Usei o circo como uma pedra de toque — explica Celia. — Não sabia se ia funcionar, mas não podia deixar você, eu tinha que tentar. Tentei levá-lo comigo, mas não o encontrei e achei que o tivesse perdido.

— Estou aqui — diz Marco, acariciando o cabelo dela. — Estou aqui.

Não era o que ele esperava, ser libertado do mundo e reintegrado a um local fechado. Marco não se sente confinado, apenas separado, como se ele e Celia estivessem sobrepostos ao circo, em vez de contidos nele.

Olha ao redor, para as árvores, as longas hastes congeladas do salgueiro descendo em cascatas, as topiarias que ladeiam a trilha mais próxima como

fantasmas.

Só então percebe que o jardim está derretendo.

— A fogueira se apagou — anuncia Marco. Ele consegue sentir o vazio agora. Pode sentir o circo todo ao redor, como se grudasse nele como névoa, como se pudesse estender a mão e tocar a cerca de ferro apesar da distância. Consegue divisar a cerca em todas as direções, onde se localiza cada tenda, até o pátio escurecido em que está Tsukiko, tudo sem nenhum esforço. Pode sentir a totalidade do circo tão facilmente quanto sente a camisa na própria pele.

E a única coisa que queima de forma brilhante naquilo tudo é Celia.

Mas é um brilho bruxuleante. Frágil como a chama de uma vela.

— É você que está mantendo o circo inteiro — observa.

Celia confirma com um gesto de cabeça. Ainda não a sobrecarrega, mas é cada vez mais difícil administrar tudo aquilo sem a fogueira. Não consegue se concentrar o suficiente para manter os detalhes intactos. Alguns elementos começam a se dissipar, tombando como as flores ao redor.

E ela sabe que, caso aquilo se rompa, não conseguirá mais reunir tudo de novo.

Celia está trêmula e, apesar de o tremor parar um pouco quando Marco a abraça mais apertado, seus braços continuam a tremer.

— Relaxe, Celia.

— Não posso — responde. — Se eu relaxar, tudo vai desmoronar.

— E o que vai acontecer conosco se desmoronar? — pergunta Marco.

— Não sei — diz Celia. — Está em suspenso. O circo não pode ser autossuficiente sem nós. Precisa de um guardião.

Em suspenso

NOVA YORK, 1º DE NOVEMBRO DE 1902

Da última vez que Bailey entrara naquela tenda, Poppet estava com ele e o lugar estava cheio de uma névoa densa e branca.

Naquela ocasião, e Bailey tem dificuldade em acreditar que aquilo havia sido apenas há alguns dias, a tenda parecia interminável. Mas agora, sem a cobertura de névoa, ele consegue ver as paredes brancas e todas as criaturas lá dentro, e nenhuma se move.

Pássaros, morcegos e borboletas flutuam no espaço como se pendurados por fios, completamente imóveis. Nenhum farfalhar de asas de papel. Nenhum movimento.

Outras criaturas estão no chão, aos pés de Bailey, inclusive um gato preto pronto para atacar e uma raposa branca com a ponta do rabo prateada. Também há animais maiores. Uma zebra com listras perfeitamente contrastantes. Um leão reclinado com uma juba cor da neve. Um alce branco com grandes chifres.

Ao lado do alce ele vê um homem num terno escuro.

O homem é quase transparente, como um fantasma, ou o reflexo num vidro. Partes de seu traje não são mais do que sombras. Bailey consegue enxergar perfeitamente o alce através da manga de seu paletó.

O rapaz está se perguntando se a figura é ou não fruto de sua imaginação quando o homem olha para ele, os olhos surpreendentemente brilhantes, embora Bailey não consiga distinguir a cor.

— Eu pedi a ela para não mandar você vir por aqui — diz o homem. — Apesar de ser o caminho mais curto.

— Quem é você? — pergunta Bailey.

— Meu nome é Marco — responde o homem. — Você deve ser Bailey.

Bailey confirma com um aceno de cabeça.

— Preferiria que você não fosse tão jovem — diz Marco.

Algo naquela voz parece profundamente triste, mas Bailey ainda está distraído por sua aparência fantasmagórica.

— Você está morto? — pergunta, chegando mais perto. Com a mudança de perspectiva, Marco parece quase sólido por um instante, mas volta a ser transparente no instante seguinte.

— Não exatamente — responde Marco.

— Tsukiko disse que ela é a única pessoa viva aqui que sabe o que aconteceu.

— Desconfio que nem sempre Srta. Tsukiko diz a verdade.

— Você parece um fantasma — diz Bailey. Não consegue pensar numa forma melhor de descrevê-lo.

— Você também parece um fantasma para mim, então qual de nós será real?

Bailey não faz ideia de como responder àquela questão, por isso faz a primeira pergunta que lhe vem à cabeça.

— O chapéu-coco no pátio é seu?

Para sua surpresa, Marco sorri.

— Na verdade, é — responde. — Eu o perdi antes de tudo isso acontecer, por isso ficou lá.

— O que aconteceu? — pergunta Bailey.

Marco faz uma pausa antes de responder.

— É uma longa história.

— Foi o que Tsukiko disse — lembra Bailey. Pergunta-se se ainda vai conseguir encontrar Widget, para ele esclarecer toda aquela história.

— Ela estava dizendo a verdade a respeito disso, sim — diz Marco. — Tsukiko queria me aprisionar na fogueira, mas os motivos são uma história mais longa para a qual não temos tempo, e houve uma mudança de planos que resultou na situação atual. Eu fui desfeito e refeito num estado menos concentrado.

Marco estende a mão e Bailey tenta tocá-la. Seus dedos a atravessam encontrando apenas uma leve resistência, a impressão de que há algo ocupando o espaço, ainda que não totalmente sólido.

— Não é um truque ou uma ilusão — diz Marco.

Bailey franze o cenho, pensando a respeito, mas depois de um momento balança a cabeça. Poppet dissera que nada é impossível, e ele está começando a concordar.

— Eu não estou interagindo com os arredores tão diretamente quanto você — continua Marco. — Do meu ponto de vista, você e tudo mais aqui parecem insubstanciais. Talvez a gente possa falar sobre isso em outra ocasião. Venha comigo. — Vira-se e começa a andar em direção ao fundo da tenda.

Bailey o segue, fazendo uma volta maior para contornar os animais. É difícil encontrar lugar para pisar, embora Marco deslize a sua frente com muito menos dificuldade.

Perde o equilíbrio ao contornar a figura inclinada de um urso-polar. Seus ombros esbarram em um corvo que paira no ar. A ave cai no chão, as asas quebradas.

Antes que Bailey consiga dizer qualquer coisa, Marco abaixa-se e pega o corvo, revirando-o nas mãos. Abre as asas quebradas e apalpa por dentro, torcendo alguma coisa com um clique. O corvo vira a cabeça e solta um grasnado agudo e metálico.

— Como você consegue tocar neles? — pergunta Bailey.

— Ainda estou tentando entender a logística de interagir com as coisas físicas — esclarece Marco, endireitando as asas do corvo e repousando-o no braço. O animal bate as asas de papel, mas não consegue voar. — Talvez tenha a ver com o fato de eu ter feito tudo isso. Os elementos do circo que eu ajudei a criar parecem mais tangíveis.

O corvo sai pulando de uma pilha de papéis com uma cauda curva que dá a impressão de que já foi de um dragão.

— Eles são incríveis — observa Bailey.

— São feitos de papel e mecanismos animados por encantamentos simples. Você seria capaz de fazer o mesmo com um pouco de estudo.

Nunca passou pela cabeça de Bailey que poderia fazer uma coisa daquelas, mas parece bem aceitável, agora que obteve essa informação de forma tão simples e direta.

— Aonde estamos indo? — pergunta quando se aproximam da outra extremidade da tenda.

— Há uma pessoa que gostaria de falar com você — diz Marco. — Ela está esperando na Árvore dos Desejos; parecia o local mais estável.

— Acho que nunca vi a *Árvore dos Desejos* — comenta Bailey, cauteloso com cada passo ao se aproximar do outro lado da tenda.

— Não é uma tenda para se achar por acaso — explica Marco. — Só é encontrada quando necessário. É uma das minhas favoritas. Pegue uma vela na caixa da entrada e a acenda com uma das que já estão acesas na árvore. O seu desejo aceso pelo desejo de outra pessoa. — Eles chegam à lateral da tenda e Marco aponta uma fenda no tecido, uma fileira de fitas pouco visíveis que fazem Bailey se lembrar da entrada para a tenda de *Widget*, com todas aquelas garrafas estranhas. — Se você sair, vai ver a entrada da tenda dos acrobatas do outro lado. Estarei logo atrás de você, ainda que você não vá conseguir me ver até estarmos no interior da tenda de novo. Tenha cuidado.

Bailey desata os nós e sai da tenda sem dificuldade, encontrando-se num caminho sinuoso entre as tendas. O céu está cinzento porém brilhante, apesar da chuva leve que começa a cair.

A tenda dos acrobatas paira mais alta do que as que estão em volta, e o cartaz que diz *DESAFIO À GRAVIDADE* está flutuando na entrada a poucos passos.

Bailey já esteve naquela tenda muitas vezes, conhece bem o palco aberto no qual os artistas ficam suspensos.

Mas, ao passar pela porta, não encontra o espaço aberto que esperava.

O que Bailey vê é uma festa. Uma comemoração imobilizada num determinado instante, suspensa da mesma forma que os pássaros de papel no ar.

Dezenas de artistas ocupam a tenda, banhados pela luz de lâmpadas redondas penduradas entre cordas, cadeiras e gaiolas circulares. Alguns estão em pares ou grupos, outros acomodam-se em almofadas, caixas ou cadeiras que adicionam cores fugidias a uma multidão quase toda branca e preta.

E todos estão perfeitamente imóveis. Tão imóveis que parecem nem respirar. Como estátuas.

Uma delas, a seu lado, tem uma flauta nos lábios, o instrumento em silêncio entre seus dedos.

Outra está servindo uma garrafa de vinho, o líquido flutuando acima da taça.

— Nós deveríamos ter dado a volta — diz Marco, aparecendo como uma sombra a seu lado. — Eu os estou observando há horas, e eles continuam perturbadores.

— Qual é o problema com eles? — pergunta Bailey.

— Nenhum, até onde posso ver — responde Marco. — O circo todo ficou suspenso para que tivéssemos mais tempo, por isso... — Ergue a mão e faz um gesto em direção à festa.

— Tsukiko faz parte do circo e não está assim — comenta Bailey, confuso.

— Acredito que Tsukiko jogue com as próprias regras — explica Marco. — Assim — acrescenta, entrando pela multidão de figuras.

Deslizar pela festa se prova mais difícil do que circular entre os animais de papel, e Bailey anda com extrema cautela, com medo do que possa acontecer se esbarrar em alguém no caminho, como acontecera com o corvo.

— Estamos quase chegando — diz Marco enquanto desviam de um grupo que forma um círculo interrompido.

Mas Bailey para, observando uma figura no grupo a sua frente.

Widget usa seu traje de apresentação, mas o casaco de retalhos foi descartado e o colete pende sobre a camisa preta. As mãos estão erguidas, gesticulando de uma forma tão familiar que Bailey pode dizer que ele parou no meio de uma história.

Poppet está ao lado do irmão. A cabeça virada na direção do pátio, como se algo tivesse desviado sua atenção no exato momento em que a festa parou. Os cabelos esvoaçam atrás dela, ondas vermelhas flutuando no ar como se estivessem suspensas na água.

Bailey dá a volta para ficar de frente para ela, tentando tocar seu cabelo. Os fios ondulam lentamente em seus dedos antes de voltarem à posição de imobilidade.

— Ela pode me ver? — pergunta. Os olhos de Poppet ainda estão vivos e brilhantes. Bailey espera que pisquem a qualquer momento, mas isso não acontece.

— Não sei — responde Marco. — Talvez, mas...

Antes que consiga concluir o pensamento, uma das cadeiras penduradas acima despenca, a fita em que estava presa arrebatada. Quase acerta Widget quando chega ao chão, quebrando-se.

— Que merda — exclama Marco quando Bailey salta para trás, quase colidindo com Poppet e provocando em seus cabelos um breve movimento ondulatório. — Por aqui — diz Marco, indicando a lateral da tenda a alguma distância. E desaparece.

Bailey olha outra vez para Poppet e Widget. O cabelo dela se estabiliza outra vez, imóvel. Fragmentos da cadeira caída descansam nas botas de Widget.

Virando-se, Bailey anda com muito cuidado ao redor das figuras imóveis para chegar ao outro lado da tenda. Lança olhares nervosos para cima em direção às outras cadeiras e às gaiolas de ferro suspensas por nada mais do que frágeis fios.

Seus dedos tremem quando ele desata os nós na lona.

Assim que passa para o outro lado, sente como se estivesse saindo de um sonho.

Na tenda adjacente há uma imponente árvore. Tão grande quanto seu antigo carvalho, saindo diretamente da terra. Os galhos nus e enegrecidos estão recobertos de velas brancas gotejantes, camadas translúcidas de parafina incrustadas na cortiça.

Apenas uma fração das velas está queimando, mas a visão não é menos resplandecente, pois elas iluminam os galhos negros retorcidos, lançando sombras dançantes sobre as paredes listradas.

Embaixo, Marco está com os braços ao redor de uma mulher que Bailey reconhece de imediato como a ilusionista.

Ela parece tão transparente quanto Marco. O vestido lembra uma névoa à luz da vela.

— Olá, Bailey — diz ela quando ele se aproxima. Sua voz ecoa em torno dele, tão perto como se estivesse ao seu lado, sussurrando em seu ouvido. — Gostei do seu cachecol — acrescenta, quando ele não responde de imediato. As palavras soam cálidas e estranhamente reconfortantes em seus ouvidos. — Meu nome é Celia. Acho que não fomos apresentados ainda.

— Prazer em conhecê-la — responde Bailey.

Celia sorri, e Bailey se surpreende com quanto ela parece diferente desde a última vez em que assistiu a sua apresentação, sem considerar o fato de agora poder ver os galhos negros através dela.

— Como sabia que eu estava vindo para cá? — pergunta.

— Poppet mencionou você como parte de uma série de eventos que aconteceram antes, por isso achei que acabaria chegando.

À menção do nome de Poppet, Bailey olha por cima do ombro para a parede da tenda. A festa em suspenso parece mais distante do que um pouco além das lonas listradas.

— Precisamos da sua ajuda com uma coisa — continua Celia quando ele volta a olhar para ela. — Precisamos que você tome posse do circo.

— O quê? — pergunta Bailey. Ele não sabia o que o estava esperando, mas certamente não era isso.

— No momento o circo necessita de um novo guardião — diz Marco. — Está à deriva, como um navio sem âncora. Precisa de alguém para ancorá-lo.

— E esse alguém seria eu? — pergunta Bailey.

— Nós gostaríamos que fosse, sim — diz Celia. — Se quiser assumir o compromisso. Nós poderíamos dar uma assistência, e Poppet e Widget poderiam ajudar também, mas a verdadeira responsabilidade seria sua.

— Mas... eu não sou especial — diz Bailey. — Não como vocês. Não sou ninguém importante.

— Eu sei — concorda Celia. — Você não é um predestinado ou eleito. Até gostaria de dizer que é, se isso tornasse as coisas mais fáceis, mas não seria verdade. Você só está no lugar certo na hora certa, e tem boa vontade para fazer o que precisa ser feito. Às vezes isso é o bastante.

Enquanto observa Celia sob a luz mortífera, Bailey percebe que ela é bem mais velha do que aparenta, assim como Marco. É como perceber que alguém numa fotografia não tem mais a idade que tinha quando a foto foi tirada, e os dois parecem mais distantes por isso. O próprio circo parece distante, ainda que esteja dentro dele. Como se estivesse se afastando dele.

— Tudo bem — concorda Bailey, mas Celia ergue uma das mãos transparentes antes que ele concorde.

— Espere — diz. — Isso é importante. Quero que você tenha algo que nenhum de nós teve. Quero que tenha uma escolha. Você pode concordar com isso ou ir embora. Não tem a obrigação de ajudar, e não quero que ache que tem.

— O que acontece se eu for embora? — pergunta Bailey.

Celia olha para Marco antes de responder.

Os dois apenas se entreolham sem falar nada, mas o gesto é tão íntimo que Bailey afasta o olhar, fitando os galhos retorcidos da árvore.

— Não vai durar muito — responde Celia depois de um tempo. Sem explicação, ela se vira para Bailey antes de continuar. — Sei que é pedir muito para você, mas não tenho outra opção.

De repente as velas na árvore começam a faiscar. Algumas apagam, anéis de fumaça substituindo as chamas brilhantes por um instante antes de desaparecerem.

Celia cambaleia, e por um momento Bailey acha que ela pode desmaiar, mas Marco a segura.

— Celia, querida — diz, passando a mão por seus cabelos. — Você é a pessoa mais forte que já conheci. Você consegue aguentar um pouco mais, eu sei que pode.

— Desculpe-me — responde ela.

Bailey não sabe dizer com qual dos dois ela está falando.

— Você não tem por que se desculpar — diz Marco.

Celia segura firme na mão dele.

— O que aconteceria a vocês dois se o circo... parasse? — pergunta Bailey.

— Na verdade, não sei ao certo — responde Celia.

— Nada de bom — murmura Marco.

— O que você precisa que eu faça? — indaga Bailey.

— Preciso que termine algo que comecei — explica Celia. — Eu... agi muito impulsivamente e joguei minhas cartas fora da ordem. E agora há também a questão da fogueira.

— A fogueira? — pergunta Bailey.

— Pense no circo como uma máquina — diz Marco. — A fogueira é o que fornece a energia.

— Existem duas coisas que precisam acontecer — diz Celia. — Primeiro, a fogueira precisa ser acesa. Isso vai... alimentar metade do circo.

— E a outra metade? — indaga Bailey.

— Essa é mais complicada — responde Celia. — Eu carrego isso comigo. E teria que transmitir a você.

— Ah.

— E estaria sempre com você — continua Celia. — Você o manteria todo o tempo. Estaria ligado ao circo muito firmemente. Poderia se afastar, mas não por longos períodos. Não sei se você seria capaz de passá-lo para outra pessoa. Estaria sob seu cuidado. Para sempre.

Só então Bailey percebe a dimensão do compromisso que teria que assumir.

Não são apenas alguns anos em Harvard. É algo ainda maior, imagina, do que herdar a responsabilidade pela fazenda da família.

Olha de Marco para Celia, e sabe pela expressão dos seus olhos que ela vai permitir que vá embora se ele quiser, apesar do que possa acontecer com eles ou com o circo.

Pensa numa litania de perguntas, mas nenhuma delas importa de verdade.

Ele já sabe a resposta.

A escolha foi feita quando ele tinha 10 anos, embaixo de outra árvore, e tem a ver com bolotas e verdades ou consequências e uma luva branca.

Ele sempre escolherá o circo.

— Aceito — diz. — Eu fico. Vou fazer o que for preciso.

— Obrigada, Bailey — diz Celia em voz baixa. As palavras ressoam em seus ouvidos e acalmam seus nervos.

— Realmente — intervém Marco. — Acho que deveríamos tornar isso oficial.

— Você acha que é absolutamente necessário? — pergunta Celia.

— A esta altura eu não estou inclinado a aceitar um contrato verbal — responde Marco.

Celia franze a testa por um instante, mas depois concorda com um gesto de cabeça e Marco solta a mão dela devagar. Ela continua firme, sua aparência não muda.

— Você quer que eu assine em algum lugar? — pergunta Bailey.

— Não exatamente — responde Marco. Tira da mão direita um anel de prata gravado com palavras que Bailey não consegue discernir àquela luz. Marco pega um galho acima da cabeça e passa o anel por uma das velas acesas até ele começar a brilhar, quente e branco.

Bailey pondera sobre qual desejo poderia representar aquela vela específica.

— Anos atrás eu fiz um desejo nesta árvore — diz Marco, como se soubesse o que Bailey está pensando.

— E qual foi? — pergunta Bailey, esperando que não seja uma pergunta direta demais, mas Marco não responde.

Em vez disso ele envolve o reluzente anel na palma da mão e a estende para Bailey.

Bailey aceita, hesitante, esperando que seus dedos passem através da mão de Marco com a mesma facilidade de antes.

Mas os dedos encontram resistência, a mão de Marco está quase sólida. Marco inclina-se e murmura algo no ouvido de Bailey.

— Meu desejo era ela — revela.

Nesse momento a mão de Bailey começa a doer. É uma dor quente e brilhante, provocada pelo anel em sua pele.

— O que você está fazendo? — consegue perguntar quando recupera o fôlego. A dor é penetrante e severa, percorrendo todo o seu corpo, e Bailey mal

consegue impedir que os joelhos se dobrem.

— Vínculos — diz Marco. — É uma das minhas especialidades.

Solta a mão de Bailey. A dor desaparece de imediato, mas as pernas continuam tremendo.

— Tudo bem com você? — pergunta Celia.

Bailey confirma com um gesto de cabeça e olha para a palma da mão. O anel desapareceu, mas a pele mostra um círculo vermelho calcinado. Sem precisar perguntar, Bailey tem certeza de que é uma cicatriz que carregará para sempre. Fecha a mão e olha para Marco e Celia.

— Digam o que eu preciso fazer agora.

O segundo acendimento da fogueira

NOVA YORK, 1º DE NOVEMBRO DE 1902

Bailey encontra o minúsculo quarto cheio de livros sem muita dificuldade. O grande corvo negro pousado no canto pisca com curiosidade enquanto ele revira o conteúdo da mesa.

Folheia ansioso o grande livro de couro até encontrar a página com as assinaturas de Poppet e Widget. Arranca a página da lombada com cuidado, retirando-a inteira.

Pega uma caneta numa gaveta e escreve o próprio nome na página, conforme foi instruído. Enquanto a tinta seca, recolhe o restante das coisas de que vai precisar, repassando a lista várias vezes na cabeça para não esquecer nada.

O fio é encontrado com facilidade, um novelo equilibrado precariamente sobre uma pilha de livros.

As duas cartas, uma de um baralho normal e outra de tarô com o desenho de um anjo, estão entre os papéis da escrivantina. Bailey as coloca dentro do livro.

Os pombos na gaiola agitam-se com um suave farfalhar de penas.

O relógio de bolso na longa corrente prateada é o mais difícil de achar. Acaba encontrando-o no chão ao lado da mesa, e ao tentar tirar um pouco do pó consegue ver as iniciais H. B. gravadas no verso. O relógio está parado.

Bailey coloca as páginas soltas em cima do livro e põe tudo debaixo do braço. O relógio e o novelo de lã ele guarda no bolso, junto com a vela que tirou da *Árvore dos Desejos*.

O corvo vira a cabeça em sua direção quando ele sai. Os pombos continuam dormindo.

Bailey atravessa a tenda contígua, contornando o círculo duplo de cadeiras como se não fosse apropriado passar através delas.

Do lado de fora, continua a chover.

Volta depressa para o pátio, onde encontra Tsukiko esperando por ele.

— Celia diz que você precisa me emprestar o isqueiro — diz.

Tsukiko inclina a cabeça com curiosidade, parecendo um estranho pássaro com um sorriso felino.

— Suponho que isso seja aceitável — responde depois de um momento. Tira o isqueiro de prata do bolso do casaco e o joga para ele.

É mais pesado do que esperava, um complicado mecanismo de engrenagens parcialmente alojadas num estojo de prata gasta e escovada, com símbolos que não consegue distinguir gravados na superfície.

— Tenha cuidado com isso — recomenda Tsukiko.

— É mágico? — pergunta Bailey, manuseando-o.

— Não, mas é antigo e foi feito por alguém que me é muito querido. Imagino que esteja tentando acender isso de novo. — Faz um gesto na direção do imponente recipiente de metal retorcido que um dia já abrigou a fogueira.

Bailey confirma.

— Precisa de ajuda?

— Você está me oferecendo?

Tsukiko dá de ombros.

— Não estou muito interessada no resultado — responde, mas algo em sua expressão ao observar as tendas ao redor e a lama faz com que Bailey duvide das palavras dela.

— Não acredito em você — retruca. — Mas eu estou interessado, e acho que deveria fazer isso sozinho.

Tsukiko sorri para ele, o primeiro sorriso dela que lhe pareceu genuíno.

— Então vou deixá-lo sozinho — diz Tsukiko. Passa uma das mãos pelo caldeirão de ferro e quase toda a água no recipiente se transforma em vapor, erguendo-se como uma nuvem tênue que se dissipa na neblina.

Sem mais conselhos ou instruções, ela se afasta por uma trilha listrada de preto e branco deixando um fino rastro de fumaça e Bailey fica sozinho no pátio.

Ele recorda-se de Widget contando a história do acendimento da fogueira, do primeiro acendimento. Mas só agora percebe que foi também a noite em que Widget nasceu. Ele tinha contado a história com tantos detalhes que Bailey

imaginou que Widget tivesse testemunhado o fato. Os arqueiros, as cores, o espetáculo.

E agora lá está Bailey, tentando realizar a mesma façanha apenas com um livro e um novelo de lã e um isqueiro emprestado. Sozinho. Na chuva.

Murmura consigo mesmo o que consegue se lembrar das instruções de Celia, que são mais complicadas do que encontrar o livro e amarrar fios. Coisas sobre concentração e intenção que ele não entende totalmente.

Amarra o livro com um pedaço do fino fio de lã tingido de carmesim escuro, com partes manchadas com alguma coisa seca e amarronzada.

Dá três nós no fio, com o livro fechado e as folhas soltas junto à capa, as cartas presas lá dentro.

O relógio de bolso ele pendura no livro, ajeitando a corrente da melhor forma que pode.

Joga tudo no caldeirão vazio, onde os objetos pousam com um baque surdo e úmido, o relógio tinindo contra o metal.

O chapéu-coco de Marco repousa na lama aos seus pés. Bailey o joga também.

Olhando outra vez na direção da tenda dos acrobatas, consegue ver o cume dali do pátio, mais alto do que o das outras tendas.

Em seguida, num impulso, retira os demais conteúdos dos bolsos e os acrescenta à coleção no caldeirão. O ingresso de prata. A rosa ressecada que usou na lapela durante o jantar com os *rêveurs*. A luva branca de Poppet.

Bailey hesita, girando nas mãos o minúsculo frasco com a versão de Widget de sua árvore, mas depois o acrescenta também, tendo um sobressalto quando ele se estilhaça contra o ferro.

Segura uma única vela branca na mão e o isqueiro de Tsukiko na outra.

Luta com o isqueiro até que ele se acenda.

Depois acende a vela com sua chama alaranjada e brilhante.

Joga a vela acesa no caldeirão.

Nada acontece.

Eu escolhi isso, pensa Bailey. Eu quero isso. Preciso disso. Por favor. Por favor, faça funcionar.

Bailey deseja, com mais intensidade do que jamais desejou qualquer coisa quando apagava velas de aniversário ou observava estrelas cadentes. Desejando por si mesmo. Pelos *rêveurs* com seus cachecóis vermelhos. Por um mestre

relojoeiro que nunca conheceu. Por Celia e Marco e Poppet e Widget e até mesmo Tsukiko, embora ela diga que não se importa.

Bailey fecha os olhos.

Por um instante, tudo está quieto. Até a chuva fina para de repente.

Sente duas mãos descansando em seus ombros.

Um peso no peito.

Alguma coisa dentro do caldeirão retorcido começa a faiscar.

Quando sobem, as chamas são vermelhas e brilhantes.

Quando se tornam brancas, são ofuscantes e a chuva de faíscas cai como estrelas.

A força do calor empurra Bailey para trás, passando por ele como uma onda; o ar quente queima em seus pulmões. Ele cai no solo que não está mais chamuscado e enlameado, mas firme e seco e com o padrão em espirais brancas e pretas. Por toda parte ao seu redor, luzes começam a brilhar nas tendas, piscando como vaga-lumes.

*

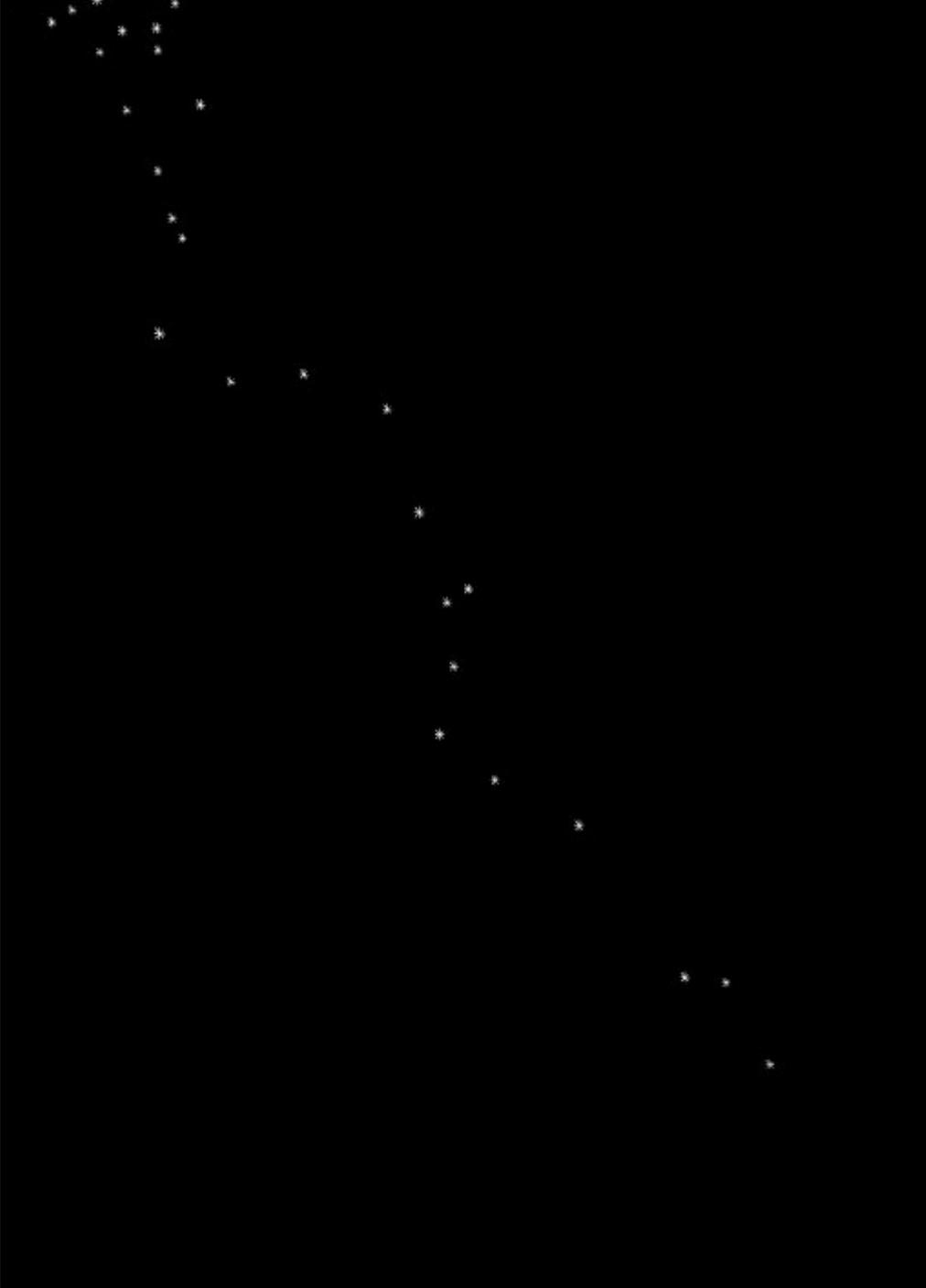
MARCO ESTÁ EM FRENTE À ÁRVORE DOS DESEJOS, observando as velas se acenderem nos galhos.

Um instante depois Celia reaparece ao seu lado.

— Funcionou? — pergunta ele. — Por favor, diga que sim.

Como resposta, ela o beija da mesma forma como ele a beijou no meio de um salão de baile lotado.

Como se eles fossem as únicas duas pessoas no mundo.



Parte V

DIVINAÇÃO



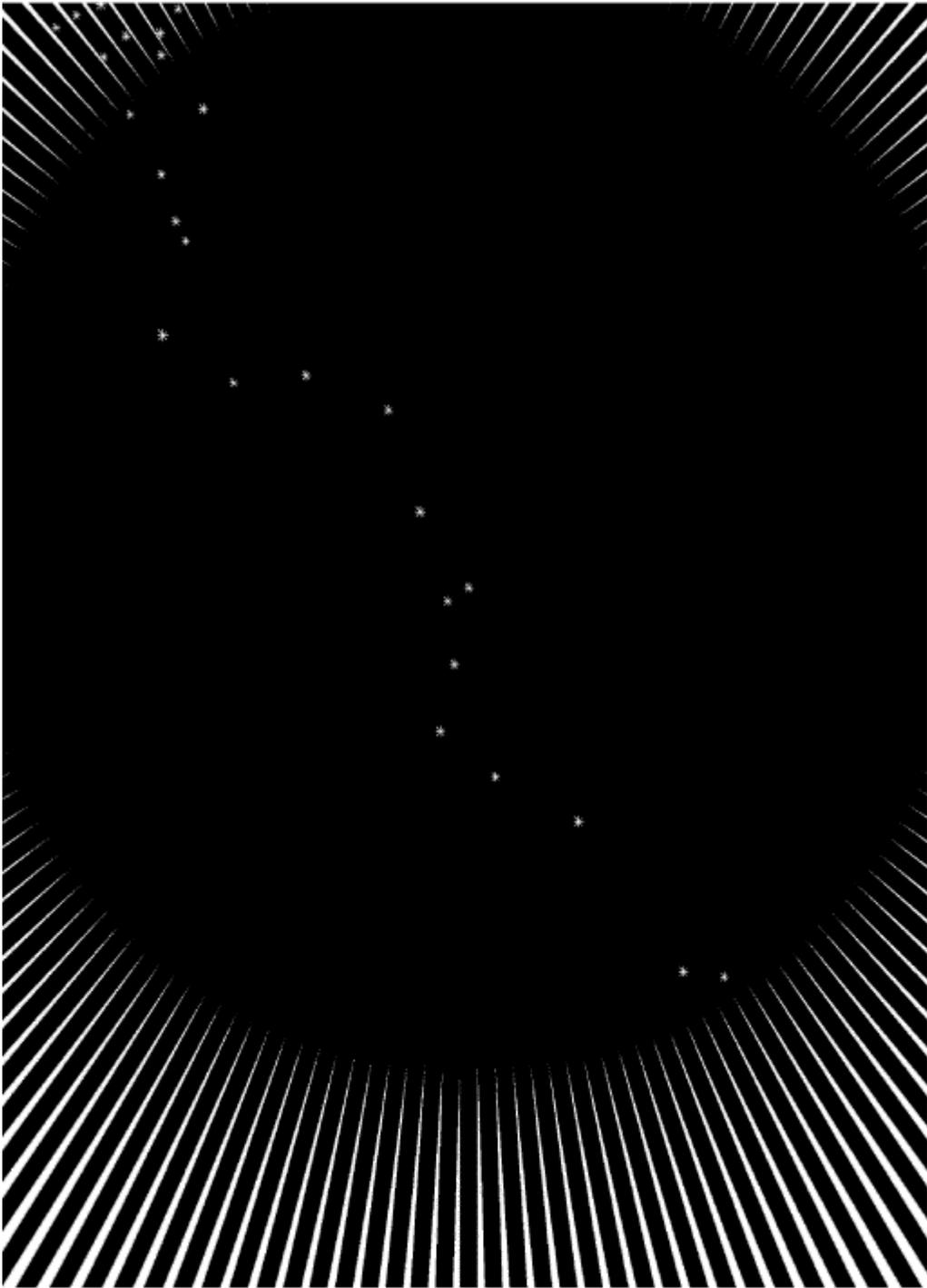
Acho que me vejo não como um escritor, mas como alguém que apresenta um portal, uma rota tangencial para os leitores chegarem ao circo. Para poderem visitá-lo outra vez, mesmo que apenas em suas mentes, quando não conseguirem estar lá fisicamente. Divulgo isso por meio de palavras impressas em notícias de jornal amassadas, palavras que eles podem ler muitas vezes, voltando ao circo quando quiserem, independentemente da hora do dia ou da localização física. Transportando-os à vontade.

Colocado desta maneira, soa como mágica, não é?

— FRIEDRICK THIESSEN, 1898

Nossa festa acabou. Nossos atores,
Que eu avisei não serem mais que espíritos
Derreteram-me em ar, em puro ar;
E como a trama vã desta visão
As torres e os palácios encantados,
Templos solenes, como o globo inteiro,
Sim, tudo o que ela envolve, vai sumir
Sem deixar rastros. Nós somos o estofa
De que se fazem sonhos; e esta vida
Encerra-se num sono.

— PRÓSPERO, *A TEMPESTADE*, ATO IV, CENA I




**DESTINOS ANUNCIADOS**


É tarde, por isso não há fila para a vidente.

Enquanto lá fora o ar fresco da noite cheira a caramelo e fumaça, esta tenda está aquecida e cheira a incenso e a rosas e a cera de abelhas.

Você não espera muito na antecâmara antes de passar pela cortina de contas.

Faz um som de chuva quando as miçangas colidem umas com as outras. O aposento à frente está forrado de velas.

Você se senta a uma mesa no centro do recinto. Sua cadeira é surpreendentemente confortável.

O rosto da vidente está oculto sob um véu negro e transparente, mas a luz reflete em seus olhos quando ela sorri.

Ela não tem uma bola de cristal. Nem um baralho.

Apenas um punhado de cintilantes estrelas prateadas se espalha pela mesa coberta de veludo, que ela lê como runas.

Ela menciona coisas que não poderia saber com tantos detalhes.

Conta histórias que você já conhecia. Informações que você poderia ter adivinhado. Possibilidades que você não consegue sondar.

As estrelas sobre a mesa quase parecem se mover sob a ondulante luz das velas. Alterando-se e mudando diante dos seus olhos.

Antes de você sair, a vidente o faz se lembrar de que o futuro nunca está gravado em pedra.

Diagramas

LONDRES, DEZEMBRO DE 1902

Poppet Murray está nos degraus da frente da *maison* Lefèvre, uma valise de couro em uma das mãos e uma grande bolsa a seus pés. Toca a campainha uma dezena de vezes, alternando com uma série de batidas na porta, embora consiga ouvir a campainha ecoando dentro da casa.

Quando a porta finalmente é aberta, vê o próprio Chandresh em pé na soleira, a camisa lilás para fora da calça e um pedaço de papel amassado na mão.

— Você era menor da última vez em que a vi — diz, examinando Poppet desde as botas até os cabelos vermelhos presos no alto da cabeça. — E vocês eram dois.

— Meu irmão está na França — comenta Poppet. Pega a bolsa e acompanha Chandresh para dentro da casa.

A escultura dourada da cabeça de elefante no saguão está precisando de um polimento. A casa está em tal estado de desordem, tanto quanto poderia estar uma casa lotada do chão ao teto com antiguidades e livros e objetos de arte, em sua inerente maneira aconchegante e atulhada. Não se mostra mais lustrosa e brilhante como quando ela vagava pelos corredores com Widget, há o que parece mais de alguns anos, perseguindo gatinhos laranja em meio a um arco-íris de convidados.

— O que aconteceu com os seus empregados? — pergunta enquanto sobem a escada.

— Eu demiti todos — responde Chandresh. — Eram uns inúteis, não conseguiam manter nada em ordem. Fiquei só com os cozinheiros. Não organizo um jantar há bastante tempo, mas ao menos eles sabem o que estão fazendo.

Poppet o segue até o corredor ladeado de colunas que leva ao seu estúdio. Nunca esteve naquele recinto específico, mas duvida de que tenha sido sempre tão abarrotado de plantas, esboços e garrafas de conhaque vazias.

Chandresh perambula pelo aposento, acrescentando o pedaço de papel amassado que tem na mão a uma pilha sobre uma cadeira, enquanto observa sem pressa um conjunto de plantas pendendo das janelas.

Poppet abre espaço na mesa para depositar sua valise, afastando livros, chifres de alce e tartarugas esculpidas em jade. Deixa a bolsa no chão a seu lado.

— Por que você veio até aqui? — pergunta Chandresh, virando-se para olhar para Poppet como se só agora tivesse notado sua presença.

Ela abre a valise sobre a mesa, retirando uma pesada pilha de papéis.

— Preciso que me faça um favor, Chandresh — anuncia.

— E o que seria esse favor?

— Gostaria que transferisse a propriedade do circo. — Poppet encontra uma caneta-tinteiro entre a bagunça da mesa e testa em um pedaço de papel para ver se está com tinta.

— Para começar, o circo nunca foi meu — resmunga Chandresh.

— Claro que foi — retruca Poppet, grafando uma rebuscada letra *P*. — A ideia foi sua. Mas eu sei que não tem tempo para isso, por isso achei que seria melhor renunciar a sua posição de proprietário.

Chandresh considera aquilo por um momento, mas depois balança a cabeça afirmativamente e vai até a mesa para ler o contrato.

— Estou vendo que Ethan e Lainie estão relacionados aqui, mas não Tante Padva — diz enquanto examina o documento com mais atenção.

— Eu já conversei com todos — observa Poppet. — Madame Padva não quer mais estar envolvida, mas confia em que Srta. Burgess possa assumir suas responsabilidades.

— E quem é Sr. Clarke? — pergunta Chandresh.

— É um amigo meu, muito querido — responde Poppet com um leve rubor nas bochechas. — Ele vai cuidar muito bem do circo.

Quando Chandresh chega ao fim do documento, ela estende a caneta.

Ele assina seu nome com um vacilante floreio, abandonando a caneta sobre a mesa.

— Agradeço mais do que poderia expressar. — Poppet assopra a tinta para secar antes de guardar o contrato na valise. Chandresh dispensa as palavras dela

com um aceno de mão preguiçoso, andando outra vez até a janela e observando seus papéis azuis pendurados.

— Para que as plantas? — pergunta Poppet depois de fechar a valise.

— Estou com todas essas... *plantas* para Ethan e não sei o que fazer com elas — explica Chandresh, fazendo um gesto abrangente para a infinidade de papéis.

Poppet tira o casaco, deixando-o pendurado nas costas da cadeira da escrivaninha, e faz um exame mais minucioso dos esboços e plantas pendurados nas prateleiras e pregados a espelhos e pinturas e janelas. Alguns são aposentos completos, outros são partes da arquitetura exterior ou arcadas e corredores elaborados.

Poppet para ao chegar a um alvo com uma faca de prata cravada na cortiça, a lâmina marcada por manchas escuras. A faca desaparece quando Poppet continua andando, embora Chandresh não perceba.

— Foram pensadas como reformas da casa — explica Chandresh enquanto ela caminha pelo aposento —, mas não se encaixam de forma adequada.

— É um museu — observa Poppet, sobrepondo as partes em sua mente e vendo como se posicionam na construção que já viu nas estrelas. Estão completamente fora de ordem, mas o fato é inequívoco. Puxa uma série de plantas e troca por outra, organizando-as de acordo com suas histórias. — Não é esta casa — explica enquanto Chandresh a observa com curiosidade. — É uma casa nova. — Separa uma série de portas, versões alternativas da mesma entrada possível, e as coloca lado a lado no chão, cada uma delas levando a um aposento diferente.

Chandresh observa enquanto ela rearranja as plantas, com um sorriso se abrindo no rosto ao perceber o que está fazendo.

Ele mesmo faz ajustes na enxurrada de papéis azuis, reagindo às reorganizações dela, cercando réplicas de antigos templos egípcios com colunas das prateleiras curvas. Os dois sentam-se no chão, combinando aposentos, corredores e escadarias.

Chandresh começa a chamar por Marco, mas logo cai em si.

— Eu esqueço que ele foi embora — diz para Poppet. — Saiu um dia e nunca mais voltou. Não deixou nem um bilhete. Era de se esperar que alguém que sempre fazia anotações deixaria um bilhete.

— Acredito que a partida dele não tenha sido planejada — diz Poppet. — E sei que ele lamenta não poder mais cuidar de suas responsabilidades aqui.

— Você sabe por que ele foi embora? — indaga Chandresh, olhando para ela.

— Marco foi embora para ficar com Celia Bowen — explica Poppet, incapaz de deixar de sorrir.

— Hah! — exclama Chandresh. — Não achei que existisse esse tipo de sentimento nele. Bom para eles. Vamos fazer um brinde.

— Brinde?

— Você está certa, não temos champanhe — diz Chandresh, afastando uma pilha de garrafas de conhaque vazias para colocar outra fileira de esboços no chão. — Vamos dedicar uma sala aos dois. De qual delas você acha que eles gostariam?

Poppet olha para as plantas baixas e os esboços. Há vários que ela acredita que um deles — ou até mesmo os dois — poderia gostar. Para ao observar o desenho de um aposento circular, sem janelas, iluminado somente pela luz filtrada que passa por um lago de carpas com um vidro em cima. Sereno e encantador.

— Esta aqui — aponta.

Chandresh pega um lápis e escreve na margem do papel: “Dedicado a M. Alisdair e C. Bowen.”

— Eu poderia ajudar você a encontrar outro assistente — oferece Poppet. — Posso ficar algum tempo em Londres.

— Eu agradeceria muito, querida.

A grande bolsa que Poppet deixou no chão de repente tomba de lado com um ruído surdo.

— O que há nessa sacola? — indaga Chandresh, observando-a com certa agitação.

— Eu comprei um presente para você — diz Poppet, animada.

Endireita a sacola, abre-a com cuidado e tira de dentro uma gatinha preta com manchas brancas nas pernas e no rabo. Parece que foi mergulhada num creme.

— O nome dela é Ara — anuncia Poppet. — Ela atende quando é chamada e conhece alguns truques, mas o que gosta mesmo é de atenção e de ficar sentada nas janelas. Achei que você poderia gostar da companhia.

Deposita a gatinha delicadamente no chão e mantém a mão em cima dela. A gatinha se espreguiça sobre as patas traseiras com um miado suave e lambe os dedos de Poppet antes de voltar sua atenção a Chandresh.

— Olá, Ara — cumprimenta ele.

— Não vou devolver a sua memória — diz Poppet, observando Chandresh enquanto a gatinha tenta subir no seu colo. — Não sei se poderia, mesmo se tentasse, ainda que Widget talvez conseguisse. A esta altura, acho que você não precisa de mais um fardo. Acredito que olhar para a frente será melhor do que olhar para trás.

— Do que você está falando? — pergunta Chandresh, pegando a gatinha e coçando atrás das suas orelhas enquanto ela ronrona.

— Nada — responde Poppet. — Obrigada, Chandresh.

Inclina-se e dá um beijo na bochecha dele.

Assim que os lábios dela encostam em seu rosto, Chandresh se sente bem como não se sentia há anos, como se o resto de uma névoa tivesse se dissipado. Sua mente está lúcida, as plantas do museu tornam-se coerentes, ideias de futuros projetos alinham-se de formas que parecem perfeitamente administráveis.

Chandresh e Poppet passam horas organizando e aperfeiçoando os diagramas, criando um novo espaço a ser preenchido com antiguidades e arte e visões do futuro.

A gatinha preta e branca brinca com os papéis enrolados enquanto eles trabalham.

Histórias

PARIS, JANEIRO DE 1903

— **A**s histórias mudaram, meu jovem — diz o homem de terno cinza, com uma tristeza quase imperceptível na voz. — Não há mais batalhas entre o bem e o mal, não há mais monstros para matar nem donzelas em perigo a serem resgatadas. Pela minha experiência, a maioria das donzelas é perfeitamente capaz de se resgatar sozinha, ao menos as que valem a pena. Não há mais histórias simples com grandes buscas, feras e finais felizes. As buscas carecem de clareza, objetivos e caminhos. As feras tomam diferentes formas e são difíceis de reconhecer pelo que são. E nunca há finais, felizes ou não. As coisas continuam, sobrepondo-se e se confundindo, sua história é parte da história de sua irmã e de muitas outras histórias, e não há como dizer para onde qualquer uma delas pode levar. Bem e mal são muito mais complexos do que uma princesa e um dragão, ou do que um lobo e uma garotinha de capuz vermelho. E o dragão não é o herói da própria história? O lobo não está simplesmente se comportando como um lobo? Mesmo sendo um lobo que se dá o trabalho de se vestir como uma vovozinha para brincar com sua presa.

Widget dá um gole no vinho, considerando as palavras antes de responder.

— Mas será que isso não significa que afinal nunca houve nenhuma história simples? — pergunta.

O homem de terno cinza dá de ombros, depois pega a garrafa de vinho e enche novamente a própria taça.

— É uma questão complicada. O cerne da história e as ideias por trás são simples. O tempo alterou e condensou suas nuances, transformou-as em algo mais que uma história, maior que a soma de suas partes. Mas isso requer tempo. As histórias mais verdadeiras requerem tempo e familiaridade para se tornarem o que são.

O garçom para diante da mesa e conversa brevemente com Widget, sem prestar atenção ao homem de terno cinza.

— Quantas línguas você fala? — pergunta o homem quando o garçom se afasta.

— Já parei de contar — responde Widget. — Posso falar qualquer idioma depois de ouvir o suficiente para entender o básico.

— Impressionante.

— Eu captava os fragmentos naturalmente, e Celia me ensinou como estabelecer os padrões, alinhar os sons em séries completas.

— Espero que ela seja uma professora melhor que o pai.

— Pelo que sei do pai dela, os dois são muito diferentes. Ela nunca forçou a mim ou a Poppet a entrar em jogos complicados, por exemplo.

— Você ao menos sabe a que desafio está se referindo? — pergunta o homem de terno cinza.

— E você sabe? — devolve Widget. — Parece que não está muito claro.

— Poucas coisas neste mundo são claras. Muito tempo atrás... Imagino que você possa dizer *era uma vez*, se quiser aumentar a importância da história. Muito tempo atrás, um de meus primeiros alunos e eu tivemos um desacordo quanto aos caminhos do mundo, sobre permanência e resistência e tempo. Ele achava que os meus sistemas estavam ultrapassados e desenvolveu os próprios métodos, que considerava superiores. Tenho a opinião de que nenhuma metodologia vale a pena a não ser que possa ser ensinada, por isso ele começou a ensinar. Os confrontos entre nossos respectivos alunos se iniciaram como simples testes, mas com o tempo se tornaram mais complexos. No fundo, eram sempre desafios de caos e controle para ver qual das técnicas era a mais forte. Uma coisa é colocar dois competidores sozinhos numa arena e esperar que um beije a lona. Outra é ver como se comportam quando existem outros fatores no local em que estão. Quando há repercussões de todas as ações empreendidas. Esse desafio final foi particularmente interessante. Tenho que admitir que Srta. Bowen encontrou uma saída bem engenhosa. Ainda que eu lamente ter perdido um aluno meu no processo. — Toma um gole de vinho. — Talvez tenha sido o melhor aluno que já tive.

— Você acredita que ele está morto? — pergunta Widget.

O homem põe sua taça na mesa.

— Você acha que não está? — comenta depois de uma pausa significativa.

— Eu sei que não está. Assim como sei que o pai de Celia, que também não está morto, está parado perto da janela. — Widget ergue a taça, inclinando-a em direção à janela perto da porta.

A imagem no vidro, que poderia ser de um homem de cabelos grisalhos vestindo um casaco bem-cortado, ou uma amálgama dos reflexos dos clientes e garçons e luzes vindos da rua, tremula por um breve instante antes de se tornar completamente indistinta.

— Nenhum dos dois está morto — continua Widget. — Mas também não estão nessa forma. — Faz um sinal em direção à janela. — Eles estão no circo. Eles *são* o circo. Podem-se ouvir os passos dele no Labirinto das Câmaras. Pode-se sentir o perfume dela no Labirinto das Nuvens. É maravilhoso.

— Você acha maravilhoso estar aprisionado?

— É uma questão de ponto de vista — responde Widget. — Eles têm um ao outro. Estão confinados em um espaço notável, que pode e vai crescer e mudar ao redor deles. De certa forma, eles são donos do mundo, limitados apenas pela imaginação. Marco tem me ensinado sua técnica de ilusão, mas ainda não a dominei. Então, sim, eu acho maravilhoso. Ele via você como um pai, sabia?

— Ele disse isso a você? — pergunta o homem de terno cinza.

— Não com essas palavras — responde Widget. — Ele permitiu que eu o lesse. Eu vejo o passado das pessoas, às vezes com muitos detalhes, se a pessoa em questão confiar em mim. E ele confia em mim, porque Celia confia em mim. Acho que não culpa mais você. É por sua causa que está com Celia.

— Eu o escolhi para contrastar com ela, e para complementá-la. Talvez eu tenha escolhido bem demais. — O homem de terno cinza debruça-se sobre a mesa, como se fosse sussurrar suas palavras de forma conspiratória, mas o tom de sua voz não muda. — Esse foi o erro, entende? Eles combinavam demais. Muito envolvidos um com o outro para serem competitivos. E agora nunca poderão se separar. É uma pena.

— Suponho que você não seja um romântico — comenta Widget, pegando a garrafa para encher sua taça.

— Eu era, quando jovem. O que já faz muito, muito tempo.

— Dá para perceber — observa Widget enquanto repõe a garrafa na mesa. O passado do homem de terno cinza retrocede por um longo, longo tempo. Mais longo do que de qualquer outro que Widget conheceria. Só consegue ler

partes desse passado, de tão longínquo e esmaecido. As partes relacionadas ao circo são mais claras, mais fáceis de serem entendidas.

— Eu pareço assim tão velho?

— Você não tem sombra.

O homem de terno cinza abre um sorriso, a única mudança visível de expressão que mostrara a noite toda.

— Você é bem perspicaz — comenta. — Nem uma pessoa em cem, ou talvez até em mil, percebe isso. Sim, minha idade é bem avançada. Já vi muitas coisas na vida. Algumas eu preferiria esquecer. É um fardo a se carregar, afinal. Tudo é, de uma forma ou de outra. Assim como tudo desaparece com o tempo. Eu não sou exceção a essa regra.

— Você vai acabar como ele? — Widget faz um gesto de cabeça em direção à janela.

— Espero que não. Estou contente em aceitar inevitabilidades, mesmo se tiver meios de evitá-las. Ele estava atrás da imortalidade, que é uma coisa terrível de se buscar. Não é uma questão de buscar algo, está mais para evitar o inevitável. Ele vai acabar detestando o estado em que se encontra, se é que já não detesta. Espero que meu aluno e sua professora tenham mais sorte.

— Você quer dizer... que espera que eles morram? — pergunta Widget.

— Estou dizendo apenas que espero que encontrem a escuridão ou o paraíso sem medo, se puderem. — Faz uma pausa antes de acrescentar: — Espero o mesmo para você e seus colegas.

— Obrigado — diz Widget, embora não saiba ao certo se entende aquele sentimento.

— Fui eu quem mandou o berço quando você e sua irmã nasceram, para lhes dar boas-vindas a este mundo. O mínimo que posso desejar é uma boa saída dele, e duvido muito que estarei aqui para ver isso pessoalmente. Na verdade, espero que não.

— A magia não é razão suficiente para viver? — pergunta Widget.

— Magia — repete o homem de terno cinza, transformando a palavra numa risada. — Isso não é magia. É a forma como o mundo é, só que poucas pessoas arranjam tempo para parar e observar. Olhe ao redor — diz, indicando as mesas em volta. — Ninguém aqui tem a menor noção das coisas que são possíveis neste mundo, e o pior é que ninguém prestaria atenção se você tentasse elucidá-las. As pessoas preferem acreditar que magia é apenas uma

ilusão inteligente, porque achar que é algo real não as deixaria dormir à noite, de medo da própria existência.

— Mas algumas pessoas podem ser esclarecidas — diz Widget.

— Sim, na verdade essas coisas podem ser ensinadas. É mais fácil com mentes mais jovens. Existem truques, claro. Nada dessa bobagem de coelhos em cartolas, mas formas de tornar o Universo mais acessível. Poucas, muito poucas pessoas têm tempo para aprender isso hoje em dia, infelizmente, e menos ainda dispõem de algum acesso natural. Você e sua irmã têm, como um efeito não previsto da *estreia* do seu circo. O que vocês fazem com esse talento? A que propósito isso vai servir?

Widget considera a pergunta antes de responder. Além dos confins do circo parece haver pouco espaço para essas coisas, ainda que isso talvez faça parte do argumento exposto.

— Eu conto histórias — diz. É a resposta mais autêntica que tem para oferecer.

— Você conta histórias? — pergunta o homem, demonstrando um interesse quase palpável.

— Histórias, contos, crônicas celtas — continua Widget. — Pode chamá-las como quiser. As coisas que estávamos discutindo antes, que são mais complicadas do que já foram. Pego os pedaços do passado que consigo ver e os combino em narrativas. Não é tão importante, e não é por isso que estou aqui...

— Mas é importante — interrompe o homem de terno cinza. — Alguém precisa contar essas histórias. Quando batalhas são travadas, vencidas e perdidas, quando piratas encontram seus tesouros e os dragões comem seus inimigos no café da manhã acompanhados de uma bela xícara de chá, alguém precisa contar as próprias narrativas superpostas. Existe magia nisso. Está nas pessoas que ouvem, e será diferente para cada ouvido, e vai afetá-las de formas que nunca poderão prever. Desde o mundano até o mais profundo. Você pode contar uma história que passe a morar na alma de alguém, se transforme em seu sangue e propósito. Essa história vai motivar e impulsionar e quem sabe o que ela poderá fazer por causa disso, por causa das suas palavras. Esse é o seu papel, o seu talento. Sua irmã pode ser capaz de ver o futuro, mas você pode moldar esse futuro, rapaz. Não se esqueça disso. — Toma outro gole de vinho. — Afinal, existem muitas formas de magia.

Widget faz uma pausa, considerando a mudança na maneira como o homem de terno cinza o observa. Pergunta-se se todas as pomposas palavras

ditas antes sobre as histórias não serem mais o que eram não são apenas formais, algo em que o homem na verdade não acredita.

Se antes o interesse dele beirava a indiferença, agora ele olha para Widget como uma criança olharia para um brinquedo novo, como um lobo consideraria particularmente interessante um pedaço da presa, usasse chapéu vermelho ou não.

— Você está tentando me distrair — diz Widget.

O homem de terno cinza beberica seu vinho, observando o rapaz por cima da armação dos óculos.

— Então o jogo acabou? — pergunta Widget.

— Sim e não. — Descansa o copo na mesa antes de continuar. — Tecnicamente, o jogo caiu numa brecha imprevista. Não foi adequadamente concluído.

— E quanto ao circo?

— Imagino que essa seja a razão de você querer falar comigo.

Widget balança a cabeça, confirmando.

— Bailey herdou a posição dos seus jogadores. Minha irmã fechou acordo com Chandresh. Ao menos no papel e em princípio, nós já somos donos e administradores do circo. Eu me ofereci para cuidar do restante da transição.

— Não gosto de pontas soltas, mas temo que não seja tão simples.

— Eu não disse que era — replica Widget.

Na pausa que se segue, uma onda de gargalhadas se eleva de algumas mesas, ondulando pelo ar antes de se aquietar, desaparecendo no murmúrio baixo de conversas e tilintar de copos.

— Você não faz ideia de com que está se envolvendo, rapaz — diz o homem de terno cinza em voz baixa. — Quanto um empreendimento pode ser frágil. Quanto as consequências são incertas. O que seria de Bailey, se não tivesse sido adotado pelo seu circo? Nada além de um sonhador esperando por algo que nem ele mesmo entende.

— Acho que não há nada de errado em ser um sonhador.

— É verdade. Mas os sonhos sempre dão um jeito de se transformar em pesadelos. Acho que Monsieur Lefèvre sabe disso. Seria melhor deixar o empreendimento todo desaparecer no mito e no esquecimento. Todos os impérios acabam caindo. É como são as coisas. Talvez seja a hora de deixar esse cair.

— Receio que eu não queira fazer isso — diz Widget.

— Você é muito jovem.

— Aposto que se eu calcular as idades de todos que estão por trás dessa proposta, o total pode se igualar a sua idade, apesar do fato de Bailey, eu e minha irmã sermos comparativamente muito jovens, como você diz.

— Talvez.

— E não sei exatamente que tipo de regras tem o seu jogo, mas desconfio que você nos deve algo, uma vez que estivemos todos em risco por conta da sua aposta.

O homem de terno cinza suspira. Lança um rápido olhar em direção à janela, mas a sombra de Hector Bowen não está mais visível em parte alguma.

Se tem alguma opinião a respeito da questão, Próspero, o Mágico prefere não enunciá-la.

— Suponho que seja um argumento válido — diz o homem de terno cinza depois de algumas considerações —, mas eu não lhe devo nada, meu jovem.

— Então por que está aqui? — indaga Widget.

O homem sorri, mas não diz nada.

— Estou negociando o que é, em essência, um campo de jogo usado — continua Widget. — Não tem mais utilidade para você. E é muito importante para mim. Eu não vou ser dissuadido. Diga o seu preço.

O sorriso do homem de terno cinza ganha novo brilho.

— Eu quero uma história — diz.

— Uma história?

— Eu quero essa história. A sua história. A história do que nos trouxe a este lugar, a estas cadeiras, a este vinho. Não quero uma história criada a partir daqui. — Bate na têmpora com a ponta do dedo. — Quero uma que esteja aqui. — Põe a mão sobre o coração por um momento, antes de voltar a se acomodar na cadeira.

Widget considera aquilo por um momento.

— E se eu contar essa história, você me dá o circo? — pergunta.

— Eu passo a você o pouco que resta para ser dado. Quando levantarmos desta mesa eu não terei mais nada a ver com o circo, nenhuma ligação que seja. Quando esta garrafa de vinho estiver vazia, um desafio que começou antes de você ter nascido estará terminado, oficialmente declarado o impasse. Isso deve bastar. Estamos de acordo, Sr. Murray?

— Estamos de acordo — diz Widget.

O homem de terno cinza serve o restante do vinho. A luz do candelabro se reflete na garrafa vazia quando ele a deposita na mesa.

Widget agita o vinho em sua taça. *Vinho é poesia engarrafada*, pensa. É um sentimento que ele ouviu pela primeira vez de Herr Thiessen, mas sabe que se atribui a outro escritor, embora no momento não consiga lembrar exatamente quem.

Há tantos lugares por onde começar.

Tantos elementos a considerar.

Fica imaginando se o poema do circo pode ser engarrafado.

Widget dá um gole no vinho e põe a taça na mesa. Recosta-se na cadeira e retribui com firmeza o olhar a ele dirigido. Demora a começar, como se tivesse todo o tempo do mundo, do Universo, desde os dias em que as histórias representavam mais do que representam hoje, mas talvez menos do que representarão algum dia. Respira fundo, liberta o nó atado em seu coração e as palavras saem de seus lábios sem esforço.

— O circo chega sem aviso.



Poucas pessoas andam por Le Cirque des Rêves com você nessas horas antes do alvorecer. Algumas usam vibrantes cachecóis vermelhos que contrastam com o preto e branco.

Você não tem muito tempo antes de o sol inevitavelmente nascer. Está diante do enigma de como preencher os minutos restantes da noite. Será que deve visitar uma última tenda? Alguma em que já entrou e gostou especialmente, ou uma ainda não explorada e que continua sendo um mistério? Ou deve ir atrás de uma última maçã caramelada antes do café da manhã? A noite que parecia interminável horas antes agora escorre pelos seus dedos, sendo deixada para trás enquanto cai no passado e o empurra em direção ao futuro.

Você passa seus últimos momentos no circo como deseja, pois o tempo é seu e somente seu. Porém logo mais será a hora de Le Cirque des Rêves fechar, ao menos por enquanto.

O túnel estrelado foi retirado, e apenas uma única cortina separa o pátio da entrada.

À medida que se aproxima, a distância parece maior do que os poucos passos separados por uma cortina listrada.

Você hesita antes de sair, parando para observar o intrincado relógio dançante batendo os segundos, o mecanismo se movendo de forma impecável. Consegue observá-lo com mais detalhes do que quando entrou, pois não há mais uma multidão bloqueando a visão.

Abaixo do relógio há uma discreta placa prateada. Você precisa se abaixar para ler o que está gravado no metal escovado.

está no alto, e nomes e datas estão logo abaixo, em uma fonte menor.

FRIEDRICK STEFAN THIESSEN
9 de setembro de 1846 — 1º de novembro de 1901

e

CHANDRESH CHRISTOPHE LEFÈVRE
3 de agosto de 1847 — 15 de fevereiro de 1932

Alguém o observa enquanto você lê a placa memorial. Você sente o misterioso olhar antes de perceber de onde está vindo. A bilheteria ainda está aberta. A mulher lá dentro o observa, sorrindo. Você não sabe ao certo o que fazer. Ela faz um aceno, um aceno retraído porém amigável, como que garantindo que está tudo bem. Que os visitantes com frequência param antes de sair de Le Cirque des Rêves para olhar o maravilhoso relógio perto dos portões. Que alguns chegam até a ler o memorial inscrito para dois homens que morreram tantos anos atrás. Que você está numa posição em que muitos já estiveram antes, sob estrelas já esmaecidas e luzes cintilantes.

A mulher o chama até a bilheteria. Enquanto você caminha até lá, ela remexe em pilhas de bilhetes e papéis. Um tufo de penas pretas e brancas adeja ao redor de sua cabeça quando ela se movimenta. Quando encontra o que estava procurando, entrega a você, que pega o cartão de visita de sua mão com uma luva negra. De um lado é preto e do outro é branco.

Le Cirque des Rêves

está impresso em letras prateadas e brilhantes no lado preto. No verso, está escrito em tinta preta sobre o fundo branco:

SR. BAILEY ALDEN CLARKE, PROPRIETÁRIO
bailey@ocircodanoite.com

Você vira o cartão na mão, perguntando-se sobre o que poderia escrever para Sr. Clarke. Talvez lhe agradeça por este circo tão singular, e só isso já baste.

Você agradece à mulher pelo cartão, e ela apenas sorri em resposta.

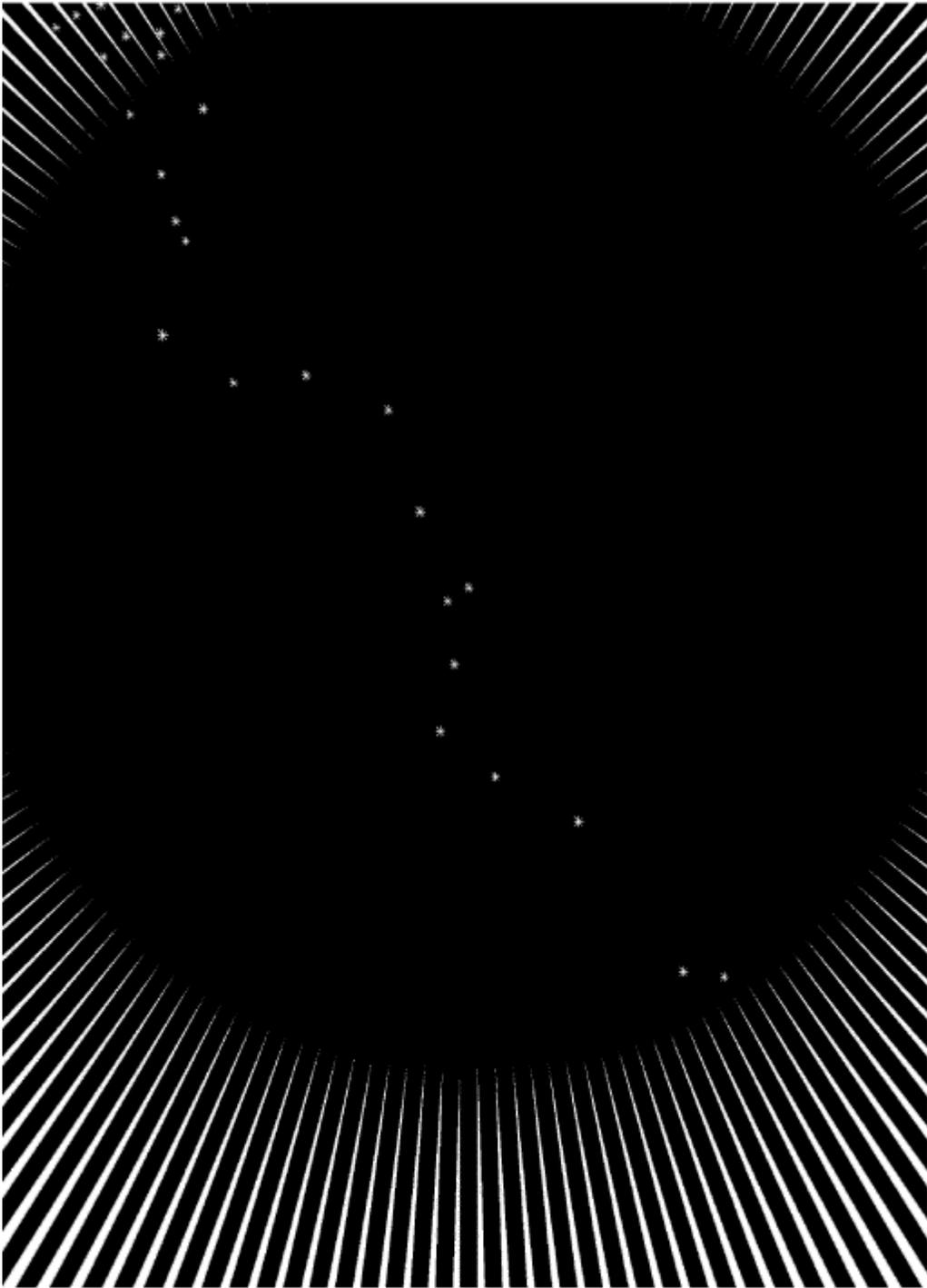
Você vai em direção aos portões, lendo mais uma vez o cartão em sua mão. Antes de passar pelos portões para chegar ao campo do outro lado, você se vira a fim de olhar para a bilheteria, mas ela está vazia, vedada com um tapume preto.

Você guarda o cartão no bolso, com todo o cuidado.

A pequena travessia através dos portões que levam do piso pintado para a grama parece pesada.

Ao se afastar de Le Cirque des Rêves no início do alvorecer, você percebe que se sente mais acordado nos domínios do circo.

Não sabe mais bem ao certo de que lado da cerca está o sonho.



Agradecimentos

Existem muitos associados e conspiradores por trás deste livro, e sou muito grata a todos eles.

Em primeiro lugar, meu agente, Richard Pine, que viu potencial em algo que antes era uma verdadeira bagunça e acreditou em mim em todos os passos do caminho. Ele mereceu seu cachecol vermelho milhares de vezes.

Minha editora, Alison Callahan, é um sonho tornado realidade, e todos na Doubleday merecem mais camundongos de chocolate do que eu poderia prover.

Sou grata a todos os que deram seu tempo e intelecto em tantas revisões, em especial Kaari Busick, Elizabeth M. Thurmond, Diana Fox e Jennifer Weltz.

Faço um brinde aos habitantes do Purgatório. Vocês são pessoas estranhas, maravilhosas e talentosas, e eu não estaria aqui sem vocês.

Sem saber, Kyle Cassidy me fez comprar a caneta-tinteiro antiga que foi usada para compor um pedaço significativo da Parte IV, por isso eu disse que o mencionaria nos agradecimentos. Ele provavelmente pensou que eu estivesse brincando.

O próprio circo tem muitas influências, mas duas merecem um reconhecimento especial: o gênio olfativo do Black Phoenix Alchemy Lab e a experiência de imersão de Punchdrunk, que tive a sorte de conhecer graças ao American Repertory Theater de Cambridge, Massachusetts.

Finalmente, minha gratidão eterna a Peter e Clovia. Este livro simplesmente não existiria sem ele, e ficou melhor do que pensei ser possível por causa dela. Eu adoro vocês dois.

SOBRE A AUTORA



ERIN MORGENSTERN é escritora e artista multimídia e define seu trabalho como “contos de fadas de um jeito ou de outro”. Erin mora em Massachusetts.